UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/PPGL

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E SUA TRAJETÓRIA DE CONSAGRAÇÃO EM *O PAÍS*

Área de concentração: Literatura e Cultura

Linha de pesquisa: Memória e Produção Cultural

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA - PB
2015

NAHETE DE ALCANTARA SILVA

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E SUA TRAJETÓRIA DE CONSAGRAÇÃO EM *O PAÍS*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL – da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Área de concentração: Literatura e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

JOÃO PESSOA - PB
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

À Professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa,
instrumento de Deus nesta minha travessia.

AGRADECIMENTOS

A Frank, Clarissa e Segundinho, pelo amor e o aconchego em todos os momentos desta travessia.

A minha orientadora, profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, a quem externo minha imensa gratidão pelo apoio e orientações.

Aos Professores Álvaro Simões e Luciana Calado, pela generosa atenção e preciosas colaborações na qualificação.

À minha família, pelo amor e orações.

Aos irmãos do IFTO em João Pessoa-PB, “Riva” e “Chicão”.

Aos Curicos, parceiros e irmãos sob as asas da “Brabuleta”

Às solidárias colegas Cinara, Ângela e Paula Cunha.

Aos amigos Felinho, Valdice e Franciny pela verdadeira amizade e convivência nos anos de vizinhança em João Pessoa-PB.

Aos colegas da Coordenação de Linguagens e Artes, pelo respeito e profissionalismo.

Ao IFTO e ao Ministério da Educação por disponibilizar um professor substituto para o período de meu afastamento.

À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por disponibilizar os jornais através de sua Hemeroteca, tornando democrático o acesso às fontes primárias da pesquisa.

RESUMO

O jornal teve o final do século XIX e início do XX como o período em que se confirmou enquanto o principal suporte de circulação do escrito e de divulgação do trabalho literário no Brasil. Ele tornou-se uma porta de entrada relevante para aqueles que desejavam ingressar no mundo das letras. Seguindo essa tendência, Júlia Lopes de Almeida fez a sua carreira e a sua obra surgirem através da imprensa. Com vistas a alcançar o objetivo proposto que é mostrar a consagração da escritora nos jornais, traçamos um caminho que pudesse nos revelar o desenvolvimento de sua produção de cunho literário nestes suportes. Para tanto, partindo do acervo destas produções periódicas, escolhemos o jornal *O País* que, por sua vez, foi o principal veículo de difusão dos escritos de Júlia Lopes por meio do qual se destacou os variados gêneros literários que constituem o conjunto de sua obra nesta folha diária. Na sequência, após traçarmos o perfil do jornal em questão, demos ênfase ao registro do que foi publicado pela autora, destacando sua produção em folhetim e seus escritos inéditos. Os anexos constituem o registro dos escritos referidos no corpo da Tese.

Palavras – chave: Literatura e Jornalismo, Júlia Lopes de Almeida, *O País*, Consagração.

ABSTRACT

The newspaper had the late nineteenth century and early twentieth century as the period when it was confirmed as the main written circulation support and dissemination of literary work in Brazil. It became an important gateway for those who wanted to enter the world of Literature. Following this trend, Júlia Lopes de Almeida made her career and her literary work by means of the press. In order to achieve the main aim in this thesis, we traced a path that could reveal to us the development of her literary stamp production. And so we registered the publications that led to the consecration of that writer. Therefore, starting from the collection of the periodic productions, we chose the newspaper O *País* that, in turn, was the main diffusion vehicle of the writings of Julia Lopes through which stood out each of the genres that make up the body of her literary work in the daily publication. Following after drawing the newspaper profile in question, we gave emphasis to the registration of which was published by the author emphasizing its production series and unpublished writings. The appendices constitute the written record referred to in the thesis.

Keywords: Literature and Journalism, Júlia Lopes de Almeida, O País, Consecration

RESUMÉ

Le journal avait la fin du XIXe siècle et au début du XXe siècle comme la période où il a été confirmé le soutien principal de la circulation écrite et la diffusion de l'œuvre littéraire au Brésil. Il est devenu un point de passage important pour ceux qui voulaient entrer dans le monde des lettres. Suivant cette tendance, Júlia Lopes de Almeida a fait sa carrière et son travail littéraire initiales dans la presse. Afin d'atteindre l'objectif proposé dans cette thèse, nous avons suivi une voie qui pourrait nous révéler le développement de son travail littéraire. Et donc nous avons enregistré les publications qui ont conduit à la consécration de cette écrivaine. Par conséquent, à partir de la collecte des productions périodiques, nous avons choisi le journal O País que, à son tour, était le principal véhicule de diffusion des écrits de Julia Lopes à travers lequel se distingue chacun des genres qui composent le corps de son travail dans cette feuille quotidienne. Après tracer le profil du journal en question, nous avons donné l'accent sur l'enregistrement de ce qui a été publié par l'auteur en soulignant sa production au feuilleton et ses écrits inédits. Les annexes constituent le dossier des écrits visés dans la thèse.

Mots - clés: Littérature et journalisme, Júlia Lopes de Almeida, O País, Consécration

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Murmúrios”, da coluna “Iluminuras”, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 2: Coluna “Noticiário”, Júlia Lopes reclama de plágio.

Figura 3: “As lágrimas”, na coluna “Iluminuras”, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 4: Fragmento do manual *Livro das Noivas*, na coluna “Variedade”.

Figura 5: Informação sobre fim de publicação da novela *O dedo do velho.*

Figura 6: Anúncio de colaboração de autoria de Júlia Lopes de Almeida

Figura 7: Nota sobre falecimento de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 8: Romance folhetim: *A família Medeiros*, de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 9: Primeiro capítulo de *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 10: primeira publicação do romance *Correio da roça* em *O País.*

Figura 11: Romance *Correio da roça* e nota sobre o ministro da Agricultura

Figura 12: Publicação do último capítulo do romance *Correio da roça.*

Figura 13: Frontispício do primeiro número do jornal *O País*.

Figura 14: Foto da nova sede do jornal *O País*.

Figura 15: Primeira crônica sobre moda, de Ecila Worms

Figura 16: Crônica de Ecila Worms, coluna “A Moda”

Figura 17: Nota sobre homenagem a Júlia Lopes de Almeida em Paris

Figura 18: Nota sobre retorno da escritora Júlia Lopes de Almeida ao Brasil

Figura 19: Artigo de Isabela Nelson, substituta de Júlia Lopes de Almeida em *O País*

Figura 20: Anúncio de peça de teatro de autoria de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 21: Crônica inédita “Os outros”, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 22: Crônica inédita “Segredos indecifráveis”, de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 23: Crônica inédita “Nariz postiço das opiniões”, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 24: Crônica inédita “Nicácio up to date”, de Júlia Lopes de Almeida

Figura 25: Referência sobre crônica de Júlia Lopes de Almeida.

Figura 26: Crônica Inédita “Reflexões de um filantropo”, de Júlia Lopes deAlmeida.

Figura 27: Crônica Inédita “Monólogo do Rocha”, de Júlia Lopes de Almeida.

SUMÁRIO

		Pág.
	INTRODUÇÃO	**9**
1	**JÚLIA LOPES DE ALMEIDA ENTRE LIVROS E JORNAIS**	**14**
1.1	A escritora, passos de uma trajetória	14
1.2	Além dos “Dois dedos de prosa”	38
2	**OS ROMANCES DE JÚLIA LOPES NOS JORNAIS**	**64**
2.1	Folhetim: uma trajetória...	64
3	***CORREIO DA ROÇA* NO JORNAL *O PAÍS***	**81**
3.1	*Correio da roça*, um romance epistolar	83
3.2	Correio da roça, um manual campestre	94
4	**AS VÁRIAS FACES DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA EM *O PAÍS***	**105**
4.1	*O País*	106
4.2	Écila Worms: uma colunista de modas	110
4.3	“Dois dedos de prosa”: uma arena, vários discursos	125
4.4	Teatro, entre enquete e querelas: uma questão de opinião.....	142
4.4.1	Teatro: o olhar de Júlia Lopes de Almeida	152
4.5	*Os Outros*: Projeto de livro não editado	155
4.6	Manuais e contos: dividindo coluna	172
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	**179**
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	**183**
	ANEXOS	**199**

INTRODUÇÃO

A possibilidade de realizar um trabalho de pesquisa na área dos estudos literários, sem dúvida, foi a principal motivação para buscar o doutoramento, pois se tratava de um desejo antigo, desde quando iniciei a graduação em Letras. Com tal intenção, cursei a disciplina *Literatura e Feminismo: as intersecções de gênero*, oferecida pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, na qualidade de ouvinte. Na oportunidade, conheci obras literárias de mulheres escritoras, que ainda se encontram à margem dos currículos e programas em vigência nas escolas e nas universidades brasileiras.

Após conseguir aprovação como aluna regular no doutorado, eu mantive o objetivo de pesquisar a produção literária de autoria feminina, em especial da romancista brasileira oitocentista, Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida. Ignorada pela historiografia literária brasileira, buscamos dar à luz a sua produção literária e jornalística através das fontes primárias, os jornais, elegendo como *corpus* suporte o jornal *O País*, espaço de publicação dos vários gêneros produzidos pela autora, no qual ela destinou quase duas décadas de trabalho.

A produção literária de Júlia Lopes de Almeida é composta de crônicas, contos, teatro, novelas e romances, instrumentos e espaços de retratação de uma sociedade influenciada por muitas transformações políticas, econômicas e sociais ao final do século XIX e início do século XX. Ciente da sua condição de mulher e atuando em um espaço predominantemente masculino, Júlia Lopes adotou um discurso possível para conquistar um grande número de leitores, bem como alcançar prestígio e respeito que a tornaram uma mulher das letras brasileiras, à época um território árido para as mulheres.

Para traçarmos alguns objetivos procuramos tornar evidente o diálogo entre literatura e história, pois compreendemos como conjunto da obra de Júlia Lopes de Almeida a totalidade de suas ações no campo intelectual vigente na época. No Brasil do final do século XIX e início de XX, os autores escreviam

sobre mais de um assunto e o faziam em diversos suportes: jornais, livros, revistas.

O desenvolvimento da imprensa no Brasil fez do jornal o principal meio de divulgação da literatura, bem como instrumento fundamental para o acesso das classes menos favorecidas que não poderiam, de outra maneira, ter acesso ao escrito. Segundo Costa (2005, p.36), para os escritores o jornalismo passou a ser a porta de entrada e de consagração de seus nomes. Para Lajolo e Zilbermam (1998), a presença literária em jornais garantiu um público leitor e serviu para a consolidação da literatura em nosso país.

Certamente neste ponto se encontra o núcleo da presente tese: trilhar um caminho para analisar e trazer à luz os achados literários da escritora Júlia Lopes de Almeida nos jornais, espaço da sua imortalidade, em especial, no itinerário pelo qual ela mais tempo dedicou a circulação de sua pena: *O País*. Lançamos algumas notas sem plano muito ordenado, mais com o intento de levar o leitor à leitura biobibliográfica de uma mulher certamente muito especial. Pertencente à classe burguesa, branca, nascida e criada em uma família de intelectuais, aproveitou todas as condições favoráveis a sua capacidade criativa. Desenvolveu uma literatura em que o protagonismo era o feminino, porém sem confrontar radicalmente com os padrões vigentes.

A despeito de elencarmos dados biográficos, centramos nossa preocupação nos múltiplos escritos idealizados pela escritora, considerada a grande dama da *belle époque* brasileira. Como fundamentação teórica, serviram-nos as contribuições de Roger Chartier (1990; 1997; 1999; 2002);Lajolo & Zilbermam (1984); Antônio Candido (1992); Serra (1997); Nadaf (2002); Nelly Coelho (2002); Marlyse Meyer (2005);Socorro Barbosa (2007); Martins & De Luca (2013); Leonora de Luca (1999); entre outros. De fato, para este trabalho não nos motivamos a seguir um caminho bem delimitado em termos de conceitos. Fomos ao longo da sua escrita nos valendo de contribuições que nos pareciam importantes e que dialogassem com as fontes tratadas em momentos específicos. Assim, o leitor encontrará em cada capítulo nomes e/ou obras com os quais procuramos dialogar.

Organizamos o presente estudo em quatro capítulos. Cada um deles é formado de partes, subdivididos em itens. Não nos preocupamos em

uniformizar os capítulos quanto ao número de páginas, nem ao número de itens. Mais do que colocar-se em uma passagem alinhada, esse trabalho se propõe a marchar pelo trajeto feito pela escritora ao longo do tempo em que utilizou sua pena no fazer literário publicado nos jornais, com destaque no jornal *O País*.

No capítulo inicial titulado “Júlia Lopes de Almeida entre livros e jornais”, seguimos pelo percurso híbrido projetado pela escritora em sua travessia literária, em que ela usou como ponto de partida o jornal e, de chegada o livro. Para falar dessa história contada pelos jornais, decidimos por dois itens. O primeiro, “A escritora, passos de uma trajetória”... que teve início na visita a cada publicação da escritora, pontuando a maneira como os seus contemporâneos auferiram e noticiaram sua produção livresca. No segundo item, “Além dos Dois dedos de prosa”, demonstramos que a história de Júlia Lopes no jornalismo vai muito além da sua coluna denominada “Dois dedos de prosa”. Outros jornais, outras colunas e outros escritos contribuíram também para sua consagração nos jornais. E é por entre essas forças que mostramos Júlia Lopes de Almeida enaltecida e consagrada por uma instância como o jornal tornar-se pequena na obscuridade imposta pela historiografia canônica. Neste contexto, nosso trabalho cumpriu com o objetivo de contribuir para dar notoriedade a sua profícua produção literária na imprensa brasileira do seu tempo, lugar, repetimos, no qual a escritora assume um lugar de protagonista.

No segundo capítulo, pontuamos sobre cada romance da escritora Júlia Lopes de Almeida. A primeira parada chamada “Folhetim, uma trajetória”, nos levou a revisitarmos os vários periódicos do final do século XIX e início do XX. Lá, destacamos os romances da escritora Júlia Lopes de Almeida em cada jornal publicado, sem deixar de historiar sobre o folhetim. Nesta perspectiva, pudemos verificar as diferentes maneiras de divulgação de suas narrativas, as que eram basicamente folhetinescas, bem como àquelas publicadas em série que fugiam do preceito folhetinesco.

No terceiro capítulo, destacamos o único romance publicado no jornal *O País*: *Correio da roça*. Usando os conceitos de Chartier (1999), “de que a obra jamais pode ser a mesma quando escrita de formas diferentes”, não deixamos de observar as mudanças ocorridas nas duas versões do romance, pois estão,

intrinsecamente, ligadas à mudança de suporte, que acarretou a projeção de um novo leitor para a obra. Observamos, também, como a preocupação da escritora com os hábitos de leitura da época estavam presentes, sobretudo, na edição do jornal. Fazemos, também, uma análise da estrutura epistolar do romance, discutimos sua temática e suas nuances de manual agrícola, bem como acaloramos a hipótese de que a obra sintetiza toda uma ideologia defendida pela autora, sem deixar de notificar sua capacidade de adequação editorial.

No quarto capítulo, “As várias faces de Júlia Lopes de Almeida em O País” propomos registrar os gêneros literários que encontramos sob a assinatura da escritora Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País*. Iniciamos com o perfil do periódico, veículo de extrema importância para a produção da autora e para a história da imprensa carioca do final do século XIX e início do XX.

No item dois do quarto capítulo, destacamos como ponto interessante dessa nossa viagem pelas páginas de *O País*, o encontro com uma persona criada pela escritora Júlia Lopes: a cronista de moda, Ecila Worms. Registramos que além das consultas sobre as toaletes e a última moda parisiense, a colunista aconselhava as damas sobre os mais variados assuntos ligados ao mundo feminino. O mérito do nosso trabalho consiste em revelar para os leitores, em caráter inédito, que algumas crônicas assinadas por Ecila Worms vieram compor a primeira e a segunda partes do L*ivro das Donas e Donzelas*, publicado em volume por Júlia Lopes de Almeida, em 1906.

No terceiro item deste capítulo: “Dois dedos de prosa: uma arena, vários discursos”, apresentamos o surgimento da coluna semanal assinada pela escritora. Como nosso trabalho é feito junto às fontes primárias, buscamos registrar a história dos “Dois dedos de prosa”. Anotamos que a coluna não surgiu com esse título, porém costuma ser mencionada por alguns pesquisadores como se ela só existisse sob esse codinome: “Dois dedos de prosa”.

No quarto item, historiamos a participação da escritora nos movimentos em prol do teatro nacional, destacando sua importância como teatróloga premiada. Trazemos alguns episódios e opiniões que constituíram um enredo marcante na vida pessoal e profissional da escritora.

Prosseguindo nosso caminho, no quinto item, encontramos crônicas assinadas pela escritora Júlia Lopes, que fariam parte de um projeto de livro em que a autora chamou de “Os outros”. Essa descoberta trata-se de um trabalho inédito, bem como um projeto não concretizado. Como só consta na página do jornal, esse trabalho não fora notificado pelas pesquisas sobre a obra da autora até este momento.

O último item centra-se na produção contista e didática da autora. Apresentamos e analisamos capítulos publicados que fizeram parte do manual *Livro das Noivas*. Em seguida, registramos a publicação de trecho de um conto que compunha seu livro *Histórias da nossa Terra*(1907), uma obra nacionalista da autora.

A obra de Júlia Lopes de Almeida de fato nasceu e se consagrou nos jornais e periódicos. No nosso trabalho não preenchemos todas as lacunas que ainda existem sobre sua produção em volume e de sua colaboração nos jornais, mas propomos uma maneira de estudá-la e de compreendê-la, a partir das fontes primárias e do contexto de produção e de circulação em que sua obra estava inserida, e de que maneira o tempo histórico da belle époque, passagem dos séculos XIX e XX, influenciou o seu fazer literário.

1. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: ENTRE LIVROS E JORNAIS

1.1 A escritora, passos de uma trajetória...

> (...) Assim mesmo, lutando contra a corrente, havia mulheres corajosas que superavam o preconceito e vinham em público defender os seus direitos à literatura. Foi um combate lento e persistente, correndo parelha com as reivindicações femininas noutros setores.
>
> Brito Broca (1979, p.76)

Composto por homens, brancos e de classe burguesa, historicamente, o cânone literário brasileiro satisfez aos controles do discurso dominante. Certamente que não se restringia apenas às questões estéticas do fazer literário, mas também a fatores sociais, políticos e morais do universo da crítica. A institucionalização da leitura e da literatura foi discriminatória de forma aberta; utilizavam-se do dizer que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens (VIANNA, 2004; ZOLIN, 2009). Logo, a maneira de pensar e de escrever também seria igual, ainda que a capacidade intelectual de muitas mulheres fosse inquestionável, dentre as quais a escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Usamos como exemplo de reflexo dessa mentalidade discriminante as palavras de Gilberto Freyre quando este, ao comentar sobre a participação feminina nas letras, lança a seguinte observação:

> (...) só muito aos poucos é que foi saindo da pura intimidade doméstica um tipo de mulher mais instruída... Nas letras, já nos fins do século XIX, apareceu uma Narcisa Amália. Depois, uma Carmem Dolores. Ainda mais tarde, uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas medíocres, solteironas pedantes ou simplórias... (FREYRE, 1968, p. 109).

É preciso notar, nas considerações de Freyre, a permanência de lacunas em relação ao trabalho de outras mulheres escritoras do período fim secular dos oitocentos no Brasil. Ao citar apenas três autoras, ele corrobora e ajuda a

construir o vazio imposto pela historiografia literária brasileira em relação à existência e à significância de muitas mulheres escritoras, dentre as quais poderíamos acrescentar às autoras já citadas por Gilberto Freyre, nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, Francisca Júlia, que fizeram parte de uma lista vultosa de escritoras, porém ignoradas pelas antologias e pelos manuais de literatura. O escritor Gilberto Freyre repete, assim, a indiferença de muitos intelectuais com o fazer literário de autoria feminina, o que explica o resultado do apagamento inclusive de escritoras, que tiveram no seu tempo, presença constante no cânone da época e nos jornais, a exemplo da própria Júlia Lopes de Almeida. Para Heloísa Buarque de Hollanda (1993), entre meados do século XIX e o primeiro decênio do século XX, verificou-se um crescimento considerável quanto à participação da mulher na literatura, motivada pelo surgimento da imprensa, que possibilitou a criação de várias publicações dirigidas e editadas por mulheres.

Ao fazermos uma busca no repertório bibliográfico da historiografia literária brasileira, evidenciamos que houve tanto uma inclusão quanto uma exclusão da escritora Júlia Lopes de Almeida no cenário literário. Comprovamos que essa situação se mostrou recorrente com a produção literária de várias escritoras do período, também excluídas do cânone mesmo após adquirirem notoriedade junto ao meio intelectual. No caso da escritora Júlia Lopes de Almeida, entendemos que esta variação se deu de forma circular, porquanto, por um período, Júlia Lopes teve o reconhecimento de suas produções até a década de 1930.

Em 1934, ano de sua morte, publicou seu último livro *Pássaro tonto (1934).* A partir desta data, suas obras literárias foram relegadas ao esquecimento e à indiferença do mercado editorial. Vale lembrar que até a primeira década do século XX, a escritora teve algumas de suas obras reeditadas e outras adotadas como livro didático nas escolas de alguns estados brasileiros, entre eles, o Rio de Janeiro e São Paulo.

No jornal *O País* (1884-1934) de 4 de abril de 1892, a coluna “O Tempo” traz a informação da aprovação do livro *Contos Infantis*[1] (1886) - composto por

[1] Destinados às escolas primárias dos dois países, sendo essa obra aprovada pela instrução pública da capital federal e outros estados da República Brasileira, contando três edições

sessenta narrativas destinadas à instrução de crianças, sendo trinta e três (33) em verso e vinte e sete (27) em prosa de autoria das irmãs Adelina e Júlia Lopes - pela inspetoria geral da instrução primária e secundária da capital federal. Assim se refere o colunista sobre o livro: “A nossa palavra vem apenas trazer frio aplauso à obra inteligente dessas distintas escritoras”. A respeito da mesma obra, o jornal *Gazeta de Notícias* também faz a seguinte divulgação:

> Acaba de sair do prelo a segunda edição dos *Contos Infantis* em verso e prosa, pelas exmas. Sras. DD. Adelina A. Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida. O fato da reimpressão do interessante livrinho só por si evidencia a aceitação que ele teve. Mas não é só isso que recomenda o livro; o governo mandou adotá-lo, e muito bem, nas escolas primárias do Brasil. (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1892, p.02)

O livro *Contos infantis* (1886) teve sua publicação em Portugal e, da mesma forma, *Traços e Iluminuras* (1887), o primeiro em que Júlia Lopes surge como autora individual. A coluna “Gazetilha Literária” da revista *A Semana (1888-1891)*, em nota informativa, faz saber que espera chegar de Lisboa o volume *Contos e Iluminuras* e lamenta que se o Brasil, a quem o colunista chama de país “botocudesco”, compreendesse o valor das letras e da arte se orgulharia das escritoras brasileiras. O colunista finaliza dizendo: “Em outro qualquer país, medianamente lido e digno de passar por civilizado, o livro *Traços e Iluminuras* seria laureado e ficaria popular e famoso”. *(A SEMANA*, 18 de junho de 1887, p.197)

O Sr. Pinheiro Chagas, colaborador de *O País* (1884-1934), ao comentar o livro de contos *Traços e Iluminuras* afirma que seria lisonjeiro dizer que todas as páginas o agradavam, pois alguns contos “se não pecam pelo requinte da extravagância, pecam pelo abuso oposto, que é a afetação da simplicidade”. (04 de dezembro de1887, p. 3).

Em 1897, Júlia Lopes de Almeida, também no jornal *O País,* publica o epílogo do livro *Histórias da nossa terra*, mais um livro da autora que viria a ser adotado como livro didático em 1912. A ideia e o método foram sugestões

---

rapidamente esgotadas, cada uma de 5.000 exemplares, duas feitas em Lisboa e uma no Rio, fato excepcional. (*A Mensageira*, São Paulo, 15 de maio de 1899).

feitas à autora pela educadora americana, Miss Marcia Brown, contratada pelo estado de São Paulo para organizar as suas escolas modelos. Cabe acrescentar que ao fazer parte de um grupo seleto de autores como Olavo Bilac e Coelho Neto, que tiveram suas obras indicadas para fins didáticos e adotadas pelas escolas, nos leva a dimensionar o prestígio e o reconhecimento da importância de Júlia Lopes para as letras brasileiras na época.

Na Primeira República[2], Júlia Lopes de Almeida foi a escritora mais publicada, trazendo quase três dezenas de livros, muitos deles com edições sucessivas. Rachel Soihet (2006, p. 213) explica que Júlia Lopes de Almeida impôs-se, adquirindo renome e prestígio. No seu tempo, sua obra fez-se sentir não apenas junto ao público, como mereceu destaque nos meios da crítica literária e entre seus pares. A afirmação de Soihet (2006) não só se justifica pela quantidade de edições e reedições da autora oitocentista, mas, sobretudo, pela multiplicidade de suportes jornalísticos que difundiam sua atividade literária, dentre os quais vários jornais com aspectos distintos e projeção de leitores diferentes.

De fato, a produção da escritora não deixou de ser destacada pela imprensa. Todos os seus trabalhos tiveram uma atenção de colunistas dos mais variados jornais, e seguramente as opiniões não eram uníssonas. Sua obra recebe variadas considerações críticas, porém iremos perceber que predominam palavras elogiosas.

Uma demonstração de prestígio de Júlia Lopes aparece no ensaio escrito em março de 1897, intitulado “As três Júlias”, porém publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier* (1903-1914) somente em 1907, de autoria do escritor e jornalista Lúcio de Mendonça. Este analisa a obra literária das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Júlia Cortines e Francisca Júlia. No entanto chama-nos a atenção a forma repetitiva que o crítico usa ao falar da masculinidade como traço inerente ao ato de ser escritor. Ainda que o artigo de Lúcio de Mendonça tenha o intuito de tecer elogios às escritoras, temos que concordar com Lúcia Miguel Pereira (1973) quando esta afirma que nada prova melhor quanto somos toleradas como intrusas na literatura do que o supremo

[2]A Primeira República, também conhecida como República Velha, constitui a primeira fase da organização republicana nacional e vai desde a Proclamação da República em 1889 até a chamada Revolução de 1930 (COSTA, 2007, p. 492).

elogio feito a um trabalho feminino: consiste em dizer-se que parece escrito por homem:

> ... - Observemos que há nas três uma feição comum à índole máscula do seu talento. É observação antiga que em cada escritora perde a humanidade uma mulher. No nosso caso ainda a observação em parte se verifica ser exata; mas só em parte, ou em certo sentido: a varonilidade do espírito destas três senhoras não lhes tira, mesmo literariamente falando, as graças do sexo - a delicadeza do sentimento, a finura da análise, a comoção mais vibrante e todo o encanto do recato... (Lúcio de Mendonça, *Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro, março de 1907, p.247)

No mesmo artigo, Lúcio de Mendonça destaca a relação de amizade com o marido de Júlia Lopes de Almeida, sem deixar de ressaltar o papel da escritora como exemplar mãe de família e cita *O Livro das Noivas* (1905) para evidenciar, pois "só uma boa mãe de família era capaz de ter escrito". Os ensinamentos que compõem o manual são atribuições que constituem as representações de muitas personagens dos romances escritos por Júlia Lopes, elas reproduzem os preceitos apregoados, as atribuições femininas incidem no aprimoramento da dona de casa, ou seja, como se portar em determinadas situações domésticas, de que maneira organizar e disponibilizar os vários ambientes da casa, a relação com os criados, como lidar com a floricultura e horticultura, entre outros. Quanto ao seu talento ainda comenta que:

> Júlia Lopes tem produzido paginas que mais de uma vez hão sido comparadas às do mais vigoroso *conteur* de França, Guy de Maupassant, e a comparação, que é a mais expressiva e eloquente para demonstração do meu conceito, é justíssima: dois, principalmente, dos contos da escritora brasileira lembram como irmãos os do autor de *Boule de Suif* – a admirável *Caolha*, que foi para mim a verdadeira revelação deste poderoso talento e, por ultimo, o conto de concurso publicado na *Gazeta de Noticias* com o título *Os porcos*, uma maravilha de sobriedade, de vigor de colorido, de exatidão de traço. (Lúcio de Mendonça, Rio de Janeiro, março de 1907, p. 247)

Lucio de Mendonça viria novamente manifestar juízo a respeito de Júlia Lopes de Almeida ao sugerir o ingresso da escritora na Academia Brasileira de Letras. Contudo, uma maioria acentuada decidiu pela utilização do mesmo

regulamento da Academia Francesa de Letras, que definia a sua plêiade composta apenas de escritores masculinos.

De acordo com Francisco Galvão (1937), a Academia seguiria o modelo da Francesa, com quarenta membros, dos quais trinta efetivos seriam indicados pelo Governo e dez seriam eleitos pelos indicados. Essa fórmula sofreu objeções por parte de escritores monarquistas como Joaquim Nabuco, Affonso Celso e Carlos de Laet. Novas propostas foram apresentadas, sendo deliberado o afastamento da Academia das influências do governo republicano. Desta maneira, dia 20 de julho de 1897, Machado de Assis foi aclamado presidente pelos presentes à reunião inaugural: Arthur Azevedo, Araripe Júnior, Coelho Netto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Luiz Murat, Medeiros de Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabello, Rodrigo Octávio, Silva Ramos, Teixeira de Mello, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay. Após elaborarem o regimento interno, fizeram o convite a mais dez escritores: Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Ruy Barbosa, Silvio Romero e Urbano Duarte. Para perfazer o número de 40 fundadores, conforme regimento, foram eleitos pelos citados mais 10 escritores: Aluysio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Bevilácqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luiz Guimarães Júnior, Magalhães de Azevedo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça.

A criação da Academia Brasileira de Letras foi um episódio que rendeu várias discussões, entre elas a ideia de que Júlia Lopes de Almeida fora mesmo injustiçada quando da constituição da ABL.No mesmo artigo “As três Júlias”, publicado no *Garnier*, Lúcio de Mendonça assim expressa seu ponto de vista:

> Para concluir, uma nota de tristeza. Na fundação da Academia de Letras, era ideia de alguns de nós, como Valentim Magalhães e Filinto da Almeida, admitirmos a gente do outro sexo; mas a ideia caiu, vivamente combatida por outros, irredutíveis inimigos das machonas, segundo a brutal denominação de um nosso ilustre confrade, cujo desembaraço

> lhe rendeu os dissabores[3] que conhecem. Com tal exclusão, ficamos inibidos de oferecer a espíritos tão finamente literários como os das três Júlias o cenário em que poderiam brilhar a toda luz. (Lúcio de Mendonça, *Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro, março de 1907, p.249)

A não inclusão de Júlia Lopes como membro imortal se manteve aventada por um longo período. Engrossando a fileira da crítica à ABL, Isabela Nelson[4] escreve, na primeira página do jornal sob o número 10.243 de *O País*, o artigo "O congresso de jornalistas". No primeiro parágrafo, retoma o caso da não inserção da escritora Júlia Lopes de Almeida entre os imortais da Academia: "Se não fosse a resistência organizada em todo o Brasil contra as mulheres, D. Júlia Lopes de Almeida, por exemplo, há muito teria entrado para a Academia de... Letras? Será ainda de Letras?" (22/10/1912, pag.01).

A respeito da querela mulheres x Academia, em 1981, a revista da Academia publica o discurso de Raimundo de Magalhães Júnior que cita as palavras do imortal Félix Pacheco, um dos proprietários do *Jornal do Comercio*, se referindo a essa questão: "Entendo que toda restrição nesse sentido é iliberal e ilógica". E acrescentou: Se o mal é de nascença, razão maior para corrigirmos! Não é triste que, na primeira lista de quarenta, deixassem de figurar Júlia Lopes e Francisca Júlia? (JÚNIOR, 1981, s/n).

Segundo Michele Asmar Fanini (2010) em seu artigo para a revista *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1, sob o título "A (In)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras", percebe-se que*:*

> Durante o período de criação da ABL, o nome da escritora Júlia Lopes de Almeida foi cogitado por Lúcio de Mendonça para compor seu quadro de membros fundadores. Com exceção de José Veríssimo, Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, este último, marido de Júlia Lopes, a sugestão foi negada, sob a alegação de que a agremiação, ainda embrionária, seguiria os passos da congênere francesa, a *Académie Française de Lettres,* fundada em 1635, cujo Regulamento restringia a

[3] Por ocasião da formatura da médica brasileira Ermelinda Lopes Vasconcelos, em 1888, o escritor Silvio Romero escreveu uma crônica intitulada "Machona" e usou as seguintes palavras: "fique certa a doutora que os seus pés de machona não pisarão jamais o meu lar". Tempos depois, a Dra. Ermelinda foi chamada para fazer o parto da esposa de Silvio Romero. Romero pediu-lhe permissão para pagar-lhe à prestação. A doutora respondeu-lhe: O senhor me pagará caro e de uma vez!", entregando-lhe cópia do referido artigo. (RAGO, 2007, p.121)

[4] Pseudônimo do Escritor Abner Mourão. (SODRÉ, 1966, p.335)

> candidatura aos indivíduos do sexo masculino. (FANINI, 2010, p. 154)

Para Fanini (2010), a supressão do nome de Júlia Lopes de Almeida da listagem oficial de membros fundadores traduz um inegável “vazio institucional”. Não há qualquer manifestação pública de Júlia Lopes de Almeida, posicionando-se ante a exclusão de seu nome ou questionando a “arbitrária” política de indicação adotada pelos membros fundadores da Academia. Ainda que o silêncio da escritora possa ser compreendido como uma evidência da pouca relevância que atribuía a este meio específico de consagração, ou mesmo de sua conivência com relação à ocupação da Cadeira por seu marido, é possível ao menos afirmar que a indicação de seu nome para compor a lista de fundadores é sintomática de seu prestígio e notoriedade.

Em todo caso, registramos que as discussões inaugurais que culminaram na criação da ABL, em 1897, tiveram a residência dos Almeidas como um dos pontos de encontro, tendo sediado algumas das discussões e debates acerca da compleição que viria a caracterizar a agremiação. Os anfitriões, Júlia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida, estavam absortos com o projeto, tendo-se revelado grandes articuladores da etapa que definiu os traçados iniciais daquela que viria a ser a “Casa de Machado de Assis” (ELEUTÉRIO, 2005; FANINI, 2010)

Júlia Lopes de Almeida está entre os autores que fazem parte de uma literatura de transição, entre a chamada produção realista e a modernista, motivo pelo qual pode ter favorecido sua ausência na historiografia da literatura presente nos livros que tratam da história literária brasileira. Contudo, não podemos dizer a mesma coisa da história contada pelos jornais do período entre séculos, que demonstram a escritora em atuação, nos principais jornais e revistas, nos mesmos espaços ocupados por autores canônicos. Seus pares contemporâneos não abdicaram de citar e comentar as publicações da escritora que teve em vida seu trabalho reconhecido, ainda que somente pelas páginas dos jornais.

A escritora Carmem Dolores[5], sua colega de redação no jornal *O País*, destacou na coluna "A vida literária" o *Livro das donas e donzelas* (1906), uma obra que trazia conselhos instrutivos leves e superficiais, linguagem fluente e original que sustentou o interesse, sobretudo, de leitoras: "É um livro, finalmente, de educação e de higiene, útil e agradável, que tem seu lugar nas mais lindas e saudáveis bibliotecas de mães de família e de gentis senhoritas".

Carmem Dolores não faz menção ao fato do *Livro das donas e donzelas* ser composto por coletânea de crônicas publicadas, anteriormente, por Júlia Lopes na coluna "A Moda", do jornal *O País*, quando esta assinava sob o pseudônimo de Ecila Worms; e por outras crônicas de Júlia Lopes, também publicadas em *O País*, em sua coluna semanal, na qual ela assinava com o próprio nome. Portanto, antes de se tornar volume, o *Livro das donas e donzelas* figurou nas páginas do periódico de 1892 a 1905, nas duas colunas de responsabilidade da escritora. Registramos que essas informações não foram ventiladas por nenhuma pesquisa até este momento.

Além da observação feita por Carmem Dolores a respeito da recepção da obra de Júlia Lopes junto ao público feminino, uma constatação de que a escritora tem, especialmente, a atenção de mulheres leitoras é registrada pelo escritor e jornalista Gilberto Amado (1887-1959). Em sua coluna semanal do jornal *O País*, o colunista reproduz parte de uma carta encaminhada a ele por uma leitora do jornal, em que esta se refere ao livro *Eles e Elas* (1910),de autoria de Júlia Lopes, publicado no jornal *O País*, sob os títulos "Reflexões de um marido"; "Reflexões de uma esposa"; "Reflexões de uma viúva", no período de maio de 1906 a abril de 1909. Posteriormente, *Eles e Elas se* tornaram um livro, editado pela *Francisco Alves* em 1910:

> Uma senhora, das raras que juntam à graça feminina o mais fino gosto literário, fala-me do *Eles e Elas*, de D. Júlia Lopes de Almeida.
> - Quero a sua opinião.
> - A minha opinião? Será a sua, por certo.
> - Pois a minha é de encantamento. Eu conhecia já algumas dessas páginas *d'O País*, mas não todas. [...] – Veja o senhor esta cena de comédia! Como é difícil de execução, como isto que os senhores chamam de técnica aí, excelente agilidade,

[5]Pseudônimo da escritora Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910). Soihet(2009, p.34)

> com que êxito ela tece diálogo ardente, palpitante de frivolidade nervosa, dissimulando quase uma tragédia (*O País*, 2 de abril de 1911, p.01).

Contudo, para o colunista, Júlia Lopes não é uma escritora que só escreve para um público feminino; ele adverte que ela não agrada só às mulheres: "O seu talento vibra a todos os grandes choques, como as pequeninas impressões; árvore delicada e forte que a aragem agita, mas que resiste à tempestade". Representação ao que o crítico literário português, Oscar Lopes, também concorda, pois na coluna "A semana"*,* de *O País* destaca o romance *Cruel amor* (1911), "obra maduramente pensada, antes de começar a ser escrita, parece-me que *Cruel amor* se individualiza, sobretudo, pela sua coesão, pela justeza e proporções de sua arquitetura". Vale destacar que Júlia Lopes dividia as páginas dos jornais com escritores, o que ratifica sua escrita ser dirigida não apenas às mulheres, mas também ao público masculino.

Ao nosso olhar sobre os jornais e periódicos da época, não nos passa despercebido o quanto se noticiava a presença da escritora em eventos, em viagens, conferências, destacando-a com distinção. *O País* usa a estratégia de noticiar na edição anterior que seria publicado, no dia seguinte, artigo de Júlia Lopes. Podemos deduzir que essa estratégia era uma forma de levar o leitor a comprar o jornal, demostrando que a coluna teria uma importância para os leitores.

Verificamos esta mesma estratégia nas páginas da *Gazeta de Notícias*, que traz a seguinte publicação:

> Começaremos a publicar amanhã o novo folhetim romance – *A família Medeiros,* devido à pena da ilustre escritora D. Júlia Lopes de Almeida. Este nome dispensa qualquer recomendação aos nossos leitores, que de há muito aplaudem as produções da exímia cultora das letras, que nos honra com sua colaboração. (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1891, p.01).

E assim se repete quando do lançamento em livro do romance *A família Medeiros* (1892), a coluna "Bibliografia" do jornal O País, do dia 17 de janeiro de 1893, após apontar a qualidade da narrativa em prender de todo princípio a atenção do leitor, demonstra que Júlia Lopes não tinha um tratamento

diferenciado por ser mulher, pois uma romancista que se apresenta como Júlia Lopes de Almeida “tem o direito, ou antes, incorre na pena de ser tratada por nós outros como se fosse um camarada”(sem autor).

A revista *A Semana* publicou uma carta de um leitor reclamando do uso excessivo de estrangeirismos na obra: “Lendo agora há pouco um livro finamente literário – *A família Medeiros*”, escrito pela nossa primeira escritora Júlia Lopes de Almeida, deparei com muitos termos estranhos, que afeiam a sua linguagem rutilante.” Em coluna de *O Álbum*, periódico literário e crítico que circulava na capital federal aos domingos, Aluízio Azevedo utilizando-se de um tom severamente crítico que se distribui por cinco páginas, ocupando dois números do periódico resume que:

> *A família Medeiros* é o avesso de um drama representado no teatro. No palco os personagens da peça são atores vivos, de carne e osso, e o fundo e a cena são falsos. Pura cenografia. No romance de Júlia Lopes de Almeida o fundo e a cena é que são verdadeiros, ao passo que os principais personagens são feitos de sarrafo e pintados à cola (*O Álbum*, janeiro de 1893, p. 38).

Mesmo a crítica sendo manifestada de forma aberta e sem rodeios pelo renomado escritor maranhense, Júlia Lopes prosseguiu com sua pena, e se fez a escritora mais publicada no período b*elle époque*, indo de encontro ao pensamento da pesquisadora Norma Telles (2005), de que as mulheres do século XIX não estavam preparadas para serem escritoras, “que o prazer intelectual ou criativo era alguma coisa muito distante de seus horizontes e entrava em conflito com a subordinação e a repressão imposta pelos modelos de feminilidade”. Esta realidade não se aplicou a Júlia Lopes, pois quando solteira contou com o apoio da família e, depois de casada, teve em seu esposo um grande incentivador, sem contar as relações de amizades estabelecidas com grandes nomes do mundo intelectual e literário das capitais federal e paulista. O certo é que, depois deste romance, vieram outras publicações da autora em jornais e, posteriormente, em livros. Pouquíssimas mulheres da elite, nascidas no Rio de 1864, desfrutaram de tantas circunstâncias favoráveis. Quantos autores teriam talento necessário para fazer uso de tais possibilidades (NEEDELL, 1993, p. 248)?

Na edição de 10 de janeiro de 1893, a coluna “Crônica do Dia” da *Gazeta de Notícia (p. 02)* elogia a simplicidade, o estilo fino e delicado da escritora. Sobre o romance *A família Medeiros* (1892), comenta que a obra agradará pela naturalidade e imaginação, por serem características procuradas pelos apreciadores de romances. Opinião ratificada por Eloy, o Heroe, na coluna “Croniqueta” da revista *A Estação* (31/01/1893, p.07): “O romance, de uma simplicidade encantadora”. Nesta mesma revista, Valentim Magalhães joga confetes à escritora e sugere a leitura do romance a quem ele chama de “gentis leitoras” da *Estação*:

> Dado este ligeiro recado, que me encomendei a mim próprio, espero que as galantes leitoras desta galante revista irão agradecer-me haver-lhes proporcionado contarem, entre as famílias de suas relações simpáticas e amáveis – a excelente – A f*amília Medeiros*. *(A Estação*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1893, p. 31-32)

Vinte e nove anos após a publicação deste romance, em entrevista para a coluna sob o título “Uma visão de Paris e outras metrópoles da Europa” do jornal *A Noite* (1911-1964), Júlia Lopes fala que, em Nova York, apareceu o romance *A família Medeiros* traduzido para o inglês, sem que o tradutor tivesse pedido autorização. “Só vim saber que o meu romance tinha subvertido para o idioma de Byron porque um patrício nosso mostrou-me um exemplar que adquirira na capital dos Estados Unidos”(11/05/1931, p.02).

Depois de toda repercussão de *A família Medeiros*, a imprensa traz, para o centro das atenções, uma nova obra da escritora. Surge um dos mais elogiados romances e que proporcionou maior notoriedade ao trabalho literário de Júlia Lopes, *A falência* (1901). À época da publicação desse romance, o colunista do jornal *O País*, José Maria dos Santos, escreveu sua coluna utilizando o mesmo título da obra, e ponderou que se tratava de um painel realista da sociedade carioca e, mesmo concluindo com elogios, considera que a autora peca em algumas descrições e diálogos. Em um trecho à parte, o colunista deixa um tom de lástima por acreditar que o romance será pouco lido em virtude da falta de leitores, ao que ele considera de “destino fatal das nossas letras”. Na edição do dia seguinte, o escritor Artur Azevedo noticiou,

como o acontecimento literário dos últimos dias, a publicação em volume o novo romance, publicado anteriormente em folhetim n*'A Tribuna* (1888-1890):

> É este o nono volume com que a talentosa escritora enriquece as letras nacionais, é o terceiro romance que publica – quatrocentas e tantas páginas dignas da pena que escreveu *A família Medeiros* e *A viúva Simões* - um livro de atualidade, cheio de movimento e de interesse, trabalhado conforme os processos do romance moderno. Um distinto colaborador de *O País* já ontem analisou *A falência* e lhe fez a devida justiça. (*O País*, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1902, p.01)

Todos os livros lançados por Júlia Lopes de Almeida tiveram destaque na imprensa. No suplemento literário do periódico *A Estação*, com data 31 de dezembro de 1897, uma nota da coluna assim se referiu ao romance *A viúva Simões* (1897*):*

> ... é um belíssimo estudo de costumes da vida desta terra feito com o vigor e com o colorido com que a exímia escritora sabe traçar todos os seus trabalhos. O estilo é sempre aquele claro, despretensioso, encantador que tão convidativo torna tudo quanto sai da pena da nossa primorosa romancista. Conceituoso, bem medido, todo ele mantém a mesma superioridade de forma que dá a D. Júlia um lugar de honra nas letras pátrias. Alguém escrevendo sobre o merecimento da nossa patrícia disse que era ela, como escritora, a primeira entre as senhoras brasileiras. (*A Estação*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1897, p.144)

O romance *A viúva Simões* é igualmente destacado pelo escritor Lucio de Mendonça que faz a seguinte crítica ao compará-lo ao romance *A falência*, escrito anteriormente pela escritora:

> *A viúva Simões*, que veio depois, é obra, de certo, mais fraca: dir-se-ia que a romancista ainda não conhecia suficientemente a sociedade fluminense, muito mais vasta e complexa que a outra estudada no romance anterior [*A família Medeiros*], para ela dar a impressão verdadeira e nítida que conseguira da vida paulista. Ainda assim, não é um mau livro. (Lúcio Mendonça, Rio de Janeiro, março de 1907, p. 248)

Raras foram escritoras que tiveram tanta importância no painel literário brasileiro oitocentista quanto Júlia Lopes de Almeida, que chegou ao final do século XIX e o início do século XX considerada a mais respeitável mulher

escritora do Brasil, apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis, que foi por um tempo seu contemporâneo, inclusive publicaram trabalhos nos mesmos periódicos, a exemplo da revista *A Estação* e *Gazeta de Campinas*, sendo que neste último, verificamos a publicação dos romances machadianos *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia* no espaço "Folhetim". A produção literária de Júlia Lopes procedeu a uma gama de obras multiplicadas pelas diferentes categorias que a levaram a desempenhar um excelente e numeroso trabalho como romancista, jornalista, dramaturga, cronista, conferencista, por mais de meio século, legando um patrimônio considerável tanto de valor qualitativo quanto em quantidade para a literatura e a cultura brasileiras.

Nas primeiras décadas do século XX, Mariana Coelho publicou seu livro *A Evolução do feminismo, em 1922,* reeditado recentemente no ano de 2002. Nele, refere-se a Júlia Lopes de Almeida:

> Considerada a primeira escritora brasileira da atualidade, é Júlia Lopes de Almeida, que desde muito nova se dedicou com reconhecido talento às letras. As suas publicações, quase todas em prosa, são muitas e nelas se tem notabilizado principalmente como romancista. É também distinta e brilhante conferencista. A sua reputação de fina intelectual tem ecoado fora do Brasil (COELHO, 2002, p. 331).

O pensamento de Mariana Coelho sobre a aceitação de Júlia Lopes junto ao público vai ao encontro da opinião do ex-editor do *Almanaque Garnier* na época. Em entrevista na primeira página do jornal *A Noite,* do dia 18 de julho de 1912, o Senhor Jacinto Silva informa sobre a postura do público do Rio de Janeiro em relação aos livros da literatura brasileira. "Atualmente o público está se dedicando à leitura". Ao ser interpelado sobre a venda de livros nacionais, coloca Júlia Lopes de Almeida no mesmo patamar de escritores como Machado de Assis, Aluízio Azevedo, entre outros. Ainda neste mesmo jornal, a coluna "Livros Novos" faz elogios ao novo volume lançado por Júlia Lopes, no ano de 1914, sob o título *A Silveirinha, crônica de uma noite de verão.*

O escritor Medeiros Albuquerque também notifica sobre o trabalho literário de Júlia Lopes. Quando da publicação do conto infantil *Era uma vez*...

(1917). Para o crítico, a obra seduz a princípio pelo título, e que merece elogios, no entanto, chama a atenção para o uso da ortografia lisboeta, pois havia já no país um movimento patriótico de defender a autonomia da língua falada no Brasil, “sendo este único reparo ao pequeno e gracioso conto da ilustre escritora”. Esta característica passível de crítica na obra de Júlia Lopes pode ser compreendida pela influência que a autora tenha assimilado, já que era de família portuguesa, casada com um português ou mesmo por ter morado em Portugal.

Chamamos a atenção para as palavras de Medeiros de Albuquerque, pois podemos enxergar, em sua análise, uma significativa observação a respeito da questão linguística como mais um possível agente para o chamado apagamento da escritora na historiografia literária brasileira. O uso do que ele chama de “linguagem lusitana” pode ter sido uma barreira para que houvesse um acolhimento ou apreciação do trabalho de Júlia Lopes. Com isso, a questão da autoria feminina deixa de ser uma hipótese singular como causa para sua exclusão do cânone literário brasileiro.

Segundo Antonio Candido (1969), a preocupação com a formação de uma literatura nacional que se diferenciasse da portuguesa, justificando sua classificação como brasileira e não mais como um apêndice ou continuidade da portuguesa faz a crítica exigir de nossos escritores uma adesão ao projeto nacionalista, que trate de temas pautados no Brasil ou que se ‘mostre brasileiro’, mesmo que esteja tratando de temas universais. O fato de Júlia Lopes, assumidamente, ainda utilizar uma elocução de além-mar vai de encontro à tendência defendida por grandes vultos nacionais, que era a valorização da escrita mais nacionalizada, a exemplo de José de Alencar, Aluísio Azevedo, entre outros. Esse contexto pode ilustrar o que diz Roberto Reis (1992, p. 69): “os textos não podem ser dissociados de uma certa configuração ideológica... todo texto parece estar intimamente sobre determinado por uma instância de autoridade.”

Um dos mais prestigiados e respeitados críticos literários do seu tempo, José Veríssimo, ao falar da obra de Júlia Lopes de Almeida, afirma que esta reflete com brilho e colorido uma época da vida da burguesia rica do Brasil, sem preocupação de crítica social. É verdade, mas com profundo sentimento e

compreensão dos nossos costumes, preconceitos e falhas. Ainda, ao discorrer sobre o romance *A falência*, coloca Júlia Lopes de Almeida entre os maiores escritores de seu tempo:

> Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluízio de Azevedo o romance no Brasil conta apenas dous autores de obra considerável e de nomeada nacional – D. Júlia Lopes de Almeida e o sr. Coelho Netto. Sem desconhecer o grande engenho literário do Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÌSSIMO, 1936, p.15)

A despeito de receber significativa consideração de José Veríssimo, Júlia Lopes permaneceu no silêncio de grandes escritores canônicos como Olavo Bilac e Machado de Assis. Desse último inclusive, não existe nenhuma declaração a respeito da retirada do nome de Júlia Lopes da primeira lista de escritores imortais da ABL. O autor de *Dom Casmurro* (1899) foi mais um a silenciar sobre a preterida escritora. Apenas podemos supor que o "grande presidente" não quis opinar ou simplesmente fugir de qualquer querela. No entanto, afirmamos que o assunto não abalou o respeito e a admiração que Júlia Lopes nutria pelo escritor Machado de Assis. Em sua coluna semanal em *O País*, 6 de outubro de 1908, homenageia o recém-falecido escritor em uma crônica intitulada "Saudade":

> O primeiro escritor que pessoalmente conheci em minha vida, e a quem apertei a mão com o alvoroço de uma admiração de criança imaginosa foi Machado de Assis; a primeira vez que dancei em um salão de cerimônia foi com Machado de Assis. Eu era espigada e alegre, cujos vestidos mal tocavam o chão, ele andava pelos quarenta anos, acendendo em dançar, por gentileza, para com a dona da casa. Ao levantar-me da cadeira para dar-lhe o braço, eu tremia. Que iria eu dizer ao poeta de tão lindos versos? [...] Queria acompanhar o morto em pensamento, aquele bom homem que eu nunca vira senão com um sorriso de simpatia e um modo afável e em cujas páginas li tanta coisa encantadora e inolvidável. (*O País*, Rio de Janeiro 6 de outubro de 1908, p.01)

A ausência da escritora também é percebida na bibliografia crítica dos grandes nomes da história literária nacional, entre eles, Afrânio Coutinho (1968), Alfredo Bosi (2006), José Ronald de Carvalho (1919) e Massaud Moisés (2000), que promovem, em seus renomados livros, o absoluto silêncio

em relação não só à escritora Júlia Lopes de Almeida, mas também a outras escritoras que não tiveram seus nomes escritos na historiografia oficial. Alfredo Bosi, em seu livro *História concisa da literatura brasileira* (2006), ignora-a, entretanto, ele nomeia quatro autoras no índice da mencionada obra: Francisca Júlia, no Parnasianismo; e nas tendências contemporâneas destaca Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles. Ao reconhecer apenas essas quatro escritoras, ratifica-se o apagamento de Julia Lopes na historiografia produzida pelos críticos literários brasileiros nas enciclopédias ou compêndios, posto que se mostre a incoerência uma vez que a produção de Júlia Lopes justifica-se, não só pela vasta produção literária, mas, sobretudo, pela penetração e recepção que teve no período entre séculos. Diante disso, citamos Roberto Reis (1992, p. 69) que afirma: "O critério para se questionar um texto literário não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram o estatuto de literário aquele texto (e não a outros), canonizando-os."

Em relação à recepção da obra da autora junto aos leitores da época, em seu livro *Prosa de Ficção* (1973)[6], Lúcia Miguel Pereira comenta que:

> Júlia Lopes de Almeida, na verdade, é a maior figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu com os críticos e com o público. Seus livros foram reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem da *Família Medeiros* (PEREIRA, 1973, p. 270).

No capítulo intitulado "Sorriso da Sociedade", Lucia Miguel Pereira discorre sobre alguns escritores, e cita, entre eles, Júlia Lopes de Almeida. A autora expõe que os escritores mencionados no capítulo não se congregam em torno de nenhuma escola. Formados antes da guerra de 1914, em uma época de paz, eles próprios em regra da sua sorte, pertencentes à classe dominante, escreveram para distrair-se, e distrair os leitores:

> Uma palavra os explica: diletantismo. Mesmo os que, como Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Artur Azevedo, Afrânio

[6] A primeira edição deste livro de foi publicada em 1950.

> Peixoto, Xavier Marques e João do Rio foram, sobretudo, escritores, possuíram a mentalidade do diletante, de quem não se deixa empolgar nem possuir pelas ideias e prefere brincar com elas, borboletear entre todas, não se fixando em nenhuma. Como os *flaneurs* de que falou Nabuco, passearam pela literatura, alguns com talento, mas em atitude de amadores, sem querer ver que há nela mais do que um prazer (PEREIRA, 1973, p. 256).

Quando Pereira coloca que o escritor diletante "não se deixa possuir pelas ideias... não se fixando em nenhuma" é negar o discurso de Júlia Lopes em favor de alguns temas recorrentes em quase toda sua obra, é desconsiderar sua ideologia em defesa da educação e do trabalho da mulher. É claro que ao defender esses direitos femininos, Júlia recorre à tática de não parecer transgressora. Ela costumava utilizar como porta voz de seus ideais as falas de personagens masculinos, ou seja, buscava uma voz que naturalmente seria autorizada, não interditada. Neste ponto, essa reserva se fundamenta no que esclarece Michel Foucault em *A ordem do discurso* (2011, p. 9): "Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam". Um exemplo, no qual a gente possa ancorar essa visão, está no romance *A intrusa*. Vejamos abaixo o diálogo entre o protagonista Argemiro e seus sogros sobre a educação da filha adolescente:

> [...] Argemiro pegou nas mãos da sogra e disse:
> – Mamãe, talvez a senhora tenha razão; mas a verdade é que Glória já chegou a uma idade em que não deve ser tratada como o animalzinho mimado que é. Precisamos prepará-la para o futuro, que é sempre incerto. Imagine que um dia, que infelizmente há de vir, faltem nossa Glória os seus cuidados, os do avozinho e os meus... que será dela, se for uma ignorante, ela que é tão impulsiva e... tão geniosa; hein?
> – Quando isso acontecer, para longe o agouro, sua filha estará casada!
> – Estará ou não. E se for mal casada? Se o marido esbanjar toda a sua fortuna e a atirar depois às urtigas?
> Os olhos da baronesa encheram-se de lágrimas; o velho pigarreou, advertindo o genro que avançara demais no caminho das hipóteses; mas a baronesa reagiu, sorrindo:
> – Glória casará bem, com um homem que a ame e a respeite. Não faltava mais nada! Minha neta mal casada! Pobre... desprezada... precisando trabalhar para viver... que coisa horrível!

> – O que é horrível, mamãe, não é trabalhar; é não saber trabalhar!
> – Ora... a necessidade é o melhor mestre; se algum dia... oh! não! nem pensar nisso!... A minha Glória nasceu para ser amada. Eu leio naqueles olhos esse destino... É um pouco brusca... é um tanto autoritária... ora adeus! os homens gostam disso.
> Riram-se e o riso abafou um suspiro em que o Argemiro murmurou:
> – Eu queria-a mais meiga. (ALMEIDA, 1907, p. 23)

As imagens construídas pela sociedade em seu contexto histórico (primeiros anos do século XX) e ideológico (patriarcalismo) apresentam posturas em que a mulher é considerada frágil e meiga. A narrativa problematiza o funcionamento e a construção do sujeito enquanto função enunciativa que revela posições sociais e ideológicas. Argemiro é homem, rico, branco, culto, ou seja, é uma voz que não seria interditada. Ele fala sobre a educação da filha, ressalta neste caso inclusive a possibilidade do casamento não ser o caminho da felicidade da filha, como pensa a sua sogra. Vemos neste diálogo que quem reproduz o discurso oficial dominante é a mulher que, na obra citada, ocupa um lugar de antagonismo.

Na mesma linha de pensamento de Lúcia Miguel Pereira, Sevcenko (2003) acrescenta que os autores diletantes se destacam, sobretudo, nos jornais e nos magazines luxuosos pela sua atuação de polígrafos, “por meio de crônicas, reportagens, folhetins, poesias, sueltos, comentários, críticas, conferências, orientações didáticas múltiplas relativas à culinária, moda ou política”. Essas características citadas por Sevcenko parecem descrever a autora Júlia Lopes, porém podemos contra argumentar usando de um questionamento: Que escritor canônico, neste período, não desenvolvia tais ações ou partes delas, principalmente, em suas funções nos jornais?

Podemos empreender, a partir das considerações de Pereira (1973) e Sevcenko (2003), que os diletantes marcaram um estilo de escrita sem um valor estético, sendo muito apreciado no chamado período belle époque, mas não valorizado, posteriormente, pela historiografia literária.

Contudo, Pereira (1973) acrescenta que “é inegável o valor literário da obra de Júlia Lopes de Almeida” e cita dois romances da escritora: *A família Medeiros* e *A falência*, destacando também o volume de contos *Ânsia eterna*

(1903). Indo ao encontro do que diz Pereira ao se referir à extensa produção da escritora, a historiadora Maria de Lourdes Eleutério, em seu livro *Vidas de Romance (*2005), pontua o alcance das obras de Júlia Lopes de Almeida, reforçando o fato de ser incomum escritoras possuírem obras reeditadas tantas vezes.

Para a pesquisadora Rosane Salomoni (2005), ao procurar indícios sobre a obra de Júlia Lopes de Almeida dentro das histórias literárias, só constatou que o panorama que se descortina não contempla muitos nomes femininos; em algumas delas, a ausência é total. Sobre Júlia Lopes de Almeidanão há nenhuma linha. Ainda considera paradoxal o fato de José Veríssimo, colega de redação de Júlia Lopes, conhecedor de sua obra, pois em dois artigos emitiu juízos críticos sobre livros da autora, não a tenha incluído no rol dos "canonizáveis" ao escrever a sua *História da Literatura Brasileira*(1916), livro de consulta obrigatória para os interessados em nossa historiografia:

> O recorte de sua biografia e a leitura da fortuna crítica mostra que Almeida foi contemporânea de Arthur e Aluísio Azevedo, colega de redação (*A Semana*) do mestre Machado de Assis, anfitriã amiga e colega de conferências de Olavo Bilac, Coelho Neto e João do Rio. Ela produziu crônicas, romances, contos, teatro, conferências, livros didáticos, livros de viagem, no entanto, isso não lhe serviu de aval, o que provoca indagações, reavivadas a cada leitura de uma de suas obras. Como explicar o apagamento? Questão de mudança de gosto? Critério de valor diante do literário? Temas tratados? Dificuldade de circulação das obras? (SALOMONI, 2005, p. 5-6).

Diante desses vários questionamentos feitos acima em relação ao apagamento de Júlia Lopes de Almeida, admitimos a pergunta: por que desconsiderar sua literatura tão utilizada em defesa de algumas questões sociais: o trabalho e à educação da mulher? Nos seus romances bem como nas suas crônicas jornalísticas, essas ideias são, repetidamente, apontadas pela autora, que defende a emancipação da mulher através da educação e do trabalho. Essas temáticas atribuem à autora um comprometimento com a questão social, um posicionamento crítico da sociedade brasileira de seu tempo.

Outro trabalho que aborda a produção de Júlia Lopes é o da historiadora Norma Telles. Em sua Tese de doutorado (1987): *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil: Século XIX*, Telles apresenta um trabalho sobre escritoras brasileiras do século XIX, com grande destaque para Júlia Lopes e sua produção de ficção, romances e contos. Depois disso, estudos acadêmicos contemporâneos trazem pesquisas sobre a produção de Almeida, que conta já com um número considerável de dissertações e teses, nas quais estudam sua obra e vida literária.

Leonora De Luca (1999, p. 278) em sua pesquisa: "O feminismo possível em Júlia Lopes de Almeida" informa que, naquele momento, a bibliografia sobre a autora era muito precária e destaca a necessidade de aprofundar as investigações junto aos periódicos - tanto aqueles que se referem coetaneamente a seus primeiros anos de consagração, como aqueles que realizam retrospectivamente a avaliação de sua vida e de sua obra[7]. Esta afirmação da pesquisadora ratifica que os jornais e a imprensa do século XIX são vertentes de grande importância para o conhecimento da produção literária e jornalista, pois a vida de escritora de Júlia Lopes está ligada fortemente ao jornal, suporte que fez sua produção literária ganhar visibilidade para que se tornasse a escritora mais conhecida na sociedade carioca B*elle Époque*.

Posteriormente ao trabalho de Leonora De Luca (1999), surgiram novas pesquisas acadêmicas sobre o trabalho da escritora oitocentista, entre as quais podemos citar: SHARPE (2004); SALOMONI (2005); SOIHET (2006); LOPES (2008); AMED (2010); XAVIER (2012). Com a finalidade de dar visibilidade à autoria feminina, essas pesquisadoras têm como intenção "trazer à luz obras e mulheres escritoras que ficaram esquecidas e relegadas pelo descrédito de um público habituado a se pautar pelo canônico" (MOREIRA, 2003, p.18).

[7]Anais e Boletins do Grupo de Trabalho da ANPOLL – Mulher e Literatura, além das teses e dissertações defendidas até o momento. Em um levantamento preliminar sobre a obra da autora, De Luca assegura que a cidade de Campinas é, efetivamente, o lugar privilegiado pelo notório relacionamento da escritora com a cidade, ainda no século XIX; e pela vinculação da mesma como membro-correspondente ao Centro de Ciências, Letras e Artes, no início do século XX. Contudo outras pesquisadoras tiveram a oportunidade de ler os originais da escritora junto ao neto da mesma, Doutor Cláudio Lopes de Almeida, na cidade do Rio de Janeiro. Além do acervo Lopes de Almeida, há importante documentação acerca da obra e da escritora na ABL – Academia Brasileira de Letras; e na ACD - Academia Carioca de Letras - onde ocupou a cadeira de n° 26.

Para Luiz Ruffato, Júlia Lopes de Almeida é um dos escritores mais injustiçados da literatura brasileira, colocando-a ao lado dos mais importantes autores da virada do século XIX para XX, como Coelho Neto (1864-1934), Graça Aranha (1868-1931) e João do Rio (1881-1921). Em sua coluna, no *Jornal Rascunho*[8] (2009), o escritor Luiz Ruffato esclarece que a morte de Júlia Lopes, em 1934, fez com que o nome da escritora fosse varrido para debaixo do tapete da história literária brasileira. O escritor enumera alguns motivos, entre eles, a longa estada fora do país na década de 1920, a falta de publicação de novos trabalhos e, ainda, "a ideia de tratar-se de uma autora pré-modernista podem, sem dúvida, ter contribuído para que a obra de Júlia Lopes de Almeida desaparecesse do horizonte da história literária brasileira da época". Ao tratar a escritora Júlia Lopes de Almeida como uma autora "pré-modernista", Rufatto rebate a historiografia literária, uma vez que ao tratar sobre o período pré-modernista, o crítico Alfredo Bosi (2006) informa que apenas os romances de Lima Barreto e de Graça Aranha; o ensaísmo social de Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim e Monteiro Lobato possuem "o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*."

Passada essa fase de consagração aludida por Rufatto, veio o período de esquecimento, que só teve uma trégua quando da publicação do livro *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*, editado pela primeira vez em 1950, pela crítica literária e ensaísta Lúcia Miguel Pereira. Essa retomada do nome de Júlia Lopes se fortalece pelas republicações de seus romances a partir da década de 70: *A falência* (1978) pela Editora *Hucitec*[9] *e*, em 2003, pela EDUNISC - *Editora Mulheres* que promoveu ainda a republicação de outros romances: *A Silveirinha, crônica de um verão* (1997)*; A viúva Simões* (1999)*, Memórias de Marta* (2007)*; A família Medeiros* (2009), *Pássaro Tonto* (2013). Seu romance *A intrusa* (1994) teve a reedição pela Fundação Biblioteca Nacional,

[8]O jornal literário *Rascunho* foi criado em Curitiba, em 8 de abril de 2000, pelo seu editor, o jornalista Rogério Pereira. Ele publica ensaios, resenhas, entrevistas, textos de ficção (contos, poesias, crônicas e trechos de romances) e ilustrações. Entre seus colunistas fixos estão autores como Affonso Romano de Sant'Anna, José Castello, Fernando Monteiro, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Bras.

[9]A Editora Hucitec foi fundada em 1971 por Artur Neves, Flávio George Aderaldo, Adalgisa Pereira da Silva e Hanna Augusta Rothschild, profissionais ligados ao livro, e por um grupo de cientistas sociais e experimentais. http://www.huciteceditora.com.br

Departamento Nacional do Livro. O romance epistolar, *Correio da roça*, teve a última edição pela Editora Presença em 1987. O livro de crônicas: *Ellas y Ellos* (2012) foi traduzido para o espanhol e publicado na Argentina pela Editora *Leviatán*. Podemos destacar também o trabalho de Nelly Novaes Coelho (2002) que incluiu o nome de Júlia Lopes de Almeida em sua obra *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001*). Além de destacar dados biográficos da escritora, Nelly Coelho discorre sobre alguns romances, dentre os quais o romance epistolar *Correio da roça* por ter grande repercussão entre os leitores. Para a crítica:

> Em qualquer dos gêneros adotados, toda a extensa obra deixada por Júlia Lopes de Almeida se revela hoje como testemunho fiel de uma importante época de transição da vida brasileira e em que Paris foi chamada de *Bélle Époque* (COELHO, 2002, p. 312).

Nos últimos anos, sob a influência do alcance da linha de pesquisa *Mulher e Literatura*, surgiram pesquisadoras que preferem a escritora Júlia Lopes de Almeida ocupando um espaço além “da sombra”; ocupam-se do resgate da obra de mulheres que a historiografia oficial havia ignorado. Júlia Lopes de Almeida também está entre as escritoras destacadas no segundo volume do livro da série *Escritoras brasileiras do século XIX*, composta de três (3) volumes, edição organizada por Zahidé Lupinacci Muzart e elaborado por uma equipe de pesquisadoras e pesquisadores ligados à docência universitária. Para Gotlib (2004), a coleção citada lança luzes na compreensão acerca de como se inscreve a produção literária feita por mulheres no Brasil em um contexto mais geral da cultura brasileira.

Reconhecida, hoje, pela revisão do cânone que vem sendo feita, particularmente, pela crítica feminista como um dos grandes nomes da literatura feminina do final do século XIX e início do XX, Júlia Lopes de Almeida, em sua época, foi também bastante celebrada. Os estudos acadêmicos a respeito da autora republicam-se, e por vezes, seus principais

romances; dicionários literários concedem-lhe espaço em verbetes biográficos, como forma de dar fim a esse apagamento da memória literária[10].

Confirmando o interesse de pesquisa junto às academias e instituições de fomento, propositadamente, deixamos para o final desta seção, o registro de um material didático que ultrapassa essa fronteira. Em 2012, o Sistema Ari de Sá, importante colégio e editora da capital cearense, presente em 19 estados brasileiros, elaborou material didático de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Este trabalho apresenta uma crônica jornalística da escritora oitocentista Júlia Lopes de Almeida: *A mulher brasileira* (volume VI, pág. 3), para exemplificar o gênero: crônica jornalística. O mencionado material didático é utilizado pelos alunos do Ensino Médio e Pré-Vestibular do colégio Ari de Sá. Similar a esse trabalho, a Professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa desenvolveu minicurso, para o núcleo de Ensino à distância da Universidade Federal da Paraíba, a partir de contos da escritora Júlia Lopes. A adoção de escritos da escritora Julia Lopes em material didático, como os citados, marca o ressurgimento de seu trabalho, também, nas atividades escolares. Em suma, esses materiais põem em prática o que a academia há muito teoriza, a exemplo dos livros didáticos e canônicos existentes. Seria, portanto, outro círculo retomado em relação ao material didático, pois como já informamos sua obra inicial, em coautoria com sua irmã Adelina Lopes, foi também o seu primeiro livro a ser adotado nas escolas públicas da então capital federal, Rio de Janeiro.

Sem dúvida, a produção literária de Júlia Lopes de Almeida se consolidou como instrumentos e espaços de representação de uma sociedade influenciada por muitas transformações políticas, econômicas e sociais ao final do século XIX e início do século XX, mas especificamente o período *belle époque*. Mesmo sendo um período de mudanças de comportamento social, com fortes influências europeias, ainda havia alguns tabus para com o papel social da mulher. Ciente da sua atuação como escritora e mostrando ter

[10]A *Editora Mulheres* reeditou algumas de suas obras, sob a coordenação editorial de Zahidé Lupinacci Muzart. As estudiosas Nadilza Martins de Barros Moreira, Rosane Saint-Denis Salomoni, Elódia Xavier, Sylvia Paixão, Peggy Sharpe e Norma Telles prefaciaram ou escreveram as orelhas das obras reeditadas, a exemplo dos romances *Pássaro tonto* (2013) e *Ânsia eterna* (2013), realizando uma análise da importância de cada uma delas para o registro da trajetória da mulher brasileira.

consciência do período histórico, Júlia Lopes adotou um discurso possível e necessário. Sensível às demandas, ela obteve êxito junto ao comércio editorial da época e com isso conquistou um grande número de leitores, o que propiciou à autora alcançar prestígio e respeito que a tornaram uma destacada mulher das letras brasileiras do seu tempo.

É oportuno destacar que o reconhecimento ao trabalho da escritora Júlia Lopes pelas páginas da imprensa do entre séculos demonstra quanto truncada se tornou a historiografia literária brasileira, quando utilizou a indiferença para desprezar a existência da escritora Júlia Lopes de Almeida no cânone literário, assim como de outras significativas mulheres das letras. Como vimos, os jornais colocaram-na em destaque quase que, diariamente, e com letras indeléveis. Marcia Abreu (2004) discorre que para uma obra ser considerada "Grande Literatura" ela precisa ser declarada literária pelas instâncias de legitimação, entre elas os suplementos culturais dos grandes jornais. E somente nestes, está viva a obra de Júlia Lopes. Como também estará a sua participação como colaboradora de jornais e revistas, o que veremos na próxima seção deste capítulo.

1.2 Além dos *Dois dedos de prosa*...

Depois de comprovarmos a existência da consagração da autora Júlia Lopes de Almeida, legitimada pelas páginas dos jornais do período *belle époque*, faremos agora uma incursão pelo seu trabalho em periódicos, que a exemplo da grande maioria dos homens das letras da época, Júlia colaborou intensamente para vários jornais e revistas. Duas constatações reforçam a dimensão de sua posição no meio literário e jornalístico: A longa permanência como escritora da primeira coluna de um dos grandes jornais cariocas, *O País*; bem como o fato de Júlia Lopes de Almeida ser a única escritora entre trinta e seis nomes da época, que transitavam entre as duas principais atividades intelectuais do período: o jornalismo e a literatura, escolhidos pelo colunista e

imortal da Academia Brasileira de Letras, João do Rio, para responder a alguns questionamentos sobre as duas atividades destacadas.

Além de Júlia Lopes de Almeida, participaram da enquete do escritor João do Rio (1908) nomes como Olavo Bilac, Coelho Neto, Félix Pacheco, João Luso, Lima Campos, Clóvis Beviláqua, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Nestor Vítor, Inglês de Sousa, Afonso Celso, entre outros. Embora não lograsse êxito junto a alguns renomados escritores, João do Rio juntou todo resultado das entrevistas e publicou em forma de livro: *Momento literário* (1908). Nas páginas finais do seu livro, João do Rio noticia quem se recusou ou simplesmente esqueceu-se de responder a enquete. Entre eles Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Emílio de Meneses e José Veríssimo. Esse último "não gostou do inquérito, e numa roda chegou mesmo a dizer que era esse um processo de fazer livros à custa dos outros" (RIO, 1908, p.99).

Dividido pelo nome de cada entrevistado, individualmente, o livro *Momento Literário* teve sua primeira publicação em 1908. No capítulo referente à escritora Júlia Lopes de Almeida, intitulado "Um lar de artistas", Júlia revela como a família descobriu sua atividade como escritora, em 1881, até então guardada em segredo:

> — Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá! — Não mostres! — É que mostro! — Vai fazê-lo zangar comigo. Não sejas má! Ela ria, parecendo refletir. Depois deitou a correr pelo corredor. Segui-a comovidíssima. Na sala, o papá lia gravemente o *Jornal do Comércio*.
> — Papá, a Júlia faz versos! — Não senhor, não lhe acredite nas falsidades! — Pois se eu os tenho aqui. Olha, toma, lê tu mesmo... (RIO, 1994, p.10).

O excerto acima é reprodução de um diálogo da escritora Júlia Lopes com sua irmã Adelina Amélia Lopes Vieira[11]. Neste fragmento, Júlia Lopes mostra sua relação com a escrita e de que maneira foi descoberto seu "segredo", pois escrevia às escondidas no seu quarto. Essas memórias mostram como se deu o *debut*[12] de uma longa vida de produção literária e

[11] 12 anos mais velha, foi responsável pela alfabetização da irmã Júlia Lopes. (ELEUTÉRIO, 2005, p.74)
[12] Termo francês que se refere a início.

intelectual vivida pela escritora, nascida e criada em um ambiente em que se respirava cultura. Na casa paterna, eram realizados salões culturais com a presença de poetas, escritores, músicos. A mãe, D. Adelina Pereira Lopes, concertista, diplomada em piano, canto e composição pelo Conservatório de Lisboa; Júlia tinha uma irmã poetisa, outra pianista, e outra cantora lírica e declamadora; já o pai escrevia crônicas para o Jornal *Gazeta de Campinas*, cidade onde também exercia grande influência social. Logo, ela estava inserida em um ambiente bastante afortunado para que a autora pudesse desenvolver-se e crescer como uma literata e jornalista.

Em uma sociedade patriarcal, cheia de coibições, abafos, coerção social, uma família como os Silveira Lopes não era comum no fim do século XIX, afinal neste período "a condição de escritor e poeta", mesmo que para os homens, era considerada "antissocial e antiburguês". (BROCA,1979, p. 76). Esta conotação negativa em relação ao escritor demonstra que seria uma atividade ainda menos adequada para o sexo feminino. Contudo, aos 19 anos, a escritora Júlia Lopes é convocada pelo seu pai a tornar-se colaboradora do jornal Gazeta de Campinas. E sobre isso informa Broca:

> Quando Júlia Lopes de Almeida entrou a escrever nos jornais por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos contra as mulheres escritoras que tinham tido como pioneira, no século passado [século XIX], Corina Coaracy[13] (BROCA, 2004, 326).

O jornalismo chegou à vida de Júlia Lopes (nesta época, solteira, não assinava com o sobrenome Almeida) não em 1885 como afirma Brito Broca (2004), mas quando ela morava na cidade de Campinas, interior de São Paulo, ao escrever um artigo para o jornal *Gazeta de Campinas,* no ano de 1881. Após tomar conhecimento da vocação da filha, Doutor Valentim Lopes, médico e escritor conhecedor dos valores intelectuais, abre à filha a possibilidade de escrever, estimulando-a a colaborar com um artigo para o jornal *Gazeta de Campinas*:

[13] Corina Henriqueta Albertina Lauwe de Vivaldi (Coaracy, 1959, p. 53). Seu casamento com José Alves Visconti Coaracy originou Corina Coaracy ou simplesmente C. Cy como costumava assinar em suas crônicas. Nascida no Estado de Kansas, Estados Unidos, em 18 de abril de 1859. Corina Coaracy, Jornalista do século XIX (BERNARDES, s/d, p. 159).

> ... Fomos ver a Gemma Cuniberti, lembra-se? Uma criança genial. Quando saímos do espetáculo, meu pai deu-me o seu braço. — Que achas da Gemma? — Um grande talento. — Imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia... Minha Nossa Senhora! Pus-me a tremer, a tremer muito. O pai, esse, estava impassível como se estivesse a dizer coisas naturais: — Estamos combinados, pois não? O prometido é devido. Fazes amanhã o artigo.
> Depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: — Vê lá, Júlia, o artigo é para hoje (RIO, 1994, p.10)

Ao perceber que seu pai não lhe daria alternativa, encaminha uma comunicação ao redator do jornal Carlos Ferreira, proprietário e diretor, a quem pede que seja tomada pelo braço e apresentada ao público: ... “E eu entusiasmada estou a pedir-lhe que publique palavras minhas na Gazeta! Palavras minhas! minhas!... Oh! Meu Deus!” (DE LUCA, 1994, p. 201). Seu primeiro artigo, portanto, chega às paginas do jornal *Gazeta de Campinas*no dia 08/12/1881, com o título “Gemma Cuniberti”. Utilizando-se de uma linguagem gramatical adequada, no entanto em tom pueril, a escritora comenta o trabalho da pequena atriz italiana, que se apresentara no teatro São Carlos:

> Esta página arrancada às minhas impressões, que lutei para arremessar assim ao Niágara das manifestações de entusiasmo, que te cercam em flores, em sons, em luzes, diz muito pouco. Nada mais há que se possa juntar ao teu nome, que não tenha sido dito por outros que melhor podem; tem porém a certeza, oh! Minha branca fada, que só pelo teu condão desejo para ti: uma carreira jamais interrompida de triunfos, e de glórias dignas só da prodigiosa, da encantadora GEMMA. (DE LUCA, 1994, p. 202).

Este artigo foi o primeiro de muitos, uma vez que se acompanharam outras publicações para o mesmo jornal por mais quatro anos (1882-1886). Com publicação aos domingos, Júlia Lopes publicou seus contos em seção chamada *Folhetim* e, posteriormente, na coluna *Literatura. Além dessas* colunas, nas últimas publicações da autora no jornal campineiro, Júlia Lopes publica na coluna *Leitura Popular*, na qual constam escritos sob o título *Nossas Casas*, que verificamos, posteriormente, fazer parte do manual *Livro das*

Noivas (1896), que foi sendo publicado, em repetidas vezes, ao longo das participações de Júlia Lopes nos jornais em que colaborou.

O jornal *Gazeta de Campinas*, fundado pelo advogado e poeta Francisco Quirino dos Santos e por Carlos Augusto Ferreira, começou a circular em 31 de outubro de 1869, semanalmente e bissemanalmente, até chegar à circulação diária. Seu último número é datado de 13 de março de 1888. Com apenas quatro páginas, iniciou com três colunas, mas já possuía seis colunas ao final, e como não podia deixar de ser, com o tempo, incluiu a coluna folhetim no rodapé da folha.

Neste jornal, Júlia Lopes publicou alguns artiguinhos em "série de miniaturas", parte de uma coleção denominada pela autora como "Iluminuras", que se tornou, depois, título de coluna. A princípio algumas destes artiguinhos não traziam a autoria, porém a própria Julia Lopes assume a autoria na edição do jornal Gazeta de Campinas do dia 13 de fevereiro de 1885. Anteriormente, no dia 10 de abril de 1884, três desses artiguinhos foram publicados, "O Calvário"; "Murmúrios" e "Triste consolação". Para conhecimento, transcrevemos o segundo:

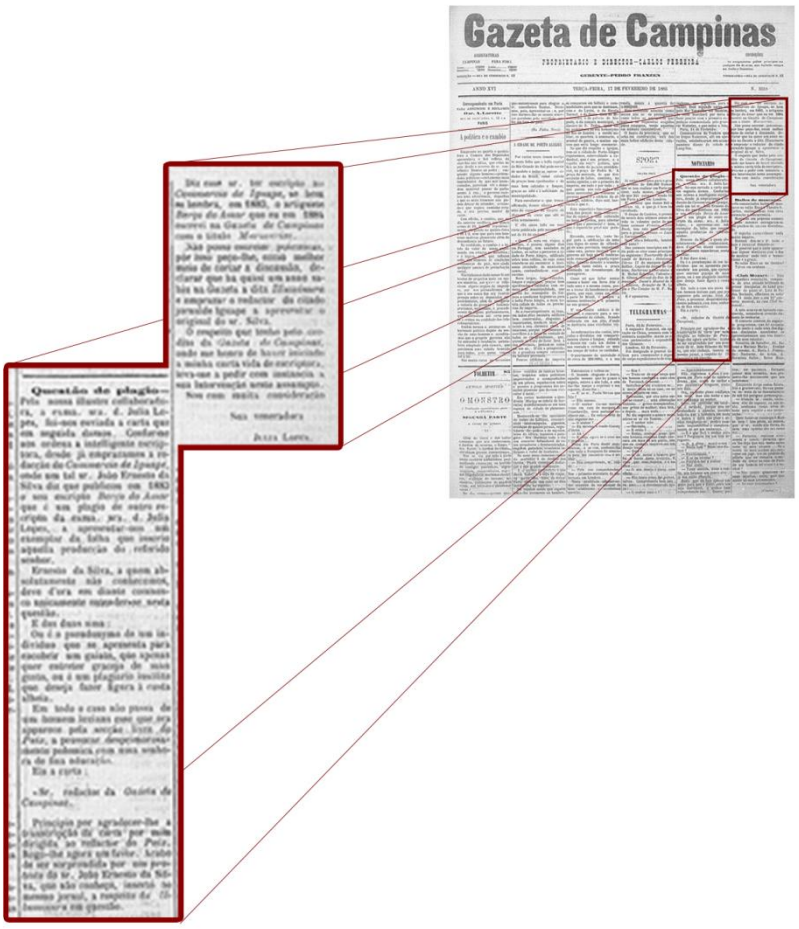
> MURMÚRIOS
> Como é feliz! Embalando-o em um cortejo de fadas gentis. O berço oscila... oscila... todas as estrelas o iluminam, todos os suaves perfumes o envolvem!... Não há nada mais bonito; nem madrugadas claras, nem rumores de asas... nem mar... nem céu!... O anjo dorme?... mas a sua alma espraia-se como nas azuladas águas do lago se espraia feliz planta aquática, mimoso batel de borboletas brancas, como espalha o sol a sua luz, ferindo e dissolvendo as nuvens tristes... como sob o luar, o mar se alarga e canta!... embalai-a, sempre, embalai-a de manso fadas gentis, oh! Doces esperanças! Quem é essa criança... é o amor, e o berço – o coração... (GAZETA DE CAMPINAS, 10 de abril de 1884, p.1)

Fonte: Gazeta de Notícias, 10/04/1884

Figura 1: “Murmúrios”, da coluna “Iluminuras”, de Júlia Lopes de Almeida

A autora utiliza elementos da natureza para descrever as emoções e sensações provocadas pelo sentimentalismo, metaforizando o amor que está sendo embalado a exemplo de uma criança ao berço. Este artiguinho foi motivo de contenda, pois Júlia Lopes questiona o jornal *O País* (1884-1930) sobre a publicação de um “artiguete”, que segundo a escritora seria um “plágio” de “Murmúrio”. Após publicação da nota queixa da autora, o leitor acusado de plágio se manifestou e o jornal divulga sua correspondência, da qual transcrevemos um trecho:

> Colaborei em diversos jornais de minha província – que é a de S. Paulo - e em 1883 fiz publicar em um deles, salvo engano, no *Comercio de Iguape*, o artiguete – *Berço de amor*. Agora publiquei no Fantasma n. 3, do 5º ano, do Clube dos Democratas, e transcrito nesta folha... Nunca li escrito algum da Exma. Sra. Júlia Lopes, nem a *Gazeta de Campinas*, em que colabora; são duas entidades que não tenho a honra de conhecer... Como é possível que eu, escrevendo *O Berço* em 1883 e a Exma. Sra. Júlia Lopes em 1884... Então pergunto: - Quem é o plagiário? (*O País*, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1885)



Fonte: Gazeta de Campinas, 17/02/1885

Figura 2: Coluna “Noticiário”, Júlia Lopes reclama de plágio.

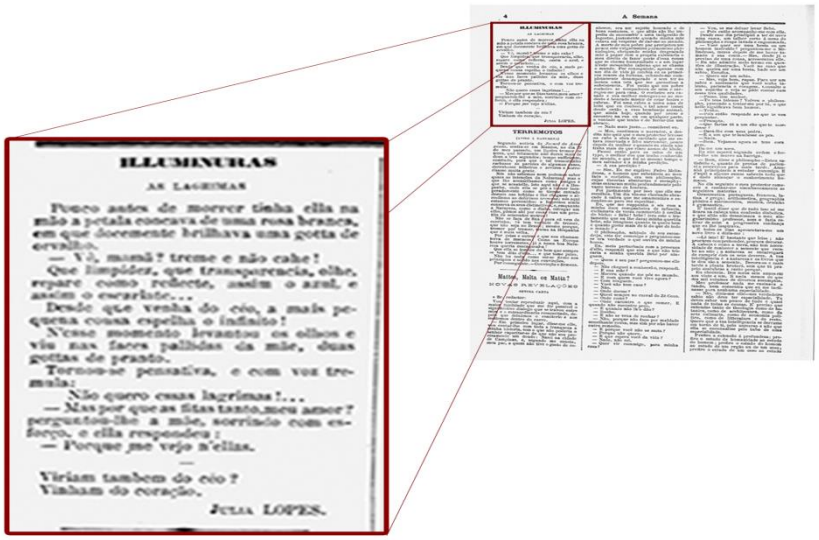
O certo é que a questão ficou exposta, não havendo como estabelecer a verdade, uma vez que não foi mostrada a cópia do jornal *Comercio do Iguape,* no qual o leitor afirmou ter escrito a primeira vez em 1883. Contudo, ao final de sua defesa, o leitor deixa um recado insinuativo à escritora: “reflita a colaboradora da *Gazeta de Campinas*; reflita jovem comprovinciana. A minha assinatura... talvez traga alguma recordação, João Ernesto da Silva”.

No entanto, ao tomar conhecimento desta resposta no jornal *O País*, três dias depois, o *Gazeta de Campinas* através da coluna “Noticiário”, atendendo solicitação da escritora Júlia Lopes, intima a redação do jornal *Comércio de Iguape* a apresentar um exemplar da folha publicada pelo referido senhor, ao tempo que informa que esse assunto agora seria tratado, unicamente, pelo jornal, que acrescenta:

> E das duas uma: ou é o pseudônimo de um indivíduo que se apresenta para encobrir um gaiato, que apenas quer entreter gracejo de mau gosto, ou é um plagiário insólito que deseja fazer figura à custa alheia. Em todo o caso não passa de um homem leviano esse que ora aparece pela "Seção livre" do País, a provocar, desprimorosamente, polêmica com uma senhora de fina educação. (GAZETA DE CAMPINAS, 17 de fevereiro de 1885, p. 1)

A defesa de Júlia Lopes pelo jornal *Gazeta de Campinas,* em torno desse episódio, demonstra o grau de respeitabilidade que a escritora Júlia Lopes tinha conquistado. Finalizando esse enredo, Júlia Lopes afirma que já *havia* lido seus "artiguinhos", repetidas vezes, nos jornais de diversas províncias, mas tendo a cada encontro uma verdadeira surpresa em virtude das alterações efetivadas seja no artiguinho ou mesmo nos títulos. No entanto, de acordo com Barbosa (2011, p.11) copiar, adaptar, cortar e parafrasear eram práticas comuns aos periódicos do século XIX, e em muitos casos constava a fonte de onde eram extraídos os escritos, mas em geral omitia-se essa informação, mesmo porque era prática corriqueira não se colocar o nome do autor nos escritos.

A coluna "Iluminuras" dá a dimensão do espaço já conquistado por Júlia Lopes na imprensa brasileira. Esta coluna foi adotada pela escritora, inicialmente, no jornal *Gazeta de Campinas*, depois no recém-criado *Correio de Campinas* (1885-1919). Ultrapassando a fronteira da imprensa campineira, sua estreia como colaboradora da revista carioca *A semana* dar-se com a iluminura "As lágrimas". A escritora não apenas ganhou espaço na imprensa de dois estados importantes como São Paulo e Rio de Janeiro, como levou a coluna que assinava para mais de um jornal. Essa capacidade de ampliar sua marca através dos escritos mostra um alto grau de autonomia da escritora. Para conhecimento da iluminura, vide figura abaixo:



ILLUMINURAS

AS LAGRIMAS

Pouco antes de morrer tinha ella na mão a petala concava de uma rosa branca, em que docemente brilhava uma gotta de orvalho.

— Vê, mamã? treme e não cahe!

Que limpidez, que transparencia, olhe, repare como reflecte, assim o azul, e assim o escarlate...

Desde que venha do céo, a mais pequena cousa espelha o infinito!

N'esse momento levantou os olhos e vio nas faces pallidas da mãe, duas gottas de pranto.

Tornou-se pensativa, e com voz tremula:

— Não quero essas lagrimas!...

— Mas por que as fitas tanto, meu amor? perguntou-lhe a mãe, sorrindo com esforço, e ella respondeu:

— Porque me vejo n'ellas.

—

Viriam tambem do céo?
Viriam do coração.

JULIA LOPES.

Fonte: *A Semana*, 28/02/1885.

Figura 3: “As lágrimas”, na coluna “Iluminuras”, de Júlia Lopes de Almeida

Nesta revista, entre outros artigos, a escritora publicou ainda várias “Iluminuras”, que podem caracterizados como escritos pequenos, como já mostramos anteriormente. De acordo com Barbosa (2007, p.22), não temos um nome para este gênero de escrito, uma vez que alguns gêneros estiveram muito presentes no cotidiano e na cultura letrada do século dezenove, mas foram excluídos do cânone e, hoje, estão esquecidos, sendo que alguns foram apagados pela história da literatura.

Utilizando a mesma iluminura “Mutações”, Júlia publica na revista *A Semana*, na edição do dia 21 de março de 1885 (p.1) e no recém-fundado jornal *Correio de Campinas* (1885-1919)*,* na edição de 24 de março de 1885 (p.1), três dias depois. O termo “Iluminuras” também foi mantido pela escritora no título do seu primeiro livro de autoria individual, *Traços e Iluminuras (1887*). Este livro, concluído e editado em volume em Portugal, traz alguns contos que foram publicados em periódicos brasileiros como *Gazeta de Campinas*, *A Semana* e *A Família*.

Por fazer parte de uma família culta e conhecedora do ambiente das letras, não era segredo para Júlia Lopes, mesmo tão jovem, que contribuir para jornais ou revistas no século XIX era imperativo, para quem desejava ser escritora, não havendo perspectiva de sucesso fora da imprensa. Portanto, um passo definitivo foi dado no dia 28 de fevereiro de 1885, quando Júlia Lopes

toma um assento neste "*bonde"* guiado por Valentim Magalhães, passa a colaborar para *A semana*.

Essa empreitada ocorreu quando, no inverno de 1885, Júlia Lopes vai ao Rio de Janeiro passar uma temporada na casa da irmã Adelina Lopes, que havia casado e residia na Corte. Como escritora, Adelina convivia com intelectuais da capital do império, lugar favorável, e ao mesmo tempo um espaço de exposição e interlocução, para que ela se tornasse uma escritora e, pela mão da irmã, Júlia Lopes conheceu Olavo Bilac e Valentim Magalhães, entre outros intelectuais. Durante sua estadia no Rio de Janeiro, Júlia recebeu o convite para fazer parte de *A Semana*, periódico publicado aos sábados. Esta revista foi:

> Criada e patrocinada pelos fraternais amigos Filinto de Almeida e Valentim Magalhães (...) Ele e Filinto de Almeida atraíram para as páginas de *A Semana* nomes consagrados como Araripe Jr., Olavo Bilac e Lúcio de Mendonça. (...) A revista para a qual Júlia Lopes de Almeida colaborava frequentemente chegou a ter grande circulação, tornando-a muito conhecida (ELEUTÉRIO, 2005, p. 79).

No primeiro número de *A Semana,* datado de 3 de janeiro de 1885, sob a direção de Valentim Magalhães, o editorial da terceira página informa que a revista teria várias seções, que ofereceria aos leitores uma notícia curta, satisfatória e imparcial. Com o intuito de auxiliar jovens escritores de talento, seriam aceitos trabalhos literários, pagando-os ao seu autor de conformidade com a tabela da revista, tabela não exposta no editorial. Após transcorrer sobre os direitos dos leitores, o editor estabelece uma metáfora entre o periódico e um bonde: "Depois de exibido o passe, feitos os comprimentos e derramado o latim do estilo, queira o respeitável condutor tocar a campainha: - siga o bonde! E dê-nos Deus boa viagem!"

Como havia ido ao Rio de janeiro apenas para uma temporada na casa da irmã, Júlia Lopes retorna para casa dos pais em Campinas-SP e, mesmo na cidade do interior paulista, Júlia Lopes continua a colaborar em *A Semana*, não interrompendo nem mesmo quando, em 23 de março de 1886, muda-se com a família para Portugal. No período em que morou na Europa, Júlia Lopes continuou publicando artigos na revista *A Semana*.

Escrever para a revista *A Semana* trouxe notoriedade para a escritora Júlia Lopes já que se tratava de uma revista com colaboradores respeitados; a tríade parnasiana Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia; o grande Machado de Assis e Artur Azevedo, e sede na corte, local dos grandes jornais da época. Sua participação na revista teve dois momentos: o primeiro de 1885 a 1887. Neste período, Júlia Lopes publicou contos e diários de viagem descrevendo suas viagens entre os países europeus, suas impressões sobre os lugares e sua cultura. Depois de uma pausa, a escritora volta a publicar na revista, em 1894, mais dois contos: “In extremis” e “A caolha”, que fazem parte do livro *Ânsia eterna*.

A estadia de Júlia Lopes no Rio de janeiro abriu não apenas as portas da revista *A Semana*, mas levou a escritora a publicar um escrito intitulado “A mesa”, na coluna “Variedades”, da revista feminina *A Estação*, do dia 30 de setembro de 1885. Esse mesmo artigo, que fez parte posteriormente do manual *Livro das Noivas*, foi publicado também pelo jornal *Gazeta de Campinas,* em 8 de outubro do mesmo ano.

O jornal Gazeta de Campinas, de 24 de março de 1886 (p.01), divulgou na coluna “Noticiário” uma nota sobre a partida da família de Dr. Valentim da Silveira para a Europa, destacando a multidão que fora se despedir dos Lopes da Silveira. A mudança para Portugal tinha a intenção, por parte dos pais de Júlia Lopes, de provocar, com a distância, o fim do namoro da filha com o escritor e gerente da revista *A Semana*, Filinto de Almeida (FANINI, 2010). O romance começara no período que a jovem escritora esteve na corte e iniciou sua colaboração para a revista carioca. Contudo, nada impediu que Filinto de Almeida fosse a Portugal e, em 28 de novembro de 1887, acontece o casamento dos escritores. No ano seguinte, o casal retorna ao Brasil. O amigo do casal Artur Azevedo, dá a sua maneira, as boas vindas aos escritores pela sua coluna “Croniqueta”, da revista *A Estação:*

> Parabéns igualmente à crônica e à poesia. Filinto de Almeida aí está de volta do seu passeio à Europa. Vem gordo, fero e até – quem o diria? – bonito! ... Ah, Paris! Paris!... Filinto foi solteiro e veio casado. E sua esposa D. Júlia Lopes, a escritora de mérito a que se devem *Contos Infantis e Traços e Iluminuras* (*A Estação*, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1888, p. 63).

No período de 1889 a 1895, o casal fixa residência em São Paulo. Filinto de Almeida exerce mandato de deputado estadual, e assume o cargo de editor-chefe de *O Estado de S. Paulo*, de cujo quadro de colaboradores sua esposa, agora assinando com o nome de casada, Júlia Lopes de Almeida, também fazia parte. Neste jornal, Júlia Lopes publicou escritos do manual *Livro das Noivas*. Durante o período em que morou em São Paulo, a escritora se dividiu entre as funções de dona de casa e de mãe. Teve três gestações sucessivas; vê nascerem e morrerem, um após o outro, dois bebês, Adriano e Valentina. Desloca-se para o Rio, em meados de 94, para dar à luz o filho Albano – e ainda terá de suportar, no início de 95, a perda da mãe (DE LUCA, 1999). Ainda que a estadia paulistana tenha sido atribulada, a escritora alcançou o prestígio pela divulgação de seus trabalhos.

Um ano antes do casal de escritores morar em São Paulo, em 18 de novembro de 1888, Josephina Alvares de Azevedo funda a revista *A Família* (1888-1894), que se apresenta como um "jornal literário dedicado à educação da mãe de família", publicado uma vez por semana. Júlia Lopes é convidada a participar como colaboradora, publicando contos, contos infantis e crônicas. O jornal permaneceu na capital paulista até maio de 1889, quando sua diretora decide mudar para a corte, permanecendo no Rio de Janeiro até o seu fechamento, no ano de 1898.

Em 14 de julho de 1895, em uma pequena nota ao pé da primeira página, o jornal *O País* informa que o poeta Filinto de Almeida deixou a redação de *O Estado de S. Paulo*, e registra a mudança do casal Almeida para o Rio de Janeiro. Mesmo antes, Júlia Lopes de Almeida já havia iniciado seu vínculo com periódicos cariocas ao publicar um total de 18 contos na revista a *Estação* no período de 1882 a 1897;na *Gazeta de Notícias* publicou o romance *A família Medeiros* e alguns contos no período de 1888 a 1891. Na revista *A Semana*, em 1894, também aparece contos da escritora. No ano de 1892,tem início sua coluna "A Moda" em *O País*, sob o pseudônimo de Ecila Worms, como revela esta pesquisa.

Destacamos uma crônica de Júlia Lopes de Almeida, publicada nas páginas da revista *A Estação* (1879-1904) e repetida, três meses depois, nas páginas da revista *A Família* (1888-1898):

> Ser mãe é:
> Renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância, aos espetáculos em que si ou em que se chora, mas em que o espírito se deleita e se abre avidamente, com a sofreguidão dos sequiosos; é deixar de aparecer nos bailes, de valsar, de ir a*pic-nics* sem temer o sol, o vento, a chuva, uma independência feliz; é passar as noites em um cuidado incessante, em sonos curtos, leves, com o pensamento sempre preso à mesma criaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de susto, de trabalho e de prevenções, mas que a faz abençoar a ignota Providência de a ter feito mulher para poder ser mãe![14] (*A Família,* Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1889, p. 5).

A colunista unifica a construção da identidade feminina à *performance* dos papeis de mãe, esposa, administradora do lar. Mesmo desenvolvendo uma atividade externa ao mundo privado, do papel “doméstico feminino”, o fazer social da mulher, que seria o ato de escrever, não se dissocia do exercício da maternidade. Seu discurso em favor da libertação feminina pela educação e pelo trabalho, ao tempo em que defende a manutenção de algumas condutas femininas, foram estratégias utilizadas pela escritora oitocentista que se tornou "expressão da cultura de seu tempo e de sua classe", sendo preciso considerar "a flexibilidade da 'jaula' representada pela cultura" (SOIHET, 2009, p. 41). Fato que possibilita aos agentes sociais o exercício de uma relativa liberdade, conforme a articulação que estabeleçam com os elementos historicamente postos à sua disposição (CERTEAU, 2014).

Em sua participação ativa na revista *A Mensageira*[15], Júlia Lopes de Almeida chama a atenção dos leitores para os direitos da mulher, principalmente o direito à instrução, tema recorrente em sua produção literária e jornalística. No primeiro número da citada revista, no artigo de abertura intitulada "*Entre amigas*”, ela discorre:

> Não é sem algum espanto que eu escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres! (...) A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode

[14]Este excerto, posteriormente, fez parte do *Livro das Noivas*, um manual da escritora Júlia Lopes de Almeida.
[15]*A Mensageira* foi uma revista literária dedicada à mulher brasileira, lançada por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), circulou em São Paulo, entre os anos de 1897 a 1900. (AMED, 2010)

> fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de ação prejudicial à mulher na família, que é a bem da própria familia principalmente d'ela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita. (*A MENSAGEIRA*, 1897, p.3)

Júlia Lopes de Almeida destaca instrução e entusiasmo femininos como elementos primordiais para romper com as adversidades a fim de que a mulher possa alcançar autonomia, posição que a própria escritora conquistou dentro do espaço jornalístico. As afirmações de Júlia Lopes se referem às mulheres que estiveram relegadas ao ambiente doméstico e subalternas ao poder das figuras do pai e do marido. Essa imagem da mulher foi cristalizada na sociedade e foi repassada a todos os seguimentos sociais.

Em virtude de seu prestígio junto aos pares e aos leitores, no dia 31 de março de 1893, o diretor da revista *A Estação*, Valentim Magalhães, fez uma referência a sua colaboradora Júlia Lopes de Almeida:

> As colunas da *Gazeta de Noticias* têm tido a fortuna de se iluminarem com artigos vários da sua operosa e delicada pena – narrativas, modas, conselhos às mães e esposas, apreciações literárias., etc. À espera de uma edição digna, tem um livro inédito, destinado, creio, a um belo e duradouro sucesso, e do qual já conhecem as leitoras da *Estação* alguns excertos – *O Livro das noivas* (Valentim de Magalhães, Rio de Janeiro, 31 de março de 1893, p.31)

Ao se dirigir aos leitores da revista, o editor e amigo[16] da família Almeida reporta-se à específica clientela feminina do jornal, a quem ele já informa interessar a temática do novo livro. Comprova-se assim o que afirma Barbosa (2007, p.73): "Algumas resenhas e comentários eram frutos da amizade, do patrocínio e, muitas vezes, do pagamento que o autor fazia para ter seu livro comentado, citado em um jornal". Esta prática de aproveitar as redes de afinidades para publicar obras em jornais, nos quais existiam pessoas do círculo de amizades do escritor, foi muito comum na segunda metade do século XIX:

[16] Valentim de Magalhães quando criou *A Semana* tinha como redator fixo e gerente o amigo Filinto de Almeida

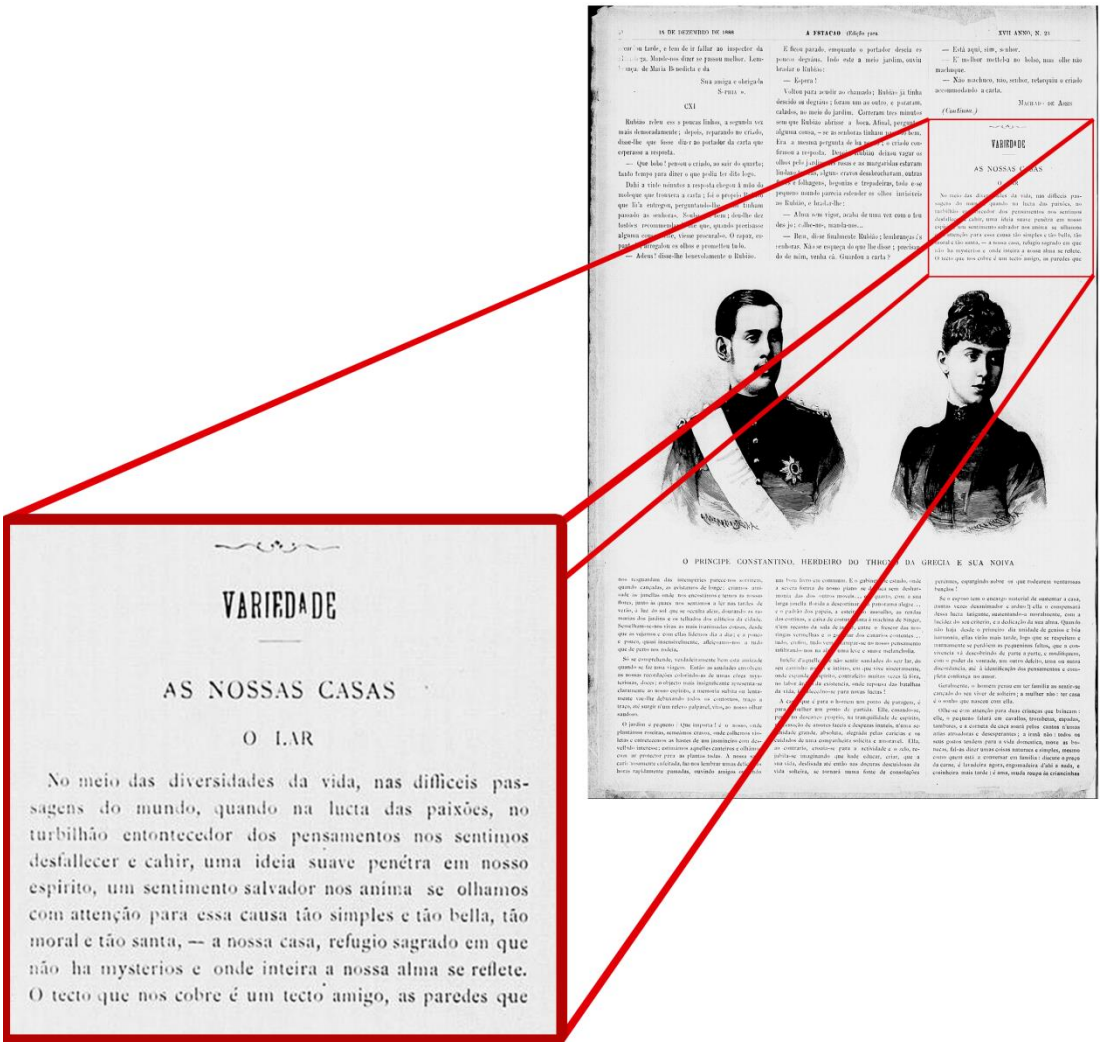
> Quando iniciou sua carreira na capital, Aluísio Azevedo costumava publicar seus romances no periódico de seu irmão e em outros nos quais havia alguém com quem mantinha laços de amizade. (...) Em 1880, começou a publicar os *Mistérios da Tijuca* em folhetins no primeiro número da *Folha Nova*, onde trabalhava o redator Joaquim Serra, seu conterrâneo. Em 1884, passou a publicar seus romances em *A Semana*, do também seu amigo Valentim Magalhães (AUGUSTI, 2010, p.123).

Ser escritor ou escritora no Brasil não era fácil, a contribuição em jornais e revistas no século XIX era imprescindível a qualquer aspirante ao posto de escritor, não havendo perspectiva de sucesso fora dele. Apesar de citarmos apenas exemplos de Aluísio Azevedo e Júlia Lopes, cabe ratificar que essa tática era bastante utilizada pelos escritores da época. No caso específico da escritora Júlia Lopes tivera as portas da grande imprensa abertas para ela, pois seu sucesso provinha também da grande aceitação do público leitor.

Em 1888, quando do seu retorno da Europa, então casada com o poeta Filinto de Almeida, recomeça a publicar na revista *A estação*, na coluna mesma "Variedades", na qual já havia publicado anteriormente. Inclusive, o autor da coluna "Croniqueta", Eloy, o Heroe, traz a seguinte nota:

> O último número da *Estação* não trouxe *Chroniqueta*: a minha prosa foi substituída por um lindíssimo conto de Júlia Lopes. As leitoras, que lucraram sensivelmente com a troca, devem essa felicidade ao fato de ter eu caído enfermo justamente na ocasião em que tinha de remeter os autógrafos para a tipografia. (*A Estação*, 15 de dezembro de 1888, p. 92)

Na Estação, Júlia Lopes publicou, no período de 1885 a 1891, escritos que posteriormente, em 1896, iriam fazer parte como capítulos de seu manual *Livro das Noivas* ("A mesa", "Ser Mãe", "Belas Artes", "Higiene", "Concessões para a felicidade"). Os escritos tratam do zelo e da organização do lar, das obras de artes tão cara para a questão cultural da mulher. Voltada para o público feminino, com o período de publicação quinzenal, *A Estação* começa a circular no Brasil em 15 de janeiro de 1879. A revista continha um caderno de modas de origem parisiense e um suplemento literário escrito por brasileiros. Para ciência, segue figura:



VARIEDADE

AS NOSSAS CASAS

O LAR

No meio das diversidades da vida, nas difficeis passagens do mundo, quando na lucta das paixões, no turbilhão entontecedor dos pensamentos nos sentimos desfallecer e cahir, uma ideia suave penétra em nosso espirito, um sentimento salvador nos anima se olhamos com attenção para essa causa tão simples e tão bella, tão moral e tão santa, — a nossa casa, refugio sagrado em que não ha mysterios e onde inteira a nossa alma se reflete. O tecto que nos cobre é um tecto amigo, as paredes que

Fonte: *A Estação*, 15/12/1888

Figura 4: Fragmento do manual *Livro das Noivas*, na coluna “Variedade”.

A página do periódico acima traz o segundo escrito da autora na revista *A Estação* depois do seu retorno ao Brasil e ao Rio de Janeiro. Seu escrito divide página com o folhetim *Quincas Borba* publicado por Machado de Assis e a coluna “Croniqueta” do teatrólogo Artur Azevedo. É compreensível a adoção dessa obra da autora pela revista *A Estação,* uma vez que a maioria dos seus leitores é do universo feminino, e o manual *Livro das Noivas* é uma leitura direcionada, especificamente, para as mulheres, e aparece no suplemento literário da revista sob o título de “As Nossas Casas”. Destacamos que este título aparece em publicação nos jornais *Gazeta de Campinas, A Semana* e *Gazeta de Notícias*, para citar os mais importantes jornais em que a escritora

colaborou, o que nos leva a afirmar que Júlia Lopes repetia alguns escritos nos variados jornais em que colaborava.

Nas últimas décadas do século XIX, Júlia Lopes passa a ocupar na imprensa carioca um lugar de consagração, colabora *Gazeta de Notícias*, mais um grande periódico em que publicou sua obra de ficção. Para Sodré (1966), o aparecimento do jornal *Gazeta de Notícias*, um jornal barato, liberal, muito popular, foi um grande acontecimento jornalístico “em 1874”. Chamamos a atenção para a data informada por Sodré, pois se trata de um equívoco do historiador. O Jornal *Gazeta de Notícias* surge exatamente em dois de agosto de 1875.

O prospecto do primeiro número da *Gazeta* informava que: “Além d’um folhetim romance, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a *Gazeta de Notícias* se propõe trazer aos seus leitores”.

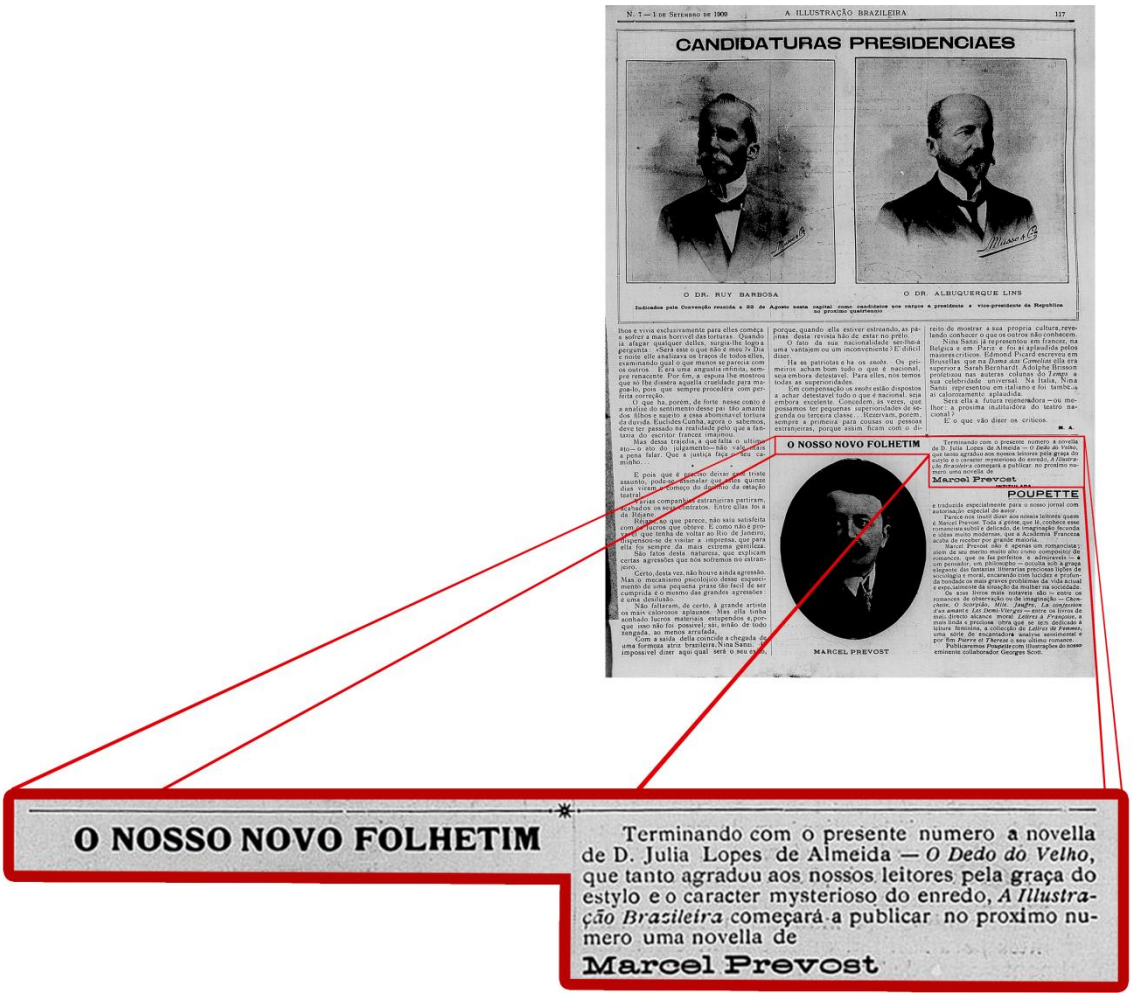
De acordo com Marlyse Meyer, o termo folhetim obteve alguns significados e pode referir-se tanto à crônica mundana (“o folhetim-colibri”, no dizer de Alencar) quanto à crítica literária (de teatros e óperas). Porém a principal distinção a se fazer é a seguinte: há o termo geral folhetim, que se refere ao modo de publicação fragmentada em jornais e revistas, usados desde o século XIX e, durante muito tempo, para qualquer romance (diz-se, então, que é um romance em folhetim); e o termo específico romance-folhetim, referente ao romance que possui uma determinada estrutura e temas recorrentes, como o “de heróis românticos, mosqueteiros e vingadores, o de heróis canalhas, de mulheres fatais e de sofredoras, de crianças trocadas, raptadas, abandonadas, de ricos maldosos e pobres honestos, de peripécias mil desdobradas numa forma”(MEYER, 2005, p. 16).

Diante dessas características, ao romance-folhetim impetrou-se uma conotação negativa; porém já vimos com alguns exemplos da obra de Júlia Lopes de Almeida que não se trata de uma constituição invariável ou homogênea. Diga-se de passagem, que há bons e maus autores de folhetim. Cabe apenas averiguar e evidenciar que este gênero que brotou no Brasil em 1836, ainda que considerado uma forma “bagana” de ficção em prosa e podendo parecer ingênua e superficial nos dias de hoje, trouxe procedimentos

literários inovadores, à época. Suas exigências próprias de cortes de capítulos, de fragmentos não necessariamente suprime a impressão de continuidade; os romances, tais como, *A Moreninha, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Cruel Amor*, bem como outras obras de autoria de Macedo, Machado e Júlia Lopes de Almeida, dentre outros, publicados, sob forma de folhetim, podem servir de exemplos; pode-se dizer com propriedade que, apesar de terem sido publicados em folhetim, não eram romances folhetinescos, graças à preocupação formal e à estética da obra.

No jornal *Gazeta de Notícias*, Júlia Lopes escreve alguns contos e crônicas, inclusive escritos de sua obra de maior circulação: *O Livro das Noivas*. No período de 17 de outubro a 27 de dezembro de 1891 aparece seu romance *A família Medeiros,* publicado na seção folhetim, no rodapé da primeira página do jornal. Outro romance que ocupou as páginas da *Gazeta* foi um dos livros mais comentados da autora: *A viúva Simões* (1897). Diferentemente, do romance *A família Medeiros* que foi publicado no rodapé do jornal, a narrativa *A viúva Simões* ocupou as duas colunas da direita, com destaque para o título.

A Ilustração Brasileira (1901-1958)foi outro importante periódico que teve Júlia Lopes como colaboradora. Em 1909, a revista ressurge depois de circular de 1901 a 1902. Seu primeiro número, da segunda fase, veio ao púbico no dia primeiro de junho de 1909 e já consta da lista de colaboradores do Brasil o nome de Júlia Lopes de Almeida, pois existia uma lista de colaboradores do exterior. O frontispício da revista assim permaneceu até junho de 1914, no entanto D. Júlia viajara para Paris em abril de 1913, permanecendo por lá até o ano de 1914, ou seja, seu nome permanecia como colaboradora sem que ela estivesse publicando com regularidade. Anteriormente, a escritora publicou sua novela no espaço folhetim do jornal. Para conhecimento, segue figura:



Fonte: A Ilustração Brasileira, 01/09/1909

Figura 5: Informação sobre fim de publicação da novela *O dedo do velho.*

No exemplar acima, há a informação do encerramento da publicação da novela O d*edo do Velho*, autoria da escritora Júlia Lopes de Almeida, divulgada no suplemento literário. Essa novela compõe, juntamente com mais três novelas: “A isca”, “O homem que olha para dentro”, “O laço azul”, o livro que traz o mesmo título da primeira novela *A isca*, publicado em volume em 1922.

O Jornal do Comércio (1827-atual)foi o jornal que mais publicou romances da escritora, no rodapé da terceira página, inclusive se diferencia dos outros em que a escritora publicou, uma vez que a publicação dos seus romances se dava na própria coluna em que ela colaborava. No início do século XIX, o folhetim, *le feuilleton,* a princípio designa um lugar específico, ou seja, um lugar geográfico dos jornais franceses: o rés-do-chão, ou rodapé. Esse espaço era dedicado a diversas atrações de entretenimento,

deliberadamente frívolo. (MEYER 2005, p.57, NADAF, 2002, p.17). Vale a pena registrar que neste jornal, também, foi publicada a peça de teatro *A Herança* (1908), trabalho que trouxe a Julia Lopes de Almeida muitas considerações elogiosas.

Apesar de não escrever apenas para o público feminino, é inegável que publicações de temática sobre o mundo doméstico e didático contribuíram para que D. Júlia estrategicamente tivesse uma abertura e o respeito não apenas de seus pares como também de um público, sendo convidada a colaborar na *Revista Feminina* de São Paulo (1914-1936). No período de dezembro de 1916 a março de 1918, Júlia Lopes passa a ser colaboradora da *Revista Feminina*, uma das mais importantes para o público feminino do início do século XX, com matérias direcionadas para as mulheres, com seções de ensinamentos para os papeis femininos, ou seja, de esposa e de mãe (LIMA, 2007). Os escritos eram contos extraídos dos seus livros: *Eles e Elas* (1910) e *Maternidade* (1925), bem como artigos em que falava dos direitos das mulheres. Para ciência, segue figura:

As senhoras brasileiras

Vimos novamente insistir junto ás nossas patricias para que secundem a nossa obra, que a todas deve interessar. Ha dois annos estamos empregando os mais abnegados esforços para a manutenção da nossa Revista, sempre na esperança de ver cer a indifferença das nossas patricias, pelos assumptos que mais as deveriam enthusiasmar, como sejam os que constituem o nosso programma.

Nos dois annos que são decorridos, terão visto, as nossas leitoras, que não se trata de uma publicação commercial, visando lucros ou interesses secundarios. A nossa Revista representa ao contrario um gesto abnegado de altruismo. Creamol-a pela necessidade premente, de que se resentia o nosso meio, de uma leitura san, moral e que ao lado da parte recreativa e litteraria, collaborasse efficaz e directamente na educação domestica e na orientação da espirito feminino. Não tivemos, não temos e não teremos, nenhuma pretenção descabida: o nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar, nem reformar; o que deseja é apenas, collaborar na medida de suas forças, para a educação feminina.

As revistas do genero da nossa são no extrangeiro, acolhidas com enthusiasmo e as senhoras porfiam em propagal-as e auxilial-as. E' a razão pela qual ha na Europa e na America do Norte, magnificas publicações femininas, muitas das quaes circulam largamente entre nós. A mulher brasileira não é menos intelligente, nem menos instruida do que a europea ou a yankee e só ha uma explicação para o facto de não ter tido até agora, uma publicação, á altura dos seus meritos: — e é a não se ter ella querido interessar com enthusiasmo, pelas diversas tentativas, que em tal sentido, têm sido feitas.

E' bem verdade que a *Revista Feminina* conta com o auxilio desinteressado e enthusiasta de um grupo de patricias, que sabem aquilatar a extensão do nosso esforço. E' porém um grupo relativamente pequeno e que apesar de toda a sua optima coadjuvação, não pode fornecer-nos os elementos de que necessitamos, para a realização do nosso programma.

Nós queremos e devemos ter um magazine feminino que rivalise com os melhores da Europa e poderemos tel-o com o concurso de dez ou doze mil assignantes. Ora para attingir este numero, basta que cada uma de nossas actuaes leitoras nos envie uma unica assignatura. Uma unica, attendam bem!

Como o preço de nossa assignatura annual é muito modico, não ha uma só das nossas leitoras, que não possa conceder-nos o auxilio que lhe pedimos.

Diariamente chegam-nos cartas e cartas de applausos e de encorajamento; quão felizes seriamos nós, si cada uma dellas, viesse acompanhada de uma nova assignatura!

Toda a nossa anciedade é exclusivamente por melhorar a nossa Revista, augmentar-lhe o numero de paginas, ampliar-lhe as sessões, principalmente de modas e trabalhos, distribuir amostras e riscos — realizar emfim o que realizam todas as grandes publicações femininas do Velho Mundo.

Não pedimos e não queremos lucros; toda a renda que pudermos apurar será empregada em melhorar a Revista; é o que temos feito até hoje e quem cotejar um dos nossos primeiros numeros, com os actuaes, verá onde poderemos chegar si tivermos o apoio e o auxilio das nossas patricias.

Queremos fazer da nossa Revista a verdadeira e indispentavel leitura do lar e novamente pedimos, ás nossas generosas patricias, que nos enviem novas assignaturas e collaborem assim comnosco, para o triumpho de uma idea tão linda e tão nossa!

Virgilina de Souza Salles

D. Julia Lopes de Almeida

Publicamos hoje mais um trabalho inedito de uma das nossas mais brilhantes escriptoras, D. Julia Lopes de Almeida, cujo estylo purissimo e formoso, tem uma admiradora em cada uma de nossas leitoras. D. Julia Lopes de Almeida, a encantadora conteuse, a deliciosa auctora dramatica, a empolgante romancista, apresenta-se hoje ás leitoras da nossa Revista, sob um novo aspecto de seu espirito admiravel: — o de escriptora social. O artigo — A epoca das possibilidades — com que D. Julia Lopes abrilhanta hoje as paginas de nossa Revista, é um estudo interessantissimo dos novos aspectos que vae assumir o feminismo, após a guerra europea. E' um artigo que vale por todo um volume e no qual, em linguagem clara e fluente, de uma deducção impeccavel, a brilhante escriptora demonstra a evidencia, o papel que está reservado á mulher, na formação da sociedade futura. Agradecemos á nossa grande escriptora, mais esta prova de carinho que dá á nossa modesta *Revista* e recommendamos ás nossas leitoras, o seu magistral artigo.

COMO ENFEITAR MINHA CASA

Escreve-nos uma de nossas assignantes:

« Entre os trabalhos interessantes de senhora, não é o « maqueado » o mais original, mas delle se podem tirar excellentes recursos de ornamentação. E' simples, necessita de pequenino material e não exige grande trabalho ou grandes aptidões artisticas.

O maqueado é feito sobre vidro e com elle se podem fazer fundos de bandejas, de cestos de costura, de porta-alfinetes ou porta-cartões, etc.

Qualquer placa de vidro serve; deve-se procurar apenas um vidro bem liso e sem defeitos.

Escolhe-se o desenho, de preferencia um pouco mais largo para maior facilidade de execução e preferindo os que se possam executar em coloridos brilhantes, quando o fundo deva ser preto.

Colloca-se o desenho debaixo do vidro e passa-se para este com uma penna de escrever ou um pincel muito fino, de preferencia o pincel de marta de pellos longos, proprios para traços, que se molha em « verniz Japão. » Este verniz, dum bello preto acastanhado, tendo por vezes tons dourados, é vulgarmente encontrado em qualquer drogaria.

Além do traço que contorna todo o desenho, devem fazer-se as nervuras da folhagem, e dar em todo o desenho esses pequenos traços que o embellezam e lhe dão vida.

Coloca-se ao direito, em sitio abrigado da poeira, e deixa-se seccar.

Este trabalho apresenta as flôres e ornamentos num colorido brilhante, metallico, sobre um fundo uniforme e baço, apenas com o brilho do vidro com que apparece revestido. Este fundo é ordinariamente preto ou muito escuro, mas póde ser na côr que mais agradar; todavia o trabalho é mais facil e mais bonito sendo o fundo muito escuro.

O trabalho é feito em vidro e presta-se especialmente para tampos de mesa, taboleiros, etc.

Estou actualmente trabalhando o maqueado para porta-retratos e os resultados que tenho obtido são lindissimos. O processo é o mesmo acima indicado: corta-se apenas o vidro, com um diamente de vidraceiro, na parte em que deve ficar a photographia. Na ultima exposição de trabalhos de minha escola concorri com tres trabalhos de maqueado: — Um porta retratos, com a photographia da nossa professora, um porta-alfinetes, fundo em maqueado e lados em seda e a capa de um livro de missa, com uma reproducção sacra. Este ultimo trabalho mereceu um premio.

Chamo pois a attenção das leitoras da sua Revista para o maqueado, que está tão pouco vulgarisado entre nós. *M. S.* »

Au Palais Royal — Rua S. Bento, 72
Grande atelier de costuras. Vestidos phantazia e tailleur. Preços modicos

FONTE: Revista feminina, 01 de março de 1917

Figura 6: Anúncio de colaboração de autoria de Júlia Lopes de Almeida

A revista reforçava seus ideais em favor da mulher e frisava não se tratar de uma publicação comercial, que visasse a lucros, fazia constantes apelos às leitoras para que compartilhassem de seus ideais e colaborassem conseguindo novas assinaturas. Os vários jornais em que Júlia Lopes escreveu têm perfis distintos, mas sua temática a levou para alguns periódicos em que levantava a questão feminina, a função social da mulher.

Com publicação quinzenal, em 15 de novembro de 1919, sai a primeira edição do jornal feminino *Nosso Jornal* (1919-1920), fundado por Cassilda Martins, viúva do diplomata Enéas Martins, tendo como colaboradora Júlia Lopes de Almeida. Segundo Hahner (2003), *Nosso Jornal,* mesmo defendendo o voto feminino, opunha-se ao "feminismo radical" atuante em outros países:

> Essas mulheres [colaboradoras do *Nosso Jornal*] expressavam orgulho pelo fato de o movimento feminista brasileiro alcançar seus objetivos sem a violência e a hostilidade aos homens que se registravam nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, e sentiam-se superiores às "agressivas e intolerantes" combatentes sufragistas inglesas (HAHNER, 2003, 286).

Almeida apoiava o sufrágio eleitoral por acreditar que homens e mulheres deveriam ter o mesmo direito de escolher seus representantes. No entanto, não acreditava ser esse o melhor caminho para a emancipação feminina no Brasil, a verdadeira independência não resultaria apenas do direito ao voto. A crônica "Um pouco de feminismo" mostra que a escritora tinha uma visão crítica sobre o futuro da política, a exemplo desse artigo citado acima, publicado no jornal *O País,* no dia 13 de janeiro de 1908.

> É prudente não se rirem muito da pretensão feminina ao direito do voto... (...) a mim, que tenho os olhos voltados para outras aspirações, essa do direito de voto não me parece valer grandes sacrifícios; (...) Não tenham medo, que à legião brilhante dessas abelhinhas esvoaçadoras nenhum senhor pai da pátria deverá nunca o voto, certo de que para o mistério das urnas só se inclinarão as cabeças grisalhas ou os rostos a que a meditação e o trabalho tenham já atenuado os fulgores, embora ainda cobertos pelos clarões movediços dos véus da idealidade... (*O País*, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1908, p.1).

Quando Júlia Lopes de Almeida fala sobre outras aspirações nos remete ao discurso sobre a importância da educação como instrumento mais eficaz para promover uma mulher mais emancipada, e utilizava de sua produção jornalística e ficcional para efetivar sua opinião, a educação feminina como determinante para que a mulher pudesse educar os filhos, pois desta maneira desempenharia sua função social. De acordo com Sharpe (2004), a verdadeira emancipação da mulher, para Júlia Lopes, resultaria não do direito ao voto, mas das oportunidades educacionais e profissionais.

Segundo Leonora de Luca (1999, p. 277), “Júlia Lopes de Almeida tornou-se uma das poucas mulheres a participar da série de conferências inauguradas por Coelho Neto e Olavo Bilac, motivando polêmicas a respeito do papel da mulher na arcaica sociedade brasileira” – participação que irá culminar com seu engajamento, em 1919, na criação da Legião da Mulher Brasileira, sendo escolhida como presidente honorária da instituição que tinha como divisa “amparar e elevar a mulher”. (HAHNER, 2003).

Ao lado de Berta Lutz (1894-1976) - fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) em 1919 - participou da organização do primeiro congresso feminino do Brasil, em 1922. De acordo com Hahner (2003), Júlia Lopes de Almeida juntou-se a Berta Lutz para receber aqui no Brasil uma ativista feminista norte-americana, Carrie Chapman Catt, em viagem à América do Sul. Em 1931, Júlia Lopes fez o discurso de abertura do *II Congresso Internacional Feminista* que aconteceu no Rio de Janeiro. As conclusões do congresso foram encaminhadas ao presidente Getúlio Vargas, que se comprometeu a empenhar-se pela concessão do voto feminino. Apenas em fevereiro de 1932, foi publicado o novo Código Eleitoral, estendendo o direito de voto às mulheres. (SCHUMAHER, 2000).

Além dos grandes jornais cariocas e paulistas já nomeados, Júlia Lopes teve pequena participação em outros periódicos, alguns de vida efêmera: *A Bruxa* (1896-1897); *Kosmos* (1904-1909); *Revista Fon-Fon* (1907-1958); *Revista do Brasil* (1897-1901).

Roger Chartier (1997) afiança que, durante o século XVIII, alguns intelectuais idealizaram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes. Podemos ressaltar, portanto, o papel de Júlia

Lopes de Almeida em sua ação cotidiana e atuante, marcada justamente pelas estratégias de intercâmbios intelectuais. O longo tempo dedicado ao trabalho nos vários periódicos mencionados, não deixa dúvidas de que seu trabalho jornalístico contribuiu com representações relevantes no que diz respeito aos valores sociais e culturais de seu tempo, o que nos faz acreditar que essas representações tiveram repercussão na construção de seus personagens de seus contos e romances. Ressaltamos que se, por um lado, se a historiografia apresenta lacunas quanto à relevância da produção de Almeida; por outro lado os jornais atestam a existência marcante de sua produção literária e cultural em uma época histórica e, pelo seu papel junto ao mundo intelectual, demonstra quão merecedora é Júlia Lopes de Almeida de ser chamada “mulher das letras”.

A consagração da autora nos jornais ficou evidente pelos tributos recebidos após sua morte, no dia 31 de maio de 1934. A imprensa notificou as homenagens póstumas que se mantiveram alguns anos. Alguns escritores, ao comentarem a importância da escritora, reforçaram o valor de seu trabalho literário, como também enalteceram os predicados morais de Júlia Lopes. O poeta Humberto de Campos comenta da sua admiração pela escritora, através de uma crônica intitulada “Dona Júlia”. Ele relembra quando esteve na casa da escritora em Santa Teresa: “Dona Júlia e Filinto receberam o caboclo nortista como a um velho amigo que tornasse do exílio” (*A Noite*, 2 de junho de 1934, p. 1-2). Dois dias depois, no mesmo jornal, o escritor Jarbas de Carvalho fala sobre a escritora: “Sua esplêndida obra literária assegura-lhe a mais fúlgida imortalidade”. Com grande destaque, o jornal *O País* rende homenagens à escritora, conforme podemos perceber na figura:

A morte de Julia Lopes de Almeida

Com a morte de Julia Lopes de Almeida, perde a nossa literatura um dos seus valores mais altos e mais nobres. Foi uma escriptora na mais rigorosa acepção do vocabulo, e das que mais dignifica-

D. Julia Lopes de Almeida

ram o seu officio através de mais de meio século de uma actividade infatigavel.

Em todos os generos que explorou affirmou-se com o mesmo brilho, quer no apuro da lingua, quer na pureza das idéas e propositos constructores. Não fez o conto, a novela, o romance, o theatro, pelo simples divertimento de animar situações e de encher com frivolidades a ausencia de um pensamento. A sua obra, em qualquer dessas modalidades obedecia a uma intenção superior, a uma finalidade com repercussões sociaes profundas. Poucos, entre nós, conheciam tão bem a technica do romance, o manejo do dialogo, e desenhavam com linhas tão nitidas os seus typos.

Ainda está para ser escripto o perfil da escriptora preclara, a historia da sua vida illustre. Esse será um livro, nos moldes das grandes biographias, em que ella resplandecerá como uma figura solar num ambiente domestico de espiritualidade que ella creou com o seu talento, influindo na formação mental dos filhos que foram seus collaboradores, uns nas bellas-letras, outros nas artes plasticas, todos reflectindo as suas lições de bom gosto e de amor á belleza.

Mas Julia Lopes de Almeida não foi apenas a romancista insigne. A chronica jornalistica teve nella uma cultora das mais fortes do seu tempo. As páginas de O PAIZ guardam, num longo periodo, numerosos dos seus trabalhos desse genero, frutos de observação aguda dos factos.

O ENTERRAMENTO

O enterramento da eminente escriptora realizou-se, hontem, no cemiterio de São João Baptista, com grande acompanhamento.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Julia Lopes de Almeida era filha do visconde de São Valentim e de D. Adelina Pereira Lopes. Nascida nesta capital a 24 de setembro de 1862, foi educada em Campinas, onde collaborou em jornaes e revistas, revelando, ahi, as primicias do seu talento. Seu primeiro romance foi publicado em 1895. Mas, antes disso, já havia D. Julia Lopes de Almeida escripto um livro de contos infantis, em collaboração com Adelina Lopes Vieira, editado em Lisboa e adoptado nas nossas escolas.

Em 1887, casou-se, em Lisboa, com o poeta Filinto de Almeida, da Academia Brasileira de Letras e seu collaborador em várias obras, entre as quaes o romance "A casa verde".

Entre os diversos livros que D. Julia Lopes de Almeida escreveu contam-se os seguintes: "Traços e illuminuras", 1887; "A familia Medeiros", 1892; "Livro das noivas", 1896; "Memorias de moça", 1896; "Viuva Simões", 1897; "A fallencia", 1901; "Ansia eterna", 1903; "Livro das donas e donzellas", 1906; "Historias da nossa terra", 1902; "A intrusa", 1908; "A herança", 1908; "Ellas e ellas", 1910; Cruel amor", 1911; "Quem não perdoa", 1812; "Correio da roça", 1913; "A Silveirinha", 1915.

Deixa D. Julia Lopes de Almeida dois filhos, o poeta Affonso Lopes de Almeida, consul do Brasil em Constantinopla, e Albano Lopes de Almeida, pintor, e duas filhas, a senhorita Margarida Lopes de Almeida, esculptora laureada e brilhante artista de declamação, ora na Europa, e D. Lucia Lopes de Almeida Noronha, pianista de mérito, casada com o Dr. Carlos Noronha.

A Associação Brasileira de Imprensa, logo que soube do desapparecimento da escriptora D. Julia Lopes de Almeida, que fazia parte do seu quadro social, enviou á familia enluctada o seguinte telegramma:

"Repercutiu com grande pezar na Casa dos Jornalistas o desapparecimento da grande romancista brasileira, cuja perda é, para as nossas letras, irreparavel. Queira sua desolada familia receber as condolencias da Associação Brasileira de Imprensa e de seu presidente Herbert Moses."

Fonte: O País, 01 de junho de 1934.p.2

Figura 7: Nota sobre falecimento de Júlia Lopes de Almeida.

Após um ano do falecimento de Júlia Lopes, fundou-se na cidade de Buenos Aires– Argentina, com sede também no Brasil, o Instituto Cultural Argentino Brasileiro que recebeu o nome da escritora brasileira. “O nome da grande escritora Júlia Lopes de Almeida veio dar maior brilho a essa obra que está sendo calorosamente aplaudida nas mãos culturais portenhas e brasileiras” (*A NOITE*, 30/05/1936, p. 2). Três anos depois (1938), o Instituto promove romaria ao túmulo da imortal escritora. Em 1939, o Instituto promove o evento “Dona Júlia e sua obra”, leitura com efeitos radiofônicos de trechos de livros e apresentação de teatro de autoria da escritora. (*A NOITE*, 12/04/1939, p. 5).

Além da imensa atenção dada ao falecimento da escritora pela imprensa brasileira, Júlia Lopes foi homenageada pela Academia Brasileira de Letras, através da sua revista, na qual publica inúmeros depoimentos de seus imortalizados escritores, que ocuparam a tribuna da Academia em sessão pública. A poetisa Maria Eugênia Celso (1886-1963), convidada para a cerimônia, assim se manifesta:

> Pareceu-vos que uma sessão em homenagem a D. Júlia Lopes de Almeida ficaria incompleta se, pelo menos, uma voz de mulher não viesse render à memória da grande bandeirante das letras femininas no Brasil... Se for, portanto em nome da imprensa, da qual me prezo fazer parte, que me compete falar-vos, haveis de permitir que o seja também um pouco em nome das mulheres das letras... Venho trazer à mestra insigne a expressão de nossa reverência e de nossa lembrança amiga (ABL,1935, p. 264).

Ao concluir este capítulo, estamos convencidos de que a obra de Júlia Lopes de Almeida se constituiu pela diversidade de temas e de gêneros, revelando-nos que não se restringe ao romance, perpassa o gênero jornalístico, bem como outras formas narrativas: teatro, conto, a crônica, cartas, e as poucas mencionadas “Iluminuras”. Contudo, o jornal através de seus inúmeros escritos apresentou-se, no conjunto de sua obra, como um aliado, e ao mesmo tempo, uma base que sustentou e deu visibilidade ao trabalho da escritora. A história literária contada pelos jornais imortalizou a grande prosadora que foi Júlia Lopes de Almeida.

2. OS ROMANCES DE JÚLIA LOPES NOS JORNAIS

2.1 Folhetim, uma trajetória...

> Nós todos somos um resultado do jornalismo. Antes da geração dominante não havia bem uma literatura. O jornalismo criou a profissão, fez trabalhar, aclarou o espírito da língua, deu ao Brasil os seus melhores prosadores. Não é em geral um fator bom para a arte literária, e talvez no Brasil não o seja muito em breve, mas já foi e ainda o é (RIO, 1994, p.11).

Com estas palavras, Júlia Lopes de Almeida responde a um questionamento feito pelo escritor João do Rio em relação ao binômio Jornalismo/Literatura. E assim como a própria escritora afirmou, ratificamos a importância do jornal para a divulgação do fazer literário, com destaque para a apresentação dos seus romances. Nosso intuito é situá-la em um merecido lugar entre os grandes prosadores da época que enveredaram, em quase sua totalidade, pelo mesmo percurso literário, isto é, a veiculação em jornais do gênero narrativo muito em voga no Brasil oitocentista, romance sob forma de folhetim.

Pontuar a trajetória de Júlia Lopes de Almeida pela prosa de ficção e pela publicação em folhetim é o que tentaremos fazer nesta seção, procurando destacar alguns momentos do seu trajeto pessoal, importante para desenhar um panorama mais completo da escritora e de seus romances, aditando considerações críticas que possam contribuir para dar relevo a sua produção, uma vez quede um total de dez romances publicados em livros, nove foram, em primeira mão, para as páginas dos jornais.

É importante compreender que o romance definiu-se como gênero forte na literatura brasileira, no terço inicial do século XIX, quando datam algumas produções românticas. Os jornais tiveram papel decisivo para a literatura, para vários gêneros: crônica, contos, teatro, não sendo diferente para os folhetins diários. Ao primarem pela seção *Folhetim*, os jornais contribuíram,

demasiadamente, para a divulgação de romances, servindo de suporte privilegiado e expansivo para circulação de obras estrangeiras e nacionais.

Para Augusti (2010), embora existisse concepção de literatura como diversidade de gêneros, o romance não teve seu lugar garantido nas primeiras composições do cânone e da história literária das letras brasileiras. De gênero menor, com finalidades moralizantes, o romance assistiu na imprensa sua ascensão a obra de arte, gênero por excelência, ao demonstrar a nacionalidade da literatura brasileira:

> O discurso de sua consagração se construiu nas colunas bibliográficas e nas crônicas que, nos jornais, pretendiam dar conta da produção da prosa extraída de romances de José de Alencar, Araripe Júnior, Franklin Távora e Joaquim Manoel de Macedo (AUGUSTI, 2010, p.89).

O gênero romance sofreu duras críticas ao ser considerado inútil pelo discurso moralizante, que via na produção romanesca um instrumento de desvio de conduta para as leitoras, pois estas deveriam ocupar-se em adquirir conhecimentos mais úteis. No entanto, antes da metade do século XIX, já se notabilizava uma nova forma de ver o gênero. A ficção em fatias no jornal passou a ser a grande isca para atrair e segurar os indispensáveis assinantes. No Brasil, a novidade surge nas páginas do *Jornal do Comércio* ao lançar, pela primeira vez, um romance-folhetim traduzido do francês, em 1838,o romance *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas (MEYER, 2005).

Hallewell (1985), ao referir-se ao mundo editorial do final do século XIX, que passava por dificuldades econômicas, escreve:

> O único romancista brasileiro da época a conseguir algum êxito continuado foi Coelho Neto, ele fora publicado no Porto, pela Livraria Chardon de Lelo e Irmão, desde que Laemmert abandonou o ramo livreiro, quase dez anos antes; de qualquer modo, ele tinha mais leitores em Portugal do que no Brasil. Com exceção dele e de pouquíssimos outros (Afrânio Peixoto, Júlia Lopes...), qualquer escritor brasileiro que quisesse ver na imprensa uma obra sua deveria encomendá-la diretamente aos impressores, por sua própria conta, e depois incumbir-se da distribuição. (HALLEWELL, 1985, p. 235).

Notadamente, todos os escritores queriam ver seus trabalhos na imprensa, pois à medida que o sucesso era obtido a partir de suas publicações nos jornais ou revistas no formato de folhetim, em pouco tempo saia a obra em livro, que era amplamente divulgado nos jornais. Para Lajolo e Zilbermam (1988), a presença da literatura em jornais garantiu um público leitor no Brasil e serviu para a consolidação da literatura em nosso país. Não foi diferente para Júlia Lopes, que por ser uma escritora de prestígio junto aos seus pares e pela notória apreciação dos leitores, ela transitou, com extrema habilidade, no universo intelectual da época, o que a fez alcançar popularidade aos seus romances:

> A grande popularidade alcançada pela obra de D. Júlia Lopes de Almeida, quando publicada em folhetins, e a animação com que as famílias esperavam pela entrega do jornal, momento em que todos se reuniam para escutar, quem sabe, o único leitor da casa fazer a leitura do próximo capítulo do folhetim, ou da crônica daquele dia (SHARPE, 2004. p.198)

O romance-folhetim passa a ser essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, independente da autoria e da temática tratada. Desde o começo do século dezenove, o *feuilleton* ou rodapé, designa o lugar preciso do jornal, geralmente na primeira página. O folhetim vai ser completado com a rubrica variedade, que é a cunha por onde adentra a ficção na forma de contos e novelas curtas, originando no Brasil oitocentista a parceria entre a literatura e jornalismo, que andavam de mãos dadas, demasiadamente, juntos:

> Opereta, folhetim e romances chegam ao Brasil como um dos itens da última moda em Paris, e passa a ditar costumes e modos, uma vez que se desenhava a representação de uma sociedade rural francesa que aparecia como um paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império. O gênero folhetim passaria a fazer parte da vida dos leitores brasileiros, já que obteve ampla aceitação por aqui e encontrou, nos precursores nacionais, colaboradores que passaram a escrever e a atender esta nova modalidade de publicação que tanto influenciou os costumes da época. (ALENCASTRO, 2010, p. 43)

Uma consequência peculiar do romance-folhetim foi a de multiplicar e difundir o gosto pela leitura numa época em que nem todos sabiam ler, mas

nem por isso deixavam de apreciar os enredos folhetinescos. O grande público foi conquistado pelo produto específico do romantismo europeu, o folhetim que era o melhor atrativo do jornal (SODRÉ, 1966, p. 279). Tal fato nos é apresentado por Marlyse Meyer em sua obra *Folhetim – uma história (2005)*, na qual ela comenta:

> Considerando-se o nível de analfabetismo no Brasil fica uma pergunta: até que ponto as classes populares podiam consumir os romances ditos populares que lhes eram destinados "naturalmente"? É verdade que, neste país formado pelos padrões da oralidade, onde, nos primórdios do folhetim, dominavam as famílias extensas e casas recheadas de serviçais e, mais tarde, as habitações populares coletivas, cortiços e vilas operárias, há de se levar em conta o efeito multiplicador de uma oitiva coletiva durante os serões (MEYER, 2005, p.379).

Para Meyer (2005), o romance-folhetim [folhetinesco] consiste em histórias de leitura de fácil compreensão, divulgadas em forma de capítulos diários nos jornais, em espaços determinados e destinados à distração, que se constitui com uma simplificação dos personagens, maniqueísmo, suspense, o herói vingador, a jovem deflorada e pura, entre outros.

Broca (1979) explica que o Brasil não podia escapar do caminho do romance-folhetim, pois este gênero dominou quase todos os países no século XIX. Justiniano José da Rocha, notável jornalista político, foi um dos que implantaram o gênero em terra tupiniquim. Tendo estudado em Paris, percebera a grande aceitação do romance-folhetim na França e ao regressar ao Brasil, tratou de publicar nos jornais que aqui passou a dirigir. Fundou o periódico *O Atlante* (1836) e escreveu para O *Chronista* (1836).

Júlia Lopes de Almeida juntamente com autores brasileiros renomados do século XIX tiveram publicações de seus romances em série, sob a forma de folhetim. Inclusive alguns desses escritores entraram para o cânone, como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo, Euclides da Cunha.

> José de Alencar, redator-chefe do *Correio Mercantil*, publicou em seu jornal, durante o mês de dezembro de 1846, o romance

> *Cinco minutos*. A 1° de janeiro de 1847, inicia a publicação de *O guarani*, tendo enorme receptividade. O folhetim ainda servia de teste: se o romance publicado em partes no jornal alcançasse sucesso, era também editado em forma de livro. Alencar, Macedo, Machado de Assis usaram desse processo (BUITONI, 1986, p. 39).

De fato, nem todos os romances publicados em série se adaptaram ao gênero folhetinesco, ou seja, apesar de terem sido publicados em rodapés de jornais, nem todos empregaram estritamente as características folhetinescas. Para Meyer (2005, p.16), "*Quincas Borba*saiu publicado em folhetins, mas não é e nunca foi, um romance–folhetim... (O mesmo se dá com *Sinclair das Ilhas* e congêneres)". Folhetinesco se refere ao romance-folhetim abordado por Marlyse Meyer que é publicado com produções sensacionalistas. Classificação similar é demonstrada por Tania Rebelo Costa Serra (1997) que faz uma diferença entre dois tipos de romance publicado parcelado:

> O romance em folhetim tem preocupações estruturais e temáticas que diferem das do romance-folhetim [folhetinesco], mais voltado ao grande público em busca de diversão, embora esta não seja negada ao romance em folhetim. A diferença básica está nos objetivos literários: **o romance em folhetim** está sempre atento à sua organização interna, com vistas a uma unidade da estrutura narrativa necessária para seu valor estético, enquanto o **romance-folhetim [folhetinesco]** pode ir sendo construído no dia a dia até o total esgotamento da curiosidade do público, o que causa, frequentemente, falhas nessa unidade (SERRA, 1997, p. 21, **grifo nosso**).

A autora supracitada elucida objetivamente a compreensão da estrutura do romance publicado em série em discussão nesta seção. Ao adquirir popularidade, tanto os romances-folhetins (ditos sensacionalistas) quanto os romances em folhetim passaram a ter espaços nos jornais de maior expressão no Rio de Janeiro: *Correio Mercantil, A República, o Diário do Rio de Janeiro, a Gazetinha, A Semana, a revista O Beija Flor, O País, o Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, Tribuna Liberal*, sendo estes quatro últimos responsáveis pelas publicações parceladas dos romances de Júlia Lopes de Almeida.

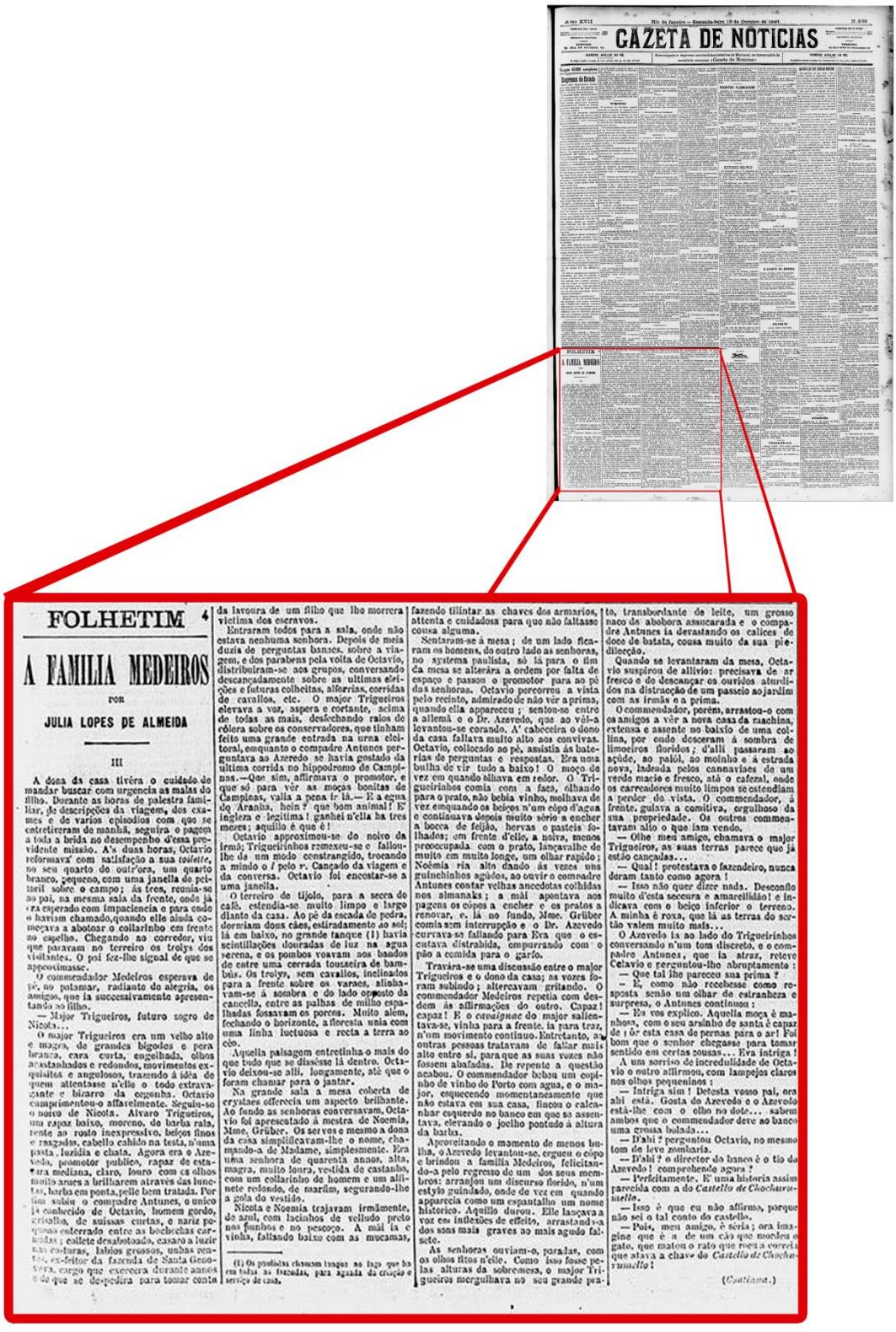
Ao nos depararmos com essa dupla orientação: romance em folhetim ou romances-folhetins (folhetinescos) nos resta observar as particularidades que cada romance de Júlia Lopes carrega em sua estrutura. Vale lembrar que, além

dessas classificações, é possível verificar o folhetim como suporte, ou seja, um espaço vazio no jornal, sem ter assuntos definidos, destinado ao entretenimento. Confirmamos, portanto, que esse espaço era dedicado a diversas atrações de entretenimento, deliberadamente frívolo. (MEYER 2005, p.57, NADAF, 2002, p.17).

Júlia Lopes de Almeida publicou seu primeiro romance em série, *Memórias de Marta*, no jornal *Tribuna Liberal* (1888-1890) do Rio de Janeiro no período de 3 de dezembro de 1888 até 18 de janeiro de 1889, em um total de dezessete capítulos. De acordo com Jussara Parada Amed (2010), *Memórias de Marta* era um romance que, incorporando características do realismo-naturalismo, aponta para a importância que Almeida atribuía à educação formal como meio de transformação individual e social. Júlia Lopes de Almeida entendia que a miséria social era degradante para o ser humano e somente através do trabalho e da educação se combateria a degeneração moral da sociedade brasileira, recuperando alguma dignidade. Nestes momentos, Júlia Lopes defende a luta feminista pela emancipação da mulher. Depois de dez anos, o romance ganha forma de livro no ano de 1899.

É com esta obra, *Memórias de Marta* (1899), que Júlia Lopes de Almeida inaugura uma relação longa e fiel com o folhetim, de acordo com a sequência que iremos estabelecer para cada romance, organizado segundo cada jornal em que foram publicados os romances, mesmo que não obedeça a ordem cronológica de publicação.

No período de 16 de outubro a 17 de dezembro de 1891, o jornal carioca *Gazeta de Notícias* publica o segundo romance de Júlia Lopes, *A família Medeiros.* Vide figura:



GAZETA DE NOTICIAS

FOLHETIM

A FAMILIA MEDEIROS

POR

JULIA LOPES DE ALMEIDA

III

A dona da casa tivéra o cuidado de mandar buscar com urgencia as malas do filho. Durante as horas de palestra familiar, de descripções da viagem, dos exames e de varios episodios com que se entreteriram de manhã, seguira o pagem a toda a brida no desempenho d'essa previdente missão. A's duas horas, Octavio reformava com satisfação a sua *toilette*, no seu quarto do outr'ora, um quarto branco, pequeno, com uma janella de peitoril sobre o campo; ás tres, reunia-se ao pai, na mesma sala da frente, onde já era esperado com impaciencia o para onde o haviam chamado, quando elle ainda começava a abotoar o collarinho em frente ao espelho. Chegando ao corredor, viu que paravam no terreiro os trolys dos visitantes. O pai fez-lhe signal de que se approximasse.

O commendador Medeiros esperava de pé, no patamar, radiante de alegria, os amigos, que ia successivamente apresentando ao filho.

— Major Trigueiros, futuro sogro de Nicota...

O major Trigueiros era um velho alto e magro, de grandes bigodes e pera branca, cara curta, engelhada, olhos acastanhados e redondos, movimentos exquisitos e angulosos, trazendo á ideia de quem attentasse n'elle o todo extravagante e bizarro da coconha. Octavio cumprimentou-o affavelmente. Seguiu-se o noivo de Nicota. Alvaro Trigueiros, um rapaz baixo, moreno, de barba rala, rente ao rosto inexpressivo, beiços finos e rasgados, cabello cahido na testa, n'uma pasta, luzidia e chata. Agora era o Azevedo, promotor publico, rapaz de estatura mediana, claro, louro com os olhos muito azues a brilharem através das lunetas, barba em ponta, pelle bem tratada. Por fim saiu o compadre Antunes, o unico já conhecido de Octavio, homem gordo, crioulo, de suissas curtas, o nariz pequeno enterrado entre as bochechas carnudas; collete desabotoado, casaco a luzir nas costuras, labios grossos, unhas rentes, ex-feitor da fazenda de Santa Genoveva, cargo que exercera durante annos e de que se despedira para tomar conta da lavoura de um filho que lhe morrera victima dos escravos.

Entraram todos para a sala, onde não estava nenhuma senhora. Depois de meia duzia de perguntas banaes, sobre a viagem, e dos parabens pela volta de Octavio, distribuiram-se aos grupos, conversando descançadamente sobre as ultimas eleições e futuras colheitas, alforrias, corridas de cavallos, etc. O major Trigueiros elevava a voz, aspera e cortante, acima de todas as mais, desfechando raios de cólera sobre os conservadores, que tinham feito uma grande entrada na urna eleitoral, emquanto o compadre Antunes perguntava ao Azeredo se havia gostado da ultima corrida no hippodromo de Campinas.—Que sim, affirmava o promotor, e que só para vêr as moças bonitas de Campinas, valia a pena ir lá.— E a agua de Araxá, hein? que bom animal! E' ingleza e legitima! ganhei n'ella has tres mezes; aquillo é que é!

Octavio approximou-se do noivo da irmã; Trigueirinhos remexeu-se e fallou-lhe de um modo constrangido, trocando a miudo o *i* pelo *r*. Cançado da viagem e da conversa. Octavio foi encostar-se a uma janella.

O terreiro de tijolo, para a seeca do café, estendia-se muito limpo e largo diante da casa. Ao pé da escada de pedra, dormiam dous cães, estiradamente ao sol; lá em baixo, no grande tanque (1) havia scintillações douradas de luz na agua serena, e os pombos voavam aos bandos de entre uma cerrada touseira de bambús. Os trolys, sem cavallos, inclinados para a frente sobre os varaes, alinhavam-se á sombra e do lado opposto da cancella, entre as palhas de milho espalhadas fossavam os porcos. Muito além, fechando o horizonte, a floresta unia com uma linha luctuosa e recta a terra ao céo.

Aquella paisagem entretinha-o mais do que tudo que se dissesse lá dentro. Octavio deixou-se alli, longamente, até que o foram chamar para o jantar.

Na grande sala a mesa coberta de crystaes offerecia um aspecto brilhante. Ao fundo as senhoras conversavam. Octavio foi apresentado á mestra de Noemia, Mme. Grüber. Os serros e mesmo a dona da casa simplificaram-lhe o nome, chamando-a de Madame, simplesmente. Era uma senhora de quarenta annos, alta, magra, muito loura, vestida de castanho, com um collarinho de homem e uma alinete redondo, de marfim, segurando-lhe a gola do vestido.

Nicota e Noemia trajavam irmãmente, de azul, com lacinhos de veludo preto nos punhos e no pescoço. A mãi ia e vinha, falando baixo com as mucamas, fazendo tilintar as chaves dos armarios, attenta e cuidadosa para que não faltasse cousa alguma.

Sentaram-se á mesa; de um lado ficaram os homens, do outro lado as senhoras, no systema paulista, só lá para o fim da mesa se alterára a ordem por falta de espaço e passou o promotor para ao pé das senhoras. Octavio percorreu a vista pelo recinto, admirado de não vêr a prima, quando ella appareceu; sentou-se entre a allemã e o Dr. Azevedo, que ao vêl-a levantou-se corando. A' cabeceira o dono da casa fallava muito alto aos convivas. Octavio, collocado ao pé, assistia ás baterias de perguntas e respostas. Era uma bulha de vir tudo a baixo! O moço de vez em quando alhava em redor. O Trigueirinhos comia com a faca, olhando para o prato, não bebia vinho, molhava de vez emquando os beiços n'um côpo d'agua e continuava depois muito sério a encher a bocca de feijão, hervas e pasteis folhados; um frente d'elle, a noiva, menos preoccupada com o prato, lançavalhe de muito em muito longe, um olhar rapido; Noemia ria alto dando ás vezes uns guinchinhos agudos, ao ouvir o comadre Antunes contar velhas anecdotas colhidas nos almanaks; a mãi apontava aos pagens os côpos a encher e os pratos a renovar, e, lá no fundo, Mme. Grüber comia sem interrupção e o Dr. Azevedo curvava-se fallando para Eva que o escutava distrahida, empurrando com o pão a comida para o garfo.

Travára-se uma discussão entre o major Trigueiros e o dono da casa; as vozes foram subindo; altercavam gritando. O commendador Medeiros repetia com desdem ás affirmações do outro. Capaz! capaz! E o *cavaignac* do major saltava-se, vinha para a frente, ia para traz, n'um movimento continuo. Entretanto, as outras pessoas tratavam de fallar mais alto entre si, para que as suas vozes não fossem abafadas. De repente a questão acabou. O commendador bebeu um copinho de vinho do Porto com agua, e o major, esquecendo momentaneamente que não estava em sua casa, fincou o calcanhar esquerdo no banco em que se assentava, elevando o joelho pontudo á altura da barba.

Aproveitando o momento de menos bulha, o Azevedo levantou-se, ergueu o côpo e brindou a familia Medeiros, felicitando-a pelo regresso do um dos seus membros: arranjou um discurso florido, n'um estylo guindado, onde de vez em quando apparecia como um espantalho um nome historico. Aquillo durou. Elle lançava a voz em inflexões de effeito, arrastando-a dos sons mais graves ao mais agudo falsete.

As senhoras ouviam-o, paradas, com os olhos fitos n'elle. Como isso fosse pelas alturas da sobremesa, o major Trigueiros mergulhava no seu grande pato, transbordante de leite, um grosso naco de abobora assucarada e o compadre Antunes ia devastando os calices de doce de batata, cousa muito da sua predilecção.

Quando se levantaram da mesa, Octavio suspirou de allivio: precisava de ar fresco e de descançar os ouvidos aturdidos na distracção de um passeio ao jardim com as irmãs e a prima.

O commendador, porém, arrastou-o com os amigos a vêr a nova casa da machina, extensa e assente no baixio de uma collina, por onde desceram á sombra de limoeiros floridos; d'alli passaram ao açude, ao paiol, ao moinho e á estrada nova, ladeada pelos canavaes de um verde macio e fresco, até o cafezal, onde os carreadores muito limpos se estendiam a perder de vista. O commendador, á frente, gulava a comitiva, orgulhoso da sua propriedade. Os outros commentavam alto o que iam vendo.

— Olhe meu amigo, chamava o major Trigueiros, as suas terras parece que já estão cançadas...

— Qual! protestava o fazendeiro, nunca deram tanto como agora!

— Isso não quer dizer nada. Desconfio muito d'esta seccura e amarellidão! e indicava com o beiço inferior o terreno. A minha é roxa, que lá as terras do sertão valem muito mais...

O Azevedo ia ao lado do Trigueirinhos conversando n'um tom discreto, e o compadre Antunes, que ia atraz, reteve Octavio e perguntou-lhe abruptamente:

— Que tal lhe pareceu sua prima?

— E, como não recebesse como resposta senão um olhar de estranheza e surpresa, o Antunes continuou:

— Eu vos explico. Aquella moça é manhosa, com o seu arsinho de santa é capaz de i-ôr esta casa de pernas para o ar! Foi bom que o senhor chegasse para tomar sentido em certas cousas... Eva intriga!

A um sorriso de incredulidade de Octavio o outro affirmou, com lampejos claros nos olhos pequeninos:

— Intriga sim! Detesta vosso pai, ora ahi está. Gosta do Azevedo e o Azevedo está-lhe com o olho no dote... sabem ambos que o commendador deve ao banco uma grossa bolada...

— D'ahi? perguntou Octavio, no mesmo tom de leve zombaria.

— D'ahi? o director do banco é o tio do Azevedo! comprehende agora?

— Perfeitamente. E uma historia assim parecida com a do *Castello de Chochuruchello*.

— Isso é que eu não affirmo, porque não sei o tal conto do castello.

— Pois, meu amigo, é scria; ora imagine que é a de um cão que mordeu o gato, que matou o rato que roeu a corrêa que atava a chave do *Castello de Chochuruchello*!

(*Continua.*)

(1) Os proprietarios chamam tanques ao logo que ha em todas as fazendas, para agoada de creação e serviço de casa.

Fonte: Gazeta de Notícias, 19/10/1891.

Figura 8: Romance folhetim: *A família Medeiros*, de Júlia Lopes de Almeida.

O enredo é ambientado em uma fazenda do interior de São Paulo, descreve a sociedade brasileira dos últimos anos que antecederam a

promulgação da Lei Áurea, momento histórico que marca o final do enredo. De Luca (1999) afirma que *A família Medeiros* permanecerá sendo o único romance propriamente romântico da escritora, em virtude do estereotipado tratamento romântico dos personagens, apoiado em uma objetiva descrição de paisagens e costumes. No entanto, acrescentaríamos os romances *A casa verde, A intrusa, A Silveirinha* nos quais os atores da narrativa são mocinhos e vilões em um enredo maniqueísta, finalizando com o famoso *happy ending* muito comum aos romances românticos, e ainda pela estrutura poderíamos conceitua-los dentro das características folhetinescas.

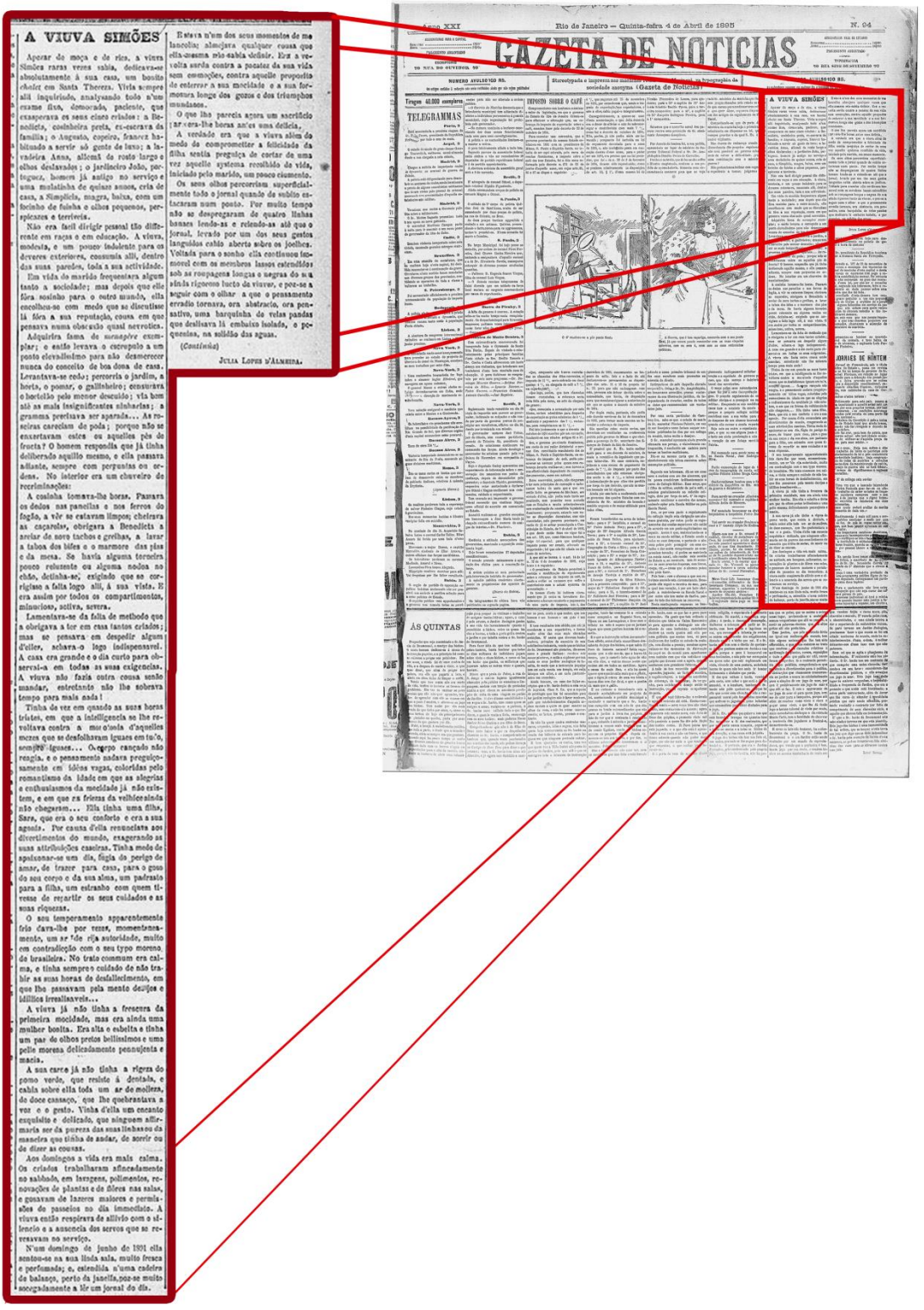
A atmosfera romântica do enredo de *A família Medeiros* fica por conta do triângulo amoroso, formado por Paulo, Eva, Otávio, que ao final surpreende, já que Eva assume um sentimento pelo irmão de criação, Paulo:

> E assim estiveram, mudos, os lábios, mas a trocar nos olhares um mundo de promessas e de paixão que se revelava enorme, enraizada [...] Paulo tomou a cabeça de Eva entre as mãos... sem pronunciar a palavra definitiva, eles declararam-se apaixonadamente o seu amor" (ALMEIDA, 2009, p. 461).

A família Medeiros (1901) suscita grande popularidade à escritora Júlia Lopes de Almeida. Em artigo na revista *A Mensageira*, a escritora portuguesa Guiomar Delfina de Noronha Torresão (1844-1898) ao elogiar o romance compara-o à famosa obra abolicionista de Harriet Beecher Stowe, o romance *A Cabana do Pai Tomás* (1852) escrito durante a época da escravatura na América, na qual são retratadas as condições dos negros americanos nesse período: "A família Medeiros, que bastaria para evidenciar o superior talento da escritora americana, é, sem dúvida, a sua obra prima e aquela que mais imperiosamente a impõe ao apreço da crítica." (A Mensageira, s/d, p.100). Na coluna "Bibliografia "do jornal *O País* (17/011893, p.2), o colunista ao falar do romance diz que o plano é muito meditado e estudado, a escritora escreve a correr por ali fora, sem preocupações de forma, sem atender senão a necessidade de mandar o original para o rodapé do jornal, e apenas completando as notas que tomou.

Após a publicação de *A família Medeiros*, obra que lhe deu notoriedade, Júlia Lopes de Almeida traz para as páginas do Jornal *Gazeta de Notícias*,

entre 4 de abril a 19 de junho de 1895, o romance *A viúva Simões*, conforme figura abaixo:



A VIUVA SIMÕES

Apezar de moça e de rica, a viuva Simões raras vezes sahia, dedicava-se absolutamente á sua casa, um bonito chalet em Santa Thereza. Vivia sempre alli inquirindo, analysando tudo n'um exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus mais velhos: a Benedicta, cosinheira preta, ex-escrava da familia; o Augusto, copeiro, francez habituado a servir só gente de luxo; a Valeria Anna, allemã de rosto largo e olhos deslavados; o jardineiro João, portuguez, homem já antigo no serviço e uma mulatinha de quinze annos, cria de casa, a Simplicia, magra, baixa, com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terriveis.

Não era facil dirigir pessoal tão differente em raças e em educação. A viuva, modesta, e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia alli, dentro das suas paredes, toda a sua actividade.

Em vida do marido frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que elle fôra sosinho para o outro mundo, ella encolhera-se com medo que as discretivas lá fôra a sua reputação, cousa em que pensava numa obscuridade quasi nevrotica.

Adquirira fama de *mulher exemplar*; e assim levava o escrupulo a um ponto elevadissimo para não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa. Levantava-se cedo; percorria o jardim, a horta, o pomar, o gallinheiro; censurava o hortelão pelo menor descuido; via bem até as mais insignificantes sinhanzas; a gramma previnha ser aparada... As roseiras careciam de poda; porque não se enxertavam estes ou aquelles pés de fructa? O homem respondia que já tinha deliberado aquillo mesmo, e ella passava adiante, sempre com perguntas ou ordens. No interior era um chuveiro de recriminações!

A cosinha tomava-lhe horas. Passava os dedos nas panellas e nos ferros do fogão, a vêr se estavam limpos; chelrava as caçarolas, obrigava a Benedicta a areiar de novo tachos e grelhas, a lavar a taboa dos bifes e o marmore das pás da mesa. Se havia alguma torneira pouco robusta ou alguma nodoa no chão, detinha-se, exigindo que se corrigisse a falta logo alli, á sua vista. E era assim por todos os compartimentos, minuciosa, activa, severa.

Lamentava-se da falta de methodo que a obrigava a ter em casa tantos criados; mas se pensava em despedir algum d'elles, achava-o logo indispensavel. A casa era grande e o dia curto para observal-a em todas as suas exigencias. A viuva não fazia outra cousa senão mandar, entretanto não lhe sobrava tempo para mais nada!

Tinha de vez em quando as suas horas tristes, em que a intelligencia se lhe revoltava contra a monotonia d'aquelles mezes que se desfolhavam eguaes em tudo, sempre eguaes... O espirito rancoso não reagia, e o pensamento andava preoccupado sómente em idéas vagas, coloridas pelo romantismo da idade em que as alegrias e enthusiasmos da mocidade já não existem, e em que as frieiras da velhice ainda não chegaram... Ella tinha uma filha, Sara, que era o seu conforto e era a sua agonia. Por causa d'ella resuscitara aos divertimentos do mundo, exagerando as suas attribuições caseiras. Tinha medo de socegar-se um dia, fugia do perigo de amar, de trazer para casa, para o gosto do seu corpo e da sua alma, um padrasto para a filha, um estranho com quem tivesse de repartir os seus cuidados e as suas riquezas.

O seu temperamento apparentemente frio dava-lhe por vezes, momentaneamente, um ar de rija autoridade, muito em contradicção com o seu typo moreno de brasileira. No trato commum era calma, e tinha sempre o cuidado de não trahir as suas horas de desfallecimento, em que lhe passavam pela mente desejos e idilios irrealisaveis...

A viuva já não tinha a frescura da primeira mocidade, mas era ainda uma mulher bonita. Era alta e esbelta e tinha um par de olhos pretos bellissimos e uma pelle morena delicadamente pennujenta e macia.

A sua carne já não tinha a rigeza do pomo verde, que resiste á dentada, e cahia sobre ella toda um ar de molleza, de doce cansaço, que lhe quebrantava a voz e o gesto. Vinha d'ella um encanto exquisito e delicado, que ninguem affirmaria ser da pureza das suas linhas ou da maneira que tinha de andar, de sorrir ou de dizer as cousas.

Aos domingos a vida era mais calma. Os criados trabalhavam afincadamente no sabbado, em lavagens, polimentos, renovações de plantas e de flores nas salas, e gosavam de lazeres maiores e permissões de passeios no dia immediato. A viuva então respirava de alivio com o silencio e a ausencia dos servos que se revesavam no serviço.

N'um domingo de junho de 1901 ella sentou-se na sua linda sala, muito fresca e perfumada; e, estendida n'uma cadeira de balanço, perto da janella, poz-se muito socegadamente a lêr um jornal do dia.

(*Continúa*)

JULIA LOPES D'ALMEIDA.

GAZETA DE NOTICIAS

Rio de Janeiro — Quinta-feira 4 de Abril de 1895

TELEGRAMMAS

ÁS QUINTAS

Fonte: Gazeta de Notícias, 04/04/1905.

Figura 9: Primeiro capítulo de *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida

Podemos verificar diferenças na publicação deste segundo romance na *Gazeta*. O romance *A viúva Simões* não ocupa o rodapé da primeira página, mas as duas últimas colunas da primeira página. O enredo conta a história de Ernestina, que, após a morte do marido, passa a chamar-se de viúva Simões: uma mulher de trinta e seis anos, mãe de Sara, filha adolescente, o que lhe imputa imensa responsabilidade pela sua educação, tendo ainda a administração do lar e dos bens. Ainda de luto, seguindo a força da tradição local, a viúva Simões recebe em sua casa a visita de Luciano Dias, por quem se apaixonara na juventude. A partir desse momento, a paixão por Luciano reacende. Contudo a expectativa de finalmente casar e viver um grande amor se desfaz, pois Luciano e Sara, filha da viúva, apaixonam-se um pelo outro. Ao tomar conhecimento dos reais sentimentos dos dois, Ernestina implora à filha que abandone a ideia de amar Luciano, pois ele sempre fora seu amor desde a juventude. Atordoada com a confissão da mãe, a filha é acometida por uma grave enfermidade. Após passar por momentos de pesadelo e de quase perder a filha, a protagonista de Júlia Lopes de Almeida se sente culpada, renuncia aos seus sentimentos de mulher e se resigna ao papel de mãe. Ernestina e Sara são condenadas a um final considerado triste e sofrido: “Pouco a pouco a viúva foi percebendo a verdade; a filha não morreria... mas estava idiota! ...Ao lado da mãe, numa cadeira de rodas, Sara, com o seu eterno e doloroso sorriso, fazia e desmanchava a única coisa bela que lhe ficara: a sua trança loura”. (ALMEIDA, 1999, p.204-209)

Os romances escritos nos jornais obtiveram aceitação admirável, passando a compor o cotidiano e o imaginário dos leitores. Este prodigioso gênero foi responsável pelo aumento de periódicos, e em virtude disso não se sabe quem mais se beneficiou, se o jornal que serviu como suporte ou o gênero folhetim do jornal, uma vez que se constituiu uma importante relação de troca. Caso o leitor quisesse saber o desfecho da história, precisava comprar a edição do dia seguinte, quando sairia publicada a continuação, o que garantia o aumento das vendas, bem como o número de leitores. A estrutura de capítulos diários exacerbava a curiosidade dos leitores, ao final de um capítulo o enredo alcançava o ápice, sendo que este era interrompido com o propósito de manter o suspense, causando expectativa sobre o desenrolar dos acontecimentos.

Em parte, o sucesso comercial do jornal dependia da presença estratégia do romance-folhetim, uma vez que os leitores curiosos pelo desenrolar dos fatos se tornavam assíduos consumidores dos periódicos. No jornal *A Notícia* do dia 29 de setembro de 1910 (p.2), o colunista afirma que a "massa geral dos leitores" só aprecia romance-folhetim. Acrescenta ainda: "não temos romance para moças a não ser talvez os de Júlia Lopes de Almeida, que, aliás, é uma romancista superior".

Foi no *Jornal do Comércio*, o mesmo que em 1844 lançou em folhetim uma importante obra da literatura brasileira, *A Moreninha,* considerado o primeiro romance romântico brasileiro a alcançar significativo êxito de público, e considerado um dos marcos do Romantismo e da história da nossa literatura, que surgiu, no período de 18 de dezembro de 1898 a 16 de março de 1899, em folhetim, o romance *A Casa Verde*[17], livro que Júlia Lopes de Almeida escreveu em coautoria com o seu esposo, o escritor Filinto de Almeida, sob o pseudônimo comum de "A. Julinto".

A narrativa tem como protagonista a filha de um inglês, dono de uma fábrica e da casa verde. Ela fere, gravemente, um cigano com um tiro e o esconde no seu quarto. Escondendo do seu pai o ferido, ela manda chamar um médico e faz com que ele guarde segredo. O cigano apaixona-se pela jovem, assim como o médico. O antagonismo fica por conta do guarda livros da fábrica, homem sem escrúpulos que fará de tudo para casar com a jovem. Ao final da intriga, tudo se resolve e o amor prevalece quando a heroína corresponde ao amor do médico, caracterizado como moço bonito, moderno, zeloso e dedicado. Pela condução do enredo e o desfecho final, podemos considera-lo, essencialmente, romance folhetinesco.

Advertimos que na perspectiva folhetinesca (MEYER, 2005; NADAF, 2002; SERRA, 1997), podemos classificar *A casa verde* como o mais romântico

[17] A pesquisadora Maria de Lourdes Eleutério no livro Vidas de Romance – As mulheres e o exercício de ler e escrever no entreséculos - faz a seguinte afirmação: "o último livro de Júlia Lopes foi o romance *A casa verde*" (2005, p. 92) ... Cabe ressaltar aqui que o último romance a ser publicado,em volume, foi *Pássaro Tonto*, em 1934. O romance *A casa verde* teve sua publicação em livro em 1932 pela Companhia Editora Nacional.Ainda sobre o romance *A casa verde*, queremos registrar que foi o romance mais difícil de encontrar para efetivar nossa proposta de pesquisa. Após várias tentativas, localizamos um exemplar na biblioteca da Unicamp/Campinas-SP.

entre seus romances: o herói e a heroína são belos, corajosos, de bom caráter, tendo ainda o embate maniqueísta. O romance termina quando os personagens se casam, ao descobrirem o apoteótico sentimento: o amor, o qual confere sentido à vida, nos remetendo ao "*happy ending"*.

Sobre este romance, Júlia Lopes de Almeida também confessa ao escritor João do Rio quando este lhe pergunta sobre seu livro de maior preferência:

> — Ainda uma pergunta: dos seus livros qual prefere?
> — Vai ficar admirado.
> — É A Falência?
> — Não.
> — O primeiro?
> — Não, é *A Casa Verde*, porque foi escrito de colaboração com meu marido. A Casa Verde lembra-me uma porção de momentos felizes... (RIO, 1994, p. 12).

Sempre que era possível, não apenas Filinto de Almeida como também Júlia Lopes ressaltavam em público a admiração mútua; essa respeitabilidade era adotada pelo casal Almeida quando interpelados a respeito da literatura e das letras; comumente, manifestavam apreço e enalteciam as qualidades, valorizando o fazer literário um do outro.

Retomando as publicações dos romances de Júlia Lopes no *Jornal do Comércio*, chegamos a uma das mais comentadas obras da escritora Júlia Lopes de Almeida, *A intrusa. Essa obra* trouxe ao público leitor certo alvoroço e discussões a respeito do desenlace. Os capítulos permaneceram, diariamente, entre os dias 18 de fevereiro e 22 de março de 1905, no rodapé do *Jornal do Comércio*.

A obra traz uma temática de muita relevância para a escritora Júlia Lopes de Almeida: a instrução da mulher como um direito, elemento de libertação da ideia de incapacidade, bem como para a construção de sua cidadania. Seu discurso em favor da educação feminina vai se repetir nas crônicas escritas para os jornais e nos romances: *Memórias de Marta* (1889) e *Correio da roça* (1913).

Lucio de Mendonça[18] publica nas páginas da revista *Kosmos*[19] uma carta aberta a Júlia Lopes de Almeida, na qual conta que, ao chegar a sua casa com o último número do romance folhetim *A intrusa*, foi logo interpelado pelas mulheres da família em um grande alvoroço e debates acerca do final do romance. Mendonça então elogia muito o romance e assim escreve:

> E se lhe fosse falar de tudo que me agradou no seu romance, era um nunca mais acabar de escrever-lhe. Na sua forma literária, que há tantos anos admiro, noto como terão notado todos os leitores, que cada vez mais se aproxima da clara simplicidade, da sobriedade perfeita dos mestres(...) E uma das mais deliciosas figuras do seu romance é exatamente a dessa Maria que só pela recordação ainda vive entre os que a amaram, e que me recorda vagamente a dolorosa Maria da morte de *Reisebilder de Heine*[20] ou a poética imagem da Beatriz *dos Fidalgos da Casa Mourisca*[21]. Satisfaço uma imperiosa necessidade de coração agradecendo-lhe, nestas iluminadas páginas da *Kosmos*, os momentos de verdadeiro deleite espiritual que me trouxeram à doce vilegiatura na serra, os capítulos tão leves, tão finos, tão nobres de sua formosa Intrusa...[22] (KOSMOS, abril de 1905, p. 16)

Três anos depois, o *Jornal do Comércio* lança em suas páginas, entre os dias 16 de agosto a 22 de setembro, mais um romance de Júlia Lopes de Almeida, *Cruel Amor*. A romancista coloca a temática do ciúme, da diferença racial, a ambição como um motivo de desequilíbrio nas relações pessoais. O folhetim *Cruel Amor* transformado em livro, aparecerá em 1911 pela Francisco Alves, que o reeditaria em 1928. De acordo com Salomoni (2005), em 1963, *As Edições Saraiva* promoveram uma nova reedição em homenagem pela passagem do centenário de nascimento da escritora. Como o título sugere, a autora coloca, em cena, intrincadas histórias de amor com finais infelizes, onde as fraquezas representadas pelo pertencimento a uma raça, a uma classe ou a um sexo são evidenciadas. No entanto, ao tempo em que traz a caracterização

[18]Advogado, jornalista, magistrado, contista e poeta. Dele partiu a ideia de criar-se a Academia Brasileira de Letras. Talvez pela amizade do jornalista, Júlia Lopes de Almeida recebe referências positivas em favor de sua produção literária.

[19] Publicada pela primeira vez em janeiro de 1904 com edições mensais até março de 1909. Seu diretor era Mario Behrind e seu editor-proprietário era Jorge Schmidt.

[20]Poetaromântico alemão, conhecido como “o último dos românticos”

[21] Romance póstumo do escritor português Júlio Dinis, publicado em 1871.

[22]Lúcio de Mendonça, “A Intrusa, carta aberta à D. Júlia Lopes de Almeida” in Kosmos, RJ. 28 de março de 1905.

da estética realista, apresenta personagens que encontram saída para seus problemas, fugindo do determinismo.

Para escrever este romance, a escritora fez uma pesquisa *in locu*, o que mostra uma grande preocupação com estrutura e elaboração dos seus romances; sua escrita quanto à estética pode ser considerada eclética (SALOMONI, 2005). Além da publicação em folhetim, a obra foi editada três vezes pela *Francisco Alves*: em 1911, 1921 e 1928.

No período de 7 de setembro de 1909 a 17 de outubro de 1911, Júlia Lopes de Almeida publica no jornal *O País* um romance epistolar, *Correio da roça*[23]*.* Com uma linguagem simples em forma de cartas, num tom bucólico faz apologia à vida no campo. Assim como o folhetim, o romance epistolar, com o seu tom didático, tem seu espaço junto a um público leitor. Esta obra será discutida com mais propriedade no terceiro capítulo desta tese.

Na sua trajetória de autora de folhetins, Júlia Lopes de Almeida lançou o quarto romance pelo *Jornal do Comércio,* no período de abril a maio de 1913, intitulado *A Silveirinha***,** tendo o subtítulo *Uma crônica de um verão*. A história expõe os interesses divergentes de um grupo de mulheres abastadas durante um verão em Petrópolis, cidade serrana no interior do estado do Rio de Janeiro. Um fato chama a atenção no início da narrativa: o diálogo de um homem e uma mulher tecendo mexericos sobre os convidados de uma festa:

> As duas Silveirinhas parecem que estão procurando alguma coisa...
> - Maridos! A mais nova está cada vez mais esganiçada... será de tanto cantar de soprano. Ontem na Capela do Colégio fiquei arrepiada de ouvi-la. Guiomar foi pedida em casamento por um médico velhote, um tal Jordão...
> - Bem vê que ao menos essa já não precisa procurar marido... mas o Jordão não é tão velhote. É um rapaz de trinta e poucos anos, e bonitão. Sabe se foi aceito?
> - Foi. De onde o conhece você?

[23] O romance *Correio da roça* teve seu lugar assegurado na historiografia brasileira quando foi incluído na coleção de obras esgotadas, raras e inéditas, de fundamental importância para o conhecimento da cultura brasileira, em 1987, pelo Instituto Nacional do Livro, em parceria com a editora Presença do Rio de Janeiro, com a finalidade de recuperar o patrimônio literário do país. (MOREIRA,2003,p.82),

> - Nem sei... de toda parte.
> - É de boa família? Será da casa Jordão, do Rio Negro?
> - Talvez... sei que é um médico estudioso e livre-pensador...
> - Já me disseram... (ALMEIDA, 1997, p. 22).

Tal situação é relevante porque ao final do livro, em outro evento social, as mesmas duas personagens estabelecem um novo diálogo com o mesmo teor, ou seja, voltam a comentar "a vida alheia". Neste trecho final, eles se reportam à festa do início da narrativa:

> - Veja você como, em tão pouco tempo, tem sucedido tanta coisa curiosa. Lembra-se da noite do maxixe em casa dos Korsakoff?
> - Foi outro dia...
> - Foi em dezembro, no princípio da estação; a Silveirinha ainda era solteira...
> - A vida não para...
> - Mas nunca andou tão depressa como nesta estação. Creia você, não tive tempo de pegar um livro e foi como se tivesse lido uma biblioteca! Houve de tudo, como nos romances: *flirts* conscientes e inconscientes, lutas religiosas, ardis de sacristia, adultérios, traições, rivalidades clericais, invejas, conversões, doenças, que sei eu? Tudo isto me pareceu supremamente divertido... (ALMEIDA, 1997, p. 305).

Para Paixão (1997) a importância dessa obra folhetinesca reside em perceber quais os sentimentos legítimos ou não dentro da sociedade. [...] Entre os cochichos no confessionário, ou nas salas de visita ou mesmo nas mesas onde eram servidas com fartura as mais finas iguarias, o leitor certamente irá se deliciar com as pequenas tramoias e intrigas narradas de forma divertida e crítica pela autora.

A publicação dos romances no jornal demonstra, segundo Temístocles Linhares (1987, p. 448-9), que os autores ficavam dependentes do jornal diário, pois os romances só eram publicados em livro após obterem sucesso como folhetim: "A primeira versão do romance, ditada pela pressa e escrita ao correr da pena, era depois corrigida e melhorada. Assim, pois, o folhetim teve papel importante e bastante significativo".

A construção de um estilo de vida adotado pela sociedade letrada e burguesa carioca utilizava-se, como referência, do modelo padrão europeu. A cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, facilmente se adaptou às inovações

sociais que emergiam, possibilitando o surgimento de uma burguesia consumidora, entre outras coisas, de Literatura, e mais ainda em jornais:

> Tudo isso proporcionou aos literatos renda e oportunidade de publicação. Mas, é preciso notar, esses periódicos ditavam os termos da produção cultural. Como fora sempre o caso, os livros de autores brasileiros eram poucos, e baixas as tiragens das edições. Em geral, a reputação do escritor se fazia nos periódicos (NEEDELL, 1993, p. 230).

Para Sharpe (2004), embora os romances iniciais de Júlia Lopes de Almeida fossem editados, sob forma de folhetins, logo chamaram a atenção da imprensa brasileira, e a escritora começou a ser solicitada por editoras como: *Francisco Alves, Companhia Editora Nacional, entre outras.*

Embora publicasse seus romances de forma seriada, não nos passa despercebida a preocupação da escritora com o fazer literário. Julia Lopes deixa claro seu labor ao escrever, na sua entrevista com João do Rio, ao comentar seu interesse em escrever um romance, focalizando os pescadores da orla do Rio de Janeiro, explicitamente de Copacabana: "- Oh! Um livro muito difícil, apenas esboçado, sobre a vida das praias, dos pescadores" (RIO, 1994, p.12). Para Salomoni (2005), a gênese do romance *Cruel Amor* pode ser perseguida através da "leitura apurada das cadernetas pessoais da escritora, de algumas entrevistas dadas em vida e de declarações dos filhos Margarida e Afonso".

Pela disciplina no fazer literário e pelo cuidado ao estruturar os personagens, em sintonia com os elementos constitutivos da prosa narrativa, podemos inferir que as letras nacionais podem se redimir e recolocar Júlia Lopes de Almeida como uma das maiores representantes femininas do fazer literário e jornalístico de sua época. Ressaltamos que esse cuidado da autora é apontado por quem estuda a vasta produção romanesca de Almeida. A própria Júlia ao se referir a sua obra *Eles e Elas,* publicada em série nas páginas de *O País,* no período de 1906 a 1910, assim esclarece: "Nenhum desses capítulos foi escrito ao correr da pena, como a autora escreve as suas crônicas; todos foram pensados, escritos com muito carinho e com a intenção de dar a nossa literatura uma obra de feição especial" (*O PAÍS*, 31 de outubro de 1911). A

consideração pelo seu trabalho não é apenas pela quantidade de sua produção, mas acima de tudo pela qualidade em visitar vários gêneros, dentre os quais se destaca a sua prosa. Portanto a autora faz jus ao reconhecimento: Júlia Lopes de Almeida, uma mulher das letras, não tão somente, diletantes.

3*CORREIO DA ROÇA* NO JORNAL *O PAÍS*

> Das minhas obras a que mais aprecio pelos benefícios que tem espalhado é o *Correio da roça*[24]. Esse livro, com o estudo sobre a *Árvore* e o *Jardim Florido,* constitui o tríplice consagrado à cultura da terra, como prazer e utilidade. [...] contém ensinamentos e conselhos dirigidos às minhas patrícias, que não conhecem a vida dos campos, [a obra] representa o que de melhor eu tenho escrito. (*A Noite*, 11 de maio 1931, p. 2)

O trecho destacado acima é parte de uma entrevista com a escritora Júlia Lopes de Almeida quando do seu retorno ao Brasil, em 1931, depois de uma estada de cinco anos e oito meses na Europa. A resposta da escritora vem ao encontro do que ajuizamos ao analisar seu romance *Correio da roça.* Uma obra que se compõe a partir da pluralidade de gêneros, sintetiza e ampara todo o discurso ideológico de Júlia Lopes de Almeida presente nos seus escritos dos jornais e nos seus escritos literários. As cartas fictícias, que compõe o enredo, contextualizaram grandes preocupações sociais da autora, no qual o tema da literatura é abordado de forma a escapar dos debates puramente literários, e por isto se constitui como uma obra que não acolhe rótulos e cuja atividade literária não se contém nas fronteiras de qualquer classificação.

Publicado em série, na coluna da qual a autora era responsável no jornal *O País*, Correio da roça (1909-1911) é um romance de característica epistolar, mas também um manual agrícola, no qual constatamos um trabalho de grande teor didático. Quanto a sua temática, vemos alguns centros de força que se abrem na obra de Júlia Lopes. A primeira refere-se à valorização do campo, apontando as necessidades de melhorias nas áreas estrutural e social da zona rural; expõe a condição da mulher viúva no contexto cultural do início do século XX no papel de chefe de família e provedora do lar; bem como defende a

[24]Em 1904, antes da publicação de *Correio da roça*, ao responder um questionário elaborado pelo escritor João do Rio, Júlia Lopes de Almeida indicou que seu livro preferido seria *A casa verde*. Ver página 69 desta Tese.

educação e o trabalho femininos. O trecho do romance abaixo demonstra o que sobre isso pensa a autora:

> Espana as teias de aranha do cérebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que dentro de poucos anos tanto o *Remanso* como a *Tapera* estarão ligados à estação da estrada de ferro do povoado por belos caminhos que os vossos automóveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o comércio com os grandes centros do país. E prevejo tudo isto porque sei de que milagres é capaz a inteligência e a energia das mulheres obrigadas a agirem por si. (ALMEIDA, *Correio da roça*, 14 de setembro de 1909, p.1)

Acreditamos que a leitura dessas cartas, que serão comentadas neste capítulo, pode nos levar a apreender, em mais um exemplo, que os críticos e historiadores da literatura não tiveram disposições para distinguir as narrativas de conteúdos e características distintos de autoria da escritora Júlia Lopes. O caráter “diletante” não pode se aplicar a todo o conjunto do que foi produzido pela autora.

Mesmo tratando-se de uma narrativa sem grandes pretensões literárias, não há como não considerar seus elementos narrativos e temáticos, inerentes aos romances regionalistas, estilo que teve como foco a valorização da pátria por meio da representação das angústias, dos comportamentos e dos valores de uma sociedade rural. O espaço é idealizado e retratado com o tom heroico em que a identidade nacional do homem/mulher do campo se apresenta briosa em contraponto aos moldes urbanos fúteis, herdados da influência Europeia.

O processo de reescrita ocorre na obra *Correio da roça*, sobretudo porque foi publicado em formatos diferentes, conforme os destinados a jornais, (no caso em série ou folhetinesco) como também os lançados em livros. Entre um suporte e outro essas correspondências tiveram alterações, justamente porque ao transformar em volume, os escritos não estavam mais circunstanciados a obrigações editoriais e a relações intertextuais com outras partes do periódico, pois a cada forma como o texto escrito aparece exposto, são gerados usos e expectativas que lhe são próprios.

Faremos a seguir, algumas ponderações da obra *Correio da roça* sob diversos olhares. Lembramos que nossas considerações serão observadas a

partir da versão publicada no jornal *O País*, chamando a atenção para a informação de que encontraremos algumas diferenças nesta versão em comparação a versão em livro.

3.1 Correio da roça, um romance epistolar

> Toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (COSTA, BARRENO, HORTA, 1974, p.71)

Como se lê na epígrafe acima, essa paixão por escrever de Julia Lopes de Almeida a fez exerceu o labor literário sob múltiplos aspectos, bem como em vários suportes. Neste capítulo, destacaremos seu único romance publicado no jornal O País, bem como o único, entre os seus 10 romances, que apresenta característica epistolar. Levando em conta a estrutura, podemos dizer que, a exemplo da literatura infantil, Julia Lopes poderia ser considerada precursora, também, da escrita epistolar mesmo que aqui, no Brasil, não houvesse tradição de romances com essa distinção. Antonio Candido, no prefácio da obra *A correspondência de uma estação de cura* (1918) do escritor João do Rio, ao se referir à técnica epistolar afirma: “Na literatura brasileira, antes do romance de João do Rio, só lembro o de Júlia Lopes de Almeida, *Correio da roça*, publicado em 1914” (CANDIDO, 1992). Nas considerações de Antonio Candido cabe apenas uma correção: o romance foi publicado em volume pela primeira vez em 1913.

Quando publicado no jornal, *Correio da roça* ocupou a primeira coluna da primeira página, entre o período de 14 de setembro de 1909 a 17 de outubro de 1911, contabilizando 21 publicações. A partir da segunda publicação, já houve a numeração em capítulos, finalizando no quadragésimo quinto (XLV), diferentemente do livro que só termina no capítulo cinquenta e três (LIII).

Durante o tempo de publicação, as datas alternavam. Inicialmente, a seção era quinzenal, depois ora mensal, ora bimestral. No período em que ficou quase dois meses sem publicar a série, em sua coluna “Dois dedos de prosa” a autora respondeu a questionamentos de leitores:

> P. S – As pessoas que me perguntam se deixei por completo ou se interrompi apenas a publicação do *Correio da roça*, respondo que essa correspondência será reincitada logo que se me ofereça oportunidade para isso (ALMEIDA, O País, 3 de maio de 1910, p.1).

A autora não deixou claro de quais oportunidades estava falando, no entanto podemos inferir que as correspondências estavam sendo elaboradas, e por isso eram alternadas pelas publicações de suas crônicas semanais, visto que eram divulgadas no mesmo espaço de sua coluna em que ela escrevia às terças-feiras. Outro elemento preponderante para tal compreensão é a utilização de dados ou situações ocasionais, visto que a autora utilizava informações da atualidade, do momento presente a sua produção, talvez sob a pretensão de dar aos leitores a ilusão de que as cartas eram verdadeiras e não ficcionais.

Correio da roça, no jornal, tem por composição21 publicações. Variavelmente, percebemos publicações em que aparecem mais de uma carta. Essas cartas são trocadas pelas personagens Fernanda e Maria, intercaladas por outras de diferentes personagens, que eram inseridas em virtude da conveniência do enredo. Nas missivas, temos a história de Maria, uma mulher que acabara de ficar viúva e com quatro filhas. Com a morte do marido, as circunstâncias a obrigam mudar, juntamente com as filhas, para a velha fazenda *Remanso* e o sítio *Tapera*, únicos bens que restaram após quitar as dívidas deixadas pelo falecido. Acostumada com o estilo de vida urbana do Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX, Maria busca consolo nos conselhos da sua amiga Fernanda, senhora culta, moradora do Rio de Janeiro *belle époque* e que orienta as mulheres do Remanso sobre os benefícios que a terra poderia proporcionar:

> Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, à chuva, observa que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma: que tenham os seus livros de assentos organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puseres a sua disposição – e verás como no fim de alguns meses se acendem rosas de saúde nas suas faces e como nas planícies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode, florirão alegremente os vastos campos dos cereais... (ALMEIDA, *Correio da roça*, *O País*, 14 de setembro de 1909, p. 1).

A carta se destina a um interlocutor, levando em conta as suas possíveis reações, seu possível retorno, intuindo ao destinatário a sensação da réplica. E desta forma, observamos que nesta primeira correspondência, publicada no jornal, a personagem Fernanda, ao final, solicita a sua destinatária, Maria, que responda, abrindo-se assim a possibilidade de uma continuidade.

No século XVI grande parte das cartas possuía teor público, com referências a questões comerciais, políticas, sociais, etc. Já o romance epistolar tornou-se um gênero muito popular na Europa nos séculos XVIII e XIX, sendo que a carta circulou nos jornais brasileiros durante o século XIX em suas mais variadas acepções, usos e finalidades (BARBOSA, 2011, p. 332). Sua condição fundamental era o caráter literário ao desenvolver a história, principalmente, através de cartas, provocado pelo distanciamento entre os personagens. Quanto à percepção do termo literário, Socorro Barbosa (2007, p. 28), em pesquisa sobre a literatura nos jornais do século XIX, acrescenta que para estabelecer a distinção entre os jornais literários e os que não o eram, faz-se necessário estabelecer o conceito do termo literatura durante todo século XIX, principalmente porque a concepção de literatura à época era muito diversa daquela que temos hoje.

Claudia Atanazio Valentim (2006, p. 80), ao comentar sobre as funções das cartas na ficção, sugere reduzi-las a duas funções. A primeira, a função diegética: o narrador não dissimula sua presença; e a segunda, a função mimética: a história parece narrar-se por si mesma, sem mediação, sem narrador aparente. Contudo, nas duas formas de narração, há uma história. Em *Correio da roça*, podemos entender que o modo mimético constrói uma impressão de presença, pois permite que as personagens se revelem, o

discurso é enunciado em primeira pessoa, sendo que o narrador em terceira pessoa não existe nem mesmo para introduzir o enredo.

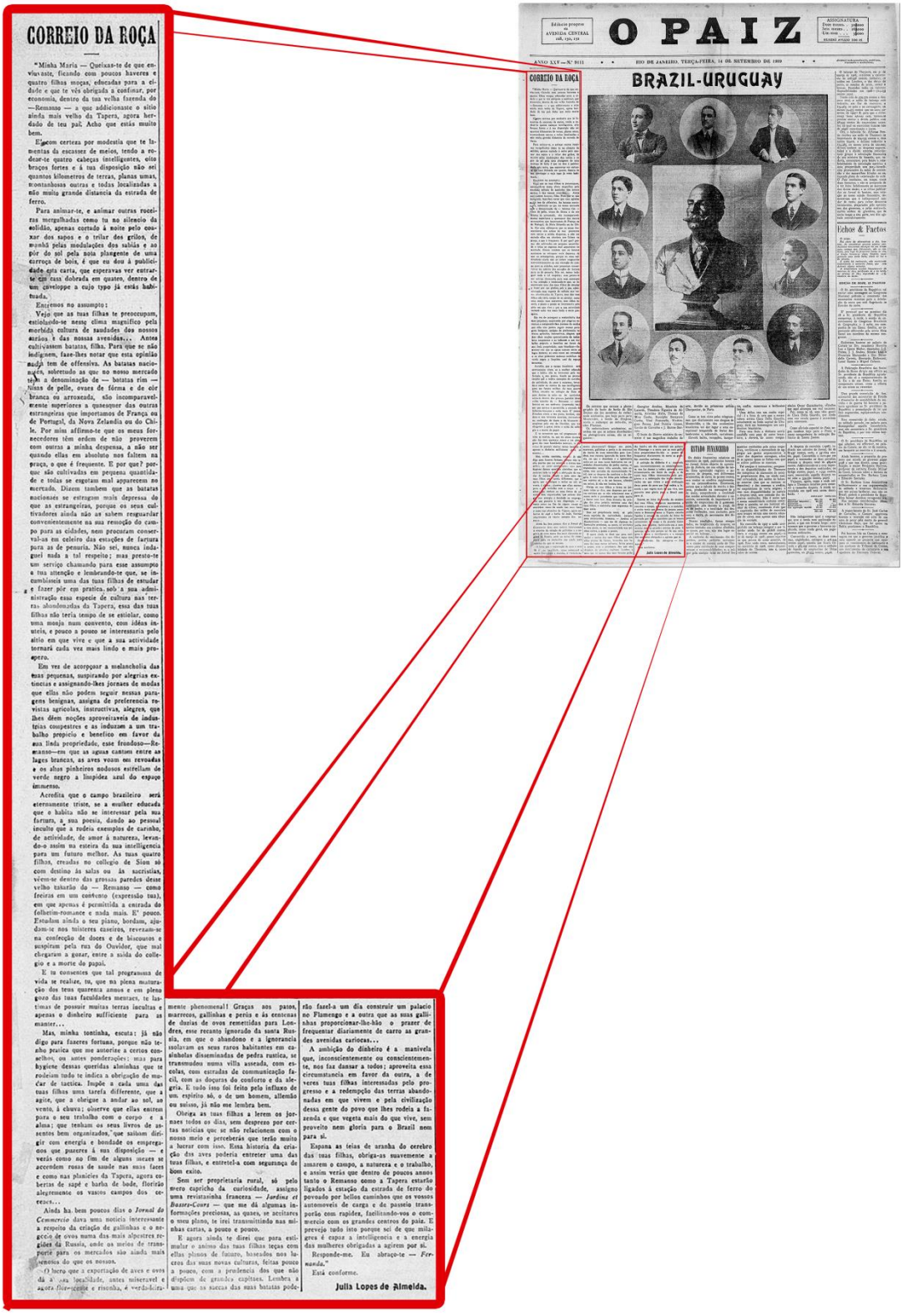
Para Reis & Lopes (1994), no romance epistolar configuram-se situações de narração intercalada. Nele se verifica a alternância de vivência, pelas personagens, de certos eventos da história com o seu relato por várias figuras dramáticas. Essa aclaração se observa em *Correio da roça*, onde as personagens se transformam em narradores.

Quando Júlia Lopes começou a publicar as cartas que comporiam o romance *Correio da roça* em sua coluna semanal, no jornal *O País,* não houve uma comunicação anterior aos leitores de que se trataria de uma sequência em série. Na semana que antecedeu a primeira publicação, o leitor se deparou com um texto em que a autora intitulou "O Perigo das cartas"*.* Este escrito seria posteriormente, com algumas modificações, trecho de um romance da escritora: *A Silveirinha, uma crônica de verão,* publicado em volume em 1914. Trata-se de narrativa em que as personagens X e Z são envolvidas pelo inescrupuloso advogado Ludgero que aspirava uma elevação social através de relacionamentos amorosos e para isso instruía seu assistente a escrever cartas, simulando casos amorosos dele com as mulheres, ambas casadas, com a finalidade de causar ciúmes entre as senhoras e tirar proveito financeiro. O narrador onisciente, assim revela:

> Com o remorso a roer-lhe a alma, o falsificador rogou em todos os tons ao amigo que esclarecesse a senhor X pedindo-lhe as cartas da...outra. Ele negou-lhe essa graça, assim como a de lhe indicar o verdadeiro nome dessa que ele mascarava com a penúltima letra do alfabeto. Em desespero de causa, o moço arrependido lembrou-se de mandar a uma novelista a sua história. (*O País*, 9 de setembro de 1909, p.1).

Cabe registrar que ao publicar o romance *A Silveirinha* (1914) em livro, a sugestão de enredo presente no texto destacado acima foi modificada. Transparece que o trecho fora publicado para ganhar um tempo e com a finalidade de chamar a atenção do leitor para a conjuntura das cartas, pois na semana seguinte começaria a publicação do romance epistolar *Correio da roça*.

A primeira aparição de *Correio da roça* no jornal *O País*, também, não trouxe indicação de capítulo, apenas o título e um pequeno traço horizontal. Esta publicação no jornal correspondeu ao segundo e ao terceiro capítulos do livro, ou seja, da página 10 a 16. Desta forma, a primeira diferença dos suportes é que no jornal o enredo começa a partir do segundo capítulo do livro, ou seja, ao livro foi acrescentado outro capítulo ou este foi suprimido pelo jornal. A publicação no jornal começa pela carta resposta de Fernanda para Maria, conforme percebemos abaixo:



CORREIO DA ROÇA

"Minha Maria — Queixas-te de que envelheste, ficando com poucos haveres e quatro filhas moças, educadas para a cidade e que te vês obrigada a confinar, por economia, dentro da tua velha fazenda do —Remanso — a que addicionaste o título ainda mais velho da Tapera, agora herdado de teu pai. Acho que estás muito bem.

E com certeza por modestia que te lamentas da escassez de meios, tendo a rodear-te quatro cabeças intelligentes, oito braços fortes e á tua disposição não sei quantos kilometros de terras, planas umas, montanhosas outras e todas localisadas a não muito grande distancia da estrada de ferro.

Para animar-te, e animar outras roceiras mergulhadas como tu no silencio da solidão, apenas cortado á noite pelo cosnar dos supos e o trilar dos grilos, de mistura pelas modulações dos sabiás e ao pôr do sol pela noia plangente de uma carroça de bois, é que eu dou á publicidade esta carta, que esperavas ver entrar-te em casa dobrada em quatro, dentro de um envelope a cujo typo já estás habituada.

Entremos no assumpto:

Vejo que as tuas filhas te preoccupam, estiolando-se nesse clima magnifico pela morbida cultura de saudades dos nossos ares, e das nossas avenidas... Antes cultivassem batatas, filha. Para que se não indignem, faze-lhes notar que esta opinião nada tem de offensiva. As batatas nacionaes, sobretudo as que no nosso mercado teem a denominação de — batatas rim — lisas de pelle, ovaes de fórma e de côr branca ou arroxeada, são incomparavelmente superiores a quaesquer das outras estrangeiras que importamos de França ou de Portugal, da Nova Zelandia ou do Chile. Por mim affirmo-te que os meus fornecedores têm ordem de não proverem com outras a minha despensa, a não ser quando ellas em absoluto nos faltem na praça, o que é frequente. E por que? porque são cultivadas em pequena quantidade e todas se esgotam mal apparecem no mercado. Dizem tambem que as batatas nacionaes se estragam mais depressa do que as estrangeiras, porque os seus cultivadores ainda não as sabem resguardar convenientemente na sua remoção do campo para as cidades, nem procuram conservá-las em celeiro das estações de fartura para as de penuria. Não sei, nunca indaguei nada a tal respeito; mas presto-te um serviço chamando para esse assumpto a tua attenção e lembrando-te que, se incumbisseis uma das tuas filhas de estudar e fazer pôr em pratica, sob a sua administração essa especie de cultura nas terras abandonadas da Tapera, essa das tuas filhas não teria tempo de se estiolar, como uma monja num convento, com idéas inuteis, e pouco a pouco se interessaria pelo sitio em que vive e que a sua actividade tornará cada vez mais lindo e mais prospero.

Em vez de acorçoar a melancholia das tuas pequenas, suspirando por alegrias extinctas e assignando-lhes jornaes de modas que ellas não podem seguir nessas paragens benignas, assigna de preferencia revistas agricolas, instructivas, alegres, que lhes dêem noções aproveitaveis de industrias campestres e as induzam a um trabalho propicio e benefico em favor da sua linda propriedade, esse frondoso—Remanso—em que as aguas cantem entre as lages brancas, as aves voam mi revoadas e os altos pinheiros nodosos estrellam de verde negro a limpidez azul do espaço immenso.

Acredita que o campo brazileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fortuna, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de actividade, de amor á natureza, levando-o assim na esteira da sua intelligencia para um futuro melhor. As tuas quatro filhas, creadas no collegio de Sion só com destino ás salas ou ás sacristias, vêem-se dentro das grossas paredes desse velho tabarão do — Remanso — como freiras em um convento (expressão tua), em que apenas é permittida a entrada do folhetim-romance e nada mais. E' pouco. Estudam ainda o seu piano, bordam, ajudam-te nos tisteres caseiros, revezam-se na confecção de doces e de biscouros e suspiram pela rua do Ouvidor, que mal chegaram a gozar, entre a saida do collegio e a morte do papaí.

E tu consentes que tal programma de vida se realize, tu, que na plena maturação dos teus quarenta annos e em plena gozo das tuas faculdades mentaes, te lastimas de possuir muitas terras incultas e apenas o dinheiro sufficiente para as manter...

Mas, minha tontinha, escuta: já não digo para fazeres fortuna, porque não tenho pratica que me autorise a certos conselhos, ou antes ponderações; mas para hygiene dessas quetidas alminhas que te roleiam tudo te indica a obrigação de mudar de tactica. Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa differente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, á chuva; observe que ellas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus livros de assentos bem organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puzeres á sua disposição — e verás como no fim de alguns mezes se accendem rosas de saude nas suas faces e como nas planicies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode, florirão alegremente os vastos campos dos cereaes...

Ainda ha bem poucos dias o *Jornal do Commercio* dava uma noticia interessante a respeito da criação de gallinhas e o negocio de ovos numa das mais afastadas regiões da Russia, onde os meios de transporte para os mercados são ainda mais remotos do que os nossos.

O lucro que a exportação de aves e ovos dá á essa localidade, antes miseravel e agora florescente e risonha, é verdadeiramente phenomenal! Graças aos patos, marrecos, gallinhas e perús e ás centenas de duzias de ovos remettidas para Londres, esse recanto ignorado da santa Russia, em que o abandono e a ignorancia isolavam os seus raros habitantes em cabinholas disseminadas de pedra rustica, se transmudou numa villa aseada, com escolas, com estradas de communicação facil, com as doçuras do conforto e da alegria. E tudo isso foi feito pela influxo de um espirito só, o de um homem, allemão ou suisso, já não me lembra bem.

Obriga as tuas filhas a leremm os jornaes todos os dias, sem desprezo por certas noticias que se não relacionem com o nosso meio e perceberás que terão muito a haver com isso. Essa historia da criação das aves poderia entreter uma das tuas filhas, e entretel-a com segurança de bom exito.

Sem ser proprietaria rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assigno uma revistasinha franceza — *Jardins et Basses-Cours* — que me dá algumas informações preciosas, as quaes, se acceitares o meu plano, te irei transmittindo nas minhas cartas, a pouco e pouco.

E agora ainda te direi que para estimular o animo das tuas filhas teças com ellas planos de futuro, baseados nos haveres das suas novas culturas, feitas pouco a pouco, com a prudencia dos que não dispõem de grandes capitaes. Lembra a uma que as sacas das suas batatas poderão fazel-a um dia construir um palacio no Flamengo e a outra que as suas gallinhas proporcionar-lhe-hão o prazer de frequentar diariamente de carro as grandes avenidas cariocas...

A ambição do dinheiro é a manivela que, inconscientemente ou conscientemente, nos faz dansar a todos; aproveita esta circumstancia em favor da outra, a de veres tuas filhas interessadas pelo progresso e a redempção das terras abandonadas em que vivem e pela civilisação dessa gente do povo que lhes rodeia a fazenda e que vegeta mais do que vive, sem proveito nem gloria para o Brazil nem para si.

Espana as teias de aranha do cerebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que dentro de poucos annos tanto o Remanso como a Tapera estarão ligados á estação da estrada de ferro do povoado por bellos caminhos que os vossos automoveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o commercio com os grandes centros do paiz. E preveja tudo isto porque sei de que milagres é capaz a intelligencia e a energia das mulheres obrigadas a agirem por si.

Responde-me. Eu abraço-te — *Fernanda.*"

Está conforme.

Julia Lopes de Almeida.

(*O País*, 14 de setembro de 1909)

Figura 10: primeira publicação do romance *Correio da roça* em *O País.*

No entanto, quando a emissora da carta se reporta à destinatária a quem chama de “Minha Maria”, percebemos que se trata de uma carta resposta. O assunto tratado nesta missiva nos leva a perceber a representação do que é dito pela escritora em suas colunas nos jornais: Educação e trabalho femininos e a questão agrária brasileira, temáticas que perduram até o final do enredo.

Escrever para os jornais fazia com que os autores se preocupassem com o tema e a forma de publicação, adequando sua escrita ao público de cada jornal. *O País* se caracterizou como um grande veículo que alcançava um público bastante heterogêneo. No entanto, percebemos que a forma como a autora desenvolveu a troca de cartas entre as personagens, intencionava fazer emergir o protagonismo feminino no trabalho campestre. A própria escritora sugere que a publicação da carta foi motivada para que atendesse às leitoras, conforme suas explicações abaixo:

> Para animar-te e animar outras roceiras mergulhadas como tu no silêncio da solidão, apenas cortado à noite pelo coaxar dos sapos e o trilar dos grilos, de manhã pelas modulações dos sabiás e ao por do sol pela nota plangente de uma carroça de bois, é que eu dou à publicidade esta carta, que esperava ver entrar-te em casa dobrada em quatro, dentro de um envelope a cujo tipo já está habituada (ALMEIDA, *Correio da roça*, 17 de setembro de 1909, p. 1).

Este trecho corresponde ao terceiro parágrafo que aparece somente na versão para o jornal. Ao se dirigir às leitoras de forma direta, a autora demonstra ter a noção da abrangência de público que seu escrito teria e poderia alcançar. Contudo, como bem nos lembra Chartier(1999, p.7) “a leitura é rebelde e vadia”. O que podemos apreender com isso é que mesmo a escritora tendo como público alvo: as “roceiras”, não implica dizer que só elas leriam. É tanto que, ao longo das publicações nos jornais, encontramos interpelações de leitores masculinos que escreviam, sugerindo ou comentando sobre as informações contidas nas cartas. Sob esse aspecto, as cartas são investidas de “significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção” (CHARTIER, 2002, p. 93).

No dia 8 de julho de 1910, a coluna “Vida Social”, do jornal *O País,* publica uma carta do Conde Amadeu Barbiellini, diretor da revista agrícola *Chácaras e Quintais*,[25] encaminhada à escritora Júlia Lopes em função de um capítulo de *Correio da roça*:

> É desnecessário dizer-lhe que sou um dos mais fieis leitores do seu *Correio da Roça* [...] não deixarei de ler a sua brilhante e simpática prosa dos Correios que estão fazendo tanto bem ao desenvolvimento da lavoura e à propaganda do gosto para a terra, para as culturas, etc. como o melhor de todos os esforços de um ministério de agricultura. Li com imenso entusiasmo a parte relativa aos adubos. Um assunto tão grave e até prosaico tornou-se atraente, interessante e até poético quando passou pela sua pena mágica e encantadora (O País, 8 de julho de 1910, p.3).

Duas observações podem ser feitas a partir da divulgação desta carta encaminhada à escritora. Não podemos desconsiderar que havia para o jornal *O País* interesse em divulgar a aceitação do trabalho de sua colaboradora junto ao público leitor, bem como citava um leitor diferenciado, uma vez que se tratava do dono da revista *Chácara e Quintais*, mencionada mais de uma vez, pela autora, nas correspondências da Série *Correio da roça*. Desta maneira, Júlia misturava ficção e realidade para dar nova roupagem aos fatos. Segue trecho em que ela já havia mencionado da revista:

> Sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira – Chácaras e Quintais – que me dá algumas informações preciosas, as quais, se aceitares o meu plano, te irei transmitindo nas minhas cartas a pouco e pouco. (ALMEIDA, *Correio da roça*, *O País*, 14 de setembro de 1909, p. 1).

O fato de registrar a existência da revista agrícola no mercado, vimos que a autora tenta demonstrar que o tempo das cartas é o tempo presente. A revista citada pela escritora foi um importante veículo de divulgação de

[25]Fundada pelo conde Amadeu Amidei Barbiellini, a revista *Chácaras e Quintais* teve a sua primeira edição publicada em 15 de outubro de 1909. Com este título, circulou até a década de 1970. Nos dias atuais, recebe o nome de Avicultura Industrial. A revista foi um importante veículo de divulgação de informações técnicas e científicas para o mundo rural brasileiro.

informações técnicas e científicas para o mundo rural brasileiro. Segundo Ana Luíza Martins em seu livro *Revistas em revista* (2008), Júlia foi o único nome feminino a escrever artigos para a revista *Chácara e Quintais*. Os artigos da escritora costumava falar sobre jardinagem.

Esta revista teve a sua primeira edição publicada em 15 de outubro de 1909, ou seja, ela cita a revista criada um mês antes. Vale destacar que no *Correio da roça* do dia 25 de outubro de 1910, quando foram publicados os capítulos XXIV, XXV, XXVI e XXVII, a personagem Fernanda reafirma a importância da revista agrícola pela utilidade prática, e recomenda por se tratar de uma leitura para toda a gente de bom gosto:

> Sou de opinião que, para um certo público preguiçoso, as leituras curtas, amenas, adoçadas por um raiozinho de lirismo ou pela graça ligeira de uma anedota, são muitas vezes melhor veículo para as ideias sérias e científicas de que longas tiradas didáticas (ALMEIDA, *Correio da roça*, 25 de outubro de 1910, p.1)

A personagem Fernanda ainda sugere com certo teor crítico que há quem aprendesse certos episódios históricos só por os terem lidos nos romances ou nos dramas, sugerindo a ausência de uma leitura mais instruída. Podemos inclusive perceber, neste episódio, uma preocupação de Júlia Lopes com as práticas de leituras, especialmente das mulheres. Essa inquietação da autora já havia sido externada nas suas crônicas de jornais, bem como na sua obra didática *Livro das Noivas.* O que diz a personagem Fernanda se aplica também ao próprio livro *Correio da roça*, ou seja, a escrita epistolar foi uma estratégia da autora para atingir um público feminino, pois segundo a própria escritora a mulher não tinha o hábito de ler bons autores.

Na introdução da última edição de *Correio da roça* em livro, em 1987, Sylvia Paixão ao ponderar sobre o gênero epistolar comenta que este tem muita relação com as cartas reais, que descrevem sentimentos pessoais, bem como acontecimentos, numa sucessão de cartas que termina por resultar em uma história. A constituição de um romance epistolar prescinde de credibilidade, conter elementos que faça o parecer real, cabendo ao leitor a consciência de que se trata de uma ficção. Sobre isso, ela discorre:

> A carta é uma forma de expressão extremamente subjetiva, que ao ser publicada perde a característica de privacidade, transformando-se em confissão: o público e o privado se confundem, a ação cotidiana se torna ficção a partir do momento em que é descrita a intimidade familiar, e o personagem real passa a ser ficcional. A esfera do que é público aparece como sendo um prolongamento da esfera íntima da casa; o que antes era pessoal e intransferível passa ao domínio público, revelando, transformando (PAIXÃO,1987, p.13)

Entre as vantagens que a adoção do método epistolar trouxe para a estrutura narrativa, destaca-se a flexibilidade formal da carta, que pode acolher outros gêneros e temática (nenhum assunto lhe é estranho). A ficção epistolar nos periódicos foi modulada por critérios retóricos, que previam aquela escrita como artifício, na maioria das vezes, formulado com a intenção didática ou de convencimento (BARBOSA, 2011). Ao qual acrescenta Lajolo (1993) ao comentar que as causas pelas quais o romance epistolar prosperou na Europa foram muitas em virtude da moralidade e didatismo de que a tradição da epístola literária desfrutava, e estas serviam de compensação ao moralismo religioso que atribuía ao romance a corrupção de costumes, sobretudo em relação às leitoras, principais consumidoras dos romances. Sobre o romance, Massaud esclarece:

> Servindo à burguesia em ascensão, o romance tornou-se porta-voz de suas ambições, desejos, vaidades, e, ao mesmo tempo e, sobretudo, ópio sedativo ou fuga da materialidade diária, [...], oferecendo-lhes a própria existência artificial e vazia como espetáculo [...]. Portanto, sem saber, gozam o espetáculo da própria vida como se fora alheia, estimulando desse modo uma forma literária que funcionava como espelho em que se miravam, [...]. Na verdade, oferecia-se aos burgueses a imagem do que pretendiam ser, do que sonhavam ser e não do que, efetivamente, eram. *(*MASSAUD, 1973, p*.188.)*

A começar pelo título, o romance de Júlia Lopes sugere tratar-se de correspondências, um gênero que segundo Barbosa (2007) ainda está a exigir um estudo de fôlego, pois são tipos textuais mais comuns e importantes nas colunas do jornal no século XIX. Ressalta, ainda, que a carta se caracteriza pelo privado, mas o assunto é público, ou de interesse geral, como foram cartas publicadas nos jornais e periódicos.

Uma especialidade deste trabalho da escritora Júlia Lopes no jornal é que em algumas publicações, após encerrar os capítulos do dia, a autora fazia alguns apartes com determinadas explicações, trazendo inclusive outras correspondências de leitores, expondo considerações ao seu trabalho ficcional. Desta forma, ela se manifesta:

> A propósito da primeira carta desta correspondência, de que me fiz editora por julgar que ela pudesse interessar às leitoras do interior, recebi interessantes observações de uma delas, que me pede licença para discordar do juízo que eu faço das brasileiras, aludindo aos seus gostos pelas modas (como se eu não fosse brasileira também e fosse eu a signatária da carta). E confessando-me ao mesmo tempo ser preciso uma grande coragem para se viver no campo dentro do nosso país (ALMEIDA, *O País*, 28 de setembro de 1909, p.1)

Inclusive, ainda nesta segunda publicação de *Correio da roça*, a qual a autora chamou de "série" *Correio da roça*, Júlia Lopes solicita a interferência dos leitores na elaboração das informações a serem repassadas através das correspondências:

> O que desejo e peço é que no correr da série do – Correio da roça – os leitores que pelos seus estudos ou pela sua prática possam concorrer para emendar ou elucidar os enganos ou erros das minhas correspondentes e façam com a máxima franqueza, em carta a mim dirigida, não só para que eu corrija os defeitos, como para que ainda mais tarde sirvam de lição a terceiros (ALMEIDA, *O País*, 28 de setembro de 1909, p. 1).

O trecho acima faz parte de um longo comentário que a escritora Júlia Lopes escreve ao término da segunda publicação, abaixo da assinatura da signatária, a personagem Maria. Esse segundo capítulo no jornal corresponde ao terceiro capítulo do livro, da página 17 a 22.

3.2 Correio da roça, um manual campestre

> O meu livro *Correio da roça* tem despertado o estímulo e a vocação de muitas patrícias nossas, que tinha verdadeiro horror ao campo. [...] Os campos brasileiros são imensamente tristes e precisam ser povoados e embelezados pelas nossas patrícias. (*A NOITE*, 11 de maio de 1931, p.2).

Os escritos de Júlia Lopes de Almeida marcam sua adesão a várias campanhas e uma delas foi o ruralismo, tema de reflexões entre intelectuais durante as primeiras décadas do século XX. Em *Correio da roça*, ela faz apologia ao campo ao propor uma existência mais laboriosa e mais gratificante, sendo a vida no campo superior à vida nas grandes cidades, que iludem e tornam indolentes seus habitantes.

Apesar de considerada pela crítica como símbolo das letras *belle époque*, estilo que marca a vida cultural e literária do período entre os séculos XIX e XX, Júlia escreveu duas obras em que o meio rural teve seu protagonismo: *A família Medeiros* e *Correio da roça*. Este último, na esteira do sucesso das correspondências em um grande jornal como *O País*, sai em defesa do aperfeiçoamento técnico no campo, da educação para o trabalho, da formação de uma infraestrutura de apoio à produção, da percepção da natureza como um conjunto de recursos disponíveis para uso e, por conseguinte, para a mudança de vida das pessoas e do país. No trecho abaixo, a personagem Fernanda questiona a passividade do agricultor em relação às condições das estradas, fundamentais para escoamento da produção agrícola:

> Disseste-me que, aí para os teus lados mesmo, as estradas municipais estão um tanto ou quanto desleixadas. Mas que fazem vocês que não gritam, que não atormentam as autoridades locais, até que elas vos deem caminhos amplos, firmes, feitos com todo o rigor e todos os preceitos da boa arte? Guerreia a política e pede, até ao berro e à vociferação, os melhoramentos para os quais contribuis bem pesadamente. (ALMEIDA, *O País*, *Correio da roça*, 2 de novembro de 1909, p.1)

Esse discurso em favor do meio rural é o prolongamento de um discurso já existente em sua coluna jornalística, também, no jornal O País. Ao longo do seu trabalho como colaboradora de *O País*, a escritora abordou as dificuldades dos pequenos produtores rurais, não apenas pelas precárias estradas, assunto pelo qual a colunista dedicou demasiada atenção, ou pela falta de assistência técnica, mas, sobretudo, pela falta de instrução. A despeito da sua condição de mulher, não se mostrou indiferente aos problemas de seu tempo, especialmente, às dificuldades ligadas ao ambiente rural.

Em 1909, no mesmo ano em que começa a publicar a série *Correio da roça*, foi criado o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio por iniciativa da Sociedade Nacional da Agricultura (SNA)[26]. O novo ministério nasce em meio a divergências entre as elites agrárias regionais. De um lado, estava a burguesia paulista, em favor da valorização do café, e do outro, o grupo formado pelos representantes da SNA (composto pelas elites agrárias do Nordeste, do Rio de Janeiro e do Sul do País), interessado em recuperar e modernizar o setor agrícola brasileiro (Mendonça, 1997). E como o jornal *O País* sempre esteve ligado à questão política, não se absteve nesse apoio, sendo um espaço de divulgação das ações do governo republicano.

Na quarta publicação do *Correio da roça*, em 2 de novembro de 1909, após subscrever a carta, a personagem Fernanda chama a atenção de Maria em uma observação separada por um traço na horizontal. Neste aparte, Fernanda discorre sobre a importância de Maria buscar leituras de assuntos ligados à terra, bem como filiar-se às entidades de classes rurais:

> P.S – Ainda não me disseste se és sócia ou não da Sociedade Nacional da Agricultura, nem tampouco se queres que eu assine em teu nome algumas revistas agrícolas. Recomendo-te uma aparecida agora em S. Paulo sob a denominação de *Chácaras e Quintais*[27] (ALMEIDA, *O País*, *Correio da roça*, 2 de novembro de 1909, p.1).

[26]A SNA foi fundada no Rio de Janeiro, Brasil, em janeiro de 1897, como instituição privada, de fins não lucrativos, com a finalidade de congregar interessados na prática da agricultura, encorajando-os em suas atividades, fomentando estudos e difundindo conhecimentos fundamentais de política, técnicas e divulgação.

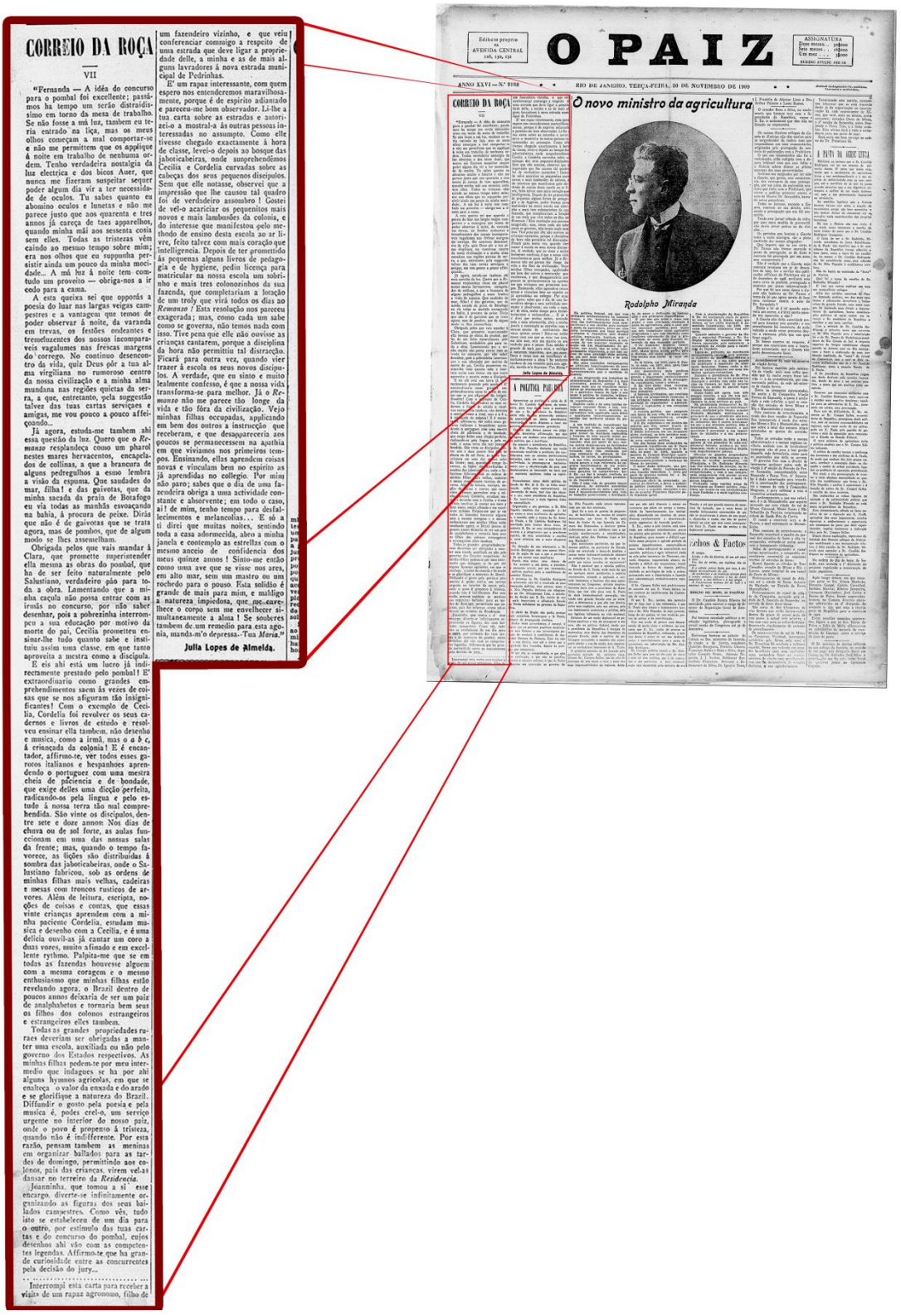
[27]Com este título, a revista circulou até a década de 1970. Nos dias atuais, recebe o nome de *Avicultura Industrial*.

Após observar algumas ações do poder público em favor do camponês, por meio do Ministério da Agricultura, a autora comenta:

> Ora parece que há, finalmente, quem tenha feito alguns movimentos enérgicos para dar de futuro à lavoura algo mais que os braços que sempre lhe faltaram – para lhe dar cabeças. Braços fortes, braços resistentes, braços ativos que lhes valem a falta de cabeça e inteligência, que lhes dirijam os movimentos. [...] Se metade do que os governos têm gastado, desde o império, para dar braços à lavoura, fosse empregado em dar cabeça ao lavrador, em dar-lhe o preparo indispensável a todos que se dedicam às artes complexas, outra seria a situação da lavoura no país, outras seriam as condições econômicas da nação, cuja prosperidade só da lavoura, unicamente da lavoura, exclusivamente da lavoura tem de vir. (O País, 12 de abril de 1910, p.1).

Júlia aborda em suas crônicas as mesmas reflexões inseridas ao longo do seu romance epistolar. A autora destaca os imperativos benefícios gerados quando há investimento na instrução e no conhecimento do homem/mulher do campo, capaz de tornar o trabalho mais produtivo, aliando a força braçal do brasileiro.

Na edição do jornal *O País* do dia 30 de novembro de 1909, após já ter comentado sobre as ações do recém-criado Ministério da Agricultura, encontramos o capítulo VII do *Correio da roça* e ao lado uma reportagem em que fala sobre o ministro. Para comprovação segue a página:



CORREIO DA ROÇA

VII

"Fernanda — A idéa do concurso para o pombal foi excellente; passámos ha tempo um serão distraidissimo em torno da mesa de trabalho. Se não fosse a má luz, tambem eu teria entrado na liça, mas os meus olhos começam a mal comportar-se e não me permittem que os applique á noite em trabalho de nenhuma ordem. Tenho verdadeira nostalgia da luz electrica e dos bicos Auer, que nunca me fizeram suspeitar sequer poder algum dia vir a ter necessidade de oculos. Tu sabes quanto eu abomino oculos e lunetas e não me parece justo que aos quarenta e tres annos já careça de taes apparelhos, quando minha mãi aos sessenta conta sem elles. Todas as tristezas vêm caindo ao mesmo tempo sobre mim; era nos olhos que eu suppunha persistir ainda um pouco da minha mocidade... A má luz á noite tem comtudo um proveito — obriga-nos a ir cedo para a cama.

A esta queixa sei que opporás a poesia do luar nas largas veigas campestres e a vantagem que temos de poder observar á noite, da varanda em trevas, os festões ondeantes e tremelusentes dos nossos incomparaveis vagalumes nas frescas margens do corrego. No continuo desencontro da vida, quiz Deus pôr a tua alma virgiliana no rumoroso centro da nossa civilização e a minha alma mundana nas regiões quietas da serra, a que, entretanto, pela suggestão talvez das tuas cartas nervosas e amigas, me vou pouco a pouco affeiçoando...

Já agora, estuda-me tambem ahi essa questão da luz. Quero que o *Romanzo* resplandeça como um pharol nestes mares hervacentos, encapellados de collinas, a que a brancura de alguns pedregulhos a esmo lembrão a visão da espuma. Que saudades do mar, filha! e das gaivotas, que da minha sacada da praia de Botafogo eu via todas as manhãs esvoaçando na bahia, á procura de peixe. Dirás que não é de gaivotas que se trata agora, mas de pombos, que de algum modo se lhes assemelham.

Obrigada pelos que vais mandar á Clara, que promette superintender ella mesma as obras do pombal, que ha de ser feito naturalmente pelo Salustiano, verdadeiro pão para toda a obra. Lamentando que a minha caçula não possa entrar com as irmãs no concurso, por não saber desenhar, pois a pobrezinha interrompeu a sua educação por motivo da morte do pai, Cecilia prometteu ensinar-lhe tudo quanto sabe e instituiu assim uma classe, em que tanto aproveita a mestra como a discipula.

E eis ahi está um lucro já indirectamente prestado pelo pombal! E' extraordinario como grandes emprehendimentos saem ás vezes de coisas que se nos afiguram tão insignificantes! Com o exemplo de Cecilia, Cordelia foi revolver os seus cadernos e livros de estudo e resolveu ensinar ella tambem, não desenho e musica, como a irmã, mas o *a b c*, á crinçada da colonia! E é encantador, affirmo-te, ver todos esses garotos italianos e hespanhoes aprendendo o portuguez com uma mestra cheia de paciencia e de bondade, que exige delles uma dicção perfeita, radicando-os pela lingua e pelo estudo á nossa terra tão mal comprehendida. São vinte os discipulos, dentre sete e doze annos. Nos dias de chuva ou de sol forte, as aulas funccionam em uma das nossas salas da frente; mas, quando o tempo favorece, as lições são distribuidas á sombra das jaboticabeiras, onde o Salustiano fabricou, sob as ordens de minhas filhas mais velhas, cadeiras e mesas com troncos rusticos de arvores. Além de leitura, escripta, noções de coisas e contas, que essas vinte crianças aprendem com a minha paciente Cordelia, estudam musica e desenho com a Cecilia, e é uma delicia ouvil-as já cantar um coro a duas vozes, muito afinado e em excellente rythmo. Palpita-me que se em todas as fazendas houvesse alguem com a mesma coragem e o mesmo enthusiasmo que minhas filhas estão revelando agora, o Brazil dentro de poucos annos deixaria de ser um paiz de analphabetos e tornaria bem seus os filhos dos colonos estrangeiros e estrangeiros elles tambem.

Todas as grandes propriedades ruraes deveriam ser obrigadas a manter uma escola, auxiliada ou não pelo governo dos Estados respectivos. As minhas filhas pedem-te por meu intermedio que indagues se ha por ahi alguns hymnos agricolas, em que se enalteça o valor da enxada e do arado e se glorifique a natureza do Brazil. Diffundir o gosto pela poesia e pela musica é, podes crel-o, um serviço urgente no interior do nosso paiz, onde o povo é propenso á tristeza, quando não é indifferente. Por esta razão, pensam tambem as meninas em organizar bailados para as tardes de domingo, permittindo aos colonos, pais das crianças, virem vel-as dansar no terreiro da *Residencia*.

Joaninha, que tomou a si esse encargo, diverte-se infinitamente organizando as figuras dos seus bailados campestres. Como vês, tudo isto se estabelecerá de um dia para o outro, por estimulo das tuas cartas e do concurso do pombal, cujos desenhos ahi vão com as competentes legendas. Affirma-te que ha grande curiosidade entre as concurrentes pela decisão do jury...

.....

Interrompi esta carta para receber a visita de um rapaz agronomo, filho de um fazendeiro vizinho, e que veiu conferenciar commigo a respeito de uma estrada que deve ligar a propriedade delle, a minha e as de mais alguns lavradores á nova estrada municipal de Pedrinhas.

E' um rapaz interessante, com quem espero nos entendermos maravilhosamente, porque é de espirito adiantado e pareceu-me bom observador. Li-lhe a tua carta sobre as estradas e autorizei-o a mostral-a ás outras pessoas interessadas no assumpto. Como elle tivesse chegado exactamente á hora de classe, levei-o depois ao bosque das jaboticabeiras, onde surprehendemos Cecilia e Cordelia curvadas sobre as cabeças dos seus pequenos discipulos. Sem que elle notasse, observei que a impressão que lhe causou tal quadro foi de verdadeiro assombro! Gostei de vel-o acariciar os pequeninos mais novos e mais lambuzados da colonia, e do interesse que manifestou pelo methodo de ensino desta escola ao ar livre, feito talvez com mais coração que intelligencia. Depois de ter promettido ás pequenas alguns livros de pedagogia e de hygiene, pediu licença para matricular na nossa escola um sobrinho e mais tres colonozinhos da sua fazenda, que completariam a lotação de um troly que virá todos os dias ao *Remanso* / Esta resolução nos pareceu exagerada; mas, como cada um sabe como se governa, não temos nada com isso. Tive pena que elle não ouvisse as crianças cantarem, porque a disciplina da hora não permittiu tal distracção. Ficará para outra vez, quando vier trazer á escola os seus novos discipulos. A verdade, que eu sinto e muito lealmente confesso, é que a nossa vida transforma-se para melhor. Já o *Remanso* não me parece tão longe da vida e tão fóra da civilização. Vejo minhas filhas occupadas, applicando em bem dos outros a instrucção que receberam, e que desappareceria aos poucos se permanecessem na apathia em que viviamos nos primeiros tempos. Ensinando, ellas aprendem coisas novas e vinculam bem no espirito as já aprendidas no collegio. Por mim não paro; sabes que o dia de uma fazendeira obriga a uma actividade constante e absorvente; em todo o caso, ai de mim, tenho tempo para desfallecimentos e melancolias... E só a ti direi que muitas noites, sentindo toda a casa adormecida, abro a minha janella e contemplo as estrellas com o mesmo anceio de confidencia dos meus quinze annos! Sinto-me então como uma ave que se visse nos ares, em alto mar, sem um mastro ou um rochedo para o pouso. Esta solidão é grande de mais para mim, e maldigo a natureza impiedosa, que me cavelhece o corpo sem me envelhecer simultaneamente a alma! Se souberes tambem de um remedio para esta agonia, manda-m'o depressa.-Tua *Maria*."

Julia Lopes de Almeida.

O PAIZ

ANNO XXVI — N.º 9108 — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 1909

O novo ministro da agricultura

Rodolpho Miranda

(*O País*, 30 de novembro de 1909)

Figura 11: Publicação do romance *Correio da roça* e nota sobre o ministro da Agricultura

O jornal *O País* deixa claro seu apoio político ao renovar votos de confiança ao trabalho do Ministro da Agricultura Rodolpho Miranda. Percebemos que não diverge da posição da autora, o que nos remete as formas dos escritos da época, já que no contexto da produção literária dos oitocentos, autores se submetiam no momento da escrita à condição imposta por cada editor de jornal, correspondendo, por sua vez, às exigências do mercado e à demanda dos leitores.

Ao criar a estratégia das cartas para instruir as mulheres da roça e trazer à luz ensinamentos que pudessem contribuir com a mudança de postura diante da nova realidade, a obra assume um caráter de manual. Na fala das personagens, fica nítida a intenção de colocar a mulher no centro de qualquer ação: “a mulher do fazendeiro, as filhas dos fazendeiros têm uma missão elevada a cumprir, a missão de tornar a vida, a sua e dos seus, bela e superior. Devo-te a compreensão destas coisas sublimes” (ALMEIDA,*O País*, 1910). A personagem Fernanda principia por incentivar sua amiga e as filhas a fazerem a propriedade produzir alimentos, utilizando como argumento a qualidade dos produtos produzidos nas terras brasileiras: “Em que parte do mundo a laranja será melhor que a nossa? Posso afirmar que em nenhuma. Nem tão boa.” (ALMEIDA, *O País, Correio da roça*,1909).

O caráter didático da narrativa epistolar, que moldura as descrições e as preleções a respeito das atividades agrícolas e pecuárias, vai se revelando a cada carta. No capítulo VI, publicado em 16 de novembro de 1909, as orientações se dedicam para a formação de um roseiral:

> Quando o teu roseiral estiver criado, manda de vez em quando por de imersão, num depósito de água, um saco cheio de fuligem, e logo que essa água tiver tomado a cor do vinho do Porto, irriga com ela, fartamente, as roseiras sem receio de que o excesso d´água as prejudique. Não deixes também de aproveitar as cascas do café para adubo dos canteiros, espalhando-as numa camada de quatro ou cinco centímetros... (ALMEIDA, *Correio da roça*, 16 de novembro de 1909, p.1)

Além das frutas, das flores e da criação de animais, as cartas que se seguiram mostraram Fernanda como uma espécie de instrutora de Maria e suas filhas, orientando-as sobre trabalho e finanças, alcançando o seu objetivo

que era o de fazer as mulheres permanecerem na roça. O Remanso se transforma em uma propriedade lucrativa, bem como em um ambiente harmonioso e alegre: “A nossa casa já não é a mesma: está agora sempre cheia de música e de canto, influência do amor e do trabalho”. A cada carta, as mulheres respondiam sobre um empreendimento, seja ele financeiro ou social. As filhas de Maria resolvem criar uma escola para os filhos dos imigrantes e dos colonos da região e ajudam na construção de um hospital na divisa da fazenda Remanso. As mulheres do Remanso colocam em prática aquilo que Júlia Lopes de Almeida reivindica em sua coluna: “Todas as grandes propriedades rurais deveriam ser obrigadas a manter uma escola, auxiliada ou não pelo governo dos estados”. Essa questão foi retomada por Graciliano Ramos em São Bernardo (1934). A personagem Madalena tem um perfil humanitário, e busca ajudar os filhos dos colonos a ter acesso à educação.

Diferentemente de Madalena, as mulheres de Júlia Lopes nesta obra conseguem cumprir seu papel, em especial, a viúva Maria. As mulheres viúvas são personagens recorrentes nas obras de Júlia Lopes. Geralmente burguesas, são caracterizadas como mulheres corajosas, se reedificam através do trabalho. Podemos ver esses exemplos em A falência e Memórias de Marta que, a exemplo de Maria em *Correio da roça,* conseguem, através dos seus esforços, manter sua família sem a ajuda de um marido, que ao falecer se revela falido.

Para Luiza Lobo (2006), os conselhos, na forma epistolar, não diferem muito da literatura para moças que encontramos em *Livro das noivas* (1896), recomendando a adaptação à situação social e aos limites de conveniência. Assim como Correio da roça o foco está sobre o papel da mulher, há uma preocupação em preparar as mulheres para enfrentarem e vencerem obstáculos, especificamente, no campo. Não podemos deixar de ressaltar um conselho recorrente em muitas obras da autora: incentivo à leitura. Se em Correio da roça o objetivo era preparar a mulher para fazer do campo mais alegre e produtivo, no *Livro das noivas* a preocupação era em educar as noivas para os abalos e afazeres que envolvem o matrimônio, a administração do lar e os primeiros anos de vivência em uma situação nova, de intimidade:

> Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro! [...] A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e moral. (ALMEIDA, *Livro das Noivas*, 1905, p.13)

Por salientar e valorizar a instrução moral, o *Livro das Noivas* esteve publicado em quase todos os periódicos em que Júlia colaborou: *Gazeta de Campinas, A Estação, O País*, entre outros. Essa obra abriu caminho para a consagração da escritora junto aos seus contemporâneos. Fundamental para abrir portas, por outro lado essa obra, também, ajudou a estigmatizar a autora por valorizar o discurso patriarcal sobre o papel doméstico da mulher.

Ao se referir a sua obra *Correio da roça,* a autora não considera folhetinesca sua obra epistolar, uma vez que a denomina “Série”. Sua publicação não era diária, mas mesmo assim prendia a atenção do leitor. O forte dessa obra é o seu valor documental em relação às representações sobre a sociedade rural da época, na caracterização do espaço campestre, que serve como elemento no auxílio da definição do contexto histórico e social de nossa literatura do entre séculos XIX e XX.

Não há como contestar que o enredo seja previsível, o que necessariamente não tira o mérito do enredo. Logo que os personagens Eduardo Jorge e Cesário Malheiros, jovens de boa índole e bem sucedidos, são introduzidos na narrativa, deduzimos que irão desposar as filhas mais velhas de Maria. Os valores burgueses como casamento, família e trabalho se mostraram caros à escritora Júlia Lopes. Assim como no manual do *Livro das noivas que* tinha a função didática para a leitora dona de casa, *Correio da roça* teve a função de ministrar orientações para as pequenas proprietárias de terras, que além da casa ainda tratariam da terra.

Uma relevante observação que fazemos é quanto à capacidade que a autora teve de responder aos anseios editoriais do período. Foi assim com os seus romances, as crônicas de moda, mas nada se comparou ao sucesso de seus manuais. O *Livro das noivas* foi referência no gênero e ao escrever seu manual campestre, através da estratégia epistolar, não alcançou apenas o público desejado pela autora, o feminino, mas, sobretudo, manteve-se na

tendência do momento que era o romance focalizando o cotidiano da vida no campo.

O ruralismo fez parte do cenário de algumas obras do período, seja de caráter romântico ou realista. Citamos três contemporâneos da escritora: Monteiro Lobato (1882-1948) com *Urupês* e *Cidades mortas*, Euclides da Cunha (1886-1909) com *Os Sertões* e Lima Barreto (1881-1922) com *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Com diferenças que não iremos explorar, podemos dizer que a linha que liga Júlia Lopes aos três renomados autores é o cenário rural e a análise da realidade brasileira, deixando singular o fato de a escritora valer-se de personagens burgueses, endinheirados, porém vazios de significação existencial, preocupados com os prazeres mundanos e com a ostentação que deixara no Rio de Janeiro, como veremos nas novas moradoras do Remanso. Esta representação será modificada pela vivência no campo:

> E para a glória de tua alma, tu, não só a alcançaste completamente, como ainda a soubeste transmitir a tuas filhas, educando-as em um regime de trabalho ativo e criador, de bondade e singeleza, que as faz sentir o mesmo gozo consciente de viver uma vida fértil em benefícios de toda a ordem. [...] A fazenda é um verdadeiro sanatório moral para quem a veja com olhos inteligentes e piedosos; a cidade, ao contrário, é uma grande perturbação das almas adolescentes. Se tuas filhas tivessem permanecido neste meio inquieto, em companhia de amigas que aos 15 anos se pintam como cocotes; dançando em salões com rapazes que nas meninas só acham interessante o dote; ouvindo de todos os lados lisonjas e intrigas, teriam elas chegado à perfeição moral? Não. (ALMEIDA, *Correio da roça*, *O País*, 17 de outubro de 1911, p.1)

O início do século XX marca a publicação de outros romances que focalizam o espaço rural, e neste aspecto *Correio da roça* dialoga com o romance do português Eça de Queiroz, *A cidade e as serras* (1901), em ambas existe a concepção da superioridade da vida no campo em relação às grandes cidades. Na obra de Eça, a progressiva mudança de um descendente da nobreza portuguesa – nascido e criado no luxo em Paris, à custa das rendas proporcionadas por suas terras em Portugal – passa de um arrenegado indivíduo aprisionado às ilusões e falsos prazeres da cidade grande a um

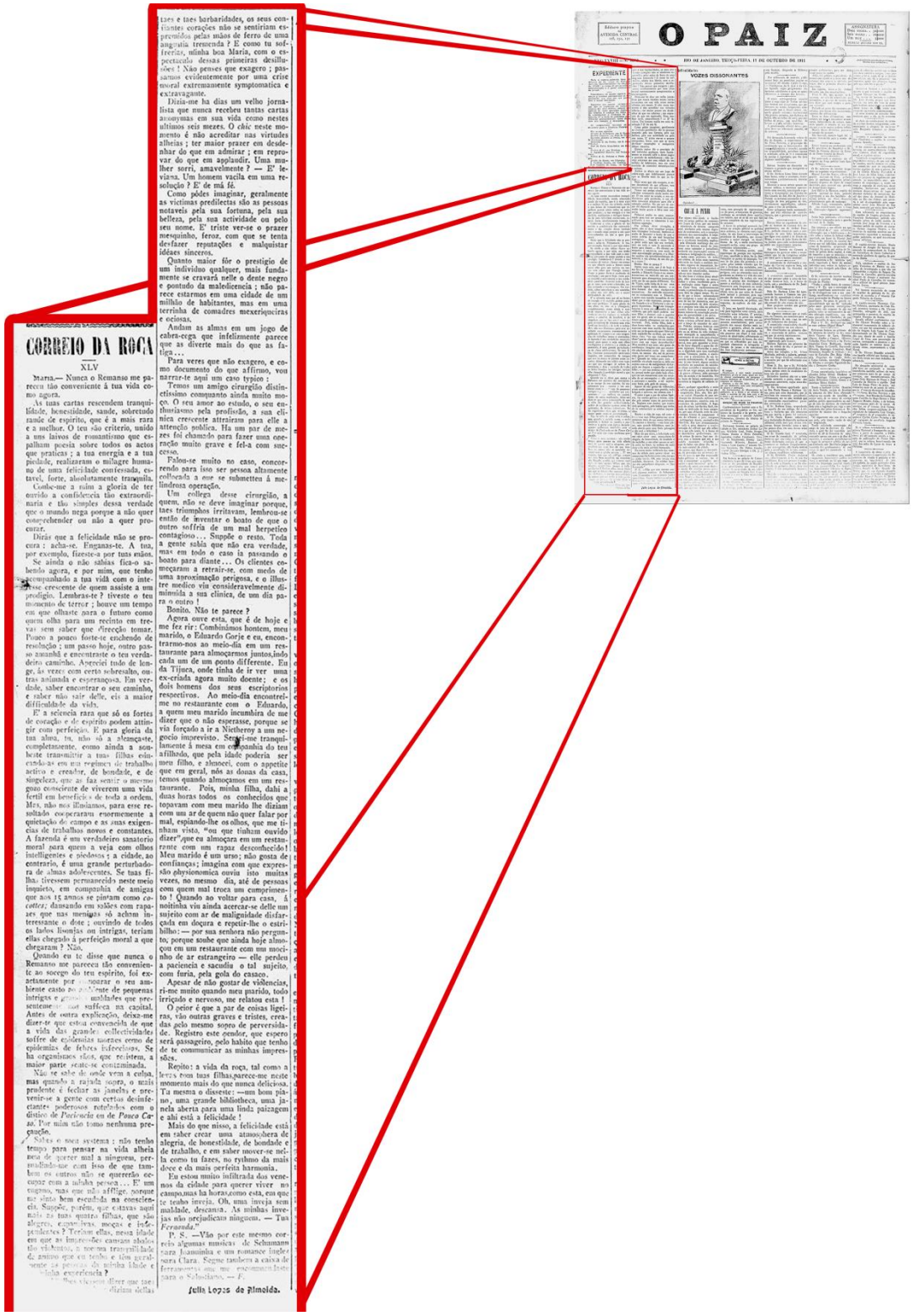
homem interessado e saudável, dedicado às suas terras e ao seu povo, na sua propriedade rural em Tormes, Portugal. O contraponto está apenas no enfoque, que não podemos deixa de ratificar, em relação ao protagonismo feminino da obra de Júlia Lopes. Uma mulher viúva capaz de refazer sua vida através do trabalho, bem como a mudança de postura em relação ao campo e sua gente. Através da personagem Maria, a autora deixa o seu lamento em favor dos campos brasileiros:

> Nestes dois anos de trabalho, de experiência, de necessidade, as minhas adquiriram uma perspicácia espantosa. Estou convencida de que não é pasmaceira dos colégios que se formam almas. Os ideais precisam de terreno amplo e livre em que se debatam e possam criar raízes. Este do campo é maravilhoso para isso. A minha grande mágoa é não as sentir germinar em grande parte das nossas fazendeiras, já que talvez fosse demasiada ambição desejá-los em todas... ALMEIDA, *Correio da roça*, *O País*, 13 de dezembro de 1910. p.1)

Mesmo de gêneros diferentes, a caracterização de personagens burgueses aproximam as duas obras. A crítica ao estilo de vida afrancesado e desprovido de autenticidade, que enaltece o progresso urbano que se desenraiza do solo e da cultura do país está presente nos dois romances.

Em Correio da roça não aparece conflitos, mas reflexões que possam revelar a essência e a maneira de ser do homem que vive no campo e da cidade. No último capítulo publicado no jornal, Júlia Lopes demonstra que a relação entre cidade e campo também está ligada à consolidação de uma cultura nacional.

Assim como fez em alguns romances urbanos, Júlia Lopes volta a fazer críticas a certos comportamentos e aos mexericos de uma sociedade fútil que, segunda a autora, vive uma crise moral, sintomática e extravagante. Para demonstrar o quanto o campo faz bem, pincela uma visão idílica imposta ao meio rural. Eis o que diz a última carta de Fernanda para Maria:



O PAIZ

RIO DE JANEIRO, TRIÇA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1911

EXPEDIENTE

VOZES DISSONANTES

CORREIO DA ROÇA

XLV

Maria.— Nunca o Remanso me pareceu tão conveniente á tua vida como agora.

As tuas cartas rescendem tranquilidade, honestidade, saude, sobretudo saude de espirito, que é a mais rara e a melhor. O teu são criterio, unido a uns laivos de romantismo que espalham poesia sobre todos os actos que praticas; a tua energia e a tua piedade, realizaram o milagre humano de uma felicidade confessada, estavel, forte, absolutamente tranquila.

Coube-me a mim a gloria de ter ouvido a confidencia tão extraordinaria e tão simples dessa verdade que o mundo nega porque a não quer comprehender ou não a quer procurar.

Dirás que a felicidade não se procura: acha-se. Enganas-te. A tua, por exemplo, fizeste-a por tuas mãos.

Se ainda o não sabias fica-o sabendo agora, e por mim, que tenho acompanhado a tua vida com o interesse crescente de quem assiste a um prodigio. Lembras-te? tiveste o teu momento de terror; houve um tempo em que olhaste para o futuro como quem olha para um recinto em trevas sem saber que direcção tomar. Pouco a pouco foste-te enchendo de resolução; um passo hoje, outro passo amanhã e encontraste o teu verdadeiro caminho. Apreciei tudo de longe, ás vezes com certo sobresalto, outras animada e esperançosa. Em verdade, saber encontrar o seu caminho, e saber não sair delle, eis a maior difficuldade da vida.

E' a sciencia rara que só os fortes de coração e de espirito podem attingir com perfeição. E para gloria da tua alma, tu, não só a alcançaste, completamente, como ainda a soubeste transmittir a tuas filhas educando-as em um regimen de trabalho activo e creador, de bondade, e de singeleza, que as faz sentir o mesmo gozo consciente de viverem uma vida fertil em beneficios de toda a ordem. Mas, não nos illudamos, para esse resultado cooperaram enormemente a quietação do campo e as suas exigencias de trabalhos novos e constantes. A fazenda é um verdadeiro sanatorio moral para quem a veja com olhos intelligentes e piedosos; a cidade, ao contrario, é uma grande perturbadora de almas adolescentes. Se tuas filhas tivessem permanecido neste meio inquieto, em companhia de amigas que aos 15 annos se pintam como *cocottes*; dansando em salões com rapazes que nas meninas só acham interessante o dote; ouvindo de todos os lados lisonjas ou intrigas, teriam ellas chegado á perfeição moral a que chegaram? Não.

Quando eu te disse que nunca o Remanso me pareceu tão conveniente ao socego do teu espirito, foi exactamente por comparar o seu ambiente casto ao ambiente de pequenas intrigas e grandes maldades que presentemente nos suffoca na capital. Antes de outra explicação, deixa-me dizer-te que estou convencida de que a vida das grandes collectividades soffre de epidemias moraes como de epidemias de febres infecciosas. Se ha organismos sãos, que resistem, a maior parte sente-se contaminada.

Não se sabe de onde vem a culpa, mas quando a rajada sopra, o mais prudente é fechar as janelas e prevenir-se a gente com certos desinfectantes poderosos rotulados com o distico de *Paciencia* ou de *Pouco Caso*. Por mim não tomo nenhuma precaução.

Sabes o meu systema: não tenho tempo para pensar na vida alheia nem de querer mal a ninguem, persuadindo-me com isso de que tambem os outros não se quererão occupar com a minha pessoa... E' um engano, mas que não affligo, porque me sinto bem escudada na consciencia. Suppõe, porém, que estavas aqui mais as tuas quatro filhas, que são alegres, expansivas, moças e independentes? Teriam ellas, nessa idade em que as impressões causam abalos tão violentos, a mesma tranquillidade de animo que eu tenho e tão geralmente as pessoas da minha idade e [illegible] experiencia?

[illegible] dizem dellas

taes e taes barbaridades, os seus confiantes corações não se sentiriam espremidos pelas mãos de ferro de uma angustia tremenda? E como tu soffrerias, minha boa Maria, com o espectaculo dessas primeiras desillusões! Não penses que exagero; passamos evidentemente por uma crise moral extremamente symptomatica e extravagante.

Dizia-me ha dias um velho jornalista que nunca recebeu tantas cartas anonymas em sua vida como nestes ultimos seis mezes. O *chic* neste momento é não acreditar nas virtudes alheias; ter maior prazer em desdenhar do que em admirar; em reprovar do que em applaudir. Uma mulher sorri, amavelmente? — E' leviana. Um homem vacila em uma resolução? E' de má fé.

Como pódes imaginar, geralmente as victimas predilectas são as pessoas notaveis pela sua fortuna, pela sua belleza, pela sua actividade ou pelo seu nome. E' triste ver-se o prazer mesquinho, feroz, com que se tenta desfazer reputações e malquistar idéaes sinceros.

Quanto maior fôr o prestigio de um individuo qualquer, mais fundamente se cravará nelle o dente negro e pontudo da maledicencia; não parece estarmos em uma cidade de um milhão de habitantes, mas em uma terrinha de comadres mexeriqueiras e ociosas.

Andam as almas em um jogo de cabra-cega que infelizmente parece que as diverte mais do que as fatiga...

Para veres que não exagero, e como documento do que affirmo, vou narrar-te aqui um caso typico:

Temos um amigo cirurgião distinctissimo comquanto ainda muito moço. O seu amor ao estudo, o seu enthusiasmo pela profissão, a sua clinica crescente attrairam para elle a attenção publica. Ha um par de mezes foi chamado para fazer uma operação muito grave e fel-a com successo.

Falou-se muito no caso, concorrendo para isso ser pessoa altamente collocada a que se submetteu á melindrosa operação.

Um collega desse cirurgião, a quem, não se deve imaginar porque, taes triumphos irritavam, lembrou-se então de inventar o boato de que o outro soffria de um mal herpetico contagioso... Suppõe o resto. Toda a gente sabia que não era verdade, mas em todo o caso ia passando o boato para diante... Os clientes começaram a retrair-se, com medo de uma aproximação perigosa, e o illustre medico viu consideravelmente diminuida a sua clinica, de um dia para o outro!

Bonito. Não te parece?

Agora ouve esta, que é de hoje e me fez rir: Combinámos hontem, meu marido, o Eduardo Gorje e eu, encontrarmo-nos ao meio-dia em um restaurante para almoçarmos juntos, indo cada um de um ponto differente. Eu da Tijuca, onde tinha de ir ver uma ex-criada agora muito doente; e os dois homens dos seus escriptorios respectivos. Ao meio-dia encontrei-me no restaurante com o Eduardo, a quem meu marido incumbira de me dizer que o não esperasse, porque se via forçado a ir a Nictheroy a um negocio imprevisto. Servi-me tranquilamente á mesa em companhia do teu afilhado, que pela idade poderia ser meu filho, e almocei, com o appetite que em geral, nós as donas da casa, temos quando almoçamos em um restaurante. Pois, minha filha, dahi a duas horas todos os conhecidos que topavam com meu marido lhe diziam com um ar de quem não quer falar por mal, espiando-lhe os olhos, que me tinham visto, "ou que tinham ouvido dizer", que eu almoçara em um restaurante com um rapaz desconhecido! Meu marido é um urso; não gosta de confianças; imagina com que expressão physionomica ouviu isto muitas vezes, no mesmo dia, até de pessoas com quem mal troca um cumprimento! Quando ao voltar para casa, á noitinha viu ainda acercar-se delle um sujeito com ar de malignidade disfarçada em doçura e repetir-lhe o estribilho: — por sua senhora não pergunto, porque soube que ainda hoje almoçou em um restaurante com um mocinho de ar estrangeiro — elle perdeu a paciencia e sacudiu o tal sujeito, com furia, pela gola do casaco.

Apesar de não gostar de violencias, ri-me muito quando meu marido, todo irriçado e nervoso, me relatou esta!

O peior é que a par de coisas ligeiras, vão outras graves e tristes, creadas pelo mesmo sopro de perversidade. Registro este pendor, que espero será passageiro, pelo habito que tenho de te communicar as minhas impressões.

Repito: a vida da roça, tal como a levas com tuas filhas, parece-me neste momento mais do que nunca deliciosa. Tu mesma o disseste: — um bom piano, uma grande bibliotheca, uma janela aberta para uma linda paizagem e ahi está a felicidade!

Mais do que nisso, a felicidade está em saber crear uma atmosphera de alegria, de honestidade, de bondade e de trabalho, e em saber mover-se nella como tu fazes, no rythmo da mais doce e da mais perfeita harmonia.

Eu estou muito infiltrada dos venenos da cidade para querer viver no campo, mas ha horas, como esta, em que te tenho inveja. Oh, uma inveja sem maldade, descansa. As minhas invejas não prejudicam ninguem. — Tua *Fernanda*."

P. S. — Vão por este mesmo correio algumas musicas de Schumann para Joanninha e um romance inglez para Clara. Segue tambem a caixa de ferramentas que me encommendaste para o Salustiano. — *F.*

Julia Lopes de Almeida.

Fonte: (*O País*, 17 de outubro de 1911)

Figura 12: Publicação do último capítulo do romance *Correio da roça.*

A observação feita por Fernanda ao final de sua carta sobre algumas encomendas que estaria mandando junto com a carta, dar a entender que muitas correspondências ainda poderiam ser trocadas. Por outro lado, podemos inferir que a publicação em série foi encerrada por já ter alcançado um “final feliz”, ou seja, o campo já estava comprovadamente como um melhor lugar para viver do que a cidade.

A versão final em livro foi publicada dois anos após esta última publicação no jornal, em 17 de outubro de 1911, na qual ocorreram cortes e acréscimos de poucas passagens. Estas passagens que serviram apenas ao jornal estão ligadas diretamente a algum evento contemporâneo à publicação e que a autora considerou importante para ratificar seus conselhos. Desta maneira, o romance epistolar adquire um parecer verdadeiro, cabendo ao leitor reconhecer e discernir aquilo que é informação daquilo que é literário, ficção.

4. AS VÁRIAS FACES DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA EM *O PAÍS*

> Dona Júlia Lopes de Almeida, educadora familiar, jornalista, romancista, conferencista, socióloga, comediógrafa, autora de livros de viagens, de livros de toda a sorte, conquista nas letras brasileiras, e na língua portuguesa, um lugar bem à parte, bem legítima e inconfundivelmente seu. […] E como na sua existência terrena, sem nenhuma pretensão ou propósito de se singularizar, ela se tornou tão originalmente notória e triunfadora, assim na memória do seu nome haverá um fulgor e uma doçura só dele, através das gerações de escritores e de brasileiros que lhe hão de conferir a imortalidade.
>
> João Luso, 1963

As palavras de João Luso (1875-1950), na citação acima, demonstram que de fato não há uma coerência historiográfica literária em relação ao valor da escritora Júlia Lopes de Almeida. Apesar da profícua produção da autora nos mais diversos gêneros, seu apagamento na historiografia canônica é um fato. Por isso, buscamos o espaço em que seu reconhecimento como escritora se cristaliza, o jornal, principal suporte de circulação de escritos e de divulgação da literatura no século XIX. Essa constatação ratifica o que foi dito por Socorro Barbosa no seu livro *Jornal e Literatura*: a imprensa brasileira no século XIX (2007):

> Expulsos da história literária, esses anônimos entram em cena a partir do momento em que os periódicos são tomados como suporte e fonte primária, por onde circulam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode revelar múltiplas perspectivas de uma época e maneiras desiguais de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita. (BARBOSA, 2007, p. 40)

Vários foram os jornais que serviram de suporte para a circulação dos discursos jornalísticos e literários da escritora Júlia Lopes de Almeida. Assim como muitos autores do período oitocentista, a escritora entra para o mundo das letras pelas páginas dos jornais. Para Cândido (1992) o jornal tem influência decisiva sobre a literatura, criando gêneros novos como o conto e a

crônica. Foi pela crônica que a escritora iniciou sua trajetória como colaboradora em jornais, no ano de 1881, no jornal *Gazeta de Campinas (1869-1886)*.

Portanto, neste capítulo, daremos destaque às publicações de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* (1884-1934), fonte elementar de nossa pesquisa, enquanto suporte, por ser o periódico em que a escritora carioca colaborou por mais tempo, de fevereiro de 1892 a agosto de 1912, período da nossa pesquisa junto ao jornal.

Focalizaremos a coluna “A Moda”*,* na qual a autora utiliza o pseudônimo de Ecila Worms, para escrever crônicas de modas; bem como outras crônicas publicadas e assinadas pela autora, sem alônimos, na primeira coluna da primeira página. E por fim, registrar as considerações a respeito da produção teatral da escritora.

4.1 O País

O primeiro número do *jornal O País* foi publicado em primeiro de outubro de 1884, tendo Rui Barbosa como seu primeiro redator-chefe. No cabeçalho constava como proprietário o Sr. João José dos Reis Júnior, mais conhecido como conde de São Salvador de Matosinhos. Rui Barbosa não se manteve muito tempo a frente do jornal, sendo substituído depois pelo jornalista Quintino Bocaiuva, que fez do periódico um dos mais importantes da época. “À Rua do Ouvidor, junto ao *Jornal do Comércio*, em um velho prédio, fica *O País*, de que é mentor Quintino Bocaiúva” (SODRÉ, 1966, p. 325).

O PAIZ

Fonte:Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Figura 13: Frontispício do primeiro número do jornal *O País*.

A primeira tiragem trazia ao público informações sobre o conteúdo da matéria editorial a ser distribuída nas quatro páginas que continham sete colunas estreitas, dando destaque para a parte comercial como objeto de principal atenção: o serviço telegráfico dos correspondentes no interior e exterior; "Resenha Diária*"; "*Seção livre*"*, ainda a promessa de não faltar o romance folhetim. Desta forma, em duas páginas constariam as colunas apresentadas e as outras duas últimas tornavam-se espaços dos anúncios.

Ao longo dos seus cinquenta anos, o número de páginas do jornal oscilava muito, não havia, portanto, um número fixo, principalmente em função das folhas comerciais. Dos vários colaboradores, destacamos Artur Azevedo por ser o grande nome do teatro nacional, Carmem Dolores por ser a primeira mulher a assumir uma coluna em *O País* e a escritora Júlia Lopes de Almeida por manter vínculo com o periódico por, aproximadamente, duas décadas.

Jornal de grande circulação, desde sua abertura, *O País* era vendido diariamente de modo avulso e, também por assinatura, o preço constava no frontispício do jornal. Somente a partir do vigésimo sexto número surge informação de que a tiragem era de 11.000 exemplares, o que não deixa claro se este número foi o mesmo desde sua origem. Em 11 de agosto de 1889, o jornal começava a estampar em seu cabeçalho a frase "*O País* é a folha de maior tiragem e circulação da América do Sul". Para Barbosa (2010, p.47), essa assertiva do jornal era exagerada, a estrutura redacional comparada com a de outros diários derruba a afirmação.

No dia 27 de abril de 1890, surge na primeira coluna do jornal o artigo "Ao público" em que o Conde de Matosinhos avisa que não é mais proprietário do jornal. Nesta mesma edição, o frontispício do jornal já traz a informação de que é propriedade do Antonio Pereira Leitão & Cia. E ao leitor do jornal, o ex-proprietário externa sua decepção:

> Um motivo pessoal, mas que por isto mesmo careço explicar a todos os homens de coração e sentimentos, a quem me dirijo. [...] Retiro-me desanimado, pesaroso, cheio de apreensões e desgostos; mas, não querendo imitar os ingratos, quero sair cumprindo sagrado dever: agradecendo a todos os que em *O País* cooperaram para o bom êxito de minha empresa jornalística, desde o redator-chefe, meu particular e sempre leal amigo, o Sr. Quintino Bocaiúva, até aos operários mais

> obscuros, mas prestimosos (*O País*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1890, p. 1).

O desabafo do Conde de Matosinhos fora motivado pela prisão do seu irmão José Elysio dos Reis. De acordo com Sodré (1966, p. 290), o chefe de polícia, Sampaio Ferraz, prendeu o desordeiro Juca Reis, como era chamado o irmão do Conde de Matosinhos, proprietário de *O País*. O problema repercutiu no Ministério, mas mesmo com a interferência de Quintino Bocaiúva, que falou em favor do preso, a autoridade de Sampaio Ferraz foi mantida, o que contrariou o dono do jornal.

Leitão & Cia se mantiveram proprietários até o dia 14 de novembro de 1890. Assim como o Conde de Matosinhos, usam uma coluna para fazer um comunicado aos leitores de que não estariam mais à frente do jornal. A partir da leitura e da pesquisa no periódico, percebemos uma intensa mudança de proprietários no período de 1890 a 1907. Mesmo com a saída de Leitão& Cia, somente com um ano depois o cabeçalho do jornal surgia com a informação de que o novo proprietário seria uma Sociedade Anônima. Essa firma tinha como diretores Quintino Bocaiúva, Rodolfo Abreu e Manuel Cota, sendo que este último tornou-se o verdadeiro dono. Após a morte de Manuel Cotaem 1900, uma nova Sociedade Anônima assume o comando, tendo João Lage na presidência: “O português João Lage, grande capitalista, grande homem de negócios; de gerente passa a diretor, aproveitando a crítica situação financeira do jornal” (SODRÉ, 1966, p.325).

Em 1907, João Lage torna-se o novo proprietário. Começa um período de crescimento para a folha republicana e para a imprensa em todo o país. A velha casa na Rua do Ouvidor, 63, deixa de existir. Nova sede foi construída na esquina da Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) com a 7 de setembro. Vide imagem.

Fonte:http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo2/fotoa217.htm

Figura 14: Foto da nova sede do jornal *O País*.

O jornal *O País* além de mudar a sua estrutura física, sofre reformulação na linha editorial. João Lage imprime ao diário uma orientação conservadora, que lhe assegurou o aplauso dos mais notáveis quadros republicanos (CASTILHO, 2013).

Segundo Barbosa (2010), *O País* aumentou o número de páginas em função dos anúncios oficiais que por vezes ocupavam até 10 páginas. As ilustrações ficaram mais frequentes e durante toda a década de 1910 se envolve em escândalos, criticando os jornais concorrentes e sendo achincalhado por eles. O crescimento do jornal coincide com o período de muita agitação na capital do Brasil, o Rio de Janeiro. Ao fim do século XIX, a cidade vivia uma atmosfera efervescente como espaço de grande ebulição histórica: A Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889) tornaram-se realidade. Junto com essas mudanças sociais e políticas tão significativas para a sociedade da época, a ideia de progresso tornou-se uma fixação e a imprensa foi um veículo de propagação do ideal de civilização. Nesta época, a novidade era a matéria prima da imprensa, coube aos jornais e

às revistas a síntese dessas sensações por meio de suas crônicas, dos comentários editoriais (MARTINS; DE LUCA, 2013).

Uma referência deste período é o que se convencionou chamar de B*elle Époque* brasileira, “O Rio civiliza-se” foi o slogan da época criado pelo colunista da *Gazeta de Notícias*, Figueiredo Pimentel (1896-1914), para exaltar as intensas modificações pelas quais a Capital Federal passava no período do governo de Rodrigues Alves, defendidas pelo prefeito Pereira Passos e o sanitarista Oswaldo Cruz. A cidade desistia do estilo colonial, que ainda marcava o seu cotidiano em mercê de uma metrópole nova e moderna, caracterizada pelo progresso nas artes e nas ciências com melhorias urbanas, pois fazia parte a ideia de que a cidade deveria tomar ares europeus, tendo como referência a cidade de Paris.

A sociedade carioca empenhou-se na reprodução da vida francesa, especialmente em relação à moda. E nesse ponto, os periódicos e os jornais buscaram um público que se interessava pelo assunto, o público feminino consumista do novo modelo de vida e do luxo. Segundo Barbosa (2010), com a finalidade de atrair esse leitor consumidor, os jornais criaram colunas voltadas para temas do “universo feminino”, pois precisavam representar essa nova mulher que saía às ruas em busca da moda. Como um dos grandes jornais da época, *O País* utilizou-se dessa estratégia e apresentou em seu exemplar, do dia 24 de fevereiro de 1892, a coluna “Modas”, assinada por Ecila Worms, pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida.

4.2 Écila Worms – Uma colunista de modas

> Ecila Worms é o pseudônimo que, desde amanhã, adota gloriosa escritora brasileira nas suas crônicas de modas, para O País. Não nos houvesse ela proibido que aqui escrevêssemos o seu verdadeiro nome, e dar-nos-íamos pressa em deixa-lo escrito nesta coluna, exposto de novo de aplausos que já o tem, por diferentes vezes, saudado. Temos a certeza de que suas crônicas vão obter o mesmo sucesso que têm obtido os seus outros trabalhos literários. E por isso nos

> limitamos a chamar a atenção do público para a elegante escritora, que se vem juntar às distintas colaboradoras d´O País, oferecendo às nossas leitoras, notícia do que vai pelo mundo onde se veste bem. (*O País*, 23 de fevereiro de 1892, p.1)

Desta maneira e ao modo dos grandes jornais da época, que não preteriam uma coluna que falasse de moda, *O País* anunciava a coluna a ser assinada por renomada escritora, que de acordo com o excerto acima, impediu que revelasse sua identidade, mas que se tratava de uma pessoa muito qualificada, a perceber os vários elogios externados. Além da literatura, a moda também tinha papel significativo na imprensa, nas publicações que traziam, além do noticiário cultural, a última moda de Paris. Assim sendo, em 24 de fevereiro de 1892, do lado direito da primeira página, surge a coluna com o título “MODAS”.

Nosso propósito em encontrar os escritos da escritora Júlia Lopes de Almeida nas páginas do jornal *O País* nos levou a realizar uma leitura diária do periódico e com isso nos deparamos com uma coluna sobre moda, assinada por Ecila Worms. A princípio, a coluna nos chamou a atenção pela publicação regular, bem como pela temática que variavelmente não se limitava a falar apenas em corte e costura. Essas considerações, com temáticas não restritas ao assunto característico da moda, nos levaram a pensar que poderia se tratar da escritora Júlia Lopes de Almeida, porém, como havia uma tentativa explícita de esconder a verdadeira autoria da coluna, só pudemos confirmar que se tratava da escritora Júlia Lopes de Almeida pelas declarações feitas por Figueiredo Pimentel em um artigo no jornal *O País* no dia 26 de janeiro de1899, p. 3, conforme detalharemos, a seguir, nas páginas 116 e 117 desta seção.

Consideramos relevante esta descoberta, pois apresentamos uma faceta da escritora Júlia Lopes de Almeida: colunista de moda. Primeiro por ser o instrumento pelo qual ela inicia sua colaboração em um dos maiores veículos da imprensa do entre séculos, XIX e XX, que é o jornal *O País*. Segundo por se tratar de uma coluna em que permaneceu por um tempo significativo, quase nove anos. E por fim, pelo fato de a nossa pesquisa trazer, à luz, escritos da autora, até agora, não divulgados ou pesquisados.

Na sua primeira crônica sobre modas, a colunista Ecila Worms apregoa ser um costume explicar os intuitos e objetivos do trabalho do colaborador ao iniciar uma coluna e se posicionou contrário às formalidades convencionadas, “a praxe”. Contudo, demonstrou preocupação com a opinião da leitora (ao usar o termo “leitora”, a colunista deixa claro que busca o público feminino) ao afirmar: “tenho os melhores jornais, correspondência assídua com duas elegantes parisienses e certa tática para descriminar o que é belo do que é grotesco”(*O País*, 24 de fevereiro de 1892, p.01).

A moda estava em alta no Brasil, especialmente sob a influência da França, de onde vinham os hábitos refinados e as toaletes em uso. Ecila Worms direcionava seus conselhos a quem desejava se vestir bem, seguindo os preceitos da época, ou seja, os preceitos da moda francesa. Mas também se propunham a buscar as interpretações da moda dadas pelas revistas e pelas “patrícias” da Europa, para repassá-las às distintas senhoras dos salões cariocas. Observamos que a colunista usa como tática, para chamar a atenção das leitoras do jornal, referências a periódicos franceses sobre moda, informando as representações valorizadas e seguidas pela sociedade *belle époque* carioca da época. Não era possível discorrer sobre moda do fim do século XIX sem pensar em Paris, referência para todo o mundo.

dendo da decisão do actual governador.

MODAS

E' do estylo, ao encetar a gente um trabalho da ordem deste, fazer um exordio em que manifeste os seus intuitos e desejos, com muito boas promessas (que a maior parte das vezes não se realizam) e algumas cortezias banaes.

Eu detesto tudo quanto é do estylo, exactamente porque detesto a praxe.

Em todo caso, para que a leitora tenha alguma confiança em mim, quero dizer-lhe que não escrevo de modas superficialmente, por *lucubrações* de moça ociosa. Tenho os melhores jornaes, correspondencia assidua com duas elegantes parisienses e uma certa facilidade ou tatica para descriminar o que é rude do que é mimoso, o que é bello do que é grotesco.

Não se riam, em moda ás vezes essas coisas se confundem. Ahi vai um exemplo, para melhor clareza. Vi ha tempos um chapéo de sol que toda a gente achou horrivel e eu achei lindo. O cabo, da grossura de um punho, era de marfim e por elle subiam em espiral vinte cabeças do um só palhaço, em diversas attitudes e com diversa expressão. Essa cabeça, reproduzida vinte vezes, era chorosa, era rindo, era séria, era altiva, era humilde, era desdenhosa, era terrivelmente, humildemente cortezã ou meiga, era emfim humana, tão verdadeira, que os meus olhos ficaram encantados como se se tivessem recreado com a melhor obra de arte.

Que chapéo bruto! diziam a meu lado. Realmente, eh, era um tanto grotesco... mas era bonito.

Bem; passado este incidente, e para pôr-me mais á vontade com as leitoras, apresento-me:

Sou moça, tenho um gosto *exquis*, uma longa educação de *atelier* de modista (Mme. Lucian Borelle, em pleno *boulevard* parisiense) e, além de tudo, um pouco tagarella e com a pretenção de julgar que me faço bem entender.

Não reparem as minhas amigas — peço licença para considerar assim as leitoras — é um habito que adquiri em Paris, este de ser-amavel para toda a gente, e que já agora não me deixa! Mas, como ia dizendo, não reparem se a minha linguagem fôr mesclada por phrases francezas e gallicismos...

Por Deus! não sou litterata; sou um ratinho de armazem de modas, cogitando de conhecer o valor das coisas sem se lembrar das letras com que ellas se escrevem... *ll* de mais ou *rr* de menos são bagatellas que não me dão cuidado.

O que eu penso, porque é o que me delicia, é nesse adoravel conjunto de coisas que nós as mulheres procuramos para doirar a nossa vida!

São as sedas, as rendas, o linho, os pequeninos e galantes enfeites de perfumaria, a *toilette* emfim.

A *toilette* é, indubitavelmente, a alma da mulher. Saber vestir bem, com preciosidade e acerto, não é coisa tão facil como se julga. Toda a senhora mal educada, que não souber determinar as suas idéas, não saberá escolher os seus adornos de uma maneira *chic*, sua.

Será vulgar, terá vestidos como tem o cerebro: complexos.

Uma quantidade de fitas e rendas baralhadas corresponde a outra quantidade de pensamentos *futeis*, que na maior parte das vezes fervilham em muitas cabecinhas de aveiá...

Conclusão: o meu proposito é este: conversar com as educadas e educar as educandas.

Entremos no assumpto: Como é justo, devo começar pela base, que é o principio de todas as coisas. Portanto falemos do pé.

Deve merecer a toda a moça especial cuidado essa parte do corpo, tão decantada pelos poetas, e em que as chinezas fazem consistir todo o orgulho de sua raça.

Quantos casamentos se têm feito por causa dos sapatos!

A' primeira vista póde este assumpto parecer insignificante: todo o calçado mais ou menos se parece.

— Pois não é insignificante, é inexgotavel; não só com relação á hygiene, como ao gosto e á propriedade de hora e logar em que deve ser usado este ou aquelle sapato.

Infelizmente, é commum vermos na rua senhoras bem trajadas, mas com sapatos baixos! Os sapatos não se inventaram para a poeira e a lama das ruas; minhas senhoras, para os passeios na cidade, sobre as desgraçadissimas calçadas do Rio de Janeiro, o proprio, o *chic* é usar botinas, botinas de pellica fina, flexivel, que não magôe a pelle dos vossos pésinhos nem esponha aos olhos dos garotos, nas subidas ou descidas dos bonds, os vossos tornozellos, cobertos unicamente pelo fio de Escossia.

Para os passeios em pleno cidade, o que é de rigor portanto é a botina, lisa; concede-se, quando muito, o sapato abotinado, mas com a restricta condição de ser usado com meias de seda preta. Para casa, sim, os sapatos são proprios sobre meias listadas ou lisas, mas de tom escuro.

Fonte: (*O País*, 24 de fevereiro de 1892)

Figura 15: Primeira crônica sobre moda, de Ecila Worms

Neste primeiro contato da colunista com seu público, ela demonstra interesse na confiança da leitora ao se apresentar com a intimidade de quem quer ser amiga:

> Sou moça, tenho um gosto esquis, uma longa educação de *atelier* de modista (Mme. Lucian Dorelle, em pleno *boulevard* parisiense) e, além de tudo, um pouco tagarela e com a pretensão de julgar que me faço bem entender. Não reparem as minhas amigas – peço licença para considerar assim as leitoras – é um hábito que adquiri em Paris, este de ser amável para a toda a gente, e que já agora não me deixa! Mas, como ia dizendo, não reparem se a minha linguagem for mesclada por frases francesas e galicismos... (Ecila Worms, *O País*, 24 de fevereiro de 1892).

Mesmo se tratando de tema aprazível como a moda, a colunista expõe outras questões ligadas ao mundo feminino e chama a atenção para a necessidade de tornar a mulher educada, pensante, que age com inteligência e menos futilidade. Com isso, a colunista retoma a temática da valorização da educação feminina. A coluna “A Moda” teve uma circulação longa. Entre as sugestões de toaletes dadas pela seção estavam: quais os tecidos e as cores do momento, perfumes, laços, chapéus, como se comportar nos salões e teatros, entre outras.

Vale lembrar que a mulher a quem a colunista se dirige é uma mulher de costumes aristocráticos, preocupada com as aparências:

> A *toilette* é, indubitavelmente, a alma da mulher. Saber vestir bem, com propriedade e acerto, não é coisa tão fácil como se julga. Toda a senhora mal educada, que não souber descriminar as suas ideias, não saberá escolher os seus adornos de uma maneira *chic,* sua. Será vulgar, terá vestidos como tem o cérebro: complexos. Uma quantidade de fitas e rendas baralhadas corresponde a outra quantidade de pensamentos fúteis, que na maior parte das vezes fervilham em muitas cabecinhas de avelã... Conclusão: o meu propósito é este, conversar com as educadas e educar as educandas. (Ecila Worms, *O País*, 24 de fevereiro de 1892)

A moda, para a colunista, protagonizava o bem estar concorrendo para uma vida agradável: “É ela quem modifica a educação das moças, fazendo-as estudar muito mais... não há nada na vida que não esteja sujeito ao sopro

revolucionário da moda". Depois desta primeira crônica, acontece uma pequena alteração no título da coluna, que passa a ser chamada de "A Moda".

Não havia uma regularidade nas datas de publicações da coluna. O período mais curto entre uma publicação e outra foi de apenas três dias; quando, por força do período de carnaval, a colunista discorreu sobre o figurino carnavalesco. Verificamos ainda que o maior tempo de ausência da coluna aconteceu de 24 de julho de 1893 a 25 de maio de 1894. Sobre essa ausência, a colunista se manifesta:

> Saltitam-me no espírito, como formigas de asas em noite de verão, uma infinidade de coisas de impressões que tenho guardado nestes **dez meses** de silêncio e que desejo esbanjar agora na boa companhia das minhas amiguinhas. Afinal de contas, isto de estar calada não quadra perfeita e absolutamente com a minha índole de mulher palradora e alegre como um domingo de Páscoa! [...] Cabeça de mulher - cabeça de passarinho, dizem os nossos inimigos, e eu, embora alto me ria deles, encolhendo os ombros no desdém ostensivo que usamos para ter para com os adversários, cá na intimidade das minhas palestras femininas não nego nem me desgosto em dar-lhes certa razão. [...] Os homens deixam frutificar suas ideias até a maturação, quando não vão mais longe... nós damo-las em flor! Aí a diferença. Adeus, adeus! Antes que a minha tagarelice me leve para os campos estrelados da fantasia, coisa a que, frequentemente estou sujeita, procurarei ordenar as minhas impressões, arregimenta-las, numerá-las e expô-las com método sisudo e grave de um mestre-escola quanto arregimenta, matricula e numera os seus discípulos. (ECILA WORMS, 29 de maio de 1894, p.1, **grifo nosso**)

Júlia Lopes de Almeida demonstra sua inquietude por ter passado tanto tempo sem escrever, e não esconde sua insatisfação com a visão falocêntrica sobre a representação da mulher, quando comparada a um passarinho. Retoma a tática de buscar dialogar com as leitoras a quem chama de "minhas amiguinhas", e demonstra preocupar-se em não fugir do assunto em que interessa a elas, que segundo a colunista, frequentemente, está "sujeita".

Ao longo desse tempo escrevendo sobre modas, a colunista mantinha, por entre rendas e cetins, outras opiniões que, por vezes, traziam temáticas alheias à moda, o que lhe rendia algumas cartas das leitoras, questionando

sobre o fato de ela não se ater apenas à temática do figurino. Em uma dessas crônicas em que não se limitava apenas ao assunto sobre moda, Ecila Worms, na edição do dia 20 de janeiro de 1899, pede licença para falar de livros e faz, sem delongas, severa crítica a um livro infantil, *Contos da Carochinha* (1896):

> Tenho um rapazinho que frequentemente me pede livros; caí na asneira de lhe comprar *Os contos da carochinha*... Antes de lhe entregar o livro, folheei-o, e... Jesus! Que horror! Que frases bárbaras, que linguagem mastigada, erros, erros e mais erros crivavam todo o livro, tirando-lhe a graça natural da fantasia. Fechei zangada o meu exemplar; dá-lo a uma criança, seria um crime. (*O País*, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1899, p.1).

A crítica feita pela colunista nas páginas do jornal gerou indignação e direito de resposta ao autor do livro *Contos da Carochinha*, considerado um dos precursores da literatura infantil no Brasil, Figueiredo Pimentel, ex-colaborador do jornal *O País*. Com o título "Resposta a uma agressão*"*, Pimentel começa por dizer que não lê a coluna de moda escrita por Júlia Lopes de Almeida, pois se trata de uma crônica de fancaria[28], escrita apenas para ganhar dinheiro "por quem nada entende do riscado e que a redação publica por contemplação, para servir a amizade".

As palavras do autor de *Contos da Carochinha* apenas reproduz o que era fato no início do século XX, a mulher era tolerada, não efetivamente respeitada como escritora. E Pimentel prossegue seu desabafo:

> Mas não foi por falta de assunto que a **Sra. Júlia** agrediu-me tão ferozmente, tão insolitamente, esquecendo-se que é uma senhora, e esquecendo-se que tratava de um escritor com quem tem colaborado, e ainda pode vir a colaborar nos mesmos jornais. Foi só por despeito, por inveja... S. ex. pretendia talvez monopolizar a literatura infantil. Escreveu os *Contos infantis*, naturalmente o primeiro da série. Vendo, porém, que seu livro não fez carreira apesar de ser adotado para uso das escolas, desencadeou contra mim toda a raiva, o fel, a cólera de sua alma. (*O País*, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1899, p. 3. **grifo nosso**).

[28] O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos... fazer obra pelas probabilidades financeiras é perder a dignidade do talento e o pudor da consciência (Machado de Assis, *O Espelho*, 11 de setembro de 1859).

As respostas de Pimentel trouxeram a revelação de quem estava por trás do pseudônimo Ecila Worms, Júlia Lopes de Almeida, a quem ele repreende por esquecer e não adotar comportamento intrínseco à condição de senhora, fez critica ao fato da colaboradora não adotar a ética profissional, uma vez que já trabalharam juntos e que poderia voltar a escrever para o mesmo jornal.

Este episódio teve como protagonistas dois autores que escreveram para o público infantil, apesar de se tratar de contos de naturezas diferentes, ou seja, com propósitos distintos. Enquanto Júlia Lopes tem uma proposta moralizante, didática, Pimentel já retoma o conto popular, folclórico, jocoso. Em *Contos da Carochinha*, Pimentel reuniu 61 contos, traduzidos (entre eles, contos de Perrault, Grimm e Andersen), e "narrativas contadas pelas escravas que cuidavam das crianças brasileiras no século XIX"[29].

No desabafo do jornalista carioca, ele ignora a persona Ecila Worms e traz para a contenda o nome da escritora Júlia Lopes de Almeida ao citar o livro *Contos infantis*, publicado por ela dez anos antes, o que daria para a autora a qualidade de precursora da literatura escrita para as crianças. O próprio Pimentel informa o pioneirismo do gênero: "Sua Exa. pretendia talvez monopolizar a literatura infantil. Escreveu os *Contos infantis*, naturalmente o primeiro da série." (*O País*, 26 de janeiro de 1899, p.3). Figueiredo Pimentel também aponta críticas à linguagem lusitana que a escritora adota em seu livro Contos infantis: "As crianças brasileiras não entendem muitos termos que ali existem, e que quando muito, só podem ser compreendidos pelos pequenos portugueses". Contudo, no afã de desconstruir a obra da escritora, o autor externa sua opinião acirrada e preconceituosa sobre a escrita feminina: "Há neles muito termo empolado, muita frase rebuscada, com pretensão a estilo. (No fundo, de toda a mulher que escreve há sempre uma dose de preciosismo insuportável)". Cabe lembrar que esse livro *Contos infantis* foi escrito quando a família de Júlia Lopes de Almeida havia mudado para Lisboa, local de publicação do volume.

[29]Barbosa, Ângela Márcia Damasceno Teixeira, disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf. Acesso em: 2 de abril de 2015.

Apesar das frenéticas declarações de Pimentel, a escritora não comentou mais o assunto, usou de total indiferença para com suas manifestações grosseiras. Contudo, o editorial do jornal *O País* rebateu as acusações feitas pelo autor dos *Contos da Carochinha* a respeito do tratamento diferenciado dado à colunista: “a colaboração de D. Júlia Lopes de Almeida foi solicitada por nós, e quando os seus originais não nos aparecem assiduamente, ou por enfermidade da escritora ou por afazeres próprios de uma mãe... nós os reclamamos”.

Nas páginas dos anúncios e comerciais do jornal *O País*, juntamente com algumas declarações citadas de outros periódicos a respeito da obra *Contos da Carochinha*, surge um recorte em prosa com divulgação do livro:

> APUROS DE UM PAI
>
> Fomos ontem procurados por certo chefe de família muito conhecido, que nos pediu para intercedermos perante a autoridade competente contra o abuso de certos escritores, expondo à venda, simultaneamente, livros e livros e mais livros, que nada aproveitam nem à política, nem ao câmbio, nem aos mercados de café!
>
> - Mas senhor, então só estas indústrias é que fazem a felicidade dos povos? A sociologia...
>
> - Não é isso, atenda: há dias, *O País* publicou haver o Sr. Figueiredo Pimentel dado à luz...
>
> - Não pode ser! *O País* não seria capaz de noticiar tal asneira; *O País* é uma folha séria e que se dá ao respeito.
>
> - Não me interrompa. *O País* noticiou que Figueiredo Pimentel havia publicado as histórias do arco da velha e...
>
> - E as histórias da vovozinha.
>
> - E vai o meu Luiz...
>
> - Quem é o seu Luiz?
>
> - Um dos meus oito filhos. E vai o meu Luiz, quando cheguei à casa, cansado de labutar pela vida exigiu-me, para presente do seu aniversário, que era no dia seguinte, os dois livros anunciados e...
>
> - Mas que diabo tem a polícia com a exuberância de produções literárias do Pimentel?
>
> - É que dentro de cada um desses livros havia um pedacinho de papel verde e amarelo, com uma lista de mais seis outros livros para crianças, O teatrinho infantil, Os meus brinquedos...
>
> - Mas o senhor está mesmo a querer impingir-nos o álbum das crianças! Nós já sabemos de todas essas histórias da baratinha, e não vivemos de *Contos da Carochinha*; diga, depressa, em que lhe podemos ser úteis.
>
> - A minha filha Margarida...
>
> - Agora, vem o senhor com a nomenclatura da sua tribo; passe adiante.

> - Pois bem, serei breve: os outros meus filhos todos, ao saberem da existência do livrinho do tal Pimentel, e que tais livrinhos tinham estampas, figuras, versinhos, cantigas e todas as denguices próprias para a criançada, exigiram-me a compra dos oito volumes!
> - Ora! Uns magros mil réis.
> - É que o senhor redator não tem um família enorme como eu tenho, se não faria uma queixazinha ao Senhor Delegado, para dar uma busca...
> - Vá lá! E só para contentá-lo, porque a polícia tem o mais que fazer e não compete impedir que o Figueiredo Pimentel produzisse um livro por dia, desde que fuja daquela literatura escandalosa, etc. e tal. Onde é que se vendem os tais livrinhos?
> - Em uma livraria da rua de S. José.
> - Aí está uma reclamação escrita; mas olhe que o senhor o que vai arranjar é um reclame para o Pimentel!
> - paciência.
>
> Depois disso podem morder nas trevas; podem falar os invejosos, pois não destruirão o merecimento dos *Contos da carochinha*, o primeiro livro para crianças que se tem escrito no mundo inteiro!!! (*O PAÍS*, 29 de janeiro de 1899, p. 6)

Esse reclame “Apuros de um pai” adota um estilo narrativo como recurso para chamar a atenção dos leitores. Conforme Barbosa (2007), as práticas de escrita dos jornais – censura, perseguição, ironia – instauram uma forma discursiva na qual o leitor deveria interpretar não em seu sentido próprio, mas o figurado. No reclame acima, o leitor atento também pode perceber a ironia às críticas feitas ao livro infantil de Figueiredo Pimentel. O deboche tracejado em forma de uma narrativa mostra que mesmo tratando-se de um anúncio do livro, foi criada uma história e nela percebemos que a intenção é mostrar o quanto o livro *Contos da Carochinha* era apreciado, ao tempo em que alfineta sua crítica, Júlia Lopes de Almeida, ao citar mais diretamente “A minha filha Margarida”. Transparece nesse momento o recado à colaboradora do jornal, já que Júlia Lopes tinha uma filha chamada Margarida Lopes de Almeida. Ao final, o discurso se torna mais direto: “não destruirão o merecimento de *Contos da Carochinha*, o primeiro livro para crianças que se tem escrito no mundo inteiro!” Entretanto, vale lembrar que dez anos antes da publicação de *Contos da Carochinha*, Júlia Lopes publicara, em coautoria com Adelina Lopes, o livro *Contos infantis*, o qual reafirmamos ser censurável a falta de destaque, por parte da historiografia brasileira, do pioneirismo de Júlia dentro da literatura

infantil no Brasil. No entanto, através do nosso trabalho, notificamos que as páginas dos jornais oitocentistas registram o sucesso que foi esta criação das irmãs Lopes da Silveira. Passada essa polêmica, Ecila Worms [Júlia Lopes] ainda permanece à frente da coluna por dois anos e sete meses.

Ecila Worms não fora o único pseudônimo usado por Júlia Lopes. Em 1886, usou o pseudônimo "W" quando ganhou o prêmio de 3º lugar em um concurso literário promovido pela revista *A Semana*. Em parceria com seu esposo Filinto de Almeida, publicou o romance A casa verde sob criptônimo de "A. Filinto." No entanto, vale destacar que nas demais publicações literárias, a autora sempre se apresentou sem disfarces.

Júlia Lopes fez uso do nome "Ecila Worms" até o ano de 1901. Entretanto, houve ao longo desse percurso uma tentativa de esconder a verdadeira identidade da colunista, a exemplo do que ela escreveu em uma de suas crônicas: "Em todo caso, como não sou higienista nem literata, mas única e pobremente cronista de modas" (*O País, 1892, p.1*). O discurso da colunista corrobora para atribuir aos escritos sobre modas uma categoria inferior à literária.

Manter-se no anonimato foi uma decisão reafirmada pela colunista em outra crônica, quando relata um encontro que a deixou, extremamente, embaraçada ao ser interpelada por uma leitora:

> Um dia destes, saía eu do meu perfumista, quando esbarrei com uma senhora alta e gorda, a cuja cintura mal eu chegava, com chapéu e tudo. Choveu-me logo de cima estas palavras:
> - A senhora é que escreve as crônicas da "Moda" para *O País*?
> Aquilo, assim de repente, meteu-me medo. Quis negar... **quem lhe teria dito?**... inquiria eu cá por dentro. O meu embaraço confirmou-lhe a suposição, foi uma desgraça; suspendeu-me no ar, encheu-me as faces de beijos estalados que nem pipocas! Tudo aquilo por causa das minhas últimas pedradas ao maldito e iminente balão...
> Cheguei à casa ainda um pouco trêmula e enrubescida por aquele espetáculo em plena rua. (ECILA WORMS, 29 de maio de 1893, p. 1, **grifo nosso**)

Neste período ainda era muito usual os escritores utilizarem pseudônimos. Para Chartier (1999), o anonimato e o pseudônimo se instituíram como formas dissimuladas de escrever, eles garantiram e possibilitaram que a

palavra escrita fosse mais importante do que o nome do autor. Portanto podemos inferir a hipótese, nesta situação, de que Júlia aceitou escrever sobre o assunto por uma conveniência financeira e editorial do jornal *O País*. Contudo, a autora recorre ao pseudônimo para distanciar-se da inferioridade social, cultural a que a mulher era relegada, naquele momento, pois o assunto moda confirmava o estigma feminino de que a mulher se ocupava com assuntos menores. Segundo Barbosa (2007, p. 34), "O uso do pseudônimo é também uma forma de escrever que prevê o subterfúgio, a dissimulação".

O fato é que ser responsável por uma coluna de moda, publicada com certa regularidade em um jornal de ampla circulação como *O País* não favoreceu o sigilo do pseudônimo. Essa ligação da escritora à temática da moda pode ter concorrido para que seus críticos julgassem seu discurso vinculado aos valores dominantes em relação à mulher. "Sustentar-se no eixo moda-literatura significava adotar uma linha conservadora em relação à imagem feminina, já que enfatizavam as virtudes domésticas, no máximo dizia-se que a educação beneficiava a mulher" (Buitoni, 1986, p.41). Ao considerar a mulher sempre interessada na moda de forma vital, a colunista reforça o estereótipo do pensamento influente sobre os gostos fúteis e frívolos do mundo feminino.

Nelly Novaes Coelho (2002) declara que Júlia reproduzia o discurso social da época, o que não podemos discordar se a análise se pautar sobre as crônicas de moda e aos seus manuais, nos quais apontavam regras de condutas femininas. No entanto, não podemos desconsiderar que Júlia Lopes fora uma mulher culta a ponto de compreender qual o tom adequado ao seu tempo, sabia que um discurso mais transgressor poderia não obter aceitação por parte da crítica e dos leitores. Diante da complexidade da autoria, das várias facetas da escritora Júlia Lopes, resta-nos dizer, também, que não ir de encontro ao discurso vigente foi uma tática utilizada por ela, pois caso contrário poderia ter as portas da grande imprensa fechadas para suas publicações.

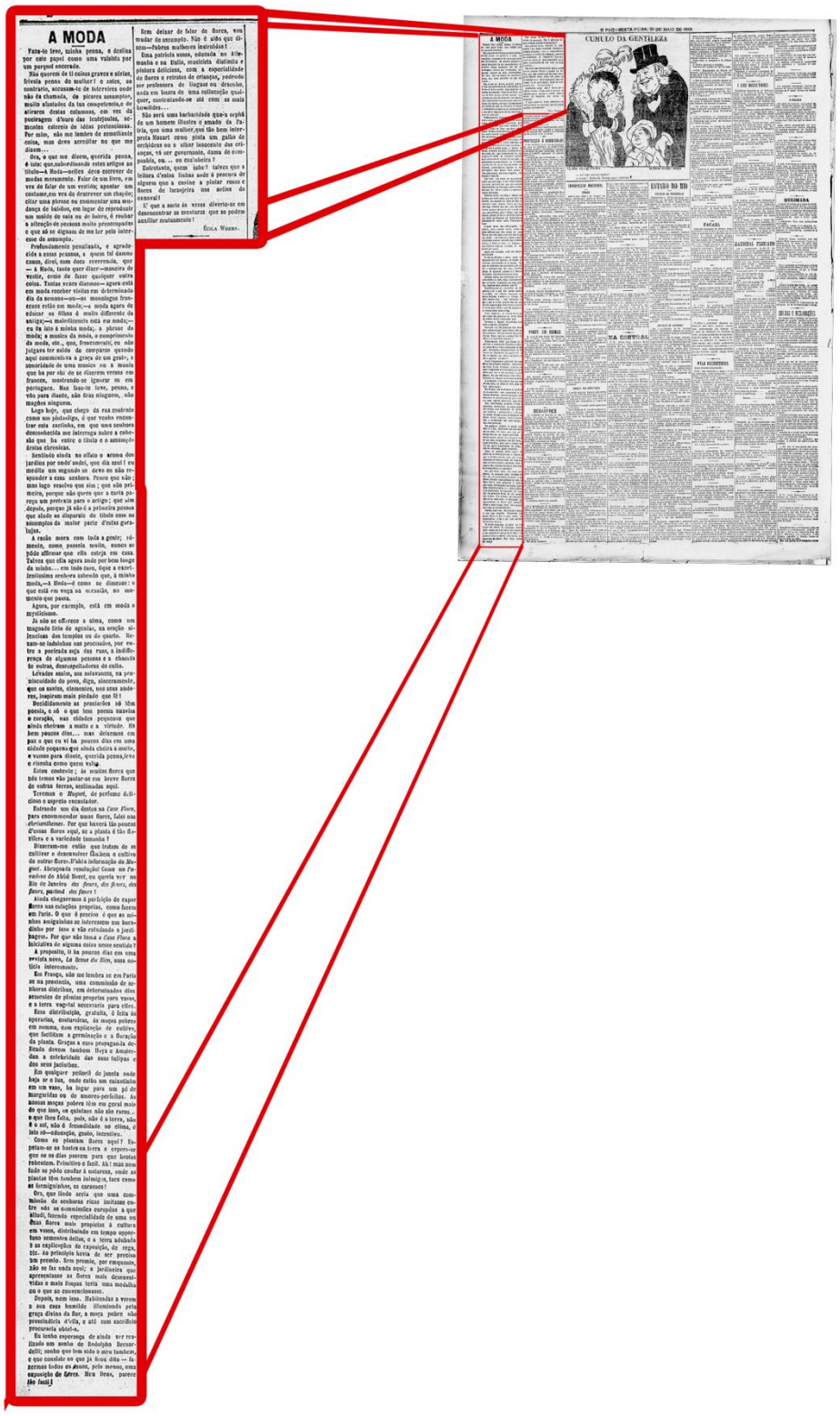
No entanto, não existe uma postura singular da escritora em sua produção literária e jornalística. Confirmamos que Júlia Lopes conhecia o limite permitido, já que fora ousada ao invadir um território das letras, espaço predominantemente masculino. Ela foi sábia ao não confrontar radicalmente o

discurso social predominante, o que contribuiu para sua inserção no jornalismo e, consequentemente, torna-la uma prosadora respeitada por boa parte dos seus pares contemporâneos. O resultado demonstra que a escritora, ao longo de sua carreira, teve que enfrentar conflitos gerados em virtude de atuar em território, essencialmente, masculino.

Em contraponto à crítica de Nelly Novaes Coelho, é salutar lembrarmos sobre a participação de Júlia Lopes nos jornais. Em sua coluna semanal em que assina como Júlia Lopes de Almeida em *O País,* ela assume uma postura jornalística atuante em algumas questões sociais, tomando posições corajosas e francas. Nos jornais e periódicos, a pena de Júlia Lopes registrou severas críticas a projetos políticos, à sociedade, entre outras. Ela não fugiu inclusive às polêmicas. Podemos, portanto, apreender que ao analisarmos a produção de Júlia Lopes devemos dar ciência de suas múltiplas formas de atuação, seja como escritora ou jornalista.

Tendo iniciado em fevereiro de 1892, a coluna “A Moda” permanece até setembro de 1901. Nestes oito anos e sete meses, foram publicadas cento e onze crônicas. Nossa principal descoberta foi perceber que dessas cento e onze crônicas publicadas sob o pseudônimo de Ecila Worms, treze delas passaram a constar o *Livro das damas e donzelas* (1906), que é dividido em três partes. As crônicas assinadas por Ecila Worms, publicadas no jornal *O País,* que compõem a primeira parte do livro: “Minhas amigas”; “Natal brasileiro”; “Conventos”; “Vestuário feminino”; “A arte de envelhecer”; “A mulher brasileira”; “Carta”; “A água”; “Por quê?”. E da segunda parte do livro: “Folhas de uma velha carteira”; “Quiromancia”; “Arte culinária”; “Amuletos”. Ressaltamos que esses títulos nas referidas crônicas constam apenas quando levadas para compor o livro, enquanto que no jornal elas eram apenas precedidas pelo nome da coluna: “A moda”. As outras crônicas que complementaram o livro foram também publicadas em *O País*, porém chamamos a atenção para o fato de que estas foram assinadas pela própria Júlia Lopes em sua coluna semanal. Lembramos que após fechar sua coluna de moda, a escritora tornou-se responsável pela primeira coluna da primeira página do jornal, com publicação às segundas-feiras, sendo depois transferida para as terças-feiras.

Sem uma despedida formal, a colunista e sua coluna sucumbem. Porém uma leitura mais cuidadosa nos chamou a atenção para uma crônica do dia 31 de maio de 1901. A colunista fala da desaprovação em relação ao traço constitutivo imposto à escrita feminina, conforme demonstra em publicação abaixo:



A MODA

Faze-te leve, minha penna, e destina por este papel como uma violeta por um parquet encerado.

Não querem de ti coisas graves e sérias, frivola penna de mulher! o autor, ao contrario, accusa-te de incrivel e de não ás chamada, de phrases assumptos, muito alastados da tua competencia, de alterares dentas columnas, em vez da pesquiagem d'ouro das lantejoulas, as mesmas coloridas de idéas pretenciosas. Por mim, não me lembra de semelhante coisa, mas devo acreditar no que me dizem...

Ora, o que me dizem, querida penna, é isto: que,subordinando estes artigos ao titulo—A Moda—nelles devo escrever de modas meramente. Falar de um livro, em vez de falar de um vestido; apontar um costume,em vez de descrever um chapéo; citar uma phrase ou commentar uma mudança de habitos, em logar de reproduzir um modelo de saia ou de bainra, é revelar a alteração de pessoas muito preoccupadas e que só se dignam de me ler pelo interesse da assumpto.

Profundamente penalisada, e agradecida a essas pessoas, a quem tal damno causa, direi, com dous reverencia, que — A Moda, tanto quer dizer—maneira de vestir, como de fazer qualquer outra coisa. Tantas vezes dizemos—agora está em moda receber visitas em determinado dia da semana—ou—as monologos francezes estão em moda;—a moda agora de educar os filhos é muito differente da antiga;—a maledicencia está em moda;—eu fiz isto á minha moda; a phrase da moda; a musica da moda, a comprimento da moda, etc., que, francamente, eu não julgava ter sido de emprego quando aqui commentava a graça de um genio, a amoralidade de uma musica ou a musica que ha por ahi de se dizerem versos em francez, mostrando-se ignorar os em portuguez. Mas faze-te leve, penna, e vôa para diante, não firas ninguem, não magoes ninguem.

Logo hoje, que cheyo da rua contrario como um pindaliga, é que venho encontrar esta cartinha, em que uma senhora desconhecida me interroga sobre a coleção que ha entre a titulo e o assumpto destas chronicas.

Sentindo nisto no olhar o aroma dos jardins por onde andei, que dia azul! eu medito um segundo se devo ou não responder a essa senhora. Penso que não; mas logo resolvo que sim; que não primeiro, porque não quero que a carta perca um pretexto para o artigo; que sim depois, porque já não é a primeira pessoa que allude ao disparate do titulo como os assumptos da maior parte d'estas garatujas.

A razão nisto com toda a gente; razão, como poucas vezes, nesses se póde affirmar que ella esteja em casa. Talvez que ella agora ande por bem longe da minha.... em todo caso, faço a exmª. ilustrissima senhora saber que, á minha moda,—á Moda—é como eu disse: o que está em voga na occasião, no momento que passa.

Agora, por exemplo, está em moda o mysticismo.

Já não se offerece a alma, como um magnado lirio de agonias, na oração silenciosa dos templos ou do quarto. Incensam-se habitos em procissões, por entre a postrada anjo das ruas, a indifferença de algumas pessoas e a chaneia de outras, desrespeitadoras do culto.

Levados assim, aos solavanços, na promiscuidade do povo, digo, sinceramente, que os santos, elementos, nos seus andores, inspiram mais piedade que fé!

Decididamente as procissões só têm poesia, e só o que tem poesia nasvira o coração, nas cidades pequenas que ainda cheiram a matto e a virtude. Ha bem poucos dias... nas deixemos em paz o que eu vi ha poucos dias em uma cidade pequena,que ainda cheira a matto, e vamos para diante, querida penna,leve e risonha como quem valsa.

Estou contente; as muitas flores que nós temos vão juntar-se em breve flores de outras terras, estimadas aqui.

Temos o *Mugnet*, de perfume delicioso e segredo encantador.

Entrando um dia destes na *Cave Flora*, para encommendar umas flores, falei nas *chrisanthemes*. Por que haverá tão poucas d'essas flores aqui, se a planta é tão florifera e a variedade tamanha?

Disseram-me então que tratam de se cultivar e desenvolver flahem a cultivo de outras flores. Pedia informação do *Muguet*. Abrogada resolução! Como no Paradiso do Abbé Bieret, eu queria ver no Rio de Janeiro *des fleurs, des fleurs, des fleurs, partout des fleurs!*

Ainda chegaremos á perfeição de expor flores nas estações proprias, como fazem em Paris. O que é preciso é que as mulheres assignalem se interessem um bocadinho por isso e vão estudando a jardinagem. Por que não lança a *Cave Flora* a iniciativa de alguma coisa nesse sentido?

A propositio, li ha poucos dias em uma revista nova, *La ferme du flirt*, uma noticia interessante.

Em França, não me lembra se em Paris se na provincia, uma commissão de senhoras distribuiu, em determinados dias amostras de plantas proprias para vasos, e a terra vegetal necessaria para elles.

Essa distribuição, gratuita, é feita as operarias, costureiras, ás moças pobres em somma, com explicação de cultivo, que facilitam a germinação e a duração da planta. Grupos a esta propaganda decidiu devem tambem Heyn e Amaro das a celebridade das suas tulipas e dos seus jacinthos.

Em qualquer peitoril de janela onde haja ar e luz, onde exista um existentinho em um vaso, ha logar para um pé de margaridas ou de amores-perfeitos. As mesmas moças pobres têm em geral mais do que isso, os quintaes não são raros... o que lhes falta, pois, não é a terra, não é o sol, não é fecundidade no clima, é isto só—educação, gosto, incentivo.

Como as plantas flores aqui? Espetam-se as hastes na terra e esperam que os dias passem para que lentas rebentem. Primitivo e facil. Ah! mas nesse facto se póde cavalar á natureza, onde as plantas têm tambem intrigas, tem como as formigueiros, os caracoes!

Ora, que lindo seria que uma commissão de senhoras ricas imitasse entre nós as iniciativas europeias a que alludi, fazendo especialidade de uma ou duas flores mais propicias á cultura em vasos, distribuindo em tempo opportuno sementes dellas, e a terra adubada e as explicações de exposição, de rega, etc. Ao principio havia de ser preciso um premio. Sem premio, por emquanto, não se faz nada aqui; a jardineira que apresentasse as flores mais desenvolvidas e mais fragas teria uma medalha ou o que se convencionasse.

Depois, nem isso. Habituadas a verem a sua casa humilde illuminada pela graça divina da flor, a moça pobre não prescindiria d'ella, e até com sacrificio procuraria obtel-a.

Eu tenho esperança de ainda ver realisado um sonho de Rodolpho Bernardelli; sonho que tem sido o meu tambem, e que cuidado eu que já disse isto — fazemos todos os annos, pelo menos, uma exposição de flores. Meu Deus, parece Rio Janeiro!

ECILA WORMS.

Sem deixar de falar de flores, vou mudar de assumpto. Não é isso que dizem—Pobres mulheres intrizadas!

Uma patricia nossa, educada na Allemanha e na Italia, musicista distincta e pintora delicioza, com a especialidade de flores e retratos de crianças, poderia ser professora de linguas ou desenho, acha em bonra de uma collocação qualquer, contentando-se até com as suas bonecas...

Não será uma barbaridade que a sepha de um homem illustre e amado da Patria, que uma mulher,que tão bem interpreta Mozart como pinta um galho de orchideas ou o olhar innocente das crianças, vá ser governanta, dama de companhia, ou... ou cabelleira?

Entretanto, quem sabe? talvez que a leitura d'estas linhas acabe a procura de algumas que a ensine a pintar rosas e flores de larangeira nas actas do casoral!

E' que a sorte ás vezes diverte-se em desmoronar as esperanças que se podem auxiliar mutuamente!

ECILA WORMS.

Fonte: O País, 31/05/1901

Figura 16: Crônica de Ecila Worms, coluna “A Moda”

A colaboradora se mostra desapontada, pois fora questionada por escrever sobre outros assuntos na coluna de moda, e ironiza: “Ora, o que me dizem, querida pena, é isto: que subordinando estes artigos ao título – A Moda – neles devo escrever de modas meramente.” Ecila ver no questionamento a desvalorização intelectual que sofre sua pena, a feminina, já que não poderia escrever sobre outros assuntos, além de adornos e vestimentas. Depois dessa edição, somente duas crônicas aparecem assinadas por Ecila Worms, sendo que a última já não tem como título “A moda”, mas sim o título de “Crônicas femininas”, na qual relata uma viagem feita ao continente sul-americano, e em especial às terras paraguaias.

Por isso, sem avisar, a coluna de Ecila Worms sai de cena. Na semana posterior, sem valer-se de pseudônimo, Júlia Lopes de Almeida ocupa a primeira coluna da primeira folha. No entanto, cabe-nos ressaltar que, de forma esporádica, concomitante à coluna “A Moda”, Júlia Lopes já publicava outras crônicas no jornal *O País.*

4.3 “Dois dedos de prosa”: uma arena, vários discursos

Para compreendermos a participação de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País*, lembramos que ela foi responsável por duas colunas. A primeira foi a coluna: “A Moda” de 1892 a 1901, na qual a escritora assinava com o pseudônimo de Ecila Worms. A outra coluna tinha publicação semanal, assinada com seu próprio nome no período de 1894 a 1912. No ano de 1907, esta coluna passou a ser conhecida como “Dois dedos de prosa”.

Esta segunda coluna, só passou a ser fixa depois de 1901, quando Júlia encerra sua participação como colunista de modas. Vale registrar que a primeira publicação da autora no jornal *O País*, sem disfarce de pseudônimo, foi com a publicação de um capítulo, em 1893,que viria a fazer parte do *Livro das Noivas*(1896): *“C*arinhosa hospitalidade”.

Apesar de várias pesquisas trazerem a informação de que Júlia Lopes havia colaborado com a coluna denominada “Dois dedos de prosa” de 22 a 30

anos (SHARPE, 2004; MOREIRA, 2008; SOUZA, 2012), esclarecemos que a coluna só recebe esse título a partir de abril de 1907. A criação deste título coincide com o período em que o proprietário do jornal, João Lage, promoveu algumas reformulações editoriais do jornal *O País*. No entanto, mesmo após adotar esse codinome, variavelmente a colaboradora utilizava outros títulos, geralmente referente ao assunto destacado.

A coluna ficava no lado esquerdo da primeira página, espaço de maior destaque na folha. A estrutura do periódico era dividida em oito colunas, com verticalidade que, invariavelmente, faziam os escritos ficarem estreitos e compridos. Desta forma, prolongava os escritos de Júlia Lopes de Almeida que se arrastavam, às vezes, para a segunda coluna.

Depois de quase oito anos escrevendo sempre às segundas-feiras, um aparte do jornal, em 13 de julho de 1908, destacava a mudança da coluna de Júlia Lopes de Almeida para as terças-feiras. O fato de o jornal anunciar a mudança da publicação mostra uma preocupação com um público leitor fiel à escritora. Diferentemente da anterior em que falava sobre moda, usando pseudônimo, essa nova coluna era dirigida a um público mais geral e não apenas ao feminino. Essa coluna era mesclada com publicações de vários gêneros: contos, romance e, predominantemente, crônicas sobre o cotidiano, artes, algumas homenagens, até assuntos polêmicos, políticos, religiosos, etc.

O gênero crônica, tão presente nas letras da escritora Júlia Lopes de Almeida, é segundo Cândido (1992, p.14) filha do jornal e da era da máquina, está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer um cenário excelso, amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais fantásticas. Talvez, por isso, Júlia Lopes de Almeida tenha ficado surpresa quando trechos, anteriormente, publicados da sua coluna do jornal *O País,* foram desclassificados em concurso literário que teve como júri alguns imortais da Academia Brasileira de Letras. “A minha surpresa foi enorme. Primeiro porque estava informada de que, nesse concurso municipal, poderiam entrar obras de qualquer gênero literário, depois porque o meu livro [Eles e Elas] não é um livro de crônicas” (*O país*, 31/10/1911, p. 1). O júri desclassificou o trabalho da autora “sob o pretexto de não pertencer a um gênero de literatura de ficção, mas ao de crônicas de jornal” (O país, 31/10/1911, p. 1). Em sua coluna “Dois

dedos de prosa", a autora protestando quanto à classificação em gênero não correspondente ao seu trabalho, faz as seguintes ponderações:

> A minha surpresa foi enorme. Primeiro porque estava informada de que, nesse concurso municipal, poderiam entrar obras de qualquer gênero literário; depois o meu livro não é de crônicas. Para comprovar essa negativa, posso afirmar que, embora publicadas as suas páginas destacadamente nas colunas de um jornal como O País, levaram sempre como cabeçalho o título "Reflexões de uma esposa" ou "Reflexões de um marido", tendo, embaixo, junto à assinatura da autora, a declaração: "do livro *Elas e Eles*". O gênero "crônica" merece-me tanta consideração que nem chego a compreender como ele possa ter sido excluído de um concurso de letras em que se não declarem primazias para as qualidades de pura imaginação unicamente. Não desdenho da crônica, nem a considero fora da literatura. [...] Entendi sempre que a crítica é livre e deve ser exercida livremente. Ninguém ousará dizer ter eu solicitado de alguém uma palavra em público sobre meus trabalhos. (*O País*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1911).

A autora discorda do júri do concurso quanto ao conceito do gênero crônica, principalmente em relação ao valor literário, e cita dicionários para seu argumento. Acrescenta que não irá se furtar a defender seu trabalho, pois sabia que sua condição de escritora deveria incomodar àqueles que escondiam as opiniões sobre a mulher que ia além do seu mundo privado. (BARBOSA, 2007, p. 73). Como era comum, à época, os colegas escritores fazerem artigos elogiosos em defesa de "amigos", talvez a escritora tenha procurado responder àqueles que pudessem atribuir seu sucesso de publicação ao fato de manter relações de amizade com pessoas influentes no meio jornalístico e literário, entre as quais editores de Portugal e do Brasil. O certo é que mesmo sendo observada a grande notoriedade da escritora nas páginas dos jornais, ela teve de conviver com algumas críticas em que se insinuavam complacência por parte de amigos do meio jornalístico e literário, em vez de reconhecer-se a qualidade de sua obra

O fato de permanecer em evidência e com uma coluna semanal por duas décadas pode ser considerado uma resposta aos seus críticos, pois para o jornal não seria interessante manter uma coluna, inclusive sua principal coluna, sem que não houvesse retorno de público, e, principalmente,

financeiro. Além disso, entre a última década do século XIX e as primeiras do XX, a *Francisco Alves* editou dez livros de Júlia Lopes. Sobre a importância do reconhecimento público, Roger Chartier (1999, p.45) expõe: “para erigir-se como autor, escrever não é suficiente; é preciso mais, fazer circular as suas obras entre o público, por meio da impressão”. Usando as palavras do teórico francês, podemos confirmar que a autoria da escritora se faz não apenas porque publicou, mas, sobretudo, porque teve um público que fez suas obras serem reeditadas, o que significa que havia leitores constantes. A respeito da necessidade do autor inserir-se no sistema literário, esclarece Chartier (1999): os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos.

Ao assumir a partir de 1901 um espaço fixo no jornal, sem uso de pseudônimo, os escritos de Júlia Lopes entraram a favor de algumas questões sociais. A coluna serviu de espaço para que a escritora tratasse de variados assuntos e fez diversas campanhas (aleitamento materno, defesa do morro de Santo Antônio, Educação para as mulheres, trabalho feminino, a seca no Nordeste, fechamento de escolas, segurança pública, entre outras), fazendo de sua coluna uma arena, a que já aludimos no título desta seção. Uma de suas campanhas realizava-se em defesa da necessidade de educação e de trabalho para as mulheres:

> Indagando na Suíça das causas do visível bem-estar social, conclui-se que era em grande parte devido à inteligência esclarecida e ao trabalho bem disciplinado das suas mulheres, porque espírito observador não se contentando com a superficialidade das aparências, procurou em trabalhos econômicos a chave desse segredo, encontrando nessa afirmação: “A felicidade tão lembrada do povo suíço está na educação das mulheres”. (*O País*, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1911, p.1).

A colunista se refere às palavras do poeta Henrique Castriciano, fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, que, segundo ela, foram pronunciadas pelo interesse em melhorar a situação de nossa sociedade. Ao fazer esse tipo de alegação, a colunista se insere em um discurso de amparo às mulheres. Falando ainda em educação, em outra crônica intitulada “Nuvem

Negra", do dia 11 de janeiro de 1910, Júlia Lopes já havia externado sua opinião contrária ao ensino religioso nas escolas, pois defendia ser esta uma atribuição exclusiva da família:

> A religião está se tornando não uma questão de mero gosto pessoal, mas uma coisa opressora e terrível, cujas consequências ninguém poderá prever sem um arrepio de susto. (...) parece-me a mim que religião não se aprende no colégio, folheando livros trabalhosamente, mas sim em família, sem esforço, pelas tradições paternas e pelos exemplos recebidos nos períodos impressionáveis da infância e da adolescência... É uma prova de que a influência religiosa da escola é nula ou quase nula (*O País*, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1910, p.1).

De fato, a colaboradora de *O País* não se furtou a comentar e criticar ações do poder público e as questões do seu tempo. Inclusive, a autora se mostrou contrária à demolição do Morro de Santo Antônio, como parte das mudanças estruturais do Rio de Janeiro, iniciadas pelo prefeito Pereira Passos e que foram continuadas pelo poder público municipal na intenção de embelezar a capital federal, dando-lhe nova fisionomia arquitetônica, seguindo o padrão estético francês da *belle époque*. Buscando apoio para sua causa, a defesa do morro de Santo Antonio, Júlia Lopes dirige-se aos leitores de forma apelativa:

> Quem me ajudará a defender este formoso morro de Santo Antônio da ameaça de morte com que o afligem agora? Será possível que toda a gente desta cidade maravilhosa seja indiferente à beleza e ao futuro deste sitio de tão pitoresca topografia, a ponto de consentir, sem reflexão nem tino, no seu arrasamento?! (...) Mas o arrasamento do morro de Santo Antônio, não. Ele poderá favorecer melhormente interesses práticos e pessoais, traduzidos em lucro monetário ao sindicato estrangeiro que o premedita (*O País*, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1910).

A reforma urbana começou por abrir novas vias como a Avenida Central (atual Av. Rio Branco) e a Avenida Beira-Mar, juntamente com o alargamento de algumas ruas já existentes. Uma das críticas da colunista do jornal *O País*, veio quando da ocasião em que o Morro de Santo Antônio foi atingido pelas transformações em nome da modernização. Surge daí, mais um exemplo da

luta comprometida de Júlia Lopes de Almeida pelas causas urbanas e nacionais. Usando dos seus "Dois dedos de prosa", convoca os leitores para defender o que ela chama de arrasamento do Morro de Santo Antônio, que só foi acontecer na década de 40, época em que a autora já havia falecido. O certo é que sua postura ativa dentro da imprensa foi de encontro a outros escritores[30] que defendiam as transformações ocorridas. Medeiros de Albuquerque, ao escrever uma crônica na revista *A Ilustração Brasileira*(1/03/1910, p.59), se referiu à defesa que a escritora Júlia Lopes faz do morro de Santo Antônio: "Deixando, entretanto, de lado o nome do morro, que arranjou a preciosa advocacia de D. Júlia Lopes de Almeida, ainda assim é lícito divergir de sua defesa... apesar do patrocínio ilustre, eu voto, portanto, pela sua destruição".

O terreno exuberante e irregular prejudicou o crescimento do Rio. Morros, charcos e lagoas, característicos da região, deixavam pouco espaço para uma expansão descomplicada (NEEDELL, 1993, p.44). A decadência da economia cafeeira fez surgir mais fábricas no Rio de Janeiro e com o fim do sistema escravagista e a migração de trabalhadores estrangeiros o problema habitacional agravou-se, pois com isto foram surgindo os cortiços:

> (...) A dimensão higienizadora das propostas de modernização da cidade do Rio de Janeiro objetivou-se em medidas concretas na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-06), levando à demolição dos primeiros cortiços. Embora fossem numericamente pouco expressivos, os cortiços, construídos nos morros do Castelo e de Santo Antônio, ocupavam um espaço nobre da cidade. (PANDOLFI& GRYNSZPAN, 2002, p. 241)

O posicionamento de Júlia Lopes era contrário aos interesses políticos e financeiros, que em nome da modernização da capital do país, agrediam o meio ambiente. A crônica "Crime premeditado" referia-se ao "arrasamento" do morro de Santo Antônio, que repercutiu no meio social e político a ponto de trazer no próprio jornal *O País,* datado do dia 13 de fevereiro de 1910

[30] Olavo Bilac em sua crônica na revista *Kosmos*, de março de 1904, já havia se declarado a favor do bota abaixo promovido pelo poder público do Rio de Janeiro: "A cidade colonial, imunda, retrógada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente".

(domingo), a publicação de uma carta contestando, de forma respeitosa, o que foi mencionado pela escritora em sua crônica. A redação do jornal assim a transcreveu:

> Escrevem-nos o Sr. Georges Stills: Com aquela incomparável verve de sempre, a ilustre escritora D. Júlia Lopes de Almeida, em uma enérgica crônica, sob a epígrafe “crime premeditado”, protesta contra a iniciativa do arrasamento do *Morro de Santo Antônio* (...) Que a eminente escritora releve a ousadia destas linhas, mas não lhe assiste absolutamente razão em pugnar pela permanência dessa excrescência no coração da cidade e em cujo cimo fervilham os germes das mais perigosas infecções. A estética de modo algum justifica a permanência desse monte que priva uma extensa zona da cidade da natural aeração, impedindo a corrente dos ventos. É um morro feio, desgracioso (...) Com a publicação destas linhas, muito grato se confessa o vosso admirador e constante leitor. (*O País*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1910, p. 6).

Mesmo sendo uma posição contrária ao pensamento defendido pela colaboradora, o leitor demostra respeito ao se desculpar por discordar da escritora a quem chama de talentosa. Usa de argumento técnico ao afirmar que o morro impede a corrente dos ventos, usando de argumento higienista. O leitor ainda deixa claro que costuma ler a coluna. Não se dando por vencida, Júlia Lopes retoma o assunto em outra crônica replicando os argumentos do leitor. Como foi uma questão de posições antagônicas, uma ação pública polêmica, outros jornais (*Ilustração Brasileira*, 1910; *Gazeta de Notícias*, 1910) deram destaque à questão. Ainda insistindo em discutir o assunto, a própria Júlia Lopes de Almeida escreveu a crônica: “Crime... consumado?”

> É preciso ver que eu não quero a concessão do morro de Santo Antônio para mim! Quando lembro que, por entre árvores e flores, ele pode ostentar palácios, casa do Congresso, hotéis, colégios em que a cinco minutos do largo da carioca se abram janelas para o ar puro da barra e para a liberdade do espaço azul, o que seria um magnífico recurso para a mocidade das gerações futuras é pela convicção de que tal melhoramento não pode ser contestado. Eu só desejo a prosperidade do sindicato e o florescimento de todo o capital estrangeiro que venha engrossar a torrente dos nossos negócios e da nossa importância. Não olho para as coisas só através da lente da poesia. (*O País*, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1910, p.1)

E de fato ainda se repetiram outras linhas a falar do Morro de Santo Antônio, e assim, Júlia Lopes prosseguiu com sua pena expondo questões de interesse público, o que demonstra seu comprometimento com a questão social. Na coluna *Dois dedos de prosa,* do dia 4 de junho de 1912, Júlia Lopes traz ao público a realidade social a qual considera terrível: os números referentes à tuberculose: "É sabido que nesta capital morre de duas em duas e meia horas um tísico. No entanto, que temos nós feito"? A colaboradora informa que os dados foram observados em relatório da Liga Brasileira contra a Tuberculose do ano de 1911. Lembra aos legisladores que é dever do estado dar proteção e amparo, visto que devia servir como acontece às classes mais afortunadas. E defende que será bom divulgar nos jornais certas ideias constantes do relatório que precisam de ampla circulação. D. Júlia não apenas critica, também sugere:

> Os assuntos que se debatem nas cinquentas e tantas páginas do folheto que tenho entre as mãos valem por uma biblioteca. Quais são eles? – a infância e a escola; medidas profiláticas antes e durante o tirocínio escolar; seguro familiar obrigatório para a colocação de pequenos tuberculosos em estabelecimentos especiais; criação de asilos, de hospitais, de sanatórios para doentes em diversos graus de moléstia; regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores; criação de caixas de seguro contra a invalidez dos operários; disseminação de conselhos sobre higiene a bem da coletividade, que sei eu! Um punhado de ideias dignas da nossa maior e mais serviçal atenção. A Liga Contra a Tuberculose tem feito muito em favor da população pobre do Rio de Janeiro e sente-se lhe o desespero de não poder fazer ainda mais. Não tardará talvez muito que isso aconteça, porque os seus ideais são muito generosos e muito belos para ficarem ainda, por longo tempo, incompreendidos. (*O País*, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1912).

A repercussão das palavras de Júlia Lopes mais uma vez traz o retorno do leitor, demonstrando ser uma coluna lida, até por que se trata de uma coluna fixa. O engenheiro civil José Agostinho dos Reis, professor da Escola Politécnica do Rio, encaminha duas cartas abertas a Júlia Lopes de Almeida que foram publicadas em *O País*, 17 de junho e 03 de agosto de 1912,

reafirmando o discurso da colaboradora a quem se reporta com respeitosa admiração.

Conforme já citamos anteriormente, muitas temáticas foram discutidas na coluna de Júlia Lopes. Destacamos a crônica "*Não vale a pena*", datado do dia 14 de junho de 1910 (terça-feira), uma vez que entre seus pares havia a insatisfação com a falta de reconhecimento em relação ao trabalho do escritor brasileiro, e ironiza a desfeita:

> Escrever, no Brasil, para quê? Por quê? Por vaidade? Não. Escrever entre nós não pode tornar vaidoso nenhum escritor, a não ser na sua própria consciência, visto que os seus méritos naturais e a sua arte, ou o seu oficio, como quiserem, não impõem respeito nem admiração a ninguém.
> [...] Não, meus caros senhores, não vale a pena ter entusiasmo nem trabalhar pelas nossas letras; fiquem esses cuidados para outros países mais incultos, menos habilitados a julgamentos rápidos e definitivos, os países selvagens, em que toda a gente que vá, por exemplo, a um teatro de estudo, de ensaio, de concurso, conserve diante da cena aberta uma atitude serena e respeitosa, [...] vivemos a elogiar a literatura francesa... nossa intelectualidade só nos enche a boca quando a comparamos com a dos outros países sul-americanos que a não têm... (*O País*, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1910, p.1).

O sarcasmo presente no desabafo da escritora Júlia Lopes de Almeida deixa à mostra o descontentamento com o predomínio da literatura estrangeira e a natural desvalorização na literatura brasileira, bem como a disposição do público leitor que não possuía gosto para escolher boas produções e pela demonstração da falta de interesse. A escritora já havia se manifestado em crônica publicada no seu *Livro das Noivas* (1896),

> Mas, desgraçadamente, nós não sabemos ler!
> É raro encontrar-se nas nossas salas duas senhoras que falem de literatura, mostrando interesse pelos bons autores, principalmente pelos de seu país! Do jornal leem o folhetim, isto é, o romance de enredo, onde as deleitam as cenas imprevistas, as astúcias de lacaios e de agentes falsos, os véus negros de adúlteras em entrevistas amorosas, e os lampejos de espadas no campo da honra! (ALMEIDA, 1896, p. 36-37).

A queixa da escritora sobre a imaturidade literária do público brasileiro, e em especial a das mulheres, retoma um discurso de outras figuras mais expressivas dos oitocentos. De acordo com Augusti (2010), Alencar (1829-1877) fez parte dos que reclamaram da indiferença da imprensa. Machado de Assis foi outro a reclamar, ele apregoou na "Semana Literária" (*Diário do Rio de Janeiro*, 9 de janeiro de 1866, p.2) que a publicação de livros andava em temperatura abaixo de zero, pois a impressão cara dos livros não oferecia lucro ao escritor. Assim como Almeida, reclamou da falta de gosto formada entre o público. Neste momento, percebemos que Júlia Lopes ao comentar o tipo de leitura de interesse feminino, ratifica a representação do folhetim enquanto literatura sensacionalista, bem como a representação do sexo feminino dado ao gosto pela leitura fútil em que se abordam os "desvios morais".

No ano que completaria vinte anos de colaboração, de fevereiro de 1892 a agosto de 1912 - Júlia deixou de pertencer ao quadro de colunistas do jornal *O País* sem fazer nenhum comentário, sem despedidas. Sobre seu desligamento do jornal, versões conflitantes foram abordadas. A primeira delas é apresentada por Sharpe (2004), resultado de uma entrevista feita com a filha de Júlia Lopes, Margarida Lopes de Almeida, que assim informou:

> [Oscar] Guanabarino se sentiu despeitado ao ver escolhida para estreia da primeira temporada oficial do nosso Teatro Municipal um drama de Júlia Lopes de Almeida: *Quem não perdoa.* O júri classificou-o entre as cinco melhores peças apresentadas e decidiu inaugurar o nosso principal teatro com a de minha mãe. Guanabarino rabiou de inveja e veio, com sua conhecida diatribe, a ser a causa de retirar a escritora sua colaboração semanal de *O País* que mantinha havia vinte e dois anos. Guanabarino publicou duas ou três crônicas contra a autora de *Quem Não Perdoa* na própria folha em que ela há tantos anos colaborava. Uma vez entregue os pontos pelo intruso e batida sua retirada, minha mãe se despediu do jornal. (SHARPE, 2004, 198)

O excerto acima menciona o autor e crítico de arte Oscar Guanabarino de Sousa e Silva (1851-1937), responsável pela seção de "Artes e Artistas "do jornal *O País*. Margarida Lopes, a filha de Júlia Lopes, se refere à reação do crítico em relação ao resultado de um concurso promovido, em 1910, pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Esse concurso visava à escolha de cinco peças

que seriam apresentadas na abertura do Teatro Municipal em 1911. A comissão responsável pela escolha das peças foi formada por membros da Academia Brasileira de Letras, tendo como presidente o escritor Filinto de Almeida, esposo da escritora Júlia Lopes. Ao tomar ciência do resultado do concurso, em que sua peça "Ave Maria" não fora classificada, Oscar Guanabarino, assim, externou:

> Parece-nos chegado o momento de soltar o nosso brado de indignação contra a Academia de Letras, da qual nasceu a comissão requisitada pela Prefeitura para julgar as peças apresentadas em concurso; mas para que haja a lealdade e tenhamos direito ao crédito do público começaremos declarando que, nessa questão do concurso somos um "despeitado", tanto mais que agora impossível se torna qualquer consolo ou resignação, crescendo a revolta que se aninhou em nosso espírito, convencidos "à priori" de que tínhamos sido vítima de uma injustiça inqualificável, a qual pretendemos agitar nestas linhas para que a gente honesta se lave da imputação que temos o direito de lançar à referida Academia, representada pela comissão de julgamento. [...] Mas a comissão desapareceu, e estamos autorizados a declarar que um dos seus membros, o Sr. Alcindo Guanabara, não leu nenhuma das 30 ou 40 peças enviadas ao concurso; assim como sabemos que o mesmo se deu com os outros membros da comissão, arvorando-se em juiz supremo, em unidade e sem apelação, o Senhor Filinto de Almeida.(*O País*, 7 de junho de 1910, p.3)

Sobre as palavras de Guanabarino, o editorial do jornal publicou, na mesma coluna de Guanabarino: "Artes e Artistas", uma carta do escritor Afonso Celso, membro da comissão do concurso acima citado, rebatendo as calúnias e prestando solidariedade a Filinto de Almeida. Antes da carta, o editorial falou do temperamento combativo e da tendência belicosa do caráter de Guanabarino, acrescentando: "Guanabarino é nesta seção um verdadeiro ditador, impondo-se à direção da folha pelo seu incontestável merecimento, por uma tradição de vinte e cinco anos de bons serviços e, já agora, pela autoridade que lhe advém do resultado de tão renhido pleito (*O País*, 8 de junho de 1910, p.5). Durante uma semana, esse assunto figurou nas páginas do jornal. Por fim, a direção divulga que Oscar Guanabarino gozava de plena e ilimitada liberdade na seção que subscrevia com o seu nome, sendo

responsável pelo que escreveu, e acrescentou que ele contava com a consideração especial da direção da folha.

Passados dois anos desta contenda, a questão volta à tona em 1912, retomada pelo próprio Guanabarino, ao responder uma enquete[31] sobre o teatro brasileiro. Ele fez severas críticas às peças *Quem não perdoa*[32] e *Expiação,* de autoria, respectivamente, das irmãs Júlia Lopes e Adelina Lopes e que foram classificadas entre as cinco peças: "Não se pode imaginar dois maiores desastres".

Conhecido pelo seu destempero e falta de cortesia com as pessoas e não se dando por satisfeito, Guanabarino credita a escolha das peças de Júlia Lopes e da irmã à intervenção de Filinto de Almeida, presidente da comissão julgadora do concurso municipal[33].

Essa querela veio motivar a saída da escritora Júlia Lopes de Almeida do jornal. A versão apontada por Margarida Lopes e publicada por Sharpe sobre o afastamento de Júlia Lopes de *O País*, não condiz com a versão que encontramos no jornal *O País*. Ao contrário do que afirmou Margarida Lopes, o colunista Oscar Guanabarino não "bateu em retirada", pois ele continuou à frente de sua coluna, e não pudemos compreendê-lo como "intruso", já que o referido crítico fazia parte da redação de *O País* desde 1884, data de fundação do jornal.

Diante da questão, a direção do jornal não se manifestou nesse novo *round.* A única atitude foi proibir que mais enquetes fossem publicadas. No entanto, vimos que as páginas do jornal serviram à rancorosa pena do crítico, sem uma defesa clara em favor da escritora. Toda essa polêmica deixou a colaboradora desgostosa a ponto de não comunicar aos seus leitores os motivos do fim da sua coluna, e apenas deixar de escrever. Ironicamente, quem notifica ao leitor a saída da colunista do jornal é o próprio Guanabarino:

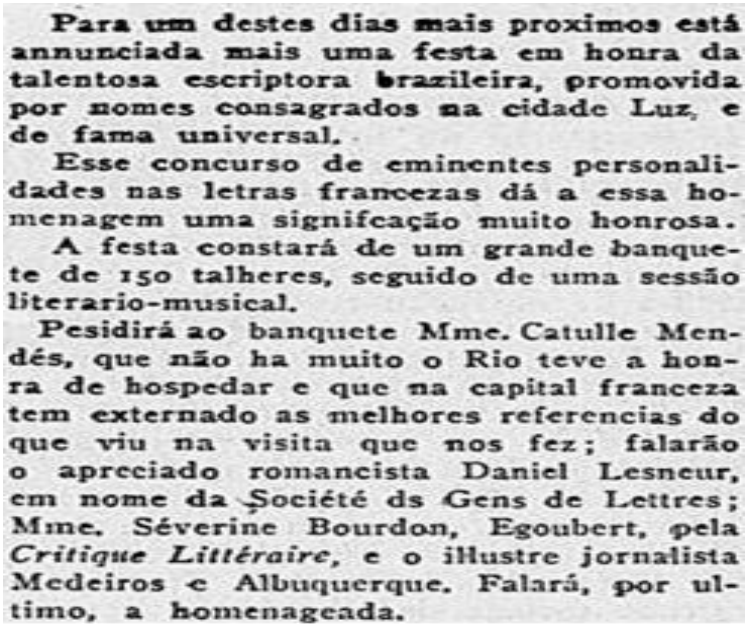
> Com D. Júlia Lopes deu-se um fato curiosíssimo. Em um dos seus brilhantes artigos inseridos nesta folha, disse ela, um dia, que nas letras não desejava ser julgada como senhora e sim

[31] Falaremos com mais detalhe sobre a enquete na próxima seção.
[32] O título original dessa peça, que concorreu ao concurso municipal, era "Não matarás".
[33] A próxima seção deste capítulo tratará da produção teatral da escritora Julia Lopes de Almeida e falaremos com mais detalhes sobre este concurso.

> como autor, como escritor, e assim devia ser; mas baseados nessa declaração e molestados por pessoa que lhe é cara, fizemos referências a sua peça representada ontem, e também à produção de uma comédia, sem pés nem cabeça, de sua extremosa irmã, D. Adelina Lopes Vieira, e o resultado foi a revolta de D. Júlia Lopes, retirando a sua interessante colaboração desta folha, para não estar ao lado de um redator que tivera a pouca delicadeza de trata-la como autor e não como senhora. (*O País*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1912, p. 1-2).

Mesmo sendo tão indelicado em expor a colega de redação, Guanabarino não teve como não reconhecer a valiosa colaboração da escritora para *O País*. Por outro lado, a falta de explicação por parte da colunista transparece a situação constrangedora dentro do jornal. Vencida e sem quebrar seu silêncio sobre os acontecimentos tão discutidos, ela abandonou seu posto depois de um período de quase duas décadas.

Na edição de primeiro de abril de 1913, após oito meses da saída da sua colaboradora, *O País* noticia a partida da família Almeida com destino ao "velho mundo", propagada também por outros periódicos da época. É possível que a viagem à Europa tenha sido motivada pela saída da escritora do jornal. Na capital francesa, Júlia Lopes recebeu várias homenagens em reconhecimento ao seu trabalho como escritora. Para conhecimento, segue figura:



Para um destes dias mais proximos está annunciada mais uma festa em honra da talentosa escriptora brazileira, promovida por nomes consagrados na cidade Luz, e de fama universal.

Esse concurso de eminentes personalidades nas letras francezas dá a essa homenagem uma significação muito honrosa.

A festa constará de um grande banquete de 150 talheres, seguido de uma sessão literario-musical.

Pesidirá ao banquete Mme. Catulle Mendés, que não ha muito o Rio teve a honra de hospedar e que na capital franceza tem externado as melhores referencias do que viu na visita que nos fez; falarão o apreciado romancista Daniel Lesneur, em nome da Société ds Gens de Lettres; Mme. Séverine Bourdon, Egoubert, pela *Critique Littéraire*, e o illustre jornalista Medeiros e Albuquerque. Falará, por ultimo, a homenageada.

FONTE: O País, 17 de fevereiro de 1914.p.5

Figura 17: Nota sobre homenagem a Júlia Lopes de Almeida em Paris

Depois do merecido reconhecimento de intelectuais franceses, ao fazer um ano de estada na Europa, Júlia Lopes retorna ao Brasil em 10 de abril de 1914. E a exemplo das homenagens recebidas em Paris, a autora é prestigiada em seu regresso por alguns intelectuais brasileiros. Coelho Neto e Emílio de Meneses[34] foram responsáveis pela organização de uma festa programada para dar as boas vindas à escritora em seu retorno à pátria. Para ciência, segue figura:

[34] Jornalista e poeta, Emílio de Meneses foi eleito para a Academia brasileira de Letras, mas faleceu antes de tomar posse. Escreveu sonetos e poemas satíricos tão mordazes que o comparavam a Gregório de Mattos. Considerado boêmio e excêntrico para os padrões da época.

Viajantes.

A illustre escriptora brazileira D. Julia Lopes de Almeida chega hoje a esta capital, depois de uma demorada viagem por varios paizes da Europa.

Occupando na nossa literatura, pelo seu formoso talento, pela graça e pelo brilho do seu estylo, pelo valor extraordinario dos seus trabalhos, sempre merecedores dos mais enthusiasticos applausos e da mais completa aceitação, logar de notavel destaque, a nossa distincta patricia vem de receber da intellectualidade do velho mundo, representada nessa pleiade de escriptores illustres que se congregam em Paris, em torno da sua pessoa, a ex-

D. Julia Lopes de Almeida

pressiva e commovente homenagens que o telegrapho e as correspondencias tão largamente noticiaram.

A estadia de D. Julia Lopes na Europa foi assim de triumpho e gloria para as letras brazileiras. A quem tão alto soube, nos mais cultos centros do mundo, pelo fulgor do seu talento e pelo brilho de sua obra numerosa, elevar o nome da Patria, é justo e é indispensavel que, aproveitando o ensejo do feliz regresso, se prestem as homenagens do nosso respeito e da nossa admiração.

De certo, a sociedade do Rio saberá fazel-o o mais carinhosamente possivel.

Sabe-se que Coelho Netto, o prosador illustre, e Emilio de Menezes, o impeccavel poeta, tomarão a iniciativa de uma grande festa, cheia da mais requintada intellectualidade, em honra a D. Julia Lopes.

A grande escriptora viaja pelo *Sierra Nevada*. Elevando o nome do seu paiz na Europa, D. Julia Lopes tambem ali mostrou o valor da intelligencia da mulher brazileira. As senhoras, pois, têm o dever de concorrer para que se revista de um forte brilho a recepção de D. Julia Lopes de Almeida.

✣

FONTE: O País, 01 de abril de 1914

Figura 18: Nota sobre retorno da escritora Júlia Lopes de Almeida ao Brasil

Mesmo que o retorno tenha sido com grande reconhecimento pelos seus pares, Júlia Lopes não retomou suas publicações no jornal *O País*. Sua saída

coincidiu com um tempo de dificuldades para o jornal. Em 1915, o periódico sofreu uma grande crise financeira, agravada com o incêndio na sede do jornal dois anos depois, para desaparecer de vez quando, pela Revolução de 1930, some em um novo e assombroso incêndio (SODRÉ, 1966). Com o número 17.134, a última edição de *O País* circulou em 18 de novembro de 1934 e não contava mais com a colaboração da escritora Júlia Lopes de Almeida, falecida em maio do mesmo ano.

Quando retornou ao Brasil, Júlia ainda colaborou, esporadicamente, com alguns pequenos jornais, e ainda em 1914 publicou o romance *A Silveirinha*. Porém, segundo De Luca (1999), o período que se segue caracteriza-se pela queda de produtividade da escritora. Júlia Lopes de Almeida teve duas grandes perdas. Em 1915, falece seu pai e, em 1917, seu editor e incentivador, Francisco Alves. O material por ela divulgado nessa época (uma antologia didática, um conto infantil, peças de teatro) é exíguo, compondo-se, provavelmente, de textos elaborados antes de 1915.

Nessa época, a escritora fez algumas viagens para realizar conferências para alguns estados, entre eles Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A longa viagem pelo sul do Brasil, em 1918, foi descrita *em Jornadas no Meu País*, editado em livro em 1920. De volta ao Rio, tem-se a impressão de que a escritora – cuja saúde parece fragilizar-se ainda mais nos anos 20 – passa a alternar uma atuação quase simbólica junto aos meios de comunicação com o confinamento no lar.

O jornal *O País* noticia o restabelecimento da escritora; “Acha-se restabelecida da enfermidade que a reteve longos dias no leito, a ilustre escritora Júlia Lopes. A distinta senhora tem sido muito visitada em seu palacete de Santa Tereza”. (O País, 24 de setembro de 1920, p.5). Para De Luca (1999) a intensificação de suas atividades domésticas seria a explicação para a publicação, em 1922, de um livro de jardinagem e, em 1923, de uma poética saudação à padroeira dos jardineiros - *Oração à Santa Dorotéia*.

Nada a impediu, porém, de fazer outra viagem no ano que completara 60 anos. Em maio de 1922, o Jornal *O País* divulga sobre o convite do *Consejo Nacional de Mujeresde la Argentina*, com o apoio do governo argentino, para que a escritora Júlia Lopes de Almeida ministrasse “A Conferência Brasil”, na

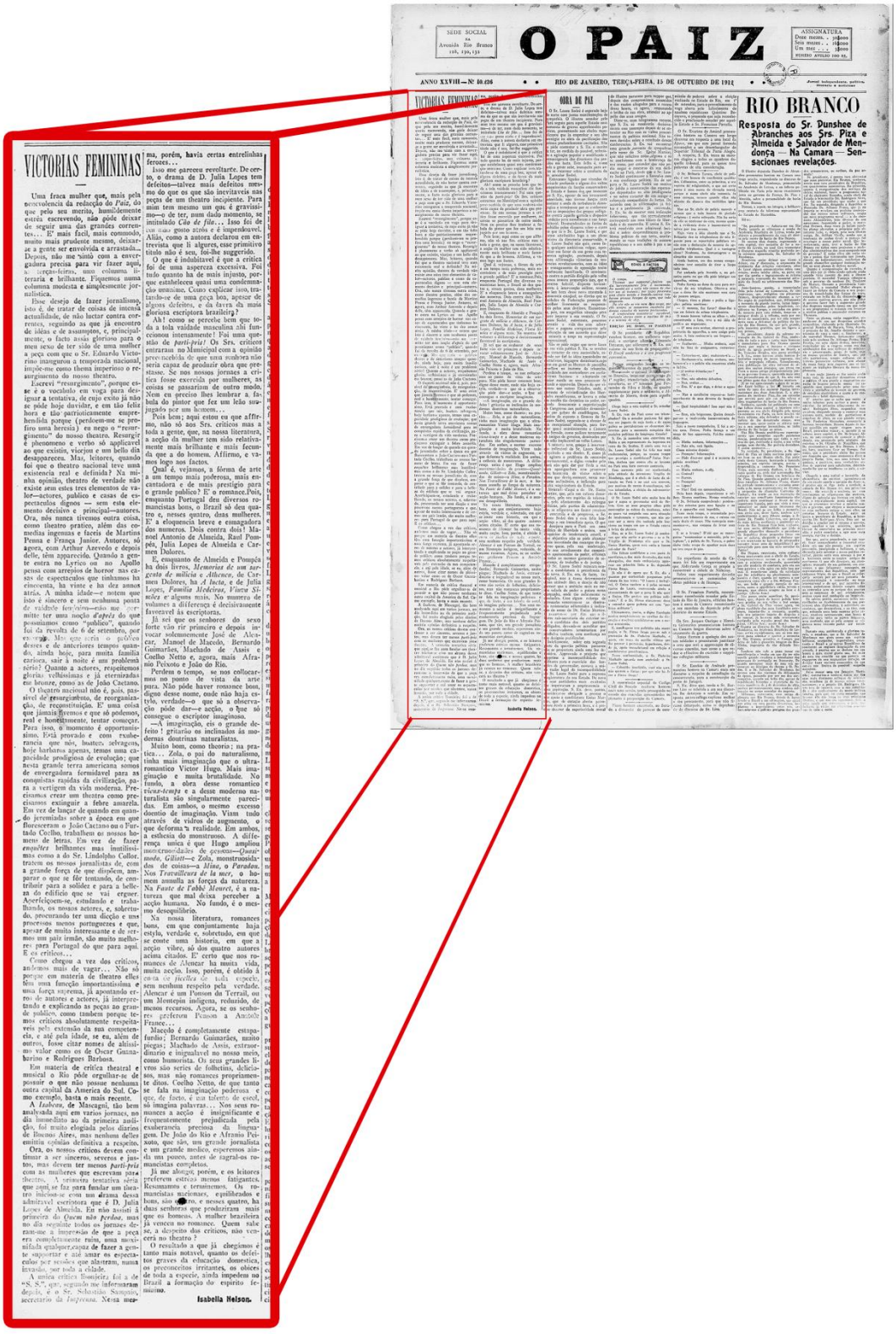
capital argentina, durante as festas comemorativas do 1º Centenário da Independência do Brasil:

> Festejada e querida na Pátria, D. Júlia Lopes de Almeida recebeu já no estrangeiro, em Lisboa e em Paris, a consagração que tão bem merece e que tornou o seu nome, e parte da sua vasta obra, universalmente conhecidos e admirados. O convite da sociedade argentina, homologado pelo governo da nação amiga e reiterado pelo nosso, fará com que, durante a comemoração do nosso centenário, possa ser o pensamento brasileiro revelado em Buenos Aires – onde a palavra de Rui Barbosa tão alto soou já – por um dos seus mais legítimos representantes (*O País*, 25 de maio de 1922, p. 4)

O excerto acima demonstra o valor da escritora ao falar da consagração de seu nome na literatura não só no Brasil, mas no exterior. Nos anos vinte, Júlia Lopes de Almeida havia diminuído sua produção literária e jornalística, contudo transformou-se em uma grande conferencista. O certo é que ao lermos os jornais da época, o nome da escritora está sempre presente nas colunas sociais, seja em favor de algum evento social ou em virtude das notórias viagens com a finalidade de realizar conferências nos estados brasileiros.

Em setembro de 1925, tem início uma nova etapa da vida da escritora, ela retorna para Europa. Júlia e sua família se despedem do Brasil para morar na França, onde permaneceram até o ano de 1931.

4.4 O teatro - Enquete e querelas: uma questão de opinião



O PAIZ

VICTORIAS FEMININAS

Uma fraca mulher que, mais pela benevolencia da redacção do *Paiz*, do que pelo seu merito, humildemente estréa escrevendo, não póde deixar de seguir uma das grandes correntes... E' mais facil, mais commodo, muito mais prudente mesmo, deixar-se a gente ser envolvida e arrastada... Depois, não me 'sinto com a envergadura precisa para vir fazer aqui, a sergas-feiras, uma columna litteraria e brilhante. Fiquemos numa columna modesta e simplesmente jornalistica.

Esse desejo de fazer jornalismo, isto é, de tratar de coisas de intensa actualidade, de não luctar contra correntes, seguindo as que já encontro de idéas e de assumptos, e, principalmente, o facto assas glorioso para o meu sexo de ter sido de uma mulher a peça com que se Sr. Edmardo Victorino inaugurou a temporada nacional, impõe-me como thema imperioso o resurgimento do nosso theatro.

Escrevi "resurgimento", porque esse é o vocabulo em voga para designar a tentativa, de cujo exito já não se póde hoje duvidar, e em tão feliz hora e tão patrioticamente empre-hendida porque (perdoem-me se profiro uma heresia) eu nego o "resurgimento" do nosso theatro. Resurgir é phenomeno e verbo só applicavel ao que existiu, viveu e um bello dia desapareceu. Mas, leitores, quando foi que o theatro nacional teve uma existencia real e definida? Na minha opinião, theatro de verdade não existe sem estes tres elementos de valor—actores, publico e casas de espectaculos dignos — sem esta elemento decisivo e principal—autores. Ora, nós nunca tivemos outra coisa, como theatro pratico, além das comedias ingenuas e faceis de Martins Penna e Franga Junior. Autores, só agora, com Arthur Azevedo e depois delle, têm apparecido. Quando a gente entra no Lyrico ou no Apollo pensa com arrepios de horror nas casas de espectaculos que tinhamos ha cincoenta, ha vinte e ha dez annos atrás. A minha idade—e notem que isto é sincero e sem nenhuma pontá de vaidade feminina—não me permitte ter uma noção *d'après* do que possuimos como "publico", quando foi da revolta de 6 de setembro, por exemplo. Mas que seria o publico desses e de anteriores tempos quando, ainda hoje, para muita familia carioca, sair á noite é um problema sério? Quanto a actores, respeitemos glorias velhissimas e já eternizadas em bronze, como as de João Caetano.

O theatro nacional não é, pois, passivel de resurgimento, de reorganização, de reconstituição. E' uma coisa que jámais tivemos e que só podemos, real e honestamente, tentar começar. Para isso, o momento é opportunissimo. Está provado e com exuberancia que nós, boatos selvagens, hoje barbaros apenas, temos uma capacidade prodigiosa de evolução; que nessa grande terra americana somos de envergadura formidavel para as conquistas rapidas da civilização, para a vertigem da vida moderna. Precisamos crear um theatro como precisamos extinguir a febre amarella. Em vez de lançar de quando em quando jeremiadas sobre a época em que Buroceram o João Caetano ou o Furtado Coelho, trabalhem os nossos homens de lettras. Em vez de fazer *enquêtes* brilhantes mas inutilissimas como a do Sr. Lindolpho Collor, tratem os nossos jornalistas de, com a grande força de que dispõem, amparar o que se fôr tentando, de contribuir para a solidez e para a belleza do edificio que se vai erguer. Aperfeiçoem-se, estudando e trabalhando, os nossos actores, e, soberbo, procurando ter uma dicção e uns processos menos portuguezes e que, apesar de muito interessante e de ser-mos um pair irmão, são muito melhores para Portugal do que para aqui. E os criticos...

Como chegou a vez dos criticos, andemos mais de vagar... Não só porque em materia de theatro elles têm uma funcção importantissima e uma força suprema, já apontando erros de autores e actores, já interpretando e explicando as peças ao grande publico, como tambem porque temos criticos absolutamente respeitaveis pela extensão da sua competencia, e até pela idade, se eu, além de outros, fosse citar nomes de alissimo valor como os de Oscar Guanabarino e Rodrigues Barbosa.

Em materia de critica theatral e musical o Rio póde orgulhar-se de possuir o que não possue nenhuma outra capital da America do Sul. Como exemplo, basta o mais recente.

A *Isabeau*, de Mascagni, tão bem analysada aqui em varios jornaes, no dia immediato ao da primeira audição, foi muito elogiada pelos diarios de Buenos Aires, mas nenhum delles emittiu opiniões definitivas a respeito.

Ora, os nossos criticos devem continuar a ser sinceros, severos e justos, mas devem ter menos *parti-pris* com as mulheres que escrevam para theatro. A primeira tentativa séria que aqui se faz para fundar um theatro nacional—e com um drama dessa admiravel escriptora que é D. Julia Lopes de Almeida. Em não assisti á primeira de *Quem não perdoa*, mas no dia seguinte todos os jornaes deram-me a impressão de que a peça era completamente rara, uma mesquinhada qualquer,capaz de fazer a gente supportar e até amar os espectaculos por vezes que alastram, numa invasão, por toda a cidade.

A unica critica honesta foi a de "S. S.", que, segundo me informaram depois, é o Sr. Sebastião Sampaio, secretario da *Imprensa*. Nessa mesma, porém, havia certas entrelinhas ferozes...

Isso me pareceu revoltante. De certo, o drama de D. Julia Lopes tem defeitos—talvez mais defeitos nesmo do que os que são inevitaveis nas peças de um theatro incipiente. Para mim tem mesmo um que é gravissimo—o de ter, num dado momento, se imitado *Cão de fila*... Isso foi de um mau gosto atroz e é impendoavel. Alias, como a autora declarou em entrevista que li alguns, esse primitivo titulo não é seu, foi-lhe suggerido.

O que é indubitavel é que a critica foi de uma aspereza excessiva. Foi tudo quanto ha de mais injusto, porque estabeleceu quasi uma condemnação unanime. Como explicar isso, tratando-se de uma peça boa, apesar de alguns defeitos, e da favra da mais gloriosa escriptora brazileira?

Ah! como se percebe bem que toda a tela validade masculina ahi funccionou intensamente! Foi uma questão de *parti-pris*! Os Srs. criticos entraram no Municipal com a opinião preconcebida de que uma senhora não seria capaz de produzir obra que prestasse. Se nos nossos jornaes a critica fosse exercida por mulheres, as coisas se passariam de outro modo. Nem eu preciso lhes lembrar a fabula do pintor que fez um leão suavissimo...

Pois bem; aqui estou eu que affirmo, não só aos Srs. criticos mas a toda a gente, que, na nossa literatura, a acção da mulher tem sido relativamente mais brilhante e mais fecunda que a do homem. Affirmo, e vamos logo aos factos.

Qual é, vejamos, a fórma de arte a um tempo mais poderosa, mais encantadora e de mais prestigio para o grande publico? E' o romance. Pois, emquanto Portugal deu diversos romancistas bons, o Brazil só deu quatro e, nesses quatro, duas mulheres. E' a eloquencia breve e esmagadora dos numeros. Dois contra dois! Manoel Antonio de Almeida, Raul Pompéa, Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores.

E, emquanto de Almeida e Pompéa ha dois livros, *Memorias de um sargento de milicia* e *Athenea*, de Carmen Dolores, ha *A Intia*, e de Julia Lopes, *Familia Medeiros*, *Viuva Simões* e alguns mais. No numero de volumes a differença é decisivamente favoravel ás escriptoras.

Já sei que os senhores do sexo forte vão rir primeiro e depois invocar solemnemente José de Alencar, Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Coelho Netto e, agora, mais Afranio Peixoto e João do Rio.

Perdem o tempo, se nos collocarmos no ponto de vista da arte pura. Não póde haver romance bom, digno desse nome, onde não haja estylo, verdade—o que só a observação póde dar—e acção, o que só consegue o escriptor imaginoso.

—A imaginação, eis o grande defeito! gritarão os inclinados ás modernas doutrinas naturalistas.

Muito bem, como theoria; na pratica... Zola, o pai do naturalismo, tinha mais imaginação que o ultra-romantico Victor Hugo. Mais imaginação e muita brutalidade. No fundo, a obra desse romantico *rêve-ionte* e a desse moderno naturalista são singularmente parecidas. Em ambos, o mesmo excesso dantesco de imaginação. Vista tudo através de vidros de augmento, o que deforma a realidade. Em ambos, a esthesia do monstruoso. A differença unica é que Hugo amplioú monstruosidades de gesso—*Quasimodo*, *Gilliat*—e Zola, monstruosidades de coisas—a *Mina*, o *Paradou*. Nos *Travailleurs de la mer*, o homem annulla as forças da natureza. Na *Faute de l'abbé Mouret*, é a natureza que mal deixa perceber a acção humana. No fundo, é o mesmo desequilibrio.

Na nossa literatura, romances bons, em que conjuntamente haja estylo, verdade e, sobretudo, em que se conte uma historia, em que a acção vibre, só dos quatro autores acima citados. E' certo que nos romances de Alencar ha muita vida, muita acção. Isso, porém, é obtido á custa de *facilite* de toda especie, sem nenhum respeito pela verdade. Alencar é um Ponson du Terrail, ou um Montepin indigena, reduzido, de meios recursos. Agora, se os senhores preferem Ponson a Anatole France...

Macedo é completamente estrapassado; Bernardo Guimarães, muito piegas; Machado de Assis, extraordinario e inigualavel no nosso meio, como humorista. Os seus grandes livros são series de folhetins, deliciosos, mas são romances propriamente ditos. Coelho Netto, de que tanto se fala na imaginação poderosa e de facto, é o tal tubarão de cauda, só imagina palavras... Nos seus romances a acção é insignificante e frequentemente prejudicada pela exuberancia preciosa da linguagem. De João do Rio e Afranio Peixoto, que são, um grande jornalista e um grande medico, esperemos ainda um pouco, antes de sagral-os romancistas completos.

Já me alonguei, porém, e os leitores preferem estas mesmas fatigantes. Resumamos e terminemos. Os romancistas nacionaes, equilibrados e bons, são quatro, e nesses quatro, ha duas senhoras que produziram mais que os homens. A mulher brazileira já venceu no romance. Quem sabe se, daqui a pouco, os criticos, não vencerá no theatro?

O resultado a que já chegamos é tanto mais notavel, quanto os defeitos graves da educação domestica, os preconceitos irritantes, os obices de toda a especie, ainda impedem no Brazil a formação do espirito feminino.

Isabella Nelson.

O RIO BRANCO

Resposta do Sr. Dunshee de Abranches aos Srs. Pinto e Almeida e Salvador de Mendonça — Na Camara — Sensacionaes revelações.

FONTE: *O País*, 15 de outubro de 1912

Figura 19: Artigo de Isabela Nelson, substituta de Júlia Lopes de Almeida, em *O País*

A edição do jornal acima traz o primeiro artigo “Vitórias femininas”, escrito por Isabela Nelson, pseudônimo do escritor Abner Mourão, quando este substituiu Júlia Lopes no jornal *O País*. Ao afirmar que iria trabalhar com temas da atualidade, retoma um assunto muito discutido na época: o teatro nacional.

Sob o pseudônimo feminino, Abner Mourão fala como mulher. Ressalta o quanto foi “glorioso” para o sexo feminino o fato de ter sido de uma mulher a peça que inaugurou a temporada nacional: “Quem não perdoa”, da escritora Júlia Lopes de Almeida. Essa peça como já falamos, foi muito questionada pelos críticos, mas aplaudida pelo público.

Para a colunista, a peça tinha alguns defeitos, porém atribuiu à crítica uma “indubitável aspereza”. Sugeriu inclusive que se a crítica teatral fosse formada por mulheres, a análise seria outra, pois “a tola vaidade masculina aí funcionou intensamente!” Acrescenta ainda que os críticos usaram de opinião preconcebida em desfavor da produção teatral feminina.

Isabela Nelson clama aos homens das letras brasileiras para trabalharem juntos em favor do teatro, pois ao final do século XIX e início do século XX foi uma época de pouca produção. Entre outras questões, critica a enquete feita pelo jornalista Lindolfo Collor, colaborador do jornal *O País*. Ao colocar a questão desta forma, a colunista retoma indiretamente a querela Guanabarino x Júlia Lopes, conforme aludimos nas páginas 133 a 136. As palavras de Isabela Nelson foram positiva sem relação à produção teatral da ex-colaboradora do jornal. Mesmo salientando sobre a experiência e competência de Oscar Guanabarino como crítico de teatro, podemos perceber que houve uma intenção de destacar que a escritora fora vítima da intolerância da crítica masculina.

A enquete, a qual a Isabela Nelson se refere, fora publicada em *O País* ora diariamente, ora em dias espaçados, pelo período de fevereiro a abril de 1912, e constava de sete indagações: 1. Sobre a evolução pelo qual vem passando o nosso teatro; 2. Quais as influências que predominaram na nossa literatura de teatro e predominam atualmente; 3. Qual opinião a respeito das duas correntes literárias: o nacionalismo e o cosmopolitismo; 4. Quais os principais autores dramáticos; 5. Opinião sobre os principais atores e sobre a escola dramática; 6. Qual a opinião sobre o feminismo no teatro; 7. Quais os

meios de promover mais eficazmente o engrandecimento do teatro nacional? (*O PAÍS*, 17/02/1912, p. 02).

Responderam a enquete dezesseis nomes que exerciam atividades intelectuais no período: autores, críticos, jornalistas e homens de letras. Abriu a série de entrevistados Coelho Neto, e em ordem de publicação da enquete no jornal: Oscar Lopes; Alberto de Oliveira; Leal de Souza; João do Rio; Alcides Maya; Goulart de Andrade; Roberto Gomes; Miguel Mello; João Luso; José Veríssimo; Ary Fialho; Mario Perdeneiras; Lima Campos; Rodrigues Barbosa e Oscar Guanabarino. Chamamos a atenção para a ausência de mulheres entre os letrados escolhidos a opinar sobre o teatro.

Para Lindolfo Collor, mentor da enquete, as entrevistas sobre a arte teatral foram pensadas em virtude da grande celeuma e das múltiplas questões referentes ao Teatro Nacional do Rio de Janeiro. Para ele, o levantamento do Teatro constituiu uma bandeira de combate, no qual foram feitas muitas feridas, e que as representações de algumas peças nacionais foram motivo oportuno para a evidência de opiniões muito desencontradas. Seja qual tenha sido sua verdadeira intenção, o certo é que sua enquete sobre teatro provocou uma grande confusão envolvendo o nome da escritora Júlia Lopes e de sua família, tendo como consequência a saída da escritora do jornal O País, conforme já mencionado.

Tudo começou quando ao responder a enquete sobre o teatro nacional, Oscar Guanabarino, colunista do jornal *O País*, retomou uma queixa sobre o resultado do concurso municipal ocorrido em 1910, quando as peças "Não Matarás" da escritora Julia Lopes e "Expiação"*,* de sua irmã Adelina Lopes, foram selecionadas entre as cinco vencedoras do concurso. Sem meio termo, Guanabarino expôs o seguinte:

> Citarei ainda a comédia em um ato da Lima Campos, *A estátua da dor*; mas depois lá vem o trabalhozinho de corrilho impondo o *Não matarás*, de Júlia Lopes de Almeida e a *Expiação*, da senhora sua irmã, cunhada do árbitro resignatário, - ou antes, recolhido por suspeição[35] – o poeta Filinto de Almeida. Não se

[35]Das cinco peças selecionadas, apenas a peça de Adelina Lopes *Expiação* não é aproveitada pelo então diretor Eduardo Victorino, o que fez Guanabarino insinuar ter sido por "suspeição".

> podem imaginar dois maiores desastres. No *Não matarás*, o primeiro ato é um prólogo. A ação vem dez, quinze ou vinte anos depois e temos, no segundo ato, um marido que esfaqueia a mulher; e no terceiro, a sogra que esfaqueia o genro. Era melhor que o drama tivesse a denominação – Facadas, e como subtítulo – Quem com a faca mata, com faca será matado. Nem ao menos há interesse para o espectador, porque tudo é chato, com o perigo de cair pelo ridículo. Mas a peça da minha cunhada é que é de fazer rir as pedras. É uma monumental borracheira em três atos, sem nexo, sem bom senso, sem vislumbre de talento. Só se recomendando por ser de minha cunhada. (*O País*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1912, p. 3)

As peças selecionadas seriam levadas à cena na temporada oficial de 1911 do Teatro Municipal. A seleção seria realizada por júri formado pelos imortais: Alcindo Guanabara, Alberto de Oliveira, Afonso Celso e Souza Bandeira, sendo presidido por Filinto de Almeida, esposo de Júlia Lopes de Almeida. Contudo, antes de concretizar das avaliações da peças, Alcindo Guanabara deixa o corpo de jurados, portanto o resultado foi assinado apenas pelos outros quatro citados.

Não fora a primeira vez que Oscar Guanabarino utilizava-se do jornal para reclamar do resultado do concurso ao qual ele cominava como tendencioso, pois o esposo da escritora Júlia Lopes de Almeida, um imortal da Academia Brasileira de Letras, era o presidente da comissão julgadora do concurso. Na sua coluna “Artes e Artistas”, da edição de 7 de junho de 1910, falou que dos cinco membros da comissão, solicitada pela prefeitura, a leitura das peças e o resultado tinha apenas como julgador Filinto de Almeida, a quem chamou de “único juiz”.

Essa questão tornou-se ampla, outros jornais noticiaram os problemas ocorridos. O colaborador do jornal carioca, *A Notícia* (1894-1919),Eugênio de Lemos retomou a questão em março de 1911. Primeiro o colunista expôs a ação do poder público municipal que rescindiu o contrato com o empresário responsável pela exploração e funcionamento do Teatro Municipal:

> A sombra do contrato cresceu uma espécie de aristocracia intelectual, constituída por um grupo de escritores com filiações

> políticas e ramificações na Academia. Um dos membros do primeiro júri, o Sr. Alcindo Guanabara mostrou-se logo divergente. Isso nada importou, porém ao membro mais eminente no júri, e o Sr. Filinto de Almeida concorreu grandemente para que a grita levantada apaziguasse as suas iras. (A Notícia, 30-1 de março de 1911, p. 3)

Após condenar as posições de alguns escritores que também saíram em defesa do empresário Guilherme da Rosa. O colunista finalizou suas críticas citando a postura da escritora Júlia Lopes de Almeida e, de forma direta, expôs:

> O autor premiado foi a distinta escritora D. Júlia Lopes de Almeida, esposa do membro mais influente no júri que examinou as peças. Por mais respeitável que seja uma senhora socialmente, ela está sujeita à discussão sempre que não se trata da sua responsabilidade moral, mas dos seus direitos materiais. [...] A rescisão honradamente feita pelo atual prefeito nada deve a Sua Exa., que apenas se queixa de, com ela, ser prejudicada no prêmio, que no concurso foi conferido num júri que, não fosse o mérito literário de Sua. Exa. já consagrado com o seu drama *A Herança*, ficaria mal parado e desgraçadamente envolvido numa luta de interesses materiais bem impróprios de um espírito artístico e sobretudo de um espírito feminino.(*A Notícia*, 30-1 de março de 1911, p.3)

Toda essa situação exibida ao público levou a direção dos jornais a publicar as explicações de Filinto de Almeida, que esclareceu: “Depois de encerrados os trabalhos da ABL, no ano passado, Alcindo declarou que não funcionaria na comissão”. Como a ABL só reabriria os trabalhos em maio, ficaram apenas quatro membros na comissão. “Os quatro leram todas as peças e assinaram o resultado”. Desta forma, Filinto de Almeida justificou a embaraçosa situação ética: presidir uma comissão de concurso em que a esposa e uma cunhada participavam como concorrentes, gerando questionamentos sobre a lisura do processo.

A previsão de apresentação para o ano de 1911 não se concretizou, acontecendo apenas em 1912. Das cinco peças selecionadas, apenas a peça de Adelina Lopes, *Expiação,* não é aproveitada pelo nomeado diretor Eduardo Victorino, que decidiu pela peça de Júlia Lopes de Almeida para fazer a abertura da temporada. Revelando uma conversa com o diretor, o colunista E.

de M[36]. da revista Ilustração Brasileira (01/10/1912, p. 125) afirmou: “Naturalmente, encontrou Victorino em *Quem não perdoa* as mais sólidas qualidades teatrais, por isso que a escolheu para a abertura da temporada.”

Fazendo coro aos defensores do trabalho da escritora Júlia Lopes de Almeida, o colunista E de M, em sua coluna “Theatros”, afirma que tanto a peça de Roberto Gomes como a de Júlia Lopes agradou imensamente. Na oportunidade reclamou dos críticos: “Ainda os carrilhões do noticiário se não cansaram de falar-lhe no nome e na virtuosidade de trabalho de seu autor. Quero-os calados para... não me apraz nunca o coro geral dos outros...” (16/10/1912, p.142). Da mesma forma, Isabela Nelson já havia sugerido que os críticos continuassem sinceros, severos e justos, mas precisavam ter um olhar mais tolerante, uma questão de opinião menos preconceituosa sobre o teatro escrito por uma mulher.

Júlia Lopes de Almeida já havia escrito antes, em 1908, a peça *A herança,* que fora muito anunciada pelos jornais da época e sucesso de público. Artur Azevedo, teatrólogo e grande amigo da escritora, referiu-se ao trabalho da autora apresentado no teatro João Caetano,

> A autora do *Livro das noivas* escreveu-o por desfastio, entre um capítulo de romance e uma crônica, sem pensar no teatro, e apenas para experimentar o seu talento num gênero que até agora jamais a preocupara. O resultado dessa experiência foi o mais brilhante. [...] Não sei que efeito *A herança* produzirá no público, seja qual for, esse pequeno ato é talvez a mais humana e a mais sincera de todas as peças, novas e velhas, exibidas e ainda por exibir no teatro de exposição (*O País*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1908, p.5).

Após o sucesso com a peça *A herança*, publicada no *Jornal do Comércio* em 1909, Júlia Lopes escreveu *Não matarás*, cujo título, após a classificação no concurso já mencionado, a autora muda para *Cão de fila*, depois para *Quem não perdoa*, nome com o qual a peça foi apresentada em três Atos, encenada em 1º de outubro de 1912, na abertura do Teatro

[36] Apesar de assinar apenas com as letras iniciais em sua coluna “Theatros”, trata-se do escritor Emílio de Meneses.

Municipal do Rio de Janeiro, sob a direção de Eduardo Victorino (1869-1949), professor da Escola Dramática Municipal no Rio de Janeiro:

> Esta companhia deu o primeiro espetáculo em 1º de outubro de 1912, levando à cena a peça inédita em três atos, de D. Júlia Lopes de Almeida "Quem não perdoa", e terminou a temporada em 7 de novembro. Durante esse prazo foram dados 37 espetáculos, tendo sido representados seis originais inéditos de autores nacionais. (*O País*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1913, p.17)

A peça *Quem não perdoa* conta a história de Gustavo, que trai sua esposa, Ilda, uma fiel mulher. Porém, ela se apaixona e vive um amor platônico por um amigo chamado Manuel, que está de partida para a Europa. Quando Ilda vai se despedir de Manuel, o marido Gustavo desconfia de traição, e mata a esposa em defesa da "honra". Julgado, Gustavo é preso, e depois de quatorze anos sai da cadeia e os amigos o tratam como um herói. Entra em cena dona Elvira, mãe da falecida Ilda, que não perdoa e mata Gustavo.

Quem não perdoa e mais duas outras peças da autora: *Doidos de Amor*, peça em um ato, e *Nos Jardins de Saul,* episódio bíblico também em um ato foram reunidas e editadas no livro *Teatro* (1917), publicado pela tipografia *Renascença Portuguesa*. Além de haver publicado os volumes A Herança (1909) e Teatro (1917), a escritora deixou algo próximo de uma dezena de peças teatrais, repertório este até então inédito e inexplorado (FANINI, 2011). Em *A ordem dos livros*, Roger Chartier (1999) destaca a importância do meio material do impresso para a efetivação de um processo receptivo:

> Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. [...] Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1999, p.8-9).

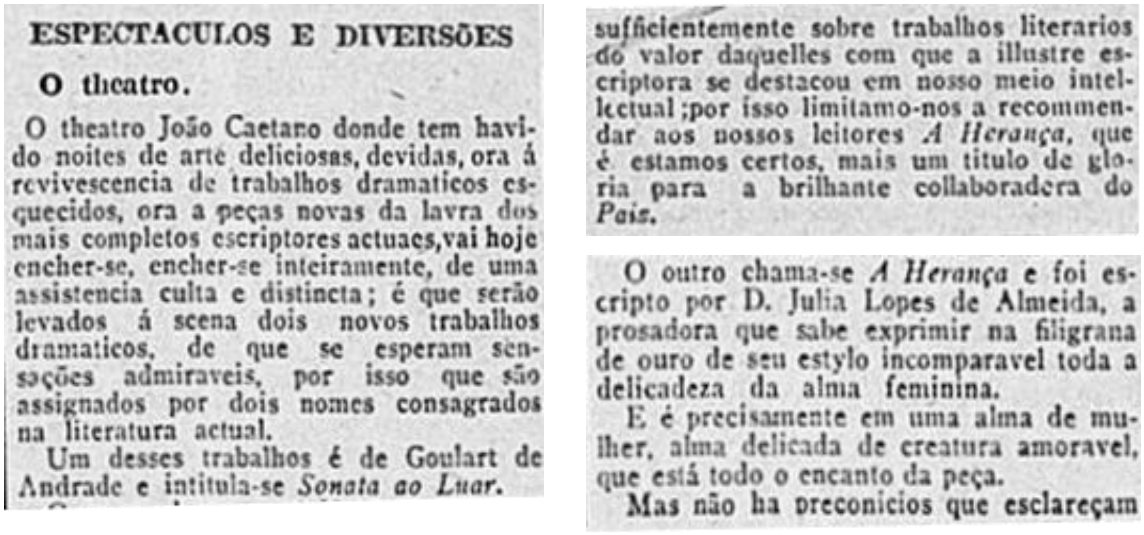
O gênero teatro não trouxe apenas contrariedade para a escritora Júlia Lopes de Almeida. Apesar da enquete de Lindolfo Collor ter gerado uma

polêmica que mudaria sua vida profissional, foi também a oportunidade para ser reconhecida com valor pelos homens das letras do período inicial do século XX. Reportamo-nos à enquete por que nos interessa a quarta pergunta: “A opinião dos homens das letras sobre os autores dramáticos brasileiros”. Antes das palavras atribuídas ao entrevistado, Lindolfo Collor fazia uma breve introdução em que justifica a escolha do entrevistado. Registraremos, a seguir, as palavras dos intelectuais que citaram a escritora Júlia Lopes de Almeida, destacando-a no cenário nacional:

> - Julgo primazes entre os escritores nossos que atualmente trabalham para o teatro: Oscar Lopes, Goulart de Andrade, João Ribeiro, **D. Júlia Lopes de Almeida**, Roberto Gomes, Leal de Souza, Carlos Góes, João Luso, Oscar Guanabarino e João Evangelista, autor do belo trabalho A torrente. Outros haverá ainda cujos nomes, de momento, não me ocorrem (COELHO NETO, 15/02/1912, p. 02, grifo nosso).
>
> - Penso que já temos um bom núcleo de esforçados trabalhadores. Quer uma relação de nomes? De momento, ser-me-ia difícil fazê-la. Sem me responsabilizar por possíveis omissões, citarei: Coelho Neto, **D. Júlia Lopes**, D. Adelina Lopes Vieira, João Ribeiro, Goulart de Andrade, Oscar Lopes, Leal de Souza, João Evangelista, Roberto Gomes e o poeta mineiro Carlos Góes (ALBERTO DE OLIVEIRA, 17/02/1912, p.02, grifo nosso).
>
> - ...**D. Júlia de Almeida** e Roberto Gomes, autores de muita valia, e finalmente, Lima Campos, cuja nomeada em o nosso meio literário não está na altura do seu verdadeiro merecimento (Leal de Sousa, 19/02/1912, p.02, grifo nosso).
>
> Foram iniciadores deste rumo da literatura teatral Quintino Bocaiuva e Machado de Assis. Entre outros, tornou-se notável, sobretudo o último. Além de assinalar nova tendência no teatro, deve-se reconhecer ainda na obra de Machado de Assis, em elegante dialogação, um aticismo de linguagem anteriormente desconhecido nos dramas brasileiros. Como continuadores desta nova fase, surgiram mais tarde **Júlia Lopes de Almeida,** com *A herança* e Arthur Azevedo, com *O dote*. Refiro de passagem que a tese deste último trabalho pertence, aliás, à escritora que acabo de citar. (Goulart de Andrade, 26 de fevereiro de 1912, p.02, grifo nosso).
>
> Julgo que, para evoluir, nosso teatro precisa antes existir – ou melhor – acordar. [...] O senhor Paulo Barreto, que possui todos os dotes do dramaturgo, limitou-se infelizmente a uma curta e brilhante incursão no domínio teatral. O *Não matarás* de

> **D. Júlia Lopes** já desperta bastante curiosidade (Roberto Gomes, 9 de março de 1912, p. 4 grifo nosso).
>
> - Há ainda, por exemplo, **D. Júlia Lopes de Almeida**, que, na sua última peça, a que já tem dado vários nomes (Cão de fila, deveria ser o definitivo) nos apresentou um trabalho de alto valor, onde há, em todos os atos, uma cena forte entre as mais que são todos muito bem trabalhadas. (João Luso, 21 de março de 1912, p. 3 grifo nosso)
>
> - E que pensa dos autores já vastamente consagrados: Coelho Neto, D. Júlia Lopes? – O teatro de Coelho Neto não tem naturalidade. A sua brilhante fantasia aparece com traços demasiadamente vivos em toda a sua obra. **D. Júlia Lopes** é, sem dúvida, quem entre nós conduz o diálogo com mais naturalidade, com mais fluência. O seu teatro recomenda-se por isto, sobretudo... (Lima Campos, 30 de março de 1912, p.4 grifo nosso)
>
> Direi que o primeiro dramaturgo como tradutor fiel, opulento e espontâneo da vida brasileira é Afonso Arnos... [...] *A herança* nos revelou em **D. Júlia Lopes de Almeida** um sentimento profundo do teatro. De outros nada conhecemos: João Evangelista, Oscar Guanabarino, etc., mas são citados por pessoas muito competentes. (Rodrigues Barbosa, 05 de abril de 1912, p.6 grifo nosso).

As opiniões dos participantes da enquete comprovam as controvérsias sobre o teatro naquele momento, contudo reafirmam o valor de Júlia Lopes como dramaturga. Somada a essas opiniões, a voz que ratifica indicando a consideração ao valor de dramaturga à D. Júlia vem de Artur Azevedo, ícone do teatro brasileiro. Ao falar sobre a temporada de apresentações no Teatro João Caetano, seu juízo confirma e credencia Júlia Lopes:



ESPECTACULOS E DIVERSÕES

O theatro.

O theatro João Caetano donde tem havido noites de arte deliciosas, devidas, ora á revivescencia de trabalhos dramaticos esquecidos, ora a peças novas da lavra dos mais completos escriptores actuaes, vai hoje encher-se, encher-se inteiramente, de uma assistencia culta e distincta; é que serão levados á scena dois novos trabalhos dramaticos, de que se esperam sensações admiraveis, por isso que são assignados por dois nomes consagrados na literatura actual.

Um desses trabalhos é de Goulart de Andrade e intitula-se *Sonata ao Luar*.

sufficientemente sobre trabalhos literarios do valor daquelles com que a illustre escriptora se destacou em nosso meio intellectual; por isso limitamo-nos a recommendar aos nossos leitores *A Herança*, que é estamos certos, mais um titulo de gloria para a brilhante collaboradora do *País*.

O outro chama-se *A Herança* e foi escripto por D. Julia Lopes de Almeida, a prosadora que sabe exprimir na filigrana de ouro de seu estylo incomparavel toda a delicadeza da alma feminina.

E é precisamente em uma alma de mulher, alma delicada de creatura amoravel, que está todo o encanto da peça.

Mas não ha preconicios que esclareçam

País, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1908

Figura 20: Anúncio de peça de teatro de autoria de Júlia Lopes de Almeida.

Ser referendada pelo expoente do teatro nacional, nas páginas do jornal, mostra a dimensão da consagração que o jornal proporcionou à escritora Júlia Lopes de Almeida. A relação de Artur Azevedo com a escritora Júlia Lopes de Almeida tem um vínculo estabelecido pelo teatro. A peça *O dote*, escrita por Azevedo (1888), cuja inspiração surgiu de leitura de ensaios literários de Júlia Lopes, publicados no jornal *O País*, posteriormente expressados no compêndio *Eles e Elas*: monólogos e diálogos (1910).

Retomando a enquete, destacamos os entrevistados que apenas citaram o nome da escritora e não fizeram nenhum comentário: Coelho Neto, Raimundo Correia e Leal de Souza. Como verificamos, apesar de constar nas indicações da maioria dos entrevistados, o jornalista Lindolfo Collor não incluiu Júlia Lopes como participante da enquete, talvez por que o jornal, após a entrevista de Guanabarino, tenha impedido a continuação da enquete, conforme explicações do seu idealizador:

> Fora de nossa vontade publicar outras respostas sobre o teatro nacional, assunto vago e abstrato no entender de muitos, mas que conseguiu, por algumas semanas, através desta enquete, interessar o espírito público. Entretanto, os nossos encargos de jornalista não nos permitem a continuação do compromisso quase diário de uma publicação desta natureza. Por outro lado, as grandes interrupções em trabalhos periódicos são sempre

> desagradáveis (*O País*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1912, p.3).

A ação de Lindolfo Collor teve uma importância significativa por registrar a opinião de alguns homens das letras do período, protagonistas da história da imprensa, do teatro e da literatura brasileira em um momento em que o teatro brasileiro ainda estava em desenvolvimento. A conveniência de ler o que ponderam os próprios sujeitos que vivenciaram esse momento há pouco mais de um século é uma grande contribuição para quem estuda a história da literatura, pelo olhar dos protagonistas de sua história e do seu tempo.

A ponderação que poderíamos fazer em relação à enquete é o fato de não haver a opinião da escritora Júlia Lopes de Almeida. A ausência de seu depoimento pode sugerir que houve certa parcialidade por parte do seu idealizador, ou seja, concordando com o colunista Abner Mourão, podemos engrossar a fileira dos que possam enxergar nesta ausência uma questão de "*parti-pris"*.

4.4.1Teatro: o olhar de Júlia Lopes de Almeida

> Não foi sem um grande movimento de surpresa, que por certo imprimiu ao meu rosto uma alegre expressão de vaidade, que ouvi Arthur Azevedo dizer-me, numa sessão de Academia de Letras – que tinha tirado de uma das minhas crônicas assunto para uma nova comédia (*O País*, Rio de Janeiro, 11 de março de 1907, p.1)

A epígrafe acima demonstra a satisfação que Júlia Lopes teve ao tomar conhecimento de que seus escritos teriam provocado inspiração ao maior nome do teatro dos oitocentos, Artur Azevedo. O teatro era assunto frequente nos artigos da escritora Júlia Lopes de Almeida que acreditava faltar ao teatro brasileiro a vibração de um entusiasmo, reclamava que a plateia limitava-se às palmas ou a bocejos, inclusive orientava as leitoras qual o comportamento a adotar no teatro. No final do século XIX, havia queixas do público por não haver um espaço que contribuísse para o desenvolvimento da atividade teatral à altura da principal cidade do país, Rio de Janeiro. Contudo, para D. Júlia esses

lamentos não se justificavam uma vez que quando aparecia nos palcos brasileiros o que melhor do gênero havia na Europa, o público mal comparecia. Para a escritora seria importante juntar o patriotismo e os aplausos aos esforços de Artur Azevedo a quem chama de grande espírito. Comentava que não se podia compreender uma terra amiga de intelectualidades sem um teatro nacional:

> Não descreio do futuro, e espero ainda o prodígio de ver renascer das cinzas, ou antes nascer das cinzas de um teatro extinto e que deixou saudades, como o de Furtado Coelho, um teatro novo, cheio de seiva e de encantos especiais. As obras de Coelho Neto, de que acabo de ler o IV volume, constituindo este das peças feitas expressamente para o teatro da Exposição e nele aplaudidas pelo público, bastam, só por si, para justificar a necessidade de se apoiar e prestigiar o palco brasileiro. (*O País*, Rio de Janeiro, 30 de março de 1909, p.1).

Em 1894, o teatrólogo Arthur Azevedo lançou uma campanha a favor da construção de um teatro para ser sede de uma companhia municipal. Porém, somente em 15 de outubro de 1903, o prefeito Pereira Passos lança edital para a apresentação de projetos visando construção de um teatro municipal, que fora inaugurado em 1909, um ano após a morte repentina do teatrólogo Artur Azevedo que por ironia do destino, não obteve a chance de ver o teatro, pelo qual tanto sonhou, concluído.

Em artigo publicado em *O País*, em outubro de 1909, Júlia Lopes, mais uma vez, expõe suas ideias em relação ao teatro, embora ela dissesse que a opinião de uma mulher podia supor uma interferência intrusa[37], ao tempo que acreditava no seu direito como profissional das letras que lhe dava credenciais para falar em favor de uma escola dramática na capital do Brasil. E lista as razões que lhe parecem claras e decisivas:

> O teatro nacional estimulará a literatura dramática brasileira, pois quanto mais rica e quanto mais variada for a literatura de um país, mas esse país cresce de importância e de valor. Fomentar o desenvolvimento da literatura nacional é praticar um ato de justiça e de patriotismo. (*O País*, 5 de outubro de 1909, p.1).

[37] Júlia Lopes sugere não ser bem aceita a opinião feminina.

Com base nos trechos deste artigo que traz o título “Pelo Teatro”, primeiro ela aponta a importância de investir na arte dramática brasileira como forma de promover e dar condições de produção aos nossos autores para que possam elevar o nível intelectual e moral do teatro, valorizando a cultura nacional, pois isso faria ganhar o respeito do público. Ressaltamos que esse artigo foi publicado em um período de grande influência estrangeira, especialmente a europeia, na vida social.

Quando da inauguração do novo Teatro Municipal em 1909, Júlia Lopes comenta a reação da plateia após a audição da *Dama das Camélias*: não foram apenas as senhoras que foram às lágrimas. O talento da atriz francesa Réjane segundo a autora “fizera rebentar de olhos áridos como a rocha, a água milagrosa e bendita da comoção”. A escritora conhecia a Europa e a riqueza artística do velho continente. Conviver num “Lar de Artistas” fazia dessa intelectual capaz de discorrer sobre o teatro, especialmente do teatro francês, país que acolheu a família Almeida quando se mudaram para a Europa.

Júlia Lopes de Almeida ressalta a importância de criar-se uma identidade do teatro nacional, pois sabe que há entre o público brasileiro o reconhecimento da perfeição e da educação artística que vem do estrangeiro, sobretudo da França. A colunista chega a dizer ser “uma delícia” ver a representação em língua portuguesa tão forte, eloquente, expressiva, que fornece ao artista dramático expressões próprias e variedades de tons. Para ela não deve ser abandonada a ideia de criar um teatro local. “Não nos falta ânimo para escrever para o teatro, as peças de Roberto Gomes[38] demonstram com a maior evidência a capacidade dos autores brasileiros para o gênero dramático”.

Ao afirmar seu entusiasmo para escrever para o teatro, bem como defender a qualidade da produção dos teatrólogos brasileiros, a colunista reforça seu discurso ao utilizar um nome prestigiado junto ao mundo intelectual e do teatro, Roberto Gomes. Júlia Lopes não se furtou, também, em fazer críticas à postura daqueles que não valorizam as peças criadas pelos autores locais. Vale lembrar que neste período a crítica teatral era pobre, quase

[38] Roberto Gomes, assim como Júlia Lopes de Almeida, teve sua peça “Contos sem palavras”, selecionada para apresentação da abertura do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob a direção de Eduardo Victorino.

inexistente, e não havia senão, em um ou outro jornal que adotava uma coluna fixa para tratar do assunto.

4.5Os Outros: projeto de livro não editado

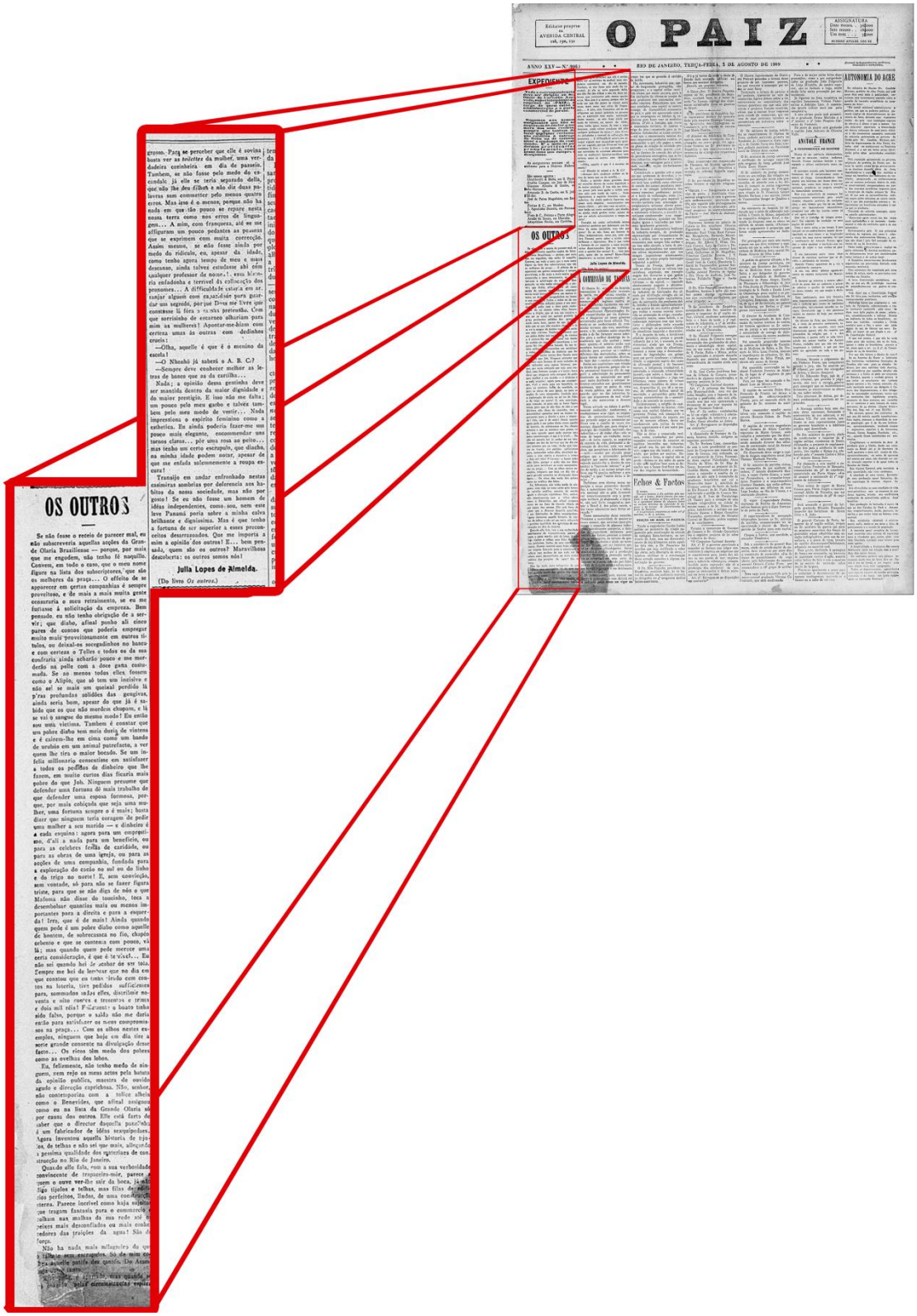
Nossa busca pelas produções de Júlia Lopes de Almeida, através dos periódicos, fez com que nos deparássemos com múltiplos escritos e diferentes gêneros. A gama de trabalhos publicados nos jornais foi determinante para o acesso da escritora ao cenário das letras, bem como pela consolidação do seu nome junto aos pares e ao público.

Nas inúmeras leituras e buscas pelas páginas do jornal O País, descobrimos seis escritos com referência a um livro, que não chegou a ser editado, tendo, embaixo, junto à assinatura da autora, a declaração: "do livro *Os outros*". De acordo com a estrutura das publicações, percebemos que se trata de crônicas.

A crônica, ainda que avaliada pela crítica como menor entre os demais gêneros literários (CANDIDO, 1992), conseguiu se destacar durante o século XIX. Mesmo que não tenha nascido junto com o jornal, este foi o suporte pelo qual a crônica conquistou o gosto dos leitores, inclusive passa a adotar originalidade literária, sendo por vezes difícil estabelecer as diferenças entre o conto e a crônica:

> Entre os vários papéis desempenhados pelos periódicos brasileiros no século XIX, temos o de consolidação da literatura brasileira, através da criação e disseminação de determinados gêneros, entre os quais a crônica e o conto. É também de responsabilidade deste suporte a disseminação do gosto pela leitura de romances e folhetins (BARBOSA, 2007, p.47).

Essas crônicas de Júlia Lopes surgiram nas páginas do jornal *O País* no período de 03 de agosto de 1909 a 13 de junho de 1911. Ratificamos que ao final de cada série, ao lado do nome da autora, há a informação entre parênteses que informa ser retirado de um livro: *Os Outros,* título atribuído a este primeiro escrito:



O PAIZ

OS OUTROS

Julia Lopes de Almeida.

FONTE: O País, 03 de agosto de 1909

Figura 21: Crônica inédita “Os outros”, de Júlia Lopes de Almeida

Consideramos o ineditismo da obra, pois não verificamos pesquisa a respeito dessas crônicas ou do que a autora chamou “do livro *Os outros.”* Como nosso trabalho tem referência das fontes primárias, pudemos apurar através da coluna “Notícias literárias”, no jornal *O País*, de que não ocorreu a edição deste livro. Após dez anos da última publicação desses escritos de Júlia Lopes em suas páginas, *O País* traz a seguinte nota informativa:

> Estando esgotadas as edições de todos os romances e livros de contos, editados pela casa Alves & C., da grande escritora e nossa antiga colaboradora D. Julia Lopes de Almeida, começou agora aquela livraria a reimpressão metódica dessas obras em largas tiragens. Estão já no prelo os primeiros milheiros do romance *Cruel Amor*, em que a vida dos pescadores de Copacabana e Ipanema [...] e de *Eles e Elas*, páginas de psicologia sutil e risonha. [...] A estas duas obras seguir-se-á a reimpressão da *Falência*, da *Intrusa*, das *Memórias de Marta*, da *Viúva Simões*, romances todos, e dos livros para crianças *Contos infantis* e *Histórias da nossa terra*, e por fim, de *Ânsia eterna*, contos cujos derradeiros exemplares estão à venda na casa *Garnier*. A escritora acaba de entregar à casa *Leite Ribeiro* os originais de uma novela *A isca*, estando em vias de terminar mais dois volumes: ***Os outros***, alguns capítulos foram já publicados, e várias novelas. Grifos nossos (*O País*, 27 de julho de 1921, p. 4)

Como os escritos não foram publicados em livro, entendemos que faziam parte de um projeto da escritora que não teve o resultado esperado ou não foi concluído, permanecendo, portanto, apenas no jornal. De acordo com Chartier (1999), o impresso nem sempre estava relacionado ao livro, e a leitura antes passava por outras formas de impresso diferente do livro. Como não se concretizou a mudança de suporte, do jornal para o livro, as crônicas mantiveram o caráter fragmentado. Ressaltamos que era uma tática da escritora Júlia Lopes apresentar a obra nos jornais para posteriormente publicar em livro, prática comum entre os escritores do século XIX.

Por se tratar de poucas publicações em um período longo, podemos inferir que apesar de ser retirado de uma mesma fonte, bem como manter correlação temática, por tratar de assunto do cotidiano, o espaço de tempo de dois anos entre uma publicação e outra pode ter contribuído para a inviabilidade de publicação em livro. O sucesso do trabalho no jornal era

determinante para a edição livresca, prática comum dos escritores no período entre séculos.

As crônicas destacadas nesta seção trazem, em comum, estrutura do gênero crônica, pois expõem o cotidiano, refletem a conduta social do homem *Belle Époque*. De acordo com Neves (1992), as crônicas cariocas na passagem do século XIX ao século XX podem ser "documentos" na medida em que se constituem discursos "polifacéticos", no qual expõem um "tempo social", vivido pelos contemporâneos como um momento de transformação. "São muitas as invenções que povoam o cotidiano do carioca, e a crônica na sua acepção moderna, é uma delas"[39].

Ratificamos que a temática desta primeira crônica e das demais que serão comentadas se baseia em situações do dia-a-dia, evidenciando o comportamento do homem em circunstâncias em que este faz uso das máscaras sociais, correspondendo às convenções morais que regem o seu meio sociocultural. Júlia Lopes utiliza-se da ironia ao mostrar a valorização dada ao dinheiro, às relações por interesses, à preocupação banal com a opinião alheia. Ao final da crônica, a escritora deixa uma constatação sobre a relação com o outro, que segundo ela "somos nós mesmos". O que pensam de mim poderá ser pensado sobre o outro, em uma relação de reciprocidade, inclusive com nossas virtudes que sempre exaltamos, diferentemente das nossas manias e defeitos que sempre minimizamos.

Percebemos que a autora ao colocar o título igual ao nome que daria ao livro a ser publicado, expõe a sua intenção de manter a estratégia de usar os periódicos para anunciar ou publicar em primeira mão seus trabalhos literários, até mesmo os que não tiveram, posteriormente, publicação em editoras, a exemplo deste. A respeito disso, informam Martins e Leonora de Luca:

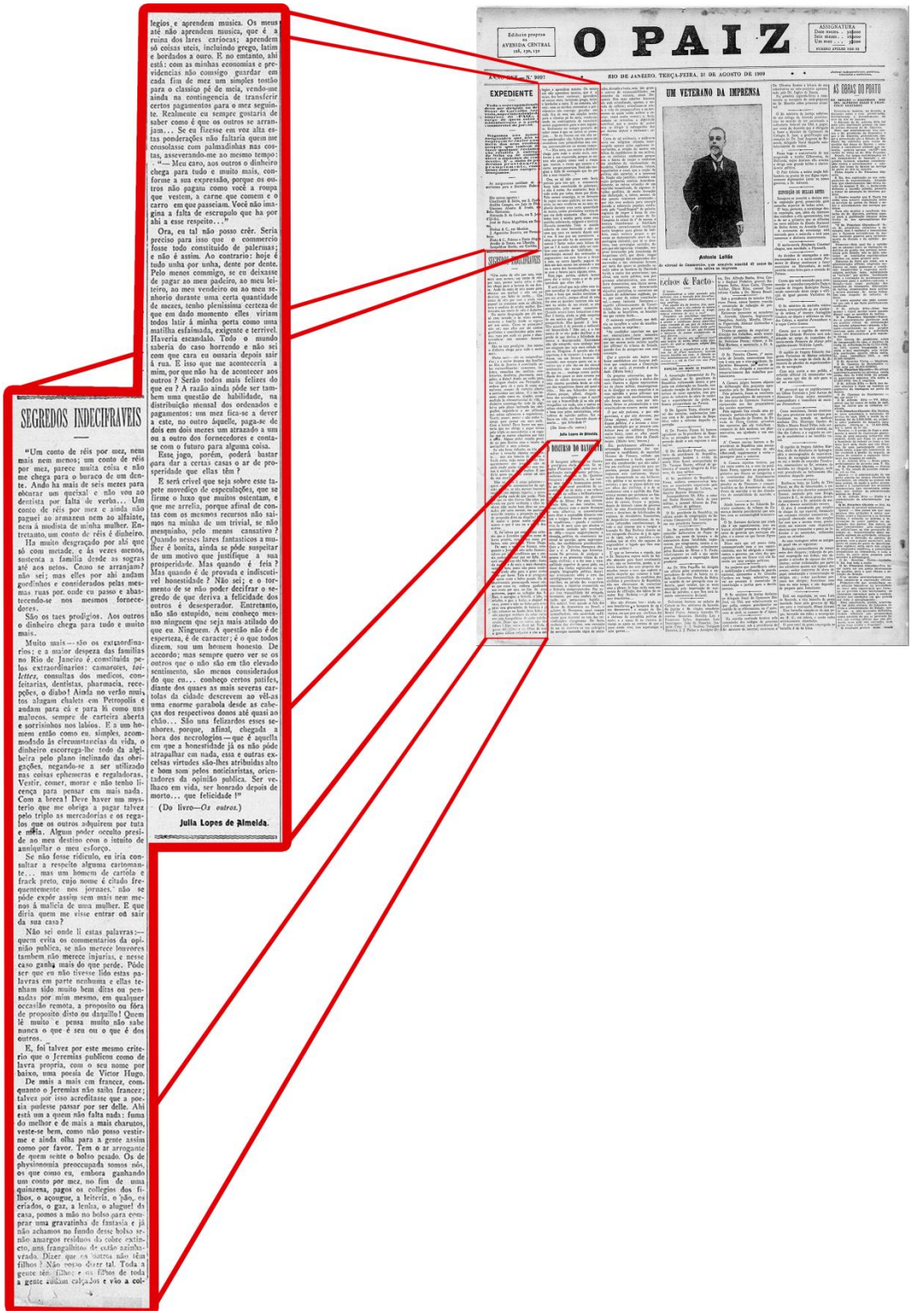
> Havia relação estreita dos livros com os jornais periódicos, até porque ambos podem ser definidos como imprensa, num sentido ampliado. E era comum, na época, impressos deste tipo transcreverem (e traduzirem quando era o caso) longos trechos de livros, tornando-se, assim, veículos de disseminação. O jornal realizava também divulgação (e

[39] BRAYNER, Sonia. "Metamorfoses machadianas: o laboratório ficcional. São Paulo, Ática, 1982.

> reinterpretação, com frequência) dos livros (MARTISN& DE LUCA, 2013, p. 37).

Em exaustiva pesquisa feita no periódico, percebemos que além da crônica “Os outros”, foram publicadas mais cinco assinadas pela escritora que indicavam fazer parte do mesmo livro*,* que, como já frisamos, pela estrutura indicava ser um livro de crônicas. Segundo Candido (1992, p. 14-15), a crônica consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo (...) e, quando passa do jornal ao livro, verificamos meio espantados que sua durabilidade pudesse ser maior do que o autor pensava. Talvez fosse esse o mesmo entendimento de Júlia Lopes de Almeida ao tentar dar notoriedade com a publicação no jornal, bem como durabilidade, depois como livro, forma como deixou identificada no jornal. Muitos autores do século XIX cultivaram os jornais como suportes disponíveis, aos homens e às mulheres letrados interessavam estar em toda parte, pois desta maneira poder-se-ia garantir-lhes uma resposta financeira.

Em 31 de agosto, Júlia publica em sua coluna semanal uma nova crônica: “Segredos indecifráveis”. Percebemos a presença de um narrador onisciente que reproduz o pensamento do personagem que está sempre comparando sua vida com a do outro. Neste caso, a escritora ironiza determinados comportamentos. Vejamos a publicação:



SEGREDOS INDECIFRAVEIS

"Um conto de réis por mez, nem mais nem menos; um conto de réis por mez, parece muita coisa e não me chega para o buraco de um dente. Ando ha mais de seis mezes para obturar um queixal e não vou ao dentista por falta de verbo... Um conto de réis por mez e ainda não paguei ao armazem nem ao alfaiate, nem á modista de minha mulher. Entretanto, um conto de réis é dinheiro.

Ha muito desgraçado por ahi que só com metade, e ás vezes menos, sustenta a familia desde as sogras até aos netos. Como se arranjam? não sei; mas elles por ahi andam gordinhos e considerados pelas mesmas ruas por onde eu passo e abastecendo-se nos mesmos fornecedores.

São os taes prodigios. Aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais.

Muito mais — são os extraordinarios; e a maior desgraça das familias no Rio de Janeiro é constituida pelos extraordinarios: camarotes, toilettes, consultas dos medicos, conferitarias, dentistas, pharmacia, recepções, o diabo! Ainda no verão mudam uns ahi para chalets em Petropolis e andam para cá e para lá como uns malucos, sempre de carteira aberta e sorrisinhos nos labios. E' um homem então como eu, simples, acommodado ás circumstancias da vida, o dinheiro escorrega-lhe todo da algibeira pelo plano inclinado das obrigações, negando-se a ser utilizado nas coisas ephemeras e regaladoras. Vestir, comer, morar e não tenho licença para pensar em mais nada. Com a breca! Deve haver um mysterio que me obriga a pagar talvez pelo triplo as mercadorias e os regalos que os outros adquirem por tuta e meia. Algum poder occulto preside ao meu destino com o intuito de anniquilar o meu esforço.

Se não fosse ridiculo, eu iria consultar a respeito alguma cartomante... mas um homem de cartola e frack preto, cujo nome é citado frequentemente nos jornaes, não se póde expôr assim sem mais nem menos á malicia de uma mulher. E que diria quem me visse entrar ou sair da sua casa?

Não sei onde li estas palavras:— quem evita os commentarios da opinião publica, se não merece louvores tambem não merece injurias, e nesse caso ganha mais do que perde. Póde ser que eu não tivesse lido estas palavras em parte nenhuma e ellas tenham sido muito bem ditas ou pensadas por mim mesmo, em qualquer occasião remota, a proposito ou fóra de proposito disto ou daquillo! Quem lê muito e pensa muito não sabe nunca o que é seu ou o que é dos outros.

E, foi talvez por este mesmo criterio que o Jeremias publicou como de lavra propria, com o seu nome por baixo, uma poesia de Victor Hugo.

De mais a mais em francez, comquanto o Jeremias não saiba francez; talvez por isso acreditasse que a poesia podesse passar por ser delle. Ahi está um a quem não falta nada: fuma do melhor e de mais a mais charutos, veste-se bem, como não posso vestir-me e ainda olha para a gente assim como por favor. Tem o ar arrogante de quem sente o bolso pesado. Os de physionomia preoccupada somos nós, os que como eu, embora ganhando um conto por mez, no fim de uma quinzena, pagos os collegios dos filhos, o açougue, a leiteria, o pão, os criados, o gaz, a lenha, o aluguel da casa, pomos a mão no bolso para comprar uma gravatinha de fantasia e já não achamos no fundo desse bolso senão amargos residuos de cobre extincto, uns frangalhinhos de cahi zinhavrado. Dizer que os outros não têm filhos? Não posso dizer tal. Toda a gente tem filhos; e os filhos de toda a gente andam calçados e vão a col-

legios e aprendem musica. Os meus até não aprendem musica, que é a ruina dos lares cariocas; aprendem só coisas uteis, incluindo grego, latim e bordados a ouro. E, no entanto, ahi está: com as minhas economias e previdencias não consigo guardar em cada fim de mez um simples tostão para o classico pé de meia, vendo-me ainda na contingencia de transferir certos pagamentos para o mez seguinte. Realmente eu sempre gostaria de saber como é que os outros se arranjam... Se eu fizesse em voz alta estas ponderações não faltaria quem me consolasse com palmadinhas nas costas, asseverando-me ao mesmo tempo: — "— Meu caro, aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais, conforme a sua expressão, porque os outros não pagam como você a roupa que vestem, a carne que comem e o carro em que passeiam. Você não imagina a falta de escrupulo que ha por ahi a esse respeito..."

Ora, eu tal não posso crêr. Seria preciso para isso que o commercio fosse todo constituido de palermas; e não é assim. Ao contrario: hoje é tudo unha por unha, dente por dente. Pelo menos commigo, se eu deixasse de pagar ao meu padeiro, ao meu leiteiro, ao meu vendeiro ou ao meu sedhoreio durante uma certa quantidade de mezes, tenho plenissima certeza de que em dado momento elles viriam todos latir á minha porta como uma matilha esfaimada, exigente e terrivel. Haveria escandalo. Todo o mundo saberia do caso horrendo e não sei com que cara eu ousaria depois sair á rua. E isso que me aconteceria a mim, por que não ha de acontecer aos outros? Serão todos mais felizes do que eu? A razão ainda póde ser tambem uma questão de habilidade, na distribuição mensal dos ordenados e pagamentos: um mez fica-se a dever a este, no outro áquelle, paga-se de dois em dois meres um atrazado a um ou a outro dos fornecedores e conta-se com o futuro para alguma coisa.

Esse jogo, porém, poderá bastar para dar a certas casas o ar de prosperidade que ellas têm?

E será crivel que seja sobre esse tapete movediço de especulações, que se firme o luxo que muitos ostentam, e que me arrelia, porque afinal de contas com os mesmos recursos não saimos na minha de um trivial, se não mesquinho, pelo menos cansativo?

Quando nesses lares fantasticos a mulher é bonita, ainda se póde suspeitar de um motivo que justifique a sua prosperidade. Mas quando é feia? Mas quando é de provada e indiscutivel honestidade? Não sei; e o tormento de se não poder decifrar o segredo de que deriva a felicidade dos outros é desesperador. Entretanto, não são estupido, nem conheço mesmo ninguem que seja mais atilado do que eu. Ninguem. A questão não é de esperteza, é de caracter; é o que todos dizem, sou um homem honesto. De accordo; mas sempre quero ver se os outros que o não são em tão elevado sentimento, são menos considerados do que eu... conheço certos patifes, diante dos quaes as mais severas cartolas da cidade descrevem ao vêl-as uma enorme parabola desde as cabeças dos respectivos donos até quasi ao chão... São uns felizardos esses senhores, porque, afinal, chegada a hora dos necrologios — que é aquella em que a honestidade já eu não póde atrapalhar em nada, essa e outras excelsas virtudes são-lhes atribuidas alto e bom som pelos noticiaristas, orientadores da opinião publica. Ser velhaco em vida, ser honrado depois de morto... que felicidade!"

(Do livro — *Os outros.*)

Julia Lopes de Almeida.

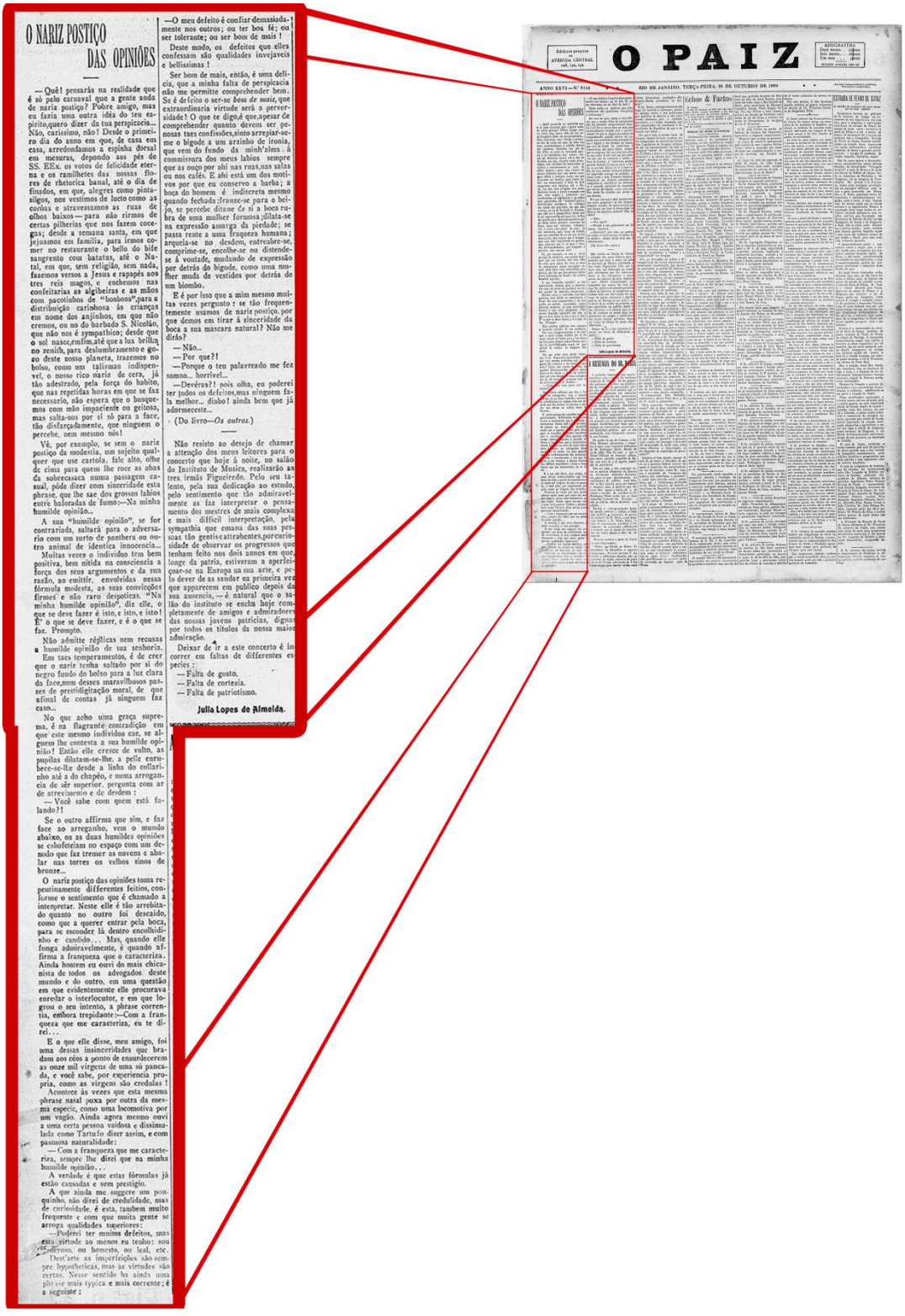
Fonte: O País, 31/08/1909

Figura 22: Crônica inédita "Segredos indecifráveis", de Júlia Lopes de Almeida

Nesta crônica, Júlia Lopes traz à tona a velha máxima de que "vida melhor é sempre a do vizinho". O olhar do protagonista sobre a vida alheia

busca descobrir o mistério que ele alega existir, pois apesar de achar que ganha mais que o outro, não consegue manter as mesmas mordomias que atribui ao outro que, supostamente, ganha menos que ele.

Dando prosseguimento nas publicações de suas crônicas que deveriam compor o livro *Os outros*, verificamos que a proposta temática não foge a análise comportamental do indivíduo em relação ao próximo, sempre com uma dose significativa de ironia. No dia 26 de outubro de 1909, a terceira crônica surge com o título de O nariz postiço das opiniões:



O NARIZ POSTIÇO DAS OPINIÕES

—Quê! pensarás na realidade que é só pelo carnaval que a gente anda de nariz postiço? Pobre amigo, mas eu faria uma outra idéa do teu espirito,quero dizer da tua perspicacia... Não, carissimo, não! Desde o primeiro dia do anno em que, de casa em casa, arredondamos a espinha dorsal em mesuras, depondo aos pés de SS. EEx. os votos de felicidade eterna e os ramilhetes das nossas flores de rhetorica banal, até o dia de finados, em que, alegres como pintassilgos, nos vestimos de lucto como as corôas e atravessamos as ruas de olhos baixos — para não rirmos de certas pilherias que nos fazem cocegas; desde a semana santa, em que jejuamos em familia, para irmos comer no restaurante o bello do bife sangrento com batatas, até o Natal, em que, sem religião, sem nada, fazemos versos a Jesus e rapapés aos tres reis magos, e enchemos nas confeitarias as algibeiras e as mãos com pacotinhos de "bonbons",para a distribuição carinhosa ás crianças em nome dos anjinhos, em que não cremos, ou no do barbado S. Nicolão, que não nos é sympathico; desde que o sol nasce,emfim,até que a lua brilha no zenith, para deslumbramento e gozo deste nosso planeta, trazemos no bolso, como um talisman indispensavel, o nosso rico nariz de cera, já tão adestrado, pela força do habito, que nas repetidas horas em que se faz necessario, não espera que o busquemos com mão impaciente ou geitosa, mas salta-nos por si só para a face, tão disfarçadamente, que ninguem o percebe, nem mesmo nós!

Vê, por exemplo, se sem o nariz postiço da modestia, um sujeito qualquer que use cartola, fale alto, olhe de cima para quem lhe roce as abas da sobrecasaca numa passagem casual, póde dizer com sinceridade esta phrase, que lhe sae dos grossos labios entre baforadas de fumo:—Na minha humilde opinião...

A sua "humilde opinião", se for contrariada, saltará para o adversario com um surto de panthera ou outro animal de identica innocencia...

Muitas vezes o individuo tem bem positiva, bem nitida na consciencia a força dos seus argumentos e da sua razão, ao emittir, envolvidas nessa fórmula modesta, as suas convicções firmes e não raro despoticas. "Na minha humilde opinião", diz elle, o que se deve fazer é isto,e isto, e isto! E' o que se deve fazer, e é o que se faz. Prompto.

Não admitte réplicas nem recusas a humilde opinião de sua senhoria.

Em taes temperamentos, é de crer que o nariz tenha saltado por si do negro fundo do bolso para a luz clara da face,num desses maravilhosos passes de prestidigitação moral, de que afinal de contas já ninguem faz caso...

No que acho uma graça suprema, é na flagrante contradicção em que este mesmo individuo cae, se alguem lhe contesta a sua humilde opinião! Então elle creesce de vulto, as pupilas dilatam-se-lhe, a pelle empallidece-se-lhe desde a linha do collarinho até á do chapéo, e numa arrogancia de sêr superior, pergunta com ar de atrevimento e de desdem:

— Você sabe com quem está falando?!

Se o outro affirma que sim, e faz face ao arreganho, vem o mundo abaixo, os as duas humildes opiniões se esbofeteiam no espaço com um denodo que faz tremer as nuvens e abalar nas torres os velhos sinos de bronze...

O nariz postiço das opiniões toma repentinamente differentes feitios, conforme o sentimento que é chamado a interpretar. Neste elle é tão arrebitado quanto no outro foi descaido, como que a querer entrar pela boca, para se esconder lá dentro encolhidinho e candido... Mas, quando elle funga admiravelmente, é quando affirma a franqueza que o caracteriza. Ainda hontem eu ouvi do mais chicanista de todos os advogados deste mundo e do outro, em uma questão em que evidentemente elle procurava enredar o interlocutor, e em que logrou o seu intento, a phrase corrente, embora trepidante:—Com a franqueza que me caracteriza, eu te direi...

E o que elle disse, meu amigo, foi uma dessas insinceridades que bradam aos céos a geitos de ensurdecerem as onze mil virgens de uma só pancada, e você sabe, por experiencia propria, como as virgens são credulas!

Acontece ás vezes que esta mesma phrase nasal puxa por outra da mesma especie, como uma locomotiva por um vagão. Ainda agora mesmo ouvi a uma certa pessoa valdosa e dissimulada como Tartufo dizer assim, e com pasmosa naturalidade:

— Com a franqueza que me caracteriza, sempre lhe direi que na minha humilde opinião...

A verdade é que estas fórmulas já estão cansadas e sem prestigio.

A que ainda me suggere um pouquinho, não direi de credulidade, mas de curiosidade, é esta, tambem muito frequente e com que muita gente se arroga qualidades superiores:

—Poderei ter muitos defeitos, mas esta virtude ao menos eu tenho: sou sincero, ou honesto, ou leal, etc.

Destarte as imperfeições são sempre hypotheticas, mas as virtudes são certas. Nesse sentido ha ainda uma phrase mais typica e mais corrente; é a seguinte:

—O meu defeito é confiar demasiadamente nos outros; ou ter boa fé; ou ser tolerante; ou ser bom de mais!

Deste modo, os defeitos que elles confessam são qualidades invejaveis e bellissimas!

Ser bom de mais, então, é uma delicia, que a minha falta de perspicacia não me permitte comprehender bem. Se é defeito o ser-se *bom de mais*, que extraordinaria virtude será a perversidade! O que te digo,é que,apezar de comprehender quanto devem ser penosas taes confissões,sinto arrepiar-se-me o bigode a um arzinho de ironia, que vem do fundo da minh'alma. A commissura dos meus labios sempre que as ouço por ahi nas ruas,nas salas ou nos cafés. E ahi está um dos motivos por que eu conservo a barba; a boca do homem é indiscreta mesmo quando fechada (franze-se para o beijo, se percebe ditame de si a boca rubra de uma mulher formosa;dilata-se na expressão amarga da piedade; se passa rente a uma fraqueza humana; arqueia-se no desdem, entreabre-se, comprime-se, encolhe-se ou distende-se á vontade, mudando de expressão por detrás do bigode, como uma mulher muda de vestidos por detrás de um biombo.

E é por isso que a mim mesmo muitas vezes pergunto: se tão frequentemente usamos de nariz postiço, por que demos em tirar á sinceridade da boca a sua mascara natural? Não me dirás?

— Não..

— Por que?!

—Porque o teu palavreado me fez somno... horrivel...

—Deverás?! pois olha, eu poderei ter todos os defeitos,mas ninguem fa-la melhor... diabo! ainda bem que já adormeceste...

(Do livro—*Os outros.*)

Julia Lopes de Almeida.

Não resisto ao desejo de chamar a attenção dos meus leitores para o concerto que hoje á noite, no salão do Instituto de Musica, realisarão as tres irmãs Figueiredo. Pelo seu talento, pela sua dedicação ao estudo, pelo sentimento que tão admiravelmente as faz interpretar o pensamento dos mestres de mais complexa e mais difficil interpretação, pela sympathia que emana das suas pessoas tão gentis e attrahentes,por curiosidade de observar os progressos que tenham feito nos dois annos em que, longe da patria, estiveram a aperfeiçoar-se na Europa na sua arte, e pelo dever de as saudar na primeira vez que apparecem em publico depois da sua ausencia,—é natural que o salão do instituto se encha hoje completamente de amigos e admiradores das nossas jovens patricias, dignas por todos os titulos da nossa maior admiração.

Deixar de ir a este concerto é incorrer em faltas de differentes especies:

— Falta de gosto.

— Falta de cortezia.

— Falta de patriotismo.

O PAIZ

Fonte: O País, 26/10/1909

Figura 23: Crônica inédita “Nariz postiço das opiniões”, de Júlia Lopes de Almeida

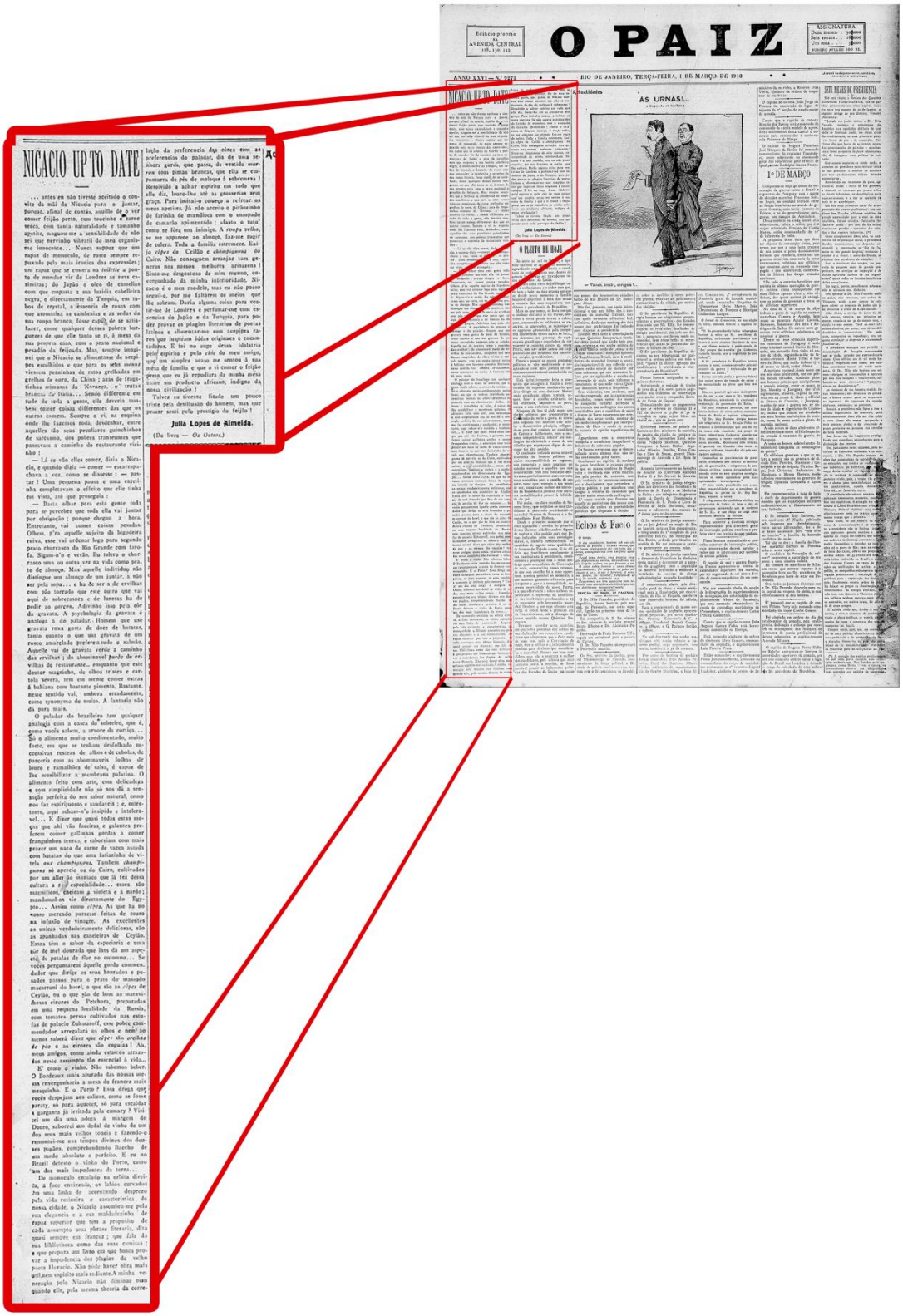
A crítica ao modo dissimulado com que a sociedade estabelece suas relações é repetida, posteriormente, ao longo de seus escritos, inclusive nos

romances. Júlia Lopes de Almeida evidencia a reprovação ao comportamento de pessoas ao censurar os preconceitos estreitos, às convenções sociais. Nesta crônica, a autora pondera sobre comportamentos e representações de tipos sociais. A propósito disso, esclarece Chartier:

> As percepções do social não são de forma nenhuma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Chartier (1990) estuda como se estabelecem as representações, seu processo de formação e negociação social, tornando as representações categorias centrais da História Cultural. Para ele, a representação do real não é o real, mas sim um discurso determinado pelo interesse de quem o cria. Logo, de fato, as crônicas revelam um discurso com uma ironia disfarçada em relação à socialização pela etiqueta, em moda no período *Belle Époque*, o modo como se comportava em público determinava o *status* social. Não há neutralidade no discurso da cronista ao expor as vicissitudes desenvolvidas pela sociedade.

A terceira crônica intitulada *Nicacio up to date,* de primeiro de março de 1910, também expõe um olhar engraçado sobre os gostos e a valorização pelas referências aos costumes estrangeiros adotados pelos brasileiros, metaforizados pelo personagem:



NICACIO UP TO DATE

... antes eu não tivesse acceitado o convite da mãi do Nicacio para o jantar, porque, afinal de contas, aquillo de ir ver comer feijão preto, com toucinho e carne secca, com tanta naturalidade e tamanho apetite, mesmo-me a sensualidade de não sei que nervinho vibratil do meu organismo innocente... Nunca suppuz que um rapaz de nomeada, de moita tempo repuxado pela mais ironica das expressões; um rapaz que se ennoita na *toilette* a ponto de mandar vir de Londres as suas cysimiras; do Japão o oleo de camellias com que esguoita a sua basbita cabelleira negra, e directamente da Turquia, em tubos de crystal, a essencia de rosas com que atrouxita as cambraias e os setins da sua roupa branca, fosse capaz, de se satisfazer, como qualquer deuses palreiros burguezes de que elle tanto se ri, á mesa da sua propria casa, com a prata nacional e pesadão do feijoada. Mas, sempre imaginei que o Nicacio se alimentasse de acepipes escolhidos e que para os seus *nervos* viessem perniahas de rans engordadas em grelhas de ouro, da China; asas de fragatinhas ninhadas da Noruega, e trufas brancas de Italia... Sendo differente em tudo de toda a gente, elle deveria tambem comer coisas differentes das que os outros comem. Sempre o vi, na eugenia, onde lhe fazemos rodo, devidenhar, entre aquelles tão seus peculiares gainchinhos de sarcasmo, dos pobres transeuntes que passavam a caminho do restaurante vizinho:

— Lá se vão elles comer, dizia o Nicacio, e quando dizia — comer — escarrapachava a voz, como se dissesse: — pastar! Uma pequena pousa e uma expeitinha completavam o officio que elle tinha eus vista, até que prosseguia:

— Basta olhar para estas gente toda para se perceber que toda ella vai jantar por obrigação; porque chegou a hora. Entretanto, vai comer cousas pessadas. Olhem, p'ra aquelle sujeito da bigodeira ruiva, esse vai ordenar logo para segundo prato churrasco do Rio Grande com farofa. Sigam-n'o e verão. Eu tolero o churrasco uma ou outra vez na vida como prato de almoço. Mas aquelle individuo não distingue um almoço de um jantar, a não ser pela sopa... e ha de ver o de cevilhas com pão torrado que este outro que vai aqui de sobrecasaca e de luneiras ha de pedir ao *garçon*. Adivinho-lhe pelo ple da gravata. A psychologia da gravata é analoga á do paladar. Homens que use gravata rosa gosta de doce de batatas, tanto quanto o que usa gravata de um preto amarellado prefere a tudo a salsada. Aquelle vai de gravata verde a caminho das cevilhas; do abominavel *purée* de ervilhas do restaurante... enquanto que este doutor magrinho, de olhos tristes e cartola severa, tem em nome conser outras á italiana com bastante pimenta. Bastante, nesse sentido vai, embora erradamente, como synonymo de muito. A fantasia não dá para mais.

O paladar do brasileiro tem qualquer analogia com a cuca do sobredito, que é, como vocês sabem, a arvore da cortiça... É o alimento muito condimentado, muito forte, em que se trabalhe desfolhada nas cosinhas restos de alhos e de cebolas, de porcaria com as abominaveis folhas de louro e ramalhetes de salsa, é capaz de lhe sensibilizar a membrana palatina. O alimento feito com arte, com delicadeza e com simplicidade não só nos dá a sensação perfeita do seu sabor natural, como nos faz espirituosos e sonhadores; e, entretanto, aqui acham-n'o insipido e intoleravel... E dizer que quasi todas essas moças que ahi vão fazeiras, e galantes preferem comer gallinhas gordas a comer frangolhas tenras, e saborisam com mais prazer um naco de carne de vacca assada com batatas do que uma fatiasinha de vitella *aux champignons*. Tambem *champignons* só aprecia-os do Cairo, cultivados por um alho do mesmo que lá fez dessa cultura a sua especialidade... esses são magnificos, cheirum a violeta e a nardo; mandam-os vir directamente do Egypto... Assim como *olyves*. As que ha no nosso mercado parecem feitas de couro na infancia de vinagre. As excellentes as unicas verdadeiramente deliciosas, são as apanhadas nas easeleiras de Ceylão. Extas têm o sabor da especiaria e uma côr de mel dourada que lhes dá um aspecto de petalas de flor no entremeio... Se vocês pergunteram aquelle gordo commendador que dirige os seus honrados e pesados passos para o prato de massado macarronil do hotel, o que são as *olyves* de Ceylão, os o que são de bom as maravilhosas cirunes do Perchers, preparadas em uma pequena localidade da Russia, com tomates persas cultivados nos estufas do palacio Zubassoff, esse pobre commendador arregalará os olhos e nem? no homem saberá dizer que *olyves* são *oreilles de pão* e as cirunes são enguias! Ah, meus amigos, como ainda estamos atrazados nesse assumpto tão essencial á vida...

E' como o vinho. Não sabemos beber. O Bordeaux mais apurado das mesas ureas envergonharia a mesa do franeez mais mesquinho. E o Porto? Essa droga que você despejam aos calices, como se fosse *portay*, só para aquecer, só para escaldar a garganta já irritada pela cumary? Visitei um dia uma adega á margem do Douro, saborei um dedal de vinho de um dos seus mais velhos tonels e fazendo-o remontei-me aos tempos divinos dos deuses pagãos, comprehendendo Bacchu de um modo absoluto e perfeito. E eu no Brasil detesto o vinho do Porto, como um dos mais impudentes da terra...

De momento entidade na esthia direita, a face enviezada, os labios curvados em uma linha de accentuado desprezo pela vida rotineira e caracteristica da nossa cidade, o Nicacio assombra-me pela sua elegancia e a sua snbbleridade de rapaz superior que tem a proposito de cada assumpto uma phrase literaria, dita quasi sempre em francez; que lê da sua bibliotheca como das suas comissas; e que prepara um livro em que busca provar a impudencia dos plagios do velho poeta Horacio. Não pode haver obra mais brilhante espirito mais audaz. A minha veneração pelo Nicacio não diminue nunca quando elle, pela mesma theoria da correlação da preferencia dos olhos com as preferencias do paladar, dia de uma tabuada gorda, que passa, de vestido marron com pintas brancas, que ella se cuspisnarra de pés de molesque á sobremesa! Resolvido a salvar espirito em todo que elle diz, louro-lhe até as grosserias seu grego. Para imital-o começo a refinar as nossas apetites. Já não acceito o pirlouetho de farinha de mandioca com o esoapado de camarão apimentado; aflauto o tutú como se fôra um inimigo. A *roupa velha*, se me appurece ao almoço, faz-me fugir de calore. Toda a familia entremece. Exijo *olyves* de Ceilão e *champignons* do Cairo. Não consegnem arranjar taes generos nos nossos melhores armazens! Sinto-me desgostoso de mim mesmo, envergonhado da minha inferioridade. Nicacio é o meu modelo, mas eu não posso seguil-o, por me faltarem os meios que lhe sobram. Daria alguma coisa para ver-lhe ser de Londres e perfumar-me com essencias do Japão e da Turquia, para poder provar os plagios literarios de poetas latinos e alimentar-me com acepipes raros que inspiram ideias originaes e encantadoras. E foi no auge dessa idolatria pelo esquisito e pelo *chic* da mesa nonga, que um simples acaso me arrotou á sua meza de familia e que o vi comer o feijão preto que eu já repudiara da minha meza como um producto africano, indigno da nossa civilisação!

Talvez eu tivesse ficado um pouco triste pelo desilludo do homem, mas que prazer senti pelo prestigio do feijão!

Julia Lopes de Almeida.

(Do livro — *Os Outros*.)

Fonte: O País, 01/03/1910

Figura 24: Crônica inédita “Nicácio uo to date”, de Júlia Lopes de Almeida

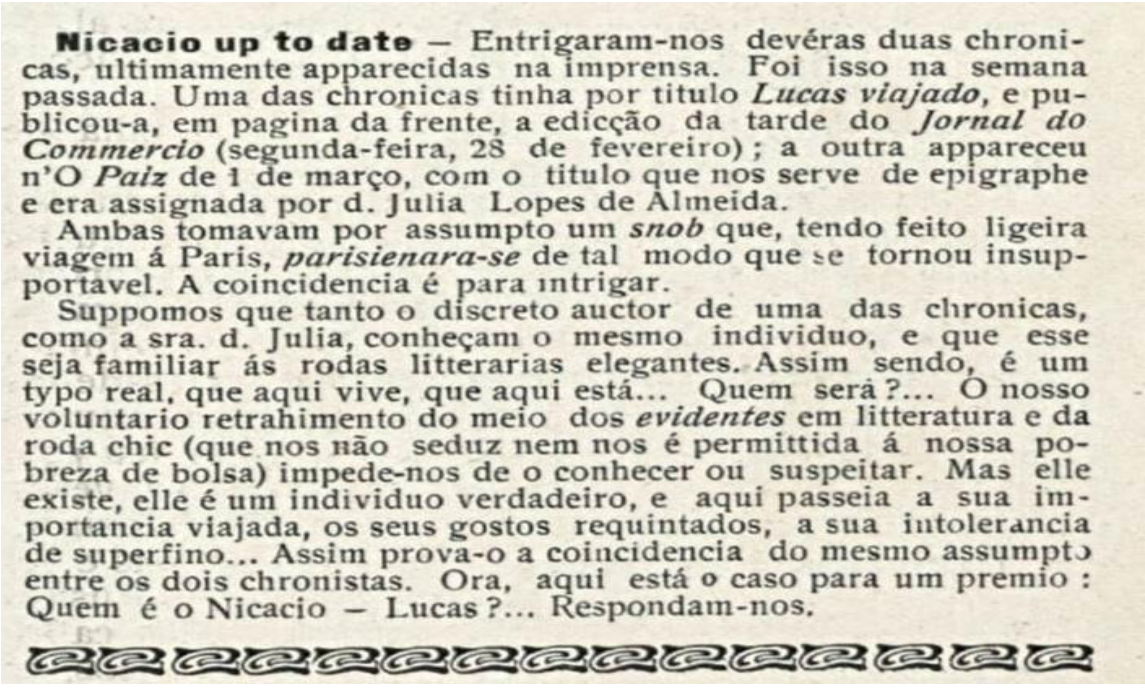
Nicácio era um tipo comum na sociedade brasileira do início do século XX, influenciado pela supervalorização do que vem de fora, para ele ser *chic* era adotar os gostos e costumes europeus. As convenções sociais regiam uma sociedade que se pretendia moderna e elitizada, usando de aparências. A escritora faz a representação do brasileiro cosmopolita, como o próprio título que traz a expressão *up to date*[40]*.* Sobre esse comportamento, informa Saliba:

> Uma atmosfera ansiosa por cosmopolitismo já existente no período colonial, porque inspirada nos modelos de sociabilidades europeias, exerce seu domínio sobre a imaginação da sociedade brasileira e se desdobra, na República, superficialmente, naquela sofreguidão de máquinas, invenções, ingresias, francesias, ianquices que acelerassem entre eles o ritmo do progresso (SALIBA, 1998, p. 292).

O carioca esbarra em uma cultura diferente para demonstrar um paradigma: a roupa vem de Londres, óleos do Japão, essências da Turquia, etc. Além da língua e da moda, a escritora cita a culinária brasileira desprestigiada em comparação ao requinte da comida europeia: “já não aceito o pirãozinho com farinha de mandioca”; “afasto o tutu como inimigo”; “exijo *cêpes* de Ceilão e *champignons* do Cairo”. Mas ao final, a cronista deixa claro que o homem do *fin de siècle* não consegue fugir da sua essência ao prestigiar um produto nacional: o feijão.

Na revista *Fon Fon* (1907-1958) do dia 12 de março de 1910, na página 29, o colunista chama a atenção do leitor para a crônica de Júlia Lopes:

[40] Expressão inglesa que significa atualizado (tradução livre)



Nicacio up to date — Entrigaram-nos devéras duas chronicas, ultimamente apparecidas na imprensa. Foi isso na semana passada. Uma das chronicas tinha por titulo *Lucas viajado*, e publicou-a, em pagina da frente, a edicção da tarde do *Jornal do Commercio* (segunda-feira, 28 de fevereiro); a outra appareceu n'O *Paiz* de 1 de março, com o titulo que nos serve de epigraphe e era assignada por d. Julia Lopes de Almeida.

Ambas tomavam por assumpto um *snob* que, tendo feito ligeira viagem á Paris, *parisienara-se* de tal modo que se tornou insupportavel. A coincidencia é para intrigar.

Suppomos que tanto o discreto auctor de uma das chronicas, como a sra. d. Julia, conheçam o mesmo individuo, e que esse seja familiar ás rodas litterarias elegantes. Assim sendo, é um typo real, que aqui vive, que aqui está... Quem será?... O nosso voluntario retrahimento do meio dos *evidentes* em litteratura e da roda chic (que nos não seduz nem nos é permittida á nossa pobreza de bolsa) impede-nos de o conhecer ou suspeitar. Mas elle existe, elle é um individuo verdadeiro, e aqui passeia a sua importancia viajada, os seus gostos requintados, a sua intolerancia de superfino... Assim prova-o a coincidencia do mesmo assumpto entre os dois chronistas. Ora, aqui está o caso para um premio: Quem é o Nicacio — Lucas?... Respondam-nos.

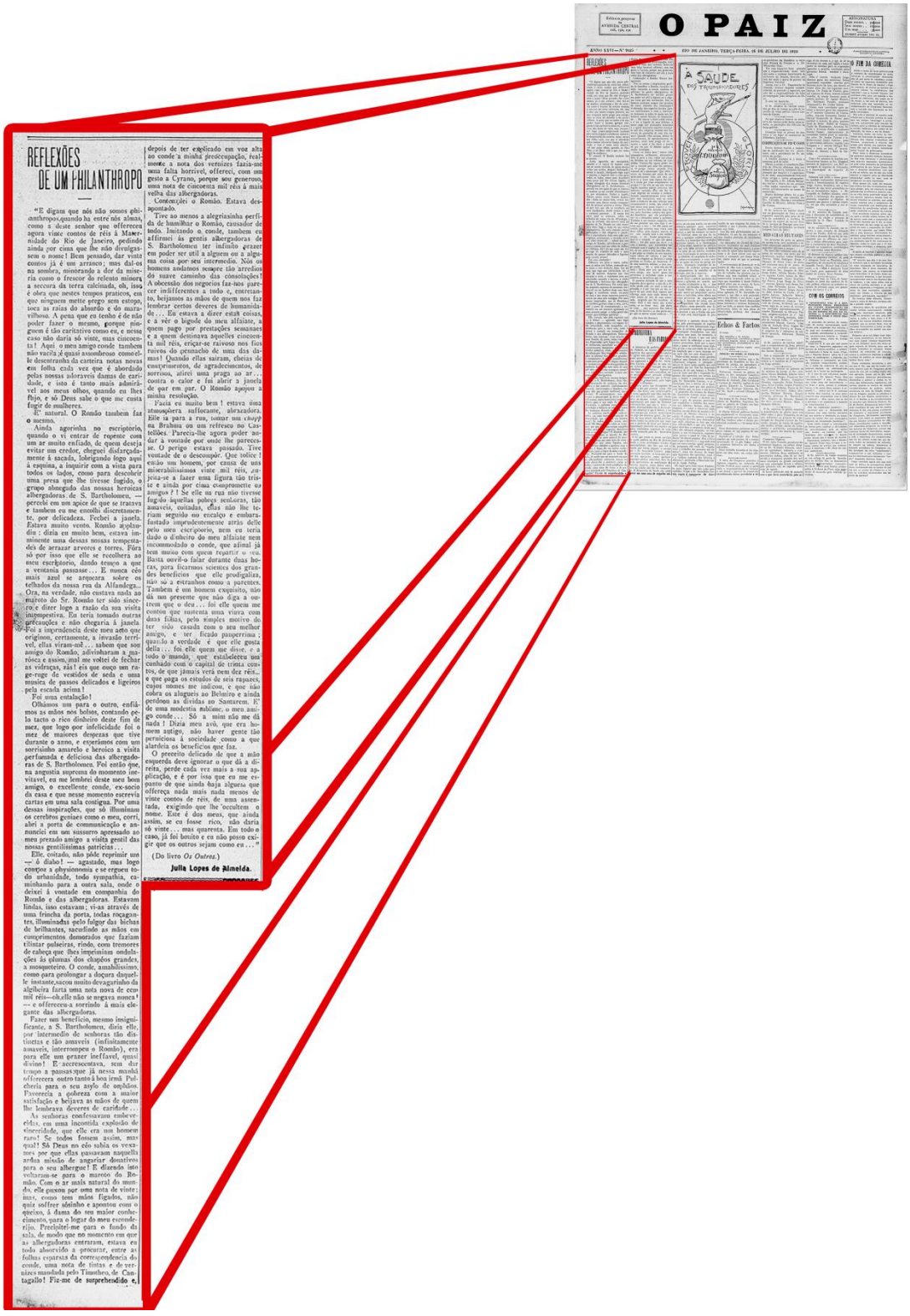
FONTE: Revista Fon Fon, 12/03/1910

Figura 25: Referência sobre crônica de Júlia Lopes de Almeida.

O colunista da revista *Fon Fon*, que não se inclui na roda “elegante” do meio literário, demonstra que a representação do Nicácio se enquadra dentro de uma elite letrada, e sugere que há um círculo fechado que ele desdenha por não seduzi-lo, ao tempo que mostra que “nem nos é permitido” o acesso a notáveis literatos por não dispor de um “poder” financeiro ou intelectual.

Em *Nicácio up to date*, ratifica-se o que foi dito por Sylvia Paixão (1997) sobre a crônica ser um gênero leve, ameno, de leitura mais fácil por trazer interpretação de fatos conhecidos por todos, mas com a subjetividade de quem comenta, acrescendo um novo sabor ao acontecimento, que faz quebrar o extraordinário ao celebrar o cotidiano, o dia-a-dia, seja através da argúcia, da graça e do humor de quem escreve.

A próxima crônica, “Reflexões de um Filantropo”, publicada no dia 26 de julho de 1910, traz uma temática de grande valor social, tratada com muito humor pela cronista. Mesmo mostrando a insensibilidade da sociedade e do poder público para as questões humanitárias, a escritora expõe uma situação muito comum de comportamento social:



O PAIZ

REFLEXÕES DE UM PHILANTHROPO

"E digam que nós não somos philanthropos, quando ha entre nós almas, como a deste senhor que offereceu agora vinte contos de réis á Misericordia do Rio de Janeiro, pedindo ainda por cima que lhe não divulgassem o nome! Bem pensado, dar vinte contos já é um arranco; mas dal-os na sombra, minorando a dor da miseria como o frescor do relento minora a secura da terra calcinada, oh, isso é obra que nestes tempos praticos, em que ninguem mette prego sem estopa, toca as raias do absurdo e do maravilhoso. A pena que eu tenho é de não poder fazer o mesmo, porque pinguem é tão caritativo como eu, e nesse caso não daria só vinte, mas cincoenta! Aqui o meu amigo conde tambem não vacila é quasi assombroso como elle desentranha da carteira notas novas em folha cada vez que é abordado pelas nossas adoraveis damas de caridade, e isto é tanto mais admiravel aos meus olhos, quando eu lhes fujo, e só Deus sabe o que me custa fugir de mulheres.

É' natural. O Romão tambem faz o mesmo.

Ainda agorinha no escriptorio, quando o vi entrar de rogante com um ar muito enfadado, de quem deseja evitar um credor, cheguei disfarçadamente á sacada, lobrigando logo aqui á esquina, a inquirir com a vista para todos os lados, como para descobrir uma presa que lhe tivesse fugido, o grupo abnegado das nossas heroicas albergadoras de S. Bartholomeu, — percebi em um agice de que se tratava e tambem eu me encolhi discretamente, por delicadeza. Fechei a janela. Estava muito vento. Romão acpkpudin: dizia eu muito bem, estava imminente uma dessas nossas tempestades de arrazar arvores e torres. Fiára só por isso que elle se recolhera ao seu escriptorio, dando tempo a que a ventania passasse... E nunca céo mais azul se arqueara sobre os telhados da nossa rua da Alfandega... Ora, na verdade, não custava nada ao marido do Sr. Romão ter sido sincero e dizer logo a razão da sua visita intempestiva. Eu teria tomado outras precauções e não chegaria á janela. Foi a imprudencia deste meu acto que originou, certamente, a invasão terrivel, ellas viram-n'o... sabem que sou amigo do Romão, adivinharam a parôrca e assim, mal me voltei de fechar as vidraças, ai! ei-las que ouço um rege-rege de vestidos de seda e uma musica de passos delicados e ligeiros pela escada acima!

Foi uma enfiada!

Olhámos um para o outro, enfiámos as mãos nos bolsos, contando pelo tacto o rico dinheiro deste fim de mez, que logo por infelicidade foi o mez de maiores despezas que tive durante o anno, e esperámos com um sorrisinho amarello e heroico a visita perfumada e deliciosa das albergadoras de S. Bartholomeu. Foi então que, na angustia suprema do momento inevitavel, eu me lembrei deste meu bom amigo, o excellente conde, ex-socio da casa e que nesse momento escrevia cartas em uma sala contigua. Por uma dessas inspirações, que só illuminam os cerebros geniaes como o meu, corri, abri a porta de communicação e annunciei em um sussurro apressado ao meu prezado amigo a visita gentil das nossas gentilissimas patricias...

Elle, coitado, não pôde reprimir um — ó diabo! — agastado, mas logo compoz a physionomia e se ergueu todo urbanidade, toda sympathia, caminhando para a outra sala, onde o deixei á vontade em companhia do Romão e das albergadoras. Estavam lindas, isso estavam; vi-as através de uma frincha da porta, todas rocagantes, illuminadas pelo fulgor das luchas de brilhantes, sacudindo as mãos em cumprimentos demorados que faziam tilintar pulseiras, rindo, com trenoreo de cabeça que lhes imprimiam ondulações ás glomas dos chapéos grandes, a mosqueteiro. O conde, amabilissimo, como para grolongar a doçura daquel. le instante, sacou muito devagarinho da algibeira farta uma nota nova de cem mil réis—oh, elle não se negava nunca! — e offereceu-a sorrindo á mais elegante das albergadoras.

Fazer um beneficio, mesmo insignificante, a S. Bartholomeu, diria elle, por intermedio de senhoras tão distinctas e tão amaveis (infinitamente amaveis, interrompeu o Romão), era para elle um grazer ineffavel, quasi divino! E accrescentava, tem dar tempo a passas que já nessa manhã offerecera outro tanto á boa irmã Polycheria para o seu asylo de orphãos. Favorecia a gobreza com a maior satisfação e beijava as mãos de quem lhe lembrava deveres de caridade...

As senhoras confessavam embevecidas, em uma incontida explosão de sinceridade, que elle era um homem raro! Se todos fossem assim, mas qual! Só Deus no céo sabia os vexames por que ellas passavam naquella ardua missão de angariar donativos para o seu albergue! E dizendo isto voltaram-se para o marido do Romão. Com o ar mais natural do mundo, elle puxou por uma nota de vinte; mas, como tem mãos ligadas, não quiz soffrer sósinho e apontou com o queixo, á dama do seu maior conhecimento, para o logar do meu esconderijo. Precipitei-me para o fundo da sala, de modo que no momento em que as albergadoras entraram, estava eu todo absorvido a procurar, entre as folhas esparsas da correspondencia do conde, uma nota de tintas e de verniz mandada pelo Tinoreo, de Cantagallo! Fiz-me de surprehendido e

depois de ter explicado em voz alta ao conde a minha preoccupação, realmente a nota dos vernizes fazia-me uma falta horrivel, offereci, com um gesto a Cyrano, porque sou generoso, uma nota de cincoenta mil réis á mais velha das albergadoras.

Contendeu o Romão. Estava desapontado.

Tive ao menos a alegriasinha perfida de humilhar o Romão, causador de tudo. Imitando o conde, tambem eu affirmei ás gentis albergadoras de S. Bartholomeu ter infinito grazer em poder ser util a alguem ou a alguma coisa por seu intermedio. Nós os homens andamos sempre tão arredados do suave caminho das consolações! A obcessão dos negocios faz-nos parecer indifferentes a tudo e, entretanto, beijamos as mãos de quem nos faz lembrar certos deveres de humanidade... Eu estava a dizer estas coisas, e a vêr o bigode do meu alfaiate, a quem pago por prestações semanaes e a quem destinava aquelles cincoenta mil réis, eriçar-se raivoso nos seus raivos do penuacho de uma das damas! Quando ellas sairam, cheias de cumprimentos, de agradecimentos, de sorrisos, afirei uma praga ao ar... contra o calor e fui abrir a janela de par em par. O Romão apojou a minha resolução.

Facia eu muito bem! estava uma atmosphera suffocante, abrazadora. Ele ia para a rua, tomar um chopp na Brahma ou um refresco no Castellões. Parecia-lhe agora poder andar á vontade por onde lhe parecesse. O perigo estava passado. Tive vontade de o descompôr. Que tolice! então um homem, por causa de uns miseraliissimos vinte mil réis, ia-se a fazer uma figura tão triste e ainda por cima compromette os amigos? E se elle ou rua não tivesse fug-do aquellas pobres senhoras, tão amaveis, coitadas, ellas não lhe teriam seguido os escalço e enlaracfastado imprudentemente atrás delle pelo seu escriptorio, nem eu teria dado o dinheiro do meu alfaiate nem incommodado o conde, que afinal já tem muito com quem repartir o seu. Basta ouvil-o falar durante duas horas, para ficarmos sciences dos grandes beneficios que elle prodigaliza, não só a estranhos como a parentes. Tambem é um homem exquisito, não dá um presente que não diga a custem que o deu... foi elle quem me contou que sustenta uma viuva com duas filhas, pelo tenuissimo motivo de ter sido casada com o seu melhor amigo, e ter ficado pauperrima; quanto á verdade é que elle gosta della... foi elle quem me disse, e a todo o mundo, que estabeleceu um cunhado com o capital de trinta contos, de que jamais verá nem dez réis... e que paga os estudos de seis rapazes, cujos nomes me indicou, e que não cobra os alugueis ao Belmiro e ainda perdoou as dividas ao Santarem. E' de uma modestia sublime, o meu amigo conde... Só a mim não me dá nada! Dizia meu avô, que era homem antigo, não haver gente tão perniciosa á sociedade como a que alardeia os beneficios que faz.

O preceito delicado de que a mão esquerda deve ignorar o que dá a direita, perde cada vez mais a sua applicação, e é por isso que eu me espanto de que ainda haja alguem que offereça nada mais nada menos de vinte contos de réis, de uma assentada, exigindo que lhe occultem o nome. Este é dos meus, que ainda assim, se eu fosse rico, não daria só vinte... mas quarenta. Em todo o caso, já foi bonito e eu não posso exigir que os outros sejam como eu..."

(Do livro *Os Outros*.)

Julia Lopes de Almeida.

FONTE: O País, 12/03/1910

Figura 26: Crônica Inédita “Reflexões de um filantropo”, de Júlia Lopes de Almeida.

A crônica expõe um tipo social dissimulado, por não conseguir esquivar-se da “obrigação” de fazer doações para que não seja taxado de indiferente, as

pessoas correspondentes ao tipo contrafazem e promovem filantropia para que os outros possam enaltecê-las e ter uma imagem positiva de seus gestos. Chartier (1990) desenvolve a ideia de que as estruturas do mundo social são historicamente produzidas por práticas discursivas, políticas e sociais, que articuladas constroem suas imagens.

O discurso da cronista ressalta a representação das mulheres da sociedade burguesa que costumam se dedicar a ações beneficentes, mulheres geralmente mais velhas, tagarelas, “roçagantes, iluminadas pelo fulgor das bichas de brilhantes, sacudindo as mãos em cumprimentos demorados que faziam tilintar as pulseiras”, que se juntam para realizar feitos humanitários através de doações comumente realizadas a contragosto.

A filantropia já tinha sido tema dessa mesma coluna em que Júlia Lopes publicou a crônica “Reflexões de um filantropo”. Membro da Associação das Crianças Brasileiras, Júlia Lopes usou a sua coluna em outros momentos para falar da necessidade social de cuidar dos idosos e das crianças. Em 1901, escreveu crônica em favor da construção de uma creche, e fomentando sobre as dificuldades encontradas em relação à sensibilidade e consciência das pessoas de poder aquisitivo maior, que por vezes agem com indiferença, enfatiza: “contando muito mais com o tostão do pobre do que com as centenas de mil reis dos ricos”. Como membro da Associação das Crianças Brasileiras, Júlia Lopes de Almeida promovia eventos artísticos com a finalidade de angariar recursos em favor da instituição.

Em outubro de 1902, promoveu uma exposição de flores em praça pública, “desacompanhada de qualquer favor oficial, a não ser o do consentimento de fazê-la no Parque da República”. O desmoronamento do pavilhão de flores vitimou um operário, levando-o a óbito, o que causou grandes transtornos e repercussão. Artur Azevedo saiu em defesa da escritora: “O pavilhão desabou causando mortes e ferimentos. Imagino como deve sangrar o coração afetuoso de D. Júlia. Enxergue a minha boa colega nestas linhas toda respeitosa simpatia que merece.” Um ano depois, em um artigo intitulado *Flores,* Júlia Lopes fala sobre uma nova exposição,

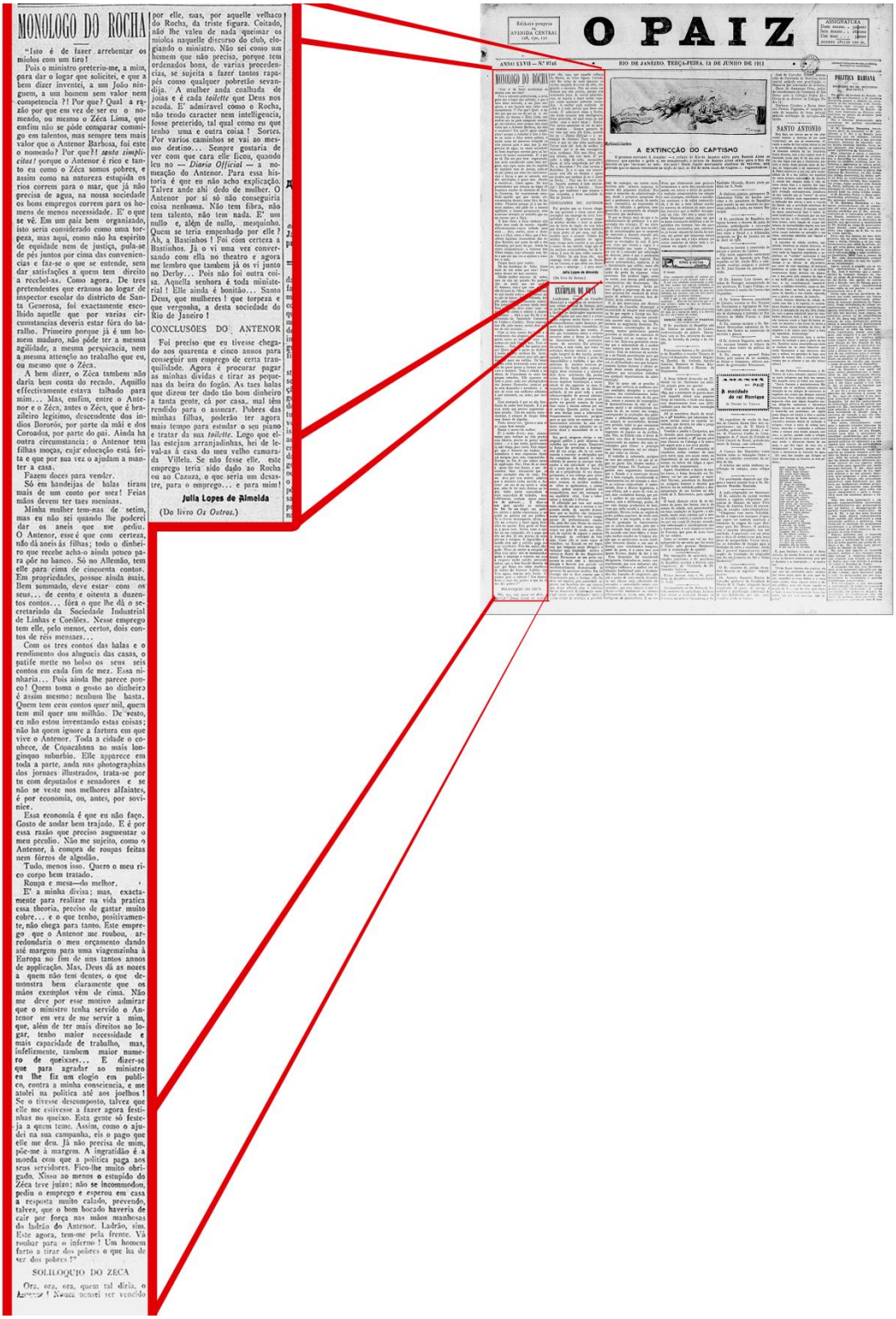
> Ah! Desta vez será certa, a nossa cidade brilhará num certame delicado, civilizado de magníficos proveitos; e eu, chamando para ele a simpatia das minhas leitoras, peço a Deus que as rosas desta exposição não tenham os espinhos da outra... (*O País*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1903, p.1)

Cabe-nos acrescentar que apesar de atos promovidos a favor da filantropia pelas senhoras burguesas, os eventos, em especial, as festividades da entrada da primavera passaram a ser as cerimônias mais concorridas da burguesia, desde que esta se apossara do centro reurbanizado da cidade. Sem dúvida, as exposições de flores tornou-se um evento político.

Prosseguindo na nossa descoberta dos escritos referentes ao projeto de livro não concretizado, *Os outros*, encontramos mais uma crônica, publicada por Júlia Lopes em sua coluna do dia 13 de junho de 1911, sob o título de “O monólogo do Rocha”. Apesar de o título sugerir um monólogo de um personagem, vimos que a narrativa está centrada em uma tríade: Rocha, Zeca e Antenor. A visão de cada personagem dá a dimensão psicológica de narradores bastante amargurados e movidos pelo negativismo.

Percebe-se que a postura de Júlia Lopes é de uma crítica de seu tempo, seus personagens simbolizam a vida social da maioria dos brasileiros da primeira década do século XX, apresentando crítica à busca por melhores condições econômicas através do apadrinhamento político. Júlia emprega, sobretudo, personagens masculinos representativos de personalidades frágeis. No enredo, vemos três homens oprimidos pelos interesses materiais e socioculturais que, historicamente, constituem a sociedade brasileira do início do século XX.

A autora usa da ironia para retratar o comportamento humano, usando de uma linguagem marcada pela simplicidade e pela naturalidade, conforme nos mostra a crônica abaixo:



MONOLOGO DO ROCHA

"Isto é de fazer arrebentar os miolos com um tiro!

Pois o ministro preterio-me, a mim, para dar o logar que solicitei, e que a bem dizer inventei, a um João ninguem, a um homem sem valor nem competencia ?! Por que? Qual a razão por que em vez de ser eu o nomeado, eu mesmo o Zéca Lima, que emfim não se póde comparar commigo em talentos, mas sempre tem mais valor que o Antenor Barbosa, foi este o nomeado? Por que?! *santo simplicitas!* porque o Antenor é rico e tanto eu como o Zéca somos pobres, e assim como na natureza estupida os rios correm para o mar, que já não precisa de agua, na nossa sociedade os bons empregos correm para os homens de menos necessidade. E' o que se vê. Em um paiz bem organizado, isto seria considerado como uma torpeza, mas aqui, como não ha espirito de equidade nem de justiça, pula-se de pés juntos por cima das conveniencias e faz-se o que se entende, sem dar satisfações a quem tem direito a recebel-as. Como agora. De tres pretendentes que eramos ao logar de inspector escolar do districto de Santa Generosa, foi exactamente escolhido aquelle que por varias circumstancias deveria estar fóra do barulho. Primeiro porque já é um homem maduro, não póde ter a mesma agilidade, a mesma perspicacia, nem a mesma attenção ao trabalho que eu, ou mesmo que o Zéca.

A bem dizer, o Zéca tambem não daria bem conta do recado, aquillo effectivamente estava talhado para mim... Mas, emfim, entre o Antenor e o Zéca, antes o Zéca, que é brazileiro legitimo, descendente dos indios Bororós, por parte da mãi e dos Coroados, por parte do gai. Ainda ha outra circumstancia: o Antenor tem filhas moças, cuja educação está feita e que por sua vez o ajudam a manter a casa.

Fazem doces para vender.

Só em bandejas de balas tiram mais de um conto por mez! Feias mãos devem ter taes meninas.

Minha mulher tem-nas de setim, mas eu não sei quando lhe poderei dar os aneis que me pediu. O Antenor, esse é que com certeza, não dá aneis ás filhas; todo o dinheiro que recebe acha-o ainda pouco para pôr no banco. Só no Allemão, tem elle para cima de cincoenta contos. Em propriedades, possue ainda mais. Bem sommado, deve estar com os seus... de cento e oitenta a duzentos contos... fóra o que lhe dá o secretariado da Sociedade Industrial de Linhas e Corrêões. Nesse emprego tem elle, pelo menos, certos, dois contos de reis mensaes...

Com os tres contos das balas e o rendimento dos alugueis das casas, o patife mette no bolso os seus seis contos em cada fim de mez. Essa ninharia... Pois ainda lhe parece pouco! Quem toma o gosto ao dinheiro é assim mesmo: nenhum lhe basta. Quem tem cem contos quer mil, quem tem mil quer um milhão. De resto, eu não estou inventando estas coisas; não ha quem ignore a fartura em que vive o Antenor. Toda a cidade o conhece, de Copacabana ao mais longinquo suburbio. Elle apparece em toda a parte, anda nas photographias dos jornaes illustrados, trata-se por tu com deputados e senadores e se não se veste nos melhores alfaiates, é por economia, os, antes, por sovinice.

Essa economia é que eu não faço. Gosto de andar bem trajado. E é por essa razão que preciso augmentar o meu peculio. Não me sujeito, como o Antenor, á compra de roupas feitas nem fórros de algodão.

Tudo, menos isso. Quero o meu rico corpo bem tratado.

Roupa e mesa—do melhor.

E' a minha divisa; mas, exactamente para realizar na vida pratica essa theoria, preciso de gastar muito cobre... e o que tenho, positivamente, não chega para tanto. Este emprego que o Antenor me roubou, arredondaria o meu orçamento dando até margem para uma viagemzinha á Europa no fim de uns tantos annos de applicação. Mas, Deus dá as nozes a quem não tem dentes, o que demonstra bem claramente que os máos exemplos vêm de cima. Não me deve por esse motivo admirar que o ministro tenha servido o Antenor em vez de me servir a mim, que, além de ter mais direitos ao logar, tenho maior necessidade e mais capacidade de trabalho, mas, infelizmente, tambem maior numero de queixas... E dizer-se que para agradar ao ministro eu lhe fiz um elogio em publico, contra a minha consciencia, e me atolei na politica até aos joelhos! Se o tivesse descomposto, talvez que elle me coisvesse a fazer agora festinhas no queixo. Esta gente só festeja a quem tem. Assim, como o ajudei na sua campanha, eis o pago que elle me deu. Já não precisa de mim, póe-me á margem. A ingratidão é a moeda com que a politica paga aos seus servidores. Fico-lhe muito obrigado. Nisso ao menos o estupido do Zéca teve juizo; não se incommodou, pediu o emprego e poz-se em casa a resposta muito calado, prevendo, talvez, que o bom bocado haveria de cair por força nas mãos manhosas do ladrão do Antenor. Ladrão, sim. Este agora, tem-me pela frente. Vá roubar para o inferno! Um homem farto a tirar dos pobres o que ha de ser dos pobres!"

SOLILOQUIO DO ZÉCA

Ora, ora, ora, quem tal diria, o Antenor! Nunca pensei ser vencido por elle, mas, por aquelle velhaco do Rocha, da triste figura. Coitado, não lhe valeu de nada queimar os miolos naquelle discurso do club, elogiando o ministro. Não sei como um homem que não precisa, porque tem ordenados bons, de varias procedencias, se sujeita a fazer tantos rapapés como qualquer pobretão sevandija. A mulher anda coalhada de joias e é cada *toilette* que Deus nos acuda. E' admiravel como o Rocha, não tendo caracter nem intelligencia, fosse preterido, tal qual como eu que tenho uma e outra coisa! Sortes. Por varios caminhos se vai ao mesmo destino... Sempre gostaria de ver com que cara elle ficou, quando leu no — *Diario Official* — a nomeação do Antenor. Para essa historia é que eu não achei explicação. Talvez ande ahi dedo de mulher. O Antenor por si só não conseguiria coisa nenhuma. Não tem fibra, não tem talento, não tem nada. E' um nullo e, além de nullo, mesquinho. Quem se teria empenhado por elle? Ah, a Bastinhos! Foi com certeza a Bastinhos. Já o vi uma vez conversando com ella no theatro e agora me lembro que tambem já os vi junto no Derby... Pois não foi outra coisa. Aquella senhora é toda ministerial! Elle ainda é bonitão... Santo Deus, que mulheres! que torpeza e que vergonha, a desta sociedade do Rio de Janeiro!

CONCLUSÕES DO ANTENOR

Foi preciso que eu tivesse chegado aos quarenta e cinco annos para conseguir um emprego de certa tranquilidade. Agora é procurar pagar as minhas dividas e tirar as pequenas da beira do fogão. As taes balas que dizem ter dado tão bom dinheiro a tanta gente, cá por casa... mal têm rendido para o assucar. Pobres das minhas filhas, poderão ter agora mais tempo para estudar o seu piano e tratar da sua *toilette*. Logo que ellas estejam arranjadinhas, hei de levar-as á casa do meu velho camarada Villela. Se não fosse elle, este emprego teria sido dado ao Rocha ou ao Cazuza; o que seria um desastre, para o emprego... e para mim!

Julia Lopes de Almeida

(Do livro *Os Outros*.)

O PAIZ

ASSIGNATURA

ANNO XXVII — N.º 9746 — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1911

A EXTINCÇÃO DO CAPTISMO

SANTO ANTONIO

FONTE: *O País*, 13 de junho de 1911.

Figura 27: Crônica Inédita “Monólogo do Rocha”, de Júlia Lopes de Almeida.

No primeiro monólogo, Rocha cogita sobre o fato de ter sido o outro e não ele o escolhido para assumir um emprego por indicação política, fato que o faz demonstrar sua descrença no Brasil da época, “onde não há espírito de equidade nem de justiça”. Em sua lista de queixas, o Rocha ainda lastima o fato de ter em público enaltecido a figura do ministro mesmo contra sua consciência.

Apesar de destacar o protagonismo do personagem Rocha, a estrutura da crônica mostra o pensamento dos outros personagens a quem ele se refere, faz com que o leitor possa ampliar a visão sobre os fatos narrados. O Zeca, outro preterido pelo ministro, em seu solilóquio mostra sua surpresa pela escolha do Antenor para o emprego, fato que atribui ao apadrinhamento de uma mulher influente e mostra indignação: “Santo Deus, que mulheres! que torpeza e que vergonha, a desta sociedade do Rio de Janeiro!”

O historiador Needell (1993, p. 158) registra que era comum o apadrinhamento por um intercessor, ou seja, um subalterno (candidato a um emprego), buscar auxílio de um sujeito mais poderoso para intervir pelos seus interesses. Afinal, era para garantir essas providências que os parentescos e as amizades eram cultivados.

Na crônica em questão, o monólogo final é atribuído ao apadrinhado Antenor que assume que houve uma intervenção por parte de amigo, Vilela, trazendo ao leitor o esclarecimento de que não fora uma mulher como pensara o Zeca. Não se esquecendo de falar dos “outros”, Antenor discorre sobre os benefícios do emprego: “Pobres das minhas filhas poderão ter agora mais tempo para estudar seu piano e tratar da sua *toilette”*. Essa passagem sugere o comportamento dos pais em relação às filhas, valorização dos costumes burgueses: tocar instrumento musical e apresentar-se bem vestidas nos bailes burgueses.

As crônicas de Júlia Lopes de Almeida publicadas nesta seção equiparam-se na temática. Quanto à estrutura, o enredo, os personagens, a narração se assemelham ao conto, pois traz uma estrutura com enredo, personagens, espaço e tempo e a linguagem literária.

4.6Manuais e contos: dividindo colunas

Após mais de dois anos colaborando para o jornal *O País* sob o pseudônimo de Ecila Worms na coluna *A Moda*, verificamos que Júlia Lopes de Almeida ganhava espaço no periódico ao produzir outros gêneros em outras colunas. Mesmo que de forma esporádica, começavam a aparecer escritos, discursos que se caracterizavam pela função didática, a exemplo dos manuais: *Livro das Noivas (1896)*;*Livro das damas e donzelas (1906), Correio da roça* (1913)ambos destinados à leitura e à formação da mulher burguesa dos oitocentos.

Podemos considerá-los manuais, pois sua natureza é voltada para a informação, ensinamentos que podem, apesar de se dirigir às mulheres, trazer temas discutidos na época como a violência e a higiene. Estes escritos primavam por ensinar atitudes de como conviver em sociedade, bem como um grande valor à educação para a mulher brasileira de acordo com o seu contexto histórico, pois da Europa vinham ideias liberais feministas que influenciavam as mulheres burguesas, educadas. A exemplo de Júlia Lopes de Almeida, que por vezes foi acusada de reproduzir os modelos sociais convencionados para o fim dos oitocentos, podemos entender que havia também uma obra de inovação, afinal Júlia Lopes colaborou não apenas para a imprensa comum brasileira, mas também para a imprensa feminina: *Revista Feminina* (1914-1936)*, Nosso Jornal*(1919-1921), entre outras.

Assinado pela primeira vez com o nome Júlia Lopes de Almeida, *O País* do dia 18 de novembro de 1894 apresenta um capítulo: *Horticultura,* presente na segunda parte do *Livro das Noivas*, editado em 1896 pela *Francisco Alves*. A pequena ficção começa com a visita da narradora[41] à casa da personagem Maria para conhecer uma horta que há no quintal da casa. À medida que a visita penetra na residência, começa a descrição do ambiente mostrando deferência pelo trabalho da mulher, expondo preceitos higienistas difundidos no Brasil, demonstrando como eram aplicados ao lar: “Para entrar na horta tive de atravessar pelo interior da casa, escrupulosamente asseada e em ordem”. Ao

[41] Os três capítulos publicados no jornal *O País* tem a mesma estrutura, parte de uma visita da narradora a uma casa e a partir daí desenvolve o enredo em que predomina um caráter didático.

chegar ao local da horta, a narradora recebe explicações sobre cada alimento produzido, especialmente ensinamentos técnicos,

> - Isto são espargos... coisa muito delicada, mas que infelizmente não tem cultivadores no Brasil... estes transplantei-os no ano passado do viveiro. Sabe como se cultivam espargos?
> - Não...
> - Pois é assim: no segundo ano de semeados em alfobre, abre-se uma vala de uns cinquenta centímetros mais ou menos de profundidade, enchem-se quarenta centímetros de estrume e dez de terra, onde deitam as raízes do espargo. No ano seguinte surgem os brotos. [...] Na medida em que se robustecem, as raízes aumentam. (*O País*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1894).

Juntamente com explicações sobre espaçamento, período, e informações sobre outras culturas, "D. Maria" explicava a importância da produção de alimentos que supria a demanda familiar; distribuía para os filhos e, estes também compartilhavam com amigos; fazia doações para um asilo de meninas órfãs, ressaltando que ainda ganhava dinheiro para comprar o que necessitava. Após demostrar os benefícios da atividade, faz uma constatação:

> É assim: são raras as pessoas que se interessam por isto! E olhou maternalmente para a hortaliça; pois olhe, minha filha, continuou, é uma grande coisa para a nossa casa uma boa horta! Eu ganho dinheiro com isto, presenteio muita gente e tenho sempre os meus jantares variados. A erva é um belo alimento. Eu não como carne. [...] Eu em moça cultivei flores; meu pai era floricultor; teve na sua terra, como muitos dos seus patrícios – ele era holandês – a monomania das tulipas: eu degenerei, e tenho a mania dos nabos e dos repolhos! Consolo-me com já ter tido a da Murta e das violetas. Afinal de contas todas essas manias são boas...(*O País*, Rio de Janeiro, 18 novembro de 1894).

O trecho destacado demonstra que há uma intencionalidade de valorização do trabalho feminino, não necessariamente doméstico, mas no espaço doméstico. A atividade de horticultora também nos remete à classe social da personagem, não se trata de uma mulher burguesa, aristocrata: "... com uns passos ligeiros, movendo os largos quadris sob um avental cinzento que lhe encobria a frente da saia demerinó preto" (*O País*, 18/11/1894, p.1).

O excerto trouxe ainda uma leitura daquilo que já estava entre nós e fazia parte de nossa identidade. No final do século XIX, a sociedade brasileira estava constituída por várias nacionalidades: “Meu pai era floricultor; teve na sua pátria, como muitos dos seus patrícios – ele era holandês”. Um registro do modo de vida dessa organização social e cultural tão marcante do Rio de Janeiro pode ser uma referência documental de uma realidade histórica sobre esses vários registros viabilizados pela literatura brasileira. Nessa análise, constatamos que a literatura não se prende apenas à cor local do espaço brasileiro, mas, também, insere por meio das representações, parte dessa hibridização presente no Brasil do século dezenove, do Rio de Janeiro da b*elle époque*.

Podemos inferir que os escritos que formam o manual expõem narrativas didáticas, contextualizando os ensinamentos a que se recomendam, ou seja, funções assumidas para abranger uma relação educativa: “- Aquele rapaz é agora o meu hortelão. Quando veio para aqui não sabia nada! Fui eu que ensinei... é esperto e humilde”.

“Da sala à cozinha” é o capítulo que fecha a segunda parte do que virá a ser o *Livro das noivas*. Esse escrito mostra justamente a grande questão em relação ao comportamento da autora ao utilizar um discurso que aborda o fazer feminino sem necessariamente entrar na questão feminista; a convivência harmoniosa da família, sem colocar mulheres e homens em campos de batalha, até porque corrobora com os valores socialmente aceitos.

Assim como o capítulo “Horticultura”, a narrativa gira em torno da visita de uma amiga, que mostra sua casa e, nessa demonstração, fala do ambiente, da decoração, do casamento. A dona da casa é Annita Mendes, uma mulher já de característica mais burguesa. Ocupando três partes da coluna do jornal, o capítulo já introduz a figura da criada de características de nacionalidade estrangeira: “uma suíça deslavada, de faces cor de nata e cabelo cor de milho maduro, apontou-me a melhor cadeira e saiu discretamente” (*O País*, 29/01/1895, p.1). Ao falar do casamento, Annita enaltece a figura do marido:

> - Vives no paraíso...
> - Vivo, mas a felicidade não vem disto, vem dele, que me compreende, me respeita e me ama. Quando eu me casei, não

> se te lembras, parti no mesmo dia para a roça, onde meu marido assentava pontes e lançava trilhos para a estrada de ferro. A casa que me esperava era rústica, velha, simples, ele espreitava muito receoso os meus movimentos. Atirei-me contente nos seus braços. Certamente que amor e uma cabana não é só uma frase, quando se tem vinte anos e o coração no seu lugar!

Essa valorização da figura masculina é uma maneira de manter a estrutura familiar harmoniosa, na qual o homem nunca deixa de ser o chefe. Esse preceito presente na principal obra da escritora foi sem dúvida um fator determinante para que suas obras tivessem maior consentimento social e colaborado para maior circulação dos seus ideais. Coincidência ou intencional, o certo é que o terceiro dos três capítulos publicados no jornal *O País* traz um enredo que se desenvolve a partir de mais uma visita. A forma narrativa, por vezes dialogada, faz com que questionemos a classificação dada aos manuais citados, caracterizados como livro de crônicas. Na verdade, trata-se de uma coletânea híbrida onde percebemos pequenos contos (gênero muito comum na produção inicial de Júlia Lopes), crônicas, manual, cartas.

Outro capítulo “Carta de uma sogra”, como o título sugere, traz o enredo em forma de cartas, mostrando a visão de cada personagem. Primeiro, a sogra fala da sua impressão sobre a noiva do filho: “Anunciaram-me a visita da minha nora. Meu reumatismo privou-me do prazer de lhe ir ao encontro... Quis pô-la a vontade. Falei-lhe muito do meu filho... Surpreendi-me chorando diante dos seus olhos, desgraçadamente enxutos”. Em seguida, a percepção da noiva sobre o encontro com a sogra: “A mãe do meu noivo assustou-me um pouco. Falando dele... chorou! Que força ignota motivaria aquele pranto? Ciúmes de mim? ... Saí apreensiva. Que me reservará o futuro? E por fim a mãe da noiva que faz aconselhamento para que haja harmonia após o casamento: “Quando o teu noivo te pediu, eu também chorei, mas tu não viste e tudo passou... Serei a sogra de teu noivo como a mãe dele será a tua... Sejas boa que há de ser feliz” (*O País*, 22/06/1895, p.1).

O que os três capítulos destacados acima têm em comum é a representação de mulheres que vivem para cuidar do lar, destinadas a serem mãe e esposa. Sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar,

costurar, atribuições da vida doméstica, privada. As mulheres presentes nestes escritos demonstram posição de obediência.

E assim prosseguiu Júlia Lopes sua trajetória no jornal *O País* até conseguir se firmar como a grande colaboradora da principal coluna, onde escreveram tantos outros escritores renomados como Aluísio Azevedo, Domingos Olympio, Coelho Neto, entre outros. Nesta coluna semanal, fazendo jus ao que a gente chamou de pluralidade de gêneros, Júlia Lopes não deixou de publicar também contos. Como de costume, antes de publicar em volume, a escritora divulgava a obra, primeiramente, nas páginas do jornal, não sendo diferente com o livro *Histórias da nossa terra*. Nos dias 27 e 28 de fevereiro e 2 de março de 1897, publica em capítulos o epílogo, "O gigante Brasilião". Essa parte do conto aparece no jornal como "Epílogo das *Histórias da nossa terra*", ao tempo que ratificamos que esse livro foi adotado pelas escolas primárias paulistas e destinado ao ensino de História do Brasil:

> O conto que ontem começamos a publicar, com o título *O Gigante Brasilião* é o epílogo de um novo livro da nossa distinta colaboradora D. Júlia Lopes de Almeida. O Plano do livro é novo entre nós, com ele se iniciará o ensino indireto, que dá ao professor excepcional importância, pois será ele e não o compêndio, o encarregado de explicar às crianças os pontos principais da nossa história. (*O País*, 28 de fevereiro de 1897).

A narração gira em torno de Vasco, tido como filho do Gigante Brasilião, mas criado por uma senhora conhecida como tia Micaela, após ser abandonado na porta de sua casa. A infância na zona rural fazia de Vasco um menino comprometido com a natureza: "Toda a gente o conhecia pelo filho do gigante, e não se admirava que ele tivesse herdado do pai aquele amor paternal por todas as coisas da natureza". Ao tornar-se adolescente, Vasco resolve procurar pelo pai. Realizou uma longa viagem a cavalo, viveu muitas aventuras e já cansado, ao chegar a uma vila, entra em uma escola infantil e ao contar sua história, interpela o professor sobre seu pai, o gigante Brasilião. "– Meu filho! O gigante Brasilião é uma lenda, é um nome que o povo deu ao nosso país". E acrescenta:

> Aqui ao norte vemos o estado do Amazonas, que podemos supor é a cabeça febril do gigante... do seu território despenha-se o mais formidável rio e ele e seus afluentes são como as veias... nesta cadeia à beira do oceano, vemos como a espinha do gigante, formada por todos estes Estados: Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro... (*O País*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1897)

Para Lajolo e Zilbermam (1984, p. 35-36), apesar da representação eufórica, telúrica e sensual constituir o modelo mais frequentemente assumido pelo livro infantil da época no cumprimento da missão de educar, o conto de Júlia Lopes trata o tema de forma diferenciada. Ao desvelamento da identidade do gigante em frente ao mapa, vale observar o mecanismo pelo qual o conto trabalha a noção de pátria e o sentimento de patriotismo. Júlia Lopes de Almeida recupera esse sentimento a partir de extratos lendários e crenças primitivas, como as que dão forma às representações iniciais do gigante Brasilião.

O conto *Gigante Brasilião* reafirma o engajamento de Júlia Lopes de Almeida em favor de algumas temáticas valorizadas em sua produção literária e jornalística: a natureza, a agricultura e a educação. Ao final da narrativa, o personagem professor traduz a intenção do discurso da autora:

> Fica comigo, estuda e quando souberes o que eu sei, voltarás para a tua choupana, embeleza-na e criarás em torno de ti um ambiente de paz e alegria, e lavrando esta terra bendita, enriquecerás a tua prole e farás fortuna do nosso pai comum - O gigante Brasilião! (*O País*, Rio de Janeiro, 02 de março de 1897, p.2).

Esse comportamento sugerido pelo professor ao filho do gigantão para que ele pela força do trabalho, em favor da produção agrícola e da valorização da terra está presente no romance epistolar *Correio da roça* também publicado em série no jornal *O País*, *corpus* a ser analisado no capítulo anterior.

Em quase sua totalidade, a obra de Júlia Lopes de Almeida surgiu primeiro para ocupar as páginas dos jornais e periódicos do entre séculos XIX e XX. Quer seja crônica, manual, conto, teatro ou romance foi através do jornal ou revista que a autora se deixou ler e apreender. Portanto, as condições de

produção jornalística ou literária da época, bem como as oportunidades e táticas percebidas, não podem ser ignoradas ao estabelecermos juízo de valor acerca da sua escrita em seu tempo.

Considerações Finais

Nosso trabalho percorreu duas importantes vertentes de pesquisa: as fontes primárias e a escrita da autora oitocentista, Júlia Lopes de Almeida, considerada a grande dama da belle époque brasileira. Apesar de já existirem significativas pesquisas sobre a produção literária da escritora, pouco são os trabalhos que focalizam sua produção no jornal, suporte fundamental aos escritores oitocentistas, bem como um agente de extremo valor para a construção da história da literatura.

Assim, precursor na revelação de grandes escritores no século XIX, o jornal foi o meio mais importante para Júlia Lopes de Almeida, substituindo ou antecipando, inicialmente as editoras, dando-lhe, sem exagero, um protagonismo jamais dado a outra autora no período do entre séculos XIX e XX. Na tese, consideramos fundamental o papel desse instrumento no processo de consagração da escritora, que ocupou com a sua dimensão intelectual alguns periódicos importantíssimos seja como romancista, jornalista, contista, cronista, etc. Júlia Lopes descobriu o jornal como elemento excepcional em que desenvolveu as múltiplas faces de sua imagem pública, todas unificadas pelo fazer literário.

Trazemos como ocorrência expressiva o fato de a autora inundar a imprensa com sua escrita desde os 19 anos de idade. Os periódicos contribuíram para a trajetória de consagração de sua escrita ao dar visibilidade e enaltecer, quase que diariamente, o seu papel como intelectual das letras, bem como a valorização de sua escrita. Neste ponto, para ilustrar o papel da imprensa em relação ao trabalho de Júlia Lopes, usamos das palavras de Socorro Barbosa (2007)quando esta afirma que o jornal é um lugar por excelência da multiplicidade discursiva; nele, revelam-se mesmo que de forma insipiente as vozes de uma “opinião pública”, da qual participavam os mais variados segmentos da sociedade, entre os quais as mulheres.

Sua produção jornalística e literária dialogou continuamente em torno de alguns temas dos quais destacamos dois que sempre foram muito caros à escritora: o papel social da mulher e a essencial valorização dos recursos

naturais. Sempre buscando colocar a mulher como protagonista, discorreu repetidas vezes sobre a educação e o trabalho femininos, bem como a respeito das questões da natureza e do meio ambiente. Pela complexidade dos seus vários escritos, constatamos a importância de se estudar a autora pela relevância que teve para o jornalismo, para a literatura e para a cultura.

Do mesmo modo, atribuímos similar importância à imprensa por proporcionar e expandir as fontes de pesquisas para o historiador, bem como a possibilidade de examinar e avaliar, dentre outros, as mudanças das práticas culturais, das condutas sociais em determinado período, as manifestações ideológicos de determinados grupos e a visibilidade dos gêneros. Todas essas atuações fizeram dos periódicos uma fonte de conhecimento e de memória histórica que não pode deixar de ser explorada. Assim como a escritora, o jornal deveria ocupar um lugar à luz das letras brasileiras.

Nesta seção final, retomamos a questão que permeia nossa pesquisa: a trajetória de consagração da escritora Júlia Lopes de Almeida nos jornais e periódicos oitocentistas, dando destaque ao jornal *O País*, responsável direto pela notoriedade dada à autora pelas quase duas décadas de colaboração, com raríssimos intervalos, e, sobretudo, pela pluralidade de gêneros, que confirmaram sua consagração e prestígio junto ao público leitor do jornal. A partir desse espaço e de outros periódicos, pudemos revisitar a memória perdida pela historiografia literária brasileira quando se refere à escritora Júlia Lopes de Almeida, que fora do jornal ocupa ainda um lugar imêmore.

Como não podíamos deixar de registrar, enfocamos com mais propriedade o trabalho de prosadora da escritora, através dos seus romances publicados em folhetim e em série nos jornais. Dedicamos dois capítulos para suas narrativas e com mais detalhes para *Correio da roça*, por duas razões: primeiro porque foi o único romance publicado no jornal *O País*, suporte que dá a dimensão do prestígio da autora; segundo, porque pudemos comprovar que esse trabalho de Júlia Lopes de Almeida se colocou numa confluência de gêneros e de formas. Ele é ao mesmo tempo folhetim, romance de natureza especial: epistolar, com personagens que são alternadamente responsáveis pelo foco narrativo, com ponto de vista de cada personagem, com perspectivas diferentes. Ele também pode ser visto como um manual campestre, pois possui

um conjunto de regras didáticas a respeito do trabalho com a terra, orientações de comportamento, sugestões de inserção social.

Além de caminhar pela confluência de formas, ao analisar as correspondências julgamos a passagem da versão em série para volume, fazendo um gotejo nas versões para perceber o que aconteceu nesta passagem. Reafirmamos que o enunciado que nos norteou para uma análise mais detalhada foram as páginas do jornal.

Salientamos que ao estudar *Correio da roça* também como um manual agrícola, tivemos que considerar outras obras análogas da autora: *Livro das noivas* e *o Livro das donas e donzelas*, ambas trazem conselhos e ensinamentos que contribuíram para o melhor desempenho da mulher, segundo o padrão oitocentista. Essas obras foram ícones em sua produção e pela estrutura e temática também ajudaram a cristalizar a ideia de que a escritora repetia os valores patriarcais.

Como se observou, também, este trabalho apresenta os achados literários da autora nos jornais. Escritos apreciados; outros esquecidos e alguns desconhecidos formam um patrimônio perdido que precisa ser retomado, valorizado, que pode, inclusive, redimensionar os estudos literários e o lugar da escritora na história da literatura. Também fizeram parte, desses achados, escritos que deveriam tornar-se livros, mas que ficaram apenas em projetos que não forram concretizados, como foi o caso das crônicas, em que a autora declarou fazerem partes do livro *Os outros*, que não consta em sua bibliografia, e que, pelas informações encontradas no jornal, ela não chegou a encaminhar para publicação, ou seja, sem o jornal parte dessa obra não seria apreciada e ficaria perdida.

Pelo exposto e por aquilo que dissemos nos capítulos desta tese, comprovamos que Júlia Lopes de Almeida tem sua história literária ligada aos jornais em uma posição singular. Repetimos, não há, neste período, nenhuma mulher que tenha conseguido permanecer tanto tempo em evidência. A história de um grande jornal como foi *O País* está ligada ao nome da escritora, em uma relação de quase vinte anos de colaboração. Ainda, não podemos deixar de considerar sua presença nos periódicos de São Paulo/Campinas e do Rio de

Janeiro, veículos de grande expressão histórica que tiveram, em suas páginas, a notória escrita de Júlia Lopes de Almeida.

Comprovamos ainda que pela abundância e grandiosidade de sua produção, configura-se como impreciso o juízo que fazem as autoridades literárias, “donas do cânone”, ao colocarem Júlia Lopes condita apenas no diletantismo, ou seja, sem a preocupação com o estudo e a reflexão permanentes, “por considerar que a arte deve ser uma forma de puro lazer, onde a vocação e o trabalho não tem lugar”. Avaliamos que este conceito não consegue abranger a dimensão e a variedade que faz da escritora Júlia Lopes de Almeida a grande personalidade literária feminina de sua época, uma mulher que escreveu no período entre séculos, que não foi apenas dona de casa, mãe, esposa. Pelo contrário, foi audaciosa e perspicaz ao invadir o “mundo” dos homens das letras, tendo registrado sua história nas páginas dos jornais.

Por isso, nossa tese vem trazer uma descoberta que pode contribuir para explicar a indiferença do cânone em relação à autora. Os jornais nos forneceram pistas de que o uso da linguagem lusitana, ou seja, o uso do português de Portugal pode ser mais um fator de exclusão da escritora nos registros da história literária brasileira, somada, é claro, ao fato da autoria feminina e da sugestão da prática de uma literatura diletante. No entanto, ainda mantemos a opinião de que um novo olhar poderia reparar essas três características que explicam, mas não justificam o desprezo.

Por isso, acreditamos que mais pesquisas junto aos periódicos possam acrescentar dados à memória literária produzida por Júlia no jornal. É possível que outras publicações possam trazer novos indícios sobre o fazer literário da escritora, podendo inclusive continuar os questionamentos a respeito do discurso em que coloca à sombra uma escritora que fez história nas letras brasileiras. Diante do que fixamos, saímos com a convicção de que se faz necessário alargar o olhar sobre a obra da escritora, que permanece ainda na penumbra do discurso, reiteradamente, excludente da historiografia oficial, mas em relevo nas páginas indeléveis da imprensa brasileira do seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DA AUTORA:

_____. Almeida Júlia Lopes de, Filinto de. *A casa verde.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

_____. (1901) *A falência.* Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. (1892) *A família Medeiros.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

_____. (1908) *A intrusa.* Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro, Biblioteca Nacional, 1994.

_____. *A isca.* Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

_____. (1903) *Ânsia eterna.* Rio de Janeiro: H. Garnier, 2013.

_____. (1914). *A Silveirinha:* crônica de um verão. Florianópolis: Mulheres, 1997.

_____. (1897). *A Viúva Simões.* Florianópolis: Mulheres, 1999.

_____. (1913) *Correio da roça.* Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. (1911) *Cruel amor.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

_____. (1910) *Eles e elas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

_____. *Era uma vez...(conto infantil).* Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1917

_____. (1907) *História da nossa terra*. 23.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

_____. *Jornadas do meu país.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.

_____. *Livro das donas e donzelas.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

_____. *Livro das noivas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1905.

_____. *Maternidade.* Rio de Janeiro: Olivia Herdy de Cabral Peixoto, 1925

_____. (1899) *Memórias de Marta.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

_____. (2013) *Pássaro tonto.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1934.

_____. *Traços e iluminuras.* Lisboa: Castro, 1887.

_____. VIEIRA, Adelina Lopes. *Contos infantis*. Lisboa: Companhia Editora, 1886.

OBRAS SOBRE A AUTORA:

AMED, Jussara Parada, *Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*, São Paulo, 2010.

DE LUCA, Leonora. *O feminismo possível de Júlia Lopes de Almeida* (1862-1934) Cadernos Pagu. Campinas, vol. 12, p. 275-299, 1999.

_____. *Relatório de Pesquisa Júlia Lopes de Almeida*. Campinas: UNICAMP, 1994

ENGEL, Magali Gouveia. *Júlia Lopes de Almeida* (*1862-1934*): Uma mulher fora de seu tempo? Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ).2009.

FANINI, Michele Asmar. *As encenações do gênero*: Considerações sobre a peça inédita A última entrevista, de Júlia Lopes de Almeida. Miscelânea, Assis, v. 10, p. 147-170, jul.-dez. 2011. ISSN 1984-2899

JUNIOR. Vicente Francisco de Paula. *Livro do Professor*. Vol. 6. Fortaleza: SAS, 2012. p. 2-3.

LUSO, João. IN: ALMEIDA, J. L. *Cruel Amor*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1963.

MOREIRA, N. M. de B. *A condição feminina revisitada:* Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2003.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. *Introdução*. In: ALMEIDA, Júlia Lopes. Correio da Roça: romance epistolar. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1987 (1913).

_____. I*ntrodução*. In: ALMEIDA, Júlia Lopes. *A Silveirinha – crônica de um verão*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora / os críticos / a escritura:* o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira. Porto Alegre, 2005. 206 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio grande do Sul.

_____. *Introdução*. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

SHARPE, Peggy. *Introdução*. In: ALMEIDA, Júlia Lopes. *A viúva Simões*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

_____. *Júlia Lopes de Almeida*. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). Escritoras brasileiras do século XIX. v. 2. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 188-238.

SOIHET, Rachel. *Comparando escritos*: Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores. In: MONTEIRO e LIMA (orgs). Entre o estético e o poético: a mulher nas literaturas clássicas vernáculas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006, p. 213-224.

SOUZA, Samantha Valério Parente. *Memórias de Marta*: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance, 2012.

TELLES, Norma. *Encantações:* escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. Tese de doutorado. PUC/São Paulo, 1987

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ABREU, Márcia. *Cultura letrada*: Literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2004.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida Privada e ordem Privada no Império.* In: NOVAIS, Fernando A. (org.). História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo, Cia. das Letras, 2010.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração:* discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo, HUCITEC, 1992.

_____. *Estética da Criação Verb*al. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, M. *História cultural da imprensa Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *História cultural da imprensa Brasil* 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura:* a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____ *Jornalismo e Literatura no século XIX paraibano*: Uma história, João Pessoa, 2011.

_____ *Literatura e Mídia*. Modos de ler e escrever nos jornais e periódicos brasileiros da primeira metade do século dezenove. João Pessoa, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004.

____. *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos* (vida literária e romantismo brasileiro). São Paulo: Polis, 1979.

BUITONI, Dulcília Schroeder, *Imprensa feminina*. São Paulo. Editora Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio, *A vida ao rés-do-chão*. IN: A crônica*. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas/ Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22.

_____. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 8.ed. são Paulo: T. A. Queirós, 2000.

_____. *Atualidade de um romance inatual.* In: RIO, João do. A correspondência de uma estação de cura. 3ª.ed. São Paulo: Scipione, 1992. p.IX-XVIII.

CARVALHO, José Murilo de – *Os Bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi – 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. Editores, 1919.

CASTELLO, José Aderaldo, *A Literatura Brasileira:* Origens e Unidade *(1500-1960*), São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CASTILHO, Marcio de Souza, “O amigo incondicional de todos os governos”: a trajetória de João Lage em *O País* nos primeiros anos da República, 2013.

CHARTIER,R.*A História Cultural*: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

_____.*O Homem de Letras*. In: VOVELLE, Michel. (Org.) O Homem do Iluminismo. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 119-53.

_____. *A ordem dos livros*. 2.ed. Brasília: UnB, 1999

_____. *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietudes. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo:* subsídios para a sua história.2.ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*: 1711-2001. Escrituras: São Paulo, 2002.

COSTA, Emília Viotti da.*Da Monarquia à República*: momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 2007.p. 449-492.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

COSTA, M. V. da. BARRENO, M. I.; HORTA, M. T. *Novas cartas portuguesas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura afortunada*. A tradição afortunada (o espírito da nacionalidade na crítica brasileira). São Paulo: Ed. da Univ. de São Paulo, 1968.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano*.Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura:* uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes*. Vidas de Romance:* as mulheres e o exercício de ler e escrever no entres séculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FANINI, Michele Asmar. *A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras:* Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua. Tempo soc. Jun 2010, vol.22, no.1, p.149-177.

FARIAS, Virna Lúcia Cunha de. *Machado de Assis na imprensa do século XIX*: Práticas, Leitores e Leituras. Tese de doutorado/UFPB. 2013

FERREIRA, Lucia M. A. *Representações da sociabilidade feminina na imprensa do século XIX*. Rio de Janeiro – UNIRIO, 2010.
FOUCAULT, M.*A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola. 2009

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano, Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

GALVÃO, Francisco. *A Academia de Letras na Intimidade*. Rio de Janeiro: Editora A Noite S&A. 1937.

GOTLIB, Nádia Battella. *Para um novo olhar*. IN: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). Escritoras brasileiras do século XIX. v. 2. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 15-19.

HAHNER, June Edith. *Emancipação do Sexo Feminino*: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. Santa Catarina: Editora Mulher, 2003.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. São Paulo. EDUSP. 1985.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Ensaístas brasileiras*: mulher no Brasil. 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: 1993.

LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

_____*. Romance epistolar*: o voyeurismo e a sedução dos leitores, *Matraga*, n. 14. Rio de Janeiro, 2002: 61-75.

LIMA, Sandra Lucia Lopes. *Imprensa feminina, Revista feminina:* a imprensa feminina no Brasil. 2007p. 221-240.

LINHARES, Temístocles. *História Crítica do Romance Brasileiro – 1728-1981*. Vol. 1. São Paulo: Itatiaia, 1987.

MASSAUD, Moisés. *A literatura brasileira*. Vol. III – O Realismo. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *A Criação Literária*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973

MARTINS, A. L. & DE LUCA, T. R. (Org.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). Ed. USP/FAPESP, 2008.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira:* 1897-1914. São Paulo: Cultrix, 1978.

MENDONÇA, Maria Helena. *A literatura de autoria feminina*: (re) cortes de uma trajetória. In RAMALHO. C. (org). Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 51-71

MENDONÇA, Sônia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888- 1931)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MEYER, Marlyse. *Folhetim* – uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas* – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro. Letras, 2002

NEEDELL, Jeffrey, *Belle Èpoque tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza, *Uma escrita do tempo*: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. IN: A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, Campinas/ Rio de Janeiro: Ed. Da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 75-92.

PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario. *Poder público e favelas*: uma relação delicada. In: Cidade: História e Desafios, Lúcia Lippi Oliveira, 2002.p.238 a 255.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de Ficção*: História da Literatura Brasileira (de 1870 a 1920). 3.ed.Rio de janeiro: José Olympio, 1973.

PRIORI, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2014.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.

RAGO, Elisabeth Juliska. *Outras falas*: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo, Annablume/Fapesp, 2007 .

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1994.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*: Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. *Rearticulando gênero e classe social*. In: Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.183-215.

SALIBA, Elias Thomé. *A dimensão cômica da vida privada na República*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 289-365

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico (orgs). *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e histórico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SERRA, Tania Rebelo Costa**.** *Antologia do Romance-folhetim* 1839 a 1870, EditoraBrasília/UnB, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2.ed. Rev. Amp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Fernanda Rachel Camargo da Silva. *Literatura Infantil no Brasil* – Figueiredo Pimentel. UEPG, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck, *História da Imprensa no Brasil*, São Paulo: Martins Fontes, 1966.

TELLES, Norma.*Fragmentos de um mosaico*: escritoras brasileiras no século XIX. 2005

VALENTIM, Claudia Atanazio. *O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

VERÍSSIMO, José. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

VIANNA, Lúcia Helena. *Poética Feminista* – Poética da Memória" in Poéticas e Políticas Feministas. Organizado por Claudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres. 2004.

____. *História da Literatura Brasileira:* de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Intr. de Heron de Alencar, 4.ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado*: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 1998.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira*: histórias & histórias. São Paulo: Ática, 1984.

ZOLIN, Lucia Osana. *Crítica Feminista*. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2009

BIBLIOGRAFIA RETIRADA DA INTERNET

MEDEIROS, Gracila Graciema de. OLIVEIRA, Helma Janielle Souza de.VELOSO, Wanessa Souto. *O Espaço Da Violência Contra A Mulher. Universidade Federal da Paraíba*, UFPB. A Violência contra a mulher no Brasil e na América Latina: uma análise à luz dos Direitos Humanos. II Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e Representações. Disponível: http://itaporanga.net/genero/gt8/8.pdf. Acesso dia 30 de julho de 2011.

RUFFATO, Luiz. *As causas femininas na obra de Júlia Lopes de Almeida.* Disponível em: <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/Júlia-2/> Acesso em: 30 de setembro de 2013.

MIRANDA, Antonio. *Emílio de Menezes*. Disponível em: <http://www.antonio miranda.com.br/poesiabrasis/parana/emiliodemenezes.html> Acesso em: 11 de agosto de 2014.

SOIHET, R. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. La manzana de la discórdia, v. 4, p. 33-42, Dic. 2009. Disponível: em: <http://manzanadiscordia.univalle.edu.co/volumenes/articulos/ V4N2/art4.pdf..>. Acesso em: set. 2014.

BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno Teixeira, disponível em: <http://www.unioeste.br / prppg / mestrados / letras / revistas / travessias/ed007/ LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf.> Acesso em: 2 de abril de 2015.

Em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/.> Acesso de 2014 a 2015.

Em:<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=36&sid=21> Acesso em: 02 de maio de 2015.

Em: <http://sna.agr.br.> Acesso: 8 de junho de 2015.

ARTIGOS DE JORNAIS

ACABA de sair do prelo. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, p. 2, 31 mar. 1892.

A SEMANA. *A Semana*. Rio de Janeiro, p. 1, n.1, 3 jan. 1885.

AMADO, Gilberto. *A Semana*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 2 abr. 1911.

LOPES, Oscar. *A Semana*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 23 jul. 1911.

SANTOS, José Marias dos. *A Falência*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 26 de jan. 1902.

NOVO folhetim. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.10 out. 1891.

AZEVEDO, Aluísio. *A família Medeiros*. *O Álbum*. Rio de Janeiro, p. 38 n.4, Jan.1893.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A grande artista*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 24 ago. 1909.

MENDONÇA, Lúcio de. A intrusa. *Kosmos*. Rio de Janeiro, p. 16, n. 4. Abr. 1905.

GUANABARINO, Oscar. *Artes e artistas*. *O País*, p. 3, 7 jun. 1910.

LOPES. Júlia. Iluminuras *As lágrimas*. *A Semana*. Rio de Janeiro, p. 4, n. 9, 28 fev. 1885.

MAGALHÃES, Valentim. *Às leitoras da Estação*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p. 31-2, n. 6, 31 mar. 1893.

A MASSA geral dos leitores. *A Notícia.* Rio de Janeiro*,* p.2, 29 set.1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A mesa*. *A Estação*. Rio de Janeiro*,* p. 1*,* n. 18*,* 30 set. 1885.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A mesa*. *Gazeta de Campinas.* São Paulo*,* p.1, 8 out. 1885.

WORMS, Ecila. *Modas. O País.* Rio de Janeiro, p.1, 24 fev. 1892.

WORMS, Ecila. *A Moda*. *O País.* Rio de Janeiro, p.1, 29mai 1894.

WORMS, Ecila. *A Moda. O País.* Rio de Janeiro, p.1, 20 jan. 1899.

WORMS, Ecila. *A Moda*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 29 mai. 1893.

WORMS, Ecila. *A Moda. O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 31 mai 1901.

A MORTE de Júlia Lopes de Almeida. *O País*. Rio de Janeiro, p. 2, 1 jun. 1934.

MATOSINHOS, S. Salvador de. *Ao público*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 27 abr 1890.

APUROS de um pai. *O País*. Rio de Janeiro, p. 6, 29 jan. 1899.

MENDONÇA, Lúcio de. *As três Júlias. Almanaque Garnier*. Rio de janeiro, p. 247-49, ano V, mar 1907.

DOLORES, Carmem. *A vida literária*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 5, 12 jun. 1906.

A VIÚVA Simões. *Trata-se de mais um livro*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p. 144, n. 24, 31 dez. 1897.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A viúva Simões*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.1, 4 abr. 1895.

BIBLIOGRAFIA, *Família Medeiros*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 2, 17 jan. 1893.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Carta de uma sogra*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 22 jun. 1895.

CHEGARAM anteontem de S. Paulo. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 14 jul. 1895.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Poesia moderna*. *O País*. Rio de Janeiro, p.3, 4 dez. 1887.

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da carochinha. O País.* Rio de Janeiro, p. 3, 26 jan. 1899.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 14 set. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 28 set. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 2 nov. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 16 nov. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 30 nov. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 12 abr 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 3 mai. 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 25 out. 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 13 dez. 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 17 out. 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Crime premeditado*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 8 fev. 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Crime Consumado*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 22 fev. 1910.

CRÔNICA do dia, da Exma. Sra. Júlia Lopes de Almeida. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, p.2, 10 jan. 1893.

HEROE, O ELOY. *Croniqueta*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p.17, n. 2, 31 jan. 1893.

HEROE, O ELOY. *Croniqueta*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p. 63, n.16, 31 ago. 1888.

HEROE, O ELOY. *Croniqueta*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p. 92, n. 24, 31 dez. 1888.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Da sala à cozinha*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 29 jan. 1895.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Dois dedos de prosa*. *O País*, Rio de Janeiro, p.1, 30 mar.1909

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Dois dedos de prosa*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 31 out. 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Dois dedos de prosa*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 26 dez. 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Dois dedos de prosa*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 4 jun. 1912.

D. JULIA Lopes de Almeida. *Revista Feminina*. Rio de Janeiro, p. 15, n. 34, 1 mar 1917.

CAMPOS. Humberto de. *Dona Júlia*. *A Noite*. Rio de Janeiro, p. 1-2, 2 jun. 1934.

DONA JÚLIA e sua obra. *A Noite*. Rio de janeiro, p.5, 12 abr 1939.

GODOY, Horto de. *Dos vícios de linguagem*. *A Semana*. Rio de Janeiro, p. 157, n. 20, 16 dez.1893.

ENFERMOS, Acha-se já completamente. *O País*. Rio de Janeiro, p. 5, 24 set. 1920.

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.2, 15 fev. 1912.

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.2, 17 fev. 1912.

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.2, 19 fev. 1912,

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.2, 26 fev. 1912,

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.4, 9 mar 1912,

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.3, 21 mar 1912,

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.4, 30 mar 1912,

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.6, 5 abr 1912.

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p.3, 20 abr 1912.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. ENTRE amigas. *A Mensageira*. São Paulo, p.3, n. 1, 15 out. 1897.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Flores*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 15 out. 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Folhetim Família Medeiros. *Gazeta de Notícia*. Rio de Janeiro, p.1, 19 out. 1891.

V. Gazetilha literária. *A Semana*, Rio de Janeiro, p. 197, n. 129. 18 jun. 1887.

HOMENAGEM. *Revista da ABL*. Rio de Janeiro, p. 264, tomo II, 1935.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Horticultura. O País*. Rio de Janeiro, p.1, 18 nov. 1894.

INSTITUTO Cultural argentino brasileiro*. A Noite*. Rio de Janeiro, p. 2, 30 mai. 1936.

JÚNIOR, Raimundo Magalhães. *Revista da ABL*. Rio de Janeiro, s/p,tomo VI, 7 abr. 1981.

LIVROS novos. *A Noite*. Rio de Janeiro, p. 4, 24 jun. 1914.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Modas*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 23 fev. 1892,

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Murmúrios*. *Gazeta de Campinas*. São Paulo, p.1, 10 abr 1884.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Mutações*. *A Semana*, Rio de Janeiro, p.1, n.12, 21 mar 1885.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Mutações. Correio de Campinas*. São Paulo, p.1, 24 mar 1885.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Não vale a pena*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 14 jun. 1910.

NOTICIÁRIO. *Gazeta de Campinas*. São Paulo, p.1, 17 fev. 1885.

NOTICIÁRIO. *Gazeta de Campinas.* São Paulo, p.1, 24 mar 1886.

NOTÍCIAS literárias. *O País*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1921, p. 4

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Nicácio up to date*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 1 mar 1910.

NICACIO up to date. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, p. 29, n. 11, 12 mar 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Nuvem negra*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 11 jan. 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O arrasamento do morro*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 6, 13 fev. 1910.

AZEVEDO, Arthur. *O caiporismo das flores*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 26 out. 1902.

NELSON. Isabela. *O congresso de jornalistas*. *O País*, Rio de Janeiro, p.1, 22 out. 1912.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O dote*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 11 mar 1907.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O Gigantão Brasilião*. *O País*. Rio de Janeiro, p.2, 27 fev. 1897.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O Lar*. *A Estação*. Rio de Janeiro, p. 68, n. 23, 15 dez. 1888.

O LIVRO TRIUNFA, *as revelações inéditas de um livreiro*. *A Noite*. Rio de Janeiro, p.1, 18 jul 1912.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O monólogo do Rocha*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 13 jun.1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O nariz postiço das opiniões*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 26 out. 1909.

M.A.*O Nosso novo folhetim*. *A Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 117, n. 7, 1 set. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Os outros*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 3 ago. 1909.

O PAIZ, *por menos acreditados*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 1 out. 1884.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O Perigo das cartas*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 9 set. 1909.

LEMOS, Eugênio de. *O teatro nacional*. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 30-1 de março de 1911, p.3

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 2, 17 fev. 1912.

COLLOR, Lindolfo. *O teatro nacional. O País*. Rio de Janeiro, p. 3, 20 abr. 1912.

PALESTRA, no teatro João Caetano. *O País*. Rio de Janeiro, p. 5, 4 set. 1908.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Pelo teatro*. *O País.* Rio de Janeiro, p. 1, 5 out. 1909.

PUBLICAREMOS amanhã o artigo. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 13 jul. 1908.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Quem não perdoa*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1-2, 2out. 1912.

M. A. *Quinze dias*. *A Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 59, n.19, 1 mar 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Reflexõesde um filantropo*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 1, 26 jul 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Saudades*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 6 out. 1908.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Segredos indecifráveis*. *O País*, Rio de Janeiro, p.1, 31 ago. 1909.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ser mãe*. *A Família.* Rio de Janeiro, p. 5, 14 nov. 1889.

E. de. M. Teatros. *A Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 125, n.81, 1 out. 1912.

E. de. M. Teatros. *A Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, p. 142, n. 82, 16 out. 1912.

MONTEIRO, Bento Ribeiro Carneiro. *Teatro municipal*. *O País*. Rio de Janeiro, p. 17, 1 mai. 1913.

SILVA, João Ernesto da. *Um plágio*. O País. Rio de Janeiro, p. 3, 14 fev. 1885.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Um pouco de feminismo*. *O País.* Rio de Janeiro, p.1, 13 jan. 1908.

UMA VISÃO de Paris e outras metrópoles da Europa. *A Noite*. Rio de Janeiro, p.2, 11 mai.1931.

VIAJANTES, *deixam hoje esta capital*. *O País*. Rio de Janeiro, p.3, 1 abr. 1913.

VIDA SOCIAL é especial grato. *O País*. Rio de Janeiro, p.5, 17 fev. 1914.

MOURÃO, Abner. *Vitórias femininas*. *O País*. Rio de Janeiro, p.1, 15 out. 1912.

PERIÓDICOS CONSULTADOS:

A Bruxa. Rio de Janeiro, 1896-1897. Semanal

A Estação. Rio de Janeiro, 1879-1904. Quinzenal

A Família. São Paulo/Rio de Janeiro, 1888-1894. Semanal

A Mensageira. São Paulo, 1897-1900. Mensal

A Noite. Rio de Janeiro, 1911-1964. Diário

A Notícia. Rio de Janeiro, 1894- 1916. Bi-diário
A Semana. Rio de Janeiro, 1885-1895. Semanal
Almanaque Garnier. Rio de Janeiro, 1903-1914. Anuário
Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1821- Diário
Estado de São Paulo. São Paulo, 1875-atual. Diário
Correio de Campinas. São Paulo, 1885-1919. Diário
Gazeta de Campinas. São Paulo, 1869-1888- Diário.
Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1875-1956- Diário
Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, 1884-1934. Quinzenal
Jornal do Comercio. Rio de Janeiro, 1872-atual. Diário
Jornal Rascunho. Paraná, 2000- atual. Mensal
Nosso Jornal. Rio de Janeiro, 1919-1920. indeterminado
O Álbum. Rio de Janeiro, 1893-1895- Semanal/inderterminado
O País. Rio de Janeiro, 1884-1934. Diário
Revista da ABL. Rio de Janeiro, 1855-atual. Indeterminado
Revista Feminina. São Paulo, 1914-1936. Mensal.
Revista Fon-Fon. Rio de Janeiro, 1907-1958. Semanário
Revista Kosmos. Rio de Janeiro, 1904-1909. Mensal

ANEXOS

ANEXO A - Artigo escrito por Júlia Lopes no jornal *Gazeta de Campinas* – (17/02/1885).

“Questão de plágio”

Pela nossa ilustre colaboradora, a exma. Sra. D. Júlia Lopes, foi-nos enviada a carta que em seguida damos, conforme nos ordena a inteligente escritora, desde já emprazamos a redação do *Comércio do Iguape*, onde um tal senhor João Ernesto da Silva diz que publicou em 1883 o seu escrito “Berço do amor” que é um plágio de outro escrito da Exma. Sra. D. Júlia Lopes, a apresentar-nos um exemplar da folha que inseriu aquela produção do referido senhor.

Ernesto da Silva, a quem absolutamente não conhecemos deve de agora em diante conosco, unicamente, entender-se nesta questão.

E das duas, uma:

Ou é um pseudônimo de um indivíduo que se apresenta para encobrir um gaiato, que apenas quer entreter gracejo de mau gosto ou é um plagiário insólito que deseja fazer figura à custa alheia.

Em todo o caso não passa de um homem leviano esse que ora aparece pela seção livre do *Paiz*, a provocar, desprimorosamente, polêmica com uma senhora de fina educação.

Eis a carta:

Sr. Redator da *Gazeta de Campinas*,

Principio por agradecer-lhe a transcrição da carta por mim dirigida ao redator do *Paiz*. Rogo-lhe agora um favor. Acabo de ser surpreendida por um protesto do Sr. João Ernesto da Silva, que não conheço, inserto ao mesmo jornal, a respeito da "Iluminura" em questão.

Diz esse senhor ter escrito no *Comércio de Iguape*, se bem me lembra em 1883, o artiguete "Berço do amor" que eu em 1884 escrevi na *Gazeta de Campinas* com o título "Murmúrios".

Não posso entreter polêmicas, por isso peço-lhe, como melhor meio de cortar a discussão, declarar que há quase um ano saiu na *Gazeta*a dita "Iluminura" e emprazar o redator do citado jornal de Iguape a apresentar o original do Senhor Silva.

O respeito que tenho pelo crédito da *Gazeta de Campinas*, onde me honro de haver iniciado a minha curta vida de escritora, leva-me a pedir com instância a sua intervenção neste assunto.

Sou com muita consideração

Sua veneradora,

Júlia Lopes.

ANEXO B – Publicação de uma Iluminura da autora Júlia Lopes na revista *A Semana*, (28/02/1885)http://hemerotecadigital.bn.br/.

As lágrimas

Pouco antes de morrer tinha ela na mão a pétala côncava de uma rosa branca, em que docemente brilhava uma gota de orvalho.

- Vê, mamãe? Treme e não cai!

Que limpidez, que transparência, olhe, repare como reflete assim o azul e assim o escarlate...

Desde que venha do céu a mais pequena coisa espelha o infinito!

Nesse momento levantou os olhos e viu nas faces pálidas da mãe duas gotas de pranto.

Tornou-se pensativa e com voz trêmula:

- Não quero essas lágrimas!...

- Mas por que as fitas tanto, meu amor?

Perguntou-lhe a mãe, sorrindo com esforço.

E ela respondeu:

- Porque me vejo nelas.

-

Viriam também do céu?

Vinham do coração.

Júlia Lopes.

ANEXO C – Publicação de capítulo do *Livro das noivas* da autora Júlia Lopes na revista *A Estação* (15/12/1888).http://hemerotecadigital.bn.br/

AS NOSSAS CASAS

O LAR

No meio das diversidades da vida, nas difíceis passagens do mundo, quando na luta das paixões, no turbilhão entontecedor dos personagens nos sentimos desfalecer e cair uma ideia suave penetra em nosso espírito, um sentimento salvador nos anima se olharmos com atenção para essa causa tão simples e tão bela, tão moral e tão santa, - a nossa casa, refúgio sagrado em que não há mistérios e onde inteira a nossa alma se reflete. O teto que nos cobre é um teto amigo, as paredes que...

(continua)

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO D – Publicação de capítulo do livro *A família Medeiros* da autora Júlia Lopes no jornal *Gazeta de Notícias* (19/10/1891).http://hemerotecadigital.bn.br/

A família Medeiros

Cap. III

A dona da casa tivera o cuidado de mandar buscar com urgência as malas do filho. Durante as horas de palestra familiar, de descrições da viagem, dos exames e de vários episódios com que se entretiveram de manhã. Seguira o pajem a toda a brida no desempenho dessa previdente missão. Ás duas horas, Otávio reformava com satisfação a sua *toilette*, no seu quarto de outrora, um quarto branco, pequeno, com uma janela de peitoril sobre o campo; às três, reunia-se ao pai, na mesma sala da frente, onde já era esperado com impaciência e para onde o haviam chamado, quando ele ainda começava a abotoar o colarinho em frente ao espelho. Chegando ao corredor, viu que paravam no terreiro os troles dos visitantes. O pai fez-lhe um sinal de que se aproximasse.

O comendador Medeiros esperava de pé, no patamar, radiante de alegria, os amigos que ia sucessivamente apresentando ao filho.

- Major Trigueiros, futuro sogro de Nicota...

O major Trigueiros era um velho alto e magro, de grandes bigodes e pera branca, cara curta, engelhada, olhos acastanhados e redondos, movimentos esquisitos e angulosos, trazendo a ideia de quem atentasse nele o todo extravagante e bizarro da cegonha. Otávio cumprimentou-o afavelmente. Seguiu-se o noivo de Nicota, Álvaro Trigueiros, um rapaz baixo, moreno, de barba rala, rente ao rosto inexpressivo, beiços finos e rasgados, cabelo caído na testa, numa pasta luzidia e chata. Agora era o Azevedo, promotor público, rapaz de estatura mediana, claro e loiro, com olhos muito azuis a brilhar através das lunetas, barba em ponta, pele bem tratada. Por fim subiu o compadre Antunes, o único já conhecido de Otávio, homem gordo, grisalho, de suíças curtas e nariz pequeno enterrado entre as bochechas carnudas; colete desabotoado, casaco a luzir nas costuras, lábios grossos, unhas rentes, ex-feitor da fazenda de Santa Genoveva, cargo que exercera durante anos e de que se despedira para tomar conta da lavoura de um filho, que lhe morrera vítima dos escravos.

Entraram todos para a sala dos homens, onde não estava nenhuma senhora. Depois de meia dúzia de perguntas banais sobre a viagem, e dos parabéns pela volta de Otávio, distribuíram-se aos grupos conversando descansadamente sobre as últimas eleições e futuras colheitas, alforrias e corridas de cavalos, etc. O major Trigueiros elevava a voz, áspera e cortante, acima de todas as mais, desfechando raios de cólera sobre os conservadores que tinham feito uma grande entrada na urna eleitoral, enquanto o compadre Antunes perguntava ao Azevedo se havia gostado da última corrida no hipódromo de Campinas.

- Que sim, afirmava o promotor, e que só para ver as moças bonitas de Campinas, valia a pena ir lá. – E a égua do Aranha Bernardino , hein? Que bom animal! É inglesa e legítima! Ganhei nela há três meses; aquilo é que é!

Otavio aproximou-se do noivo da irmã, Trigueirinhos remexeu-se e falou-lhe de um modo constrangido, trocando amiúde o l pelo r. Cansado da viagem e da conversa, Otávio foi encostar-se a uma janela.

O terreiro de tijolo, para a seca do café, estendia-se muito limpo e largo diante da casa. Ao pé da escada de pedra, dormiam dois cães, estiradamente ao sol; lá embaixo, no grande tanque, havia cintilações douradas de luz na água serena, e os pombos voavam aos bandos de entre uma cerrada touceira de bambus. Os troles, sem cavalos, inclinados para frente sobre os varais, alinhavam-se à sombra e do lado oposto da cancela, entre as palhas de milho espalhadas, fossavam os porcos. Muito além, fechando o horizonte, a floresta unia com uma linha lutuosa e reta a terra ao céu.

Aquela paisagem entretinha-o mais do que tudo que se dissesse lá dentro. Otávio deixou-se ali, longamente, até que o foram chamar para o jantar. Na grande sala a mesa coberta de cristais oferecia um aspecto brilhante. Ao fundo as senhoras conversavam. Otávio foi apresentado à mestra de Noêmia, Mme. Gruber. Os servos e mesmo a dona da casa simplificavam lhe o nome, chamando-a de Madame, simplesmente. Era uma senhora de quarenta anos, alta, magra, muito loura, vestida de castanho, com um colarinho de homem e um alfinete redondo, de marfim, segurando-lhe a gola do vestido.

Nicola e Noêmia trajavam irmãmente de azul, com lacinhos de veludo preto nos punhos e no pescoço. A mãe ia e vinha, falando baixo com as mucamas, fazendo tilintar as chaves dos armários, atenta e cuidadosa para que não faltasse coisa alguma.

Sentaram-se à mesa; de um lado ficaram os homens, do outro lado as senhoras, no sistema paulista. Só lá para o fim da mesa se alteraria a ordem por falta de espaço e passou o promotor para ao pé das senhoras. Otávio percorreu a vista pelo recinto, admirado de não ver a prima, quando ela apareceu. Sentou-se entre a professora e o Dr. Azevedo, que ao vê-la, se levantou corando. À cabeceira, o dono da casa falava muito alto aos convivas. Otávio, colocado ao pé, assistia às baterias de perguntas e respostas. Era uma bulha de vir tudo abaixo! O moço de vez em quando olhava em redor. O Trigueirinho comia com a faca, olhando para o prato, não bebia vinho, molhava, de vez em quando os beiços num copo de água e continuava depois muito sério a encher a boca de feijão, ervas e pasteis folhados. Em frente dele, a noiva, menos preocupada com o prato, lançava-lhe de muito em longe um olhar rápido. Noêmia ria alto, dando às vezes uns guinchinhos agudos, ao ouvir o

compadre Antunes contar as velhas anedotas colhidas nos almanaques. A mãe apontava aos pajens os copos a encher e os pratos a renovar, e, lá no fundo, Mme. Gruber comia sem interrupção e o Dr. Azevedo curvava-se falando para Eva que o escutava distraída, empurrando com o pão a comida para o garfo.

Travara-se uma discussão entre o Major Trigueiros e o dono da casa, as vozes foram subindo; altercavam, gritando. O comendador Medeiros repetia com desdém as afirmações do outro: “Capaz! Capaz!” E o cavanhaque do major salientava-se, vinha para a frente, ia para trás, num movimento contínuo. Entretanto, as outras pessoas tratavam de falar mais alto entre si, para que as suas vozes não fossem abafadas. De repente a questão acabou. O comendador bebeu um copinho e vinho do Porto com água, e o major, esquecendo momentaneamente que não estava em sua casa, fincou o calcanhar esquerdo no banco em que só assentava, elevando o joelho pontudo à altura da barba.

Aproveitando o momento de menos bulha, o Azevedo levantou-se, ergueu o copo e brindou a família Medeiros, felicitando-o pelo regresso de um dos seus membros: arranjou um discurso florido, num estilo guindado, onde de vez em quando aparecia como um espantalho um nome histórico. Aquilo durou. Ele lançava a voz em inflexões de efeito, arrastando-a dos tons mais graves ao mais agudo falsete.

As senhoras ouviam-no paradas, com os olhos fitos nele. Como isso fosse pelas alturas da sobremesa, o major trigueiros mergulhava no seu grande prato, transbordante de leite, um grosso naco de abóbora açucarada, e o compadre Antunes ia devastando os cálices de doce de batata, coisa muito da sua predileção.

Quando se levantaram da mesa, Otávio suspirou de alívio; precisava de ar fresco e de descansar os ouvidos aturdidos na distração de um passeio ao jardim com as irmãs e a prima.

O comendador, porém, arrastou-o com os amigos a ver a nova casa de máquina, extensa e assente no baixo de uma colina, por onde desceram à sombra de limoeiros floridos, dali passaram ao açude, ao paiol, ao moinho e à estrada nova, ladeada pelos canaviais de um verde macio e fresco, até ao cafezal, onde os carreadores muito limpos se estendiam a perder de vista. O

comendador á frente guiava a comitiva, orgulhoso da sua propriedade. Os outros comentavam alto o que iam vendo.

- Olhe meu amigo, chamava o Major Trigueiros, as suas terras parecem que já estão cansadas...

- Qual! – protestava o fazendeiro, nunca deram como agora!

- Isso não quer dizer nada. Desconfio muito desta secura e amarelidão! E indicava com o beiço inferior o terreno. A minha é roxa, que lá as terras do sertão valem muito mais...

O Azevedo ia ao lado do Trigueirinhos, conversando num tom discreto, e o compadre Antunes, que ia atrás, reteve Otávio e perguntou-lhe abruptamente:

- Que tal lhe pareceu sua prima?

Como não recebesse em resposta senão um olhar de estranheza e surpresa, o Antunes continuou:

- Eu vos explico. Aquela moça é perigosa manhosa com o seu arzinho de santa é capaz de por esta casa de pernas para o ar! Foi bom que o senhor chegasse para tomar sentido em certas coisas... Eva intriga!

A um sorriso de incredulidade de Otávio o outro afirmou com lampejos claros nos olhos pequeninos:

- Intriga sim! Detesta vosso pai, ora aí está. Gosta do Azevedo e o Azevedo está-lhe com o olho no dote... sabem ambos que o comendador deve ao banco uma grossa bolada...

- E daí? E então? Perguntou Otávio no mesmo tom de leve zombaria

- Daí? O diretor do banco é o tio do Azevedo! Compreende agora?

- Perfeitamente. É uma história assim parecida com a do Castelo de Chochurumelo.

- Isso é que eu não afirmo, porque não sei o tal conto do castelo.

- Pois, meu amigo, é sério; ora imagine que é a de um cão que mordeu o gato, que matou o rato que roeu a correia que atava a chave do Castelo de Chochurumelo.

(continua)

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO E – Publicação de capítulo do livro *A viúva Simões* da autora Júlia Lopes no jornal *Gazeta de Notícias* (04/04/1905).http://hemerotecadigital.bn.br/

A VIÚVA SIMÕES

Apesar de moça e de rica, a viúva Simões raras vezes saía; dedicava-se absolutamente à sua casa, um bonito chalé em Santa Tereza. Vivia sempre ali; inquirindo, analisando tudo num exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus cinco criados: a Benedita, cozinheira preta, ex-escrava da família; o Augusto, copeiro, francês, habituado a servir só gente de luxo; a lavadeira Ana, alemã, de rosto largo e olhos deslavados; o jardineiro João, português; homem já antigo no serviço, e uma mulatinha de quinze anos, cria de casa, a Simplícia, magra, baixa, com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terríveis.

Não era fácil dirigir pessoal tão diferente em raças e em educação. A viúva; modesta, e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia ali, dentro das suas paredes, toda a sua atividade.

Em vida do marido frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que ele partiu sozinho para o outro mundo, ela encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase nevrótica.

Adquirira fama de *menagère* exemplar; e então levava o escrúpulo a um ponto elevadíssimo para não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa. Levantava-se cedo; percorria o jardim, a horta, o pomar, o galinheiro; censurava o hortelão pelo menor descuido; via bem até as mais insignificantes ninharias: a grama precisava ser aparada... As roseiras careciam de poda; porque não se enxertavam estes ou aqueles pés de fruta? O homem respondia que já tinha deliberado aquilo mesmo, e ela passava adiante, sempre com perguntas ou ordens. No interior era um chuveiro de recriminações.

A cozinha tomava-lhe horas. Passava os dedos nas panelas e nos ferros do fogo, a ver se estavam limpos; cheirava as caçarolas; obrigava a Benedita a arear de novo tachos e grelhas, a lavar a tábua dos bifes e o mármore das pias e da mesa. Se havia alguma torneira pouco reluzente ou alguma nódoa no chão, detinha-se, exigindo que se corrigisse a falta logo ali, à sua vista. E era assim por todos os compartimentos, minuciosa, ativa, severa.

Lamentava-se da falta de método, que a obrigava a ter em casa tantos criados; mas se pensava em despedir algum deles, achava-o logo indispensável. A casa era grande e o dia curto para observá-la em todas as suas exigências. A viúva não fazia outra coisa senão mandar; entretanto não lhe sobrava tempo para mais nada.

Tinha de vez em quando as suas horas tristes, em que a inteligência se lhe revoltava contra a monotonia daqueles meses que se desfolhavam iguais em tudo, sempre iguais... O corpo cansado não reagia, e o pensamento nadava preguiçosamente em ideias vagas, coloridas pelo romantismo da idade em que as alegrias e entusiasmos da mocidade já não existem, e em que as friezas da velhice ainda não chegaram... Ela tinha uma filha, Sara, que era o seu conforto e a sua agonia. Por causa dela renunciava aos divertimentos do mundo, exagerando as suas atribuições caseiras. Tinha medo de apaixonar-se um dia, fugia do perigo de amar, de trazer para casa, para o gozo do seu corpo e da

sua alma, um padrasto para a filha, um estranho com quem tivesse de repartir os seus cuidados e as suas riquezas.

O seu temperamento, aparentemente frio, dava-lhe por vezes momentaneamente, um ar de rija autoridade, muito em contradição com o seu tipo moreno, de brasileira. No trato comum era calma, e tinha sempre o cuidado de não trair as suas horas de desfalecimento, em que lhe passavam pela mente desejos e idílios irrealizáveis...

A viúva já não tinha a frescura da primeira mocidade, mas era ainda uma mulher bonita. Era alta e esbelta e tinha um par de olhos pretos belíssimos e uma pele morena delicadamente penujenta e macia.

A sua carne já não tinha a rijeza do pomo verde, que resiste à dentada, e caía sobre ela todo um ar de moleza, de doce cansaço, que lhe quebrantava a voz e o gesto. Vinha dela um encanto esquisito e delicado, que ninguém afirmaria ser da pureza das suas linhas ou da maneira que tinha de andar, de sorrir ou de dizer as coisas.

Aos domingos a vida era mais calma. Os criados trabalhavam afincadamente ao sábado, em lavagens, polimentos, renovações de plantas e de flores nas salas, e gozavam de lazeres maiores e permissões de passeios no dia imediato. A viúva então respirava de alívio com o silêncio e a ausência dos servos que se revezavam no serviço.

Num domingo de junho de 1891, ela sentou-se na sua sala, muito fresca e perfumada; e, estendida numa cadeira de balanço, perto da janela, pôs-se muito sossegadamente a ler um jornal do dia.

Estava num dos seus momentos de melancolia; almejava qualquer coisa que ela mesma não sabia definir. Era a revolta surda contra a pacatez da sua vida sem emoções, contra aquele propósito de enterrar a sua mocidade e a sua formosura longe dos gozos e dos triunfos mundanos.

O que lhe parecia agora um sacrifício parecera-lhe horas antes uma delícia. A verdade era que a viúva além, do medo de comprometer a felicidade da filha, sentia preguiça de cortar de uma vez aquele sistema recolhido de vida, iniciado pelo marido, um pouco ciumento.

Os seus olhos percorriam superficialmente todo o jornal, quando de súbito estacaram num ponto. Por muito tempo não se despregaram de quatro

linhas banais, lendo-as e relendo-as até que o jornal, levado por um dos seus gestos lânguidos, caiu aberto sobre os joelhos. Voltada para o sonho, ela continuou imóvel, com os membros lassos estendidos sob as roupagens longas e negras do seu ainda rigoroso luto de viuvez, e pôs-se a seguir com o olhar, que o pensamento erradio tornava ora abstrato, ora pensativo, uma barquinha de velas pandas que deslizava lá embaixo, isolada e pequenina, na solidão das águas.

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO F – Publicação de capítulo do livro *Correio da roça* da autora Júlia Lopes no jornal *O País* (14/09/1909).http://hemerotecadigital.bn.br/

CORREIO DA ROÇA

—

"Minha Maria – Queixas-te de que enviuvaste, ficando com poucos haveres e quatro, filhas moças, educadas para a cidade e que te vês obrigada a confinar, por economia, dentro da tua velha fazenda do – Remanso – a que adicionaste o sítio ainda mais velho da Tapera, agora herdado de teu pai. Acho que estás muito bem.

E com certeza por modéstia que te lamentas da escassez de meios, tendo a rodear-te quatro cabeças inteligentes, oito braços fortes e a tua disposição não sei quantos quilômetros de terras, planas umas, montanhosas outras e todas localizadas a não muito grande distância da estrada de ferro.

Para animar-te e animar outras roceiras mergulhadas como tu no silêncio da solidão, apenas cortado à noite pelo coaxar dos sapos e o trilar dos grilos, de manhã pelas modulações dos sabiás e ao por do sol pela nota plangente de uma carroça de bois, é que eu dou à publicidade esta carta, que

esperava ver entrar-te em casa dobrada em quatro, dentro de um envelope a cujo tipo já está habituada.

Entremos no assunto:

Vejo que as tuas filhas te preocupam, estiolando-se nesse clima magnífico pela mórbida cultura de saudades dos nossos saraus e das nossas avenidas... Antes cultivassem batatas, filha. Para que se não indignem, faze-lhes notar que esta opinião ainda tem de ofensiva. As batatas nacionais têm de ofensiva. As batatas nacionais, sobretudo as que no nosso mercado tem a denominação de – batatas rim – Nessas de pele, ovais de forma e de cor branca ou arroxeada, são incomparavelmente superiores a quaisquer das outras estrangeiras que importamos de França ou de Portugal, da Nova Zelândia ou do Chile. Por mim afirmo-te que os meus fornecedores têm ordem de não proverem com outras a minha despensa, a não ser quando elas em absoluto nos faltem na praça, o que é frequente. E por quê? Por que são cultivadas em pequena quantidade e todas se esgotam mal aparecem no mercado. Dizem também que as batatas nacionais se estragam mais depressa do que as estrangeiras, porque os seus cultivadores ainda não as sabem resguardar convenientemente na sua remoção do campo para as cidades, nem procuram conservá-las em celeiro das estações de fartura para as de penúria. Não sei, nunca indaguei nada a tal respeito; mas presto-te um serviço chamado para esse assunto a tua atenção e lembrando-te que, se incumbisses uma das tuas filhas de estudar e fazer por em prática, sob a sua administração essa espécie de cultura nas terras abandonadas da Tapera, essa das tuas filhas não teria tempo de se estiolar, como uma monja no convento, com ideia inúteis e pouco a pouco se interessaria pelo sítio em que vive e que a sua atividade tornará cada vez mais lindo e mais próspero.

Em vez de acoroçoar a melancolia das tuas pequenas, suspirando por alegrias extintas e assinando-lhes jornais de modas que elas não podem seguir nessas paragens benignas, assina de preferência revistas agrícolas, instrutivas, alegres, que lhes deem noções aproveitáveis de indústrias campestres e as induzam a um trabalho propício e benéfico em favor da sua linda propriedade, esse frondoso – Remanso – em que as águas cantam entre

as lajes brancas, as aves voam em revoadas e os altos pinheiros nodosos estrelam de verde negro a limpidez azul do espaço imenso.

Acredita que o campo brasileiro será eternamente triste, se a mulher educada que o hábito não se interessar pela sua fartura, a sua poesia, dando ao pessoal inculto que a rodeia exemplos de carinho, de atividade, de amor à natureza, levando-o assim na esteira da sua inteligência para um futuro melhor. As tuas quatro filhas, criadas no colégio de Sion só com destino às salas ou às sacristias, veem-se dentro das grossas paredes desse velho casarão do – Remanso – como freiras em um convento (expressão tua), em que apenas é permitida a entrada do folhetim-romance e nada mais. É pouco. Estudam ainda o seu piano, bordam, ajudam-se nos misteres caseiros, revezam-se na confecção de doces e de biscoitos e suspiram pela Rua do Ouvidor, que mal chegaram a gozar, entre a saída do colégio e a morte do papai.

E tu consentes que tal programa de vida se realize, tu que na plena maturação dos teus quarenta anos e em pleno gozo das tuas faculdades mentais, te lastimas de possuir muitas terras incultas e apenas o dinheiro suficiente para as manter...

Mas, minha tontinha, escuta: já não digo para fazeres fortuna porque não tenho prática que me autorize a certos conselhos ou antes ponderações; mas para higiene dessas queridas alminhas que te rodeiam tudo te indica a obrigação de mudar de tática. Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, à chuva, observe que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus livros de assentos bem organizados que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puseres a sua disposição – e verás como no fim de alguns meses se acendem rosas de saúde nas suas faces e como nas planícies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode florirão alegremente os vastos campos dos cereias.

Ainda há bem poucos dias o Jornal do Comércio dava uma notícia interessante a respeito da criação de galinhas e o negocio de ovos numa das mais alpestres regiões da Rússia, onde os meios de transporte para os mercados são ainda mais penosos do que os nossos.

O lucro que a exportação de aves e ovos dá a essa localidade, antes miserável e agora florescente e risonha, é verdadeiramente fenomenal! Graças aos patos, marrecos, galinhas e perus e às centenas de dúzias de ovos remetidas para Londres, esse recanto ignorado da Santa Rússia, em que o abandono e a ignorância isolavam os seus raros habitantes em casinholas disseminadas de pedra rústica, se transmudou numa vila asseada, com escolas, com estradas de comunicação fácil, com as doçuras do conforto e da alegria. E tudo isso foi feito pelo influxo de um espírito só, o de um homem, alemão ou suíço, já não me lembra bem.

Obriga as tuas filhas a lerem os jornais todos os dias, sem desprezo por certas notícias que se não relacionem com o nosso meio e perceberás que terão muito a lucrar com isso. Essa história da criação das aves poderia entreter uma das tuas filhas e entretê-la com a segurança de bom êxito.

Sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira – *Chácaras e Quintais* – que me dá algumas informações preciosas, as quais, se aceitares o meu plano, te irei transmitindo nas minhas cartas a pouco e pouco.

E agora ainda te direi que para estimular o ânimo das tuas filhas teças com elas planos de futuro, baseados nos lucros das suas novas culturas, feitas pouco a pouco com a prudência dos que não dispõem de grandes capitais. Lembra a uma que as sacas das suas batatas poderão fazê-la um dia construir um palácio no Flamengo a outra que as suas galinhas proporcionar-lhe-ão o prazer de frequentar diariamente de carro as grandes avenidas cariocas...

A ambição do dinheiro é a manivela que, inconscientemente ou conscientemente nos faz dançar a todos; aproveita essa circunstância em favor da outra, a de veres tuas filhas interessadas pelo progresso e a redenção das terras abandonadas em que vivem e pela civilização dessa gente do povo que lhes rodeia a fazenda e que vegeta mais do que vive, sem proveito nem gloria para o Brasil nem para si.

Espana as teias de aranha do cérebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que dentro de poucos anos tanto o *Remanso* como a *Tapera* estarão ligados à estação da estrada de ferro do povoado por belos caminhos que os vossos

automóveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o comércio com os grandes centros do país. E prevejo tudo isto porque sei de que milagres é capaz a inteligência e a energia das mulheres obrigadas a agirem por si.
Responde-me. Eu abraço-te,

Fernanda

Está conforme,

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO G – Publicação de capítulo do livro *Correio da roça* da autora Júlia Lopes no jornal *O País*(30/11/1909)http://hemerotecadigital.bn.br/

CORREIO DA ROÇA

———

VII

Fernanda – A ideia do concurso para o pombal foi excelente, passamos há tempo um serão distraidamente em torno da mesa de trabalho. Se não fosse a má luz, também eu teria entrado na liça, mas os meus olhos começam a mal comportar-se e não permitem que os apliques à noite em trabalho de nenhuma ordem. Tenho verdadeira nostalgia da luz elétrica e dos bicos Auer, que nunca me fizeram suspeitar sequer poder algum dia vir a ter necessidade de óculos. Tu sabes quanto eu abomino óculos e lunetas e não me parece justo que aos quarenta e três anos já careça de tais aparelhos, quando minha mãe aos sessenta cosia sem eles. Todas as tristezas vêm caindo ao mesmo

tempo sobre mim; era nos olhos que eu supunha persistir ainda um pouco da minha mocidade... A má luz à noite tem contudo um proveito – obriga-nos a ir cedo para a cama.

A esta queixa sei que oporás a poesia do luar nas largas veigas campestres e as vantagens que temos de poder observar à noite, da varanda em trevas, os festões ondeantes e tremeluzentes dos nossos incomparáveis vagalumes nas frescas margens do córrego. No contínuo desencontro da vida, quis Deus pôr a tua alma virgiliana no rumoroso centro da nossa civilização e a minha alma mundana nas regiões quietas da serra, a que, entretanto, pela sugestão talvez das tuas cartas serviçais e amigas, me vou pouco a pouco afeiçoando...

Já agora, estuda-me também aí essa questão da luz. Quero que o Remanso resplandeça como um farol nestes mares hervacentos, encapelados de colinas, a que a brancura de alguns pedregulhos a esmo lembra a visão da espuma. Que saudades do mar, filha! E das gaivotas, que da minha sacada da praia de Botafogo eu via todas as manhãs esvoaçando na baia à procura de peixe. Dirás que não é de gaivotas que se trata agora, mas de pombos, que de algum modo se assemelham.

Obrigada pelo que vais mandar a Clara, que promete superintender ela mesma as obras do pombal, que há de ser feito naturalmente pelo Salustiano, verdadeiro pau para toda a obra. Lamentando que a minha caçula não possa entrar com as irmãs no concurso por não saber desenhar, pois a pobrezinha interrompeu a sua educação por motivo da morte do pai. Cecília prometeu ensinar-lhe tudo quanto sabe e instituiu assim uma classe, em que tanto aproveita a mestra como a disciplina.

E eis aí está um lucro já indiretamente prestado pelo pombal! É extraordinário como grandes empreendimentos saem às vezes de coisas que se nos afiguram tão insignificantes! Com o exemplo de Cecília, Cordelia foi revolver os seus cadernos e livros de estudo e resolveu ensinar ela também, não desenho e música, como a irmã, mas o a b c, à criançada da colônia! E é encantador, afirmo-te, ver todos esses garotos italianos e espanhóis aprendendo o português com uma mestra cheia de paciência e de bondade, que exige deles uma dicção perfeita, radicando-os pela língua e pelo estudo a

nossa terra tão mal compreendida. São vinte os discípulos, dentre sete e doze anos. Nos dias de chuva ou sol forte, as aulas funcionam em uma das nossas salas da frente; mas, quando o tempo favorece, as lições são distribuídas à sombra das jaboticabeiras, onde o Salustiano fabricou sob as ordens de minhas filhas mais velhas, cadeiras e mesas com troncos rústicos de árvores. Além de leitura escrita, noções de coisas e contas que essas vinte crianças aprendem com a minha paciente Cordélia. Estudam música e desenho com a Cecília, e é uma delícia ouvi-las já cantar um coro a duas vozes, muito afinado e em excelente ritmo. Palpita-me que se em todas as fazendas houvesse alguém com a mesma coragem e o mesmo entusiasmo que minhas filhas estão revelando agora, o Brasil dentro de poucos anos deixaria de ser um país de analfabetos e tornaria bem seus os filhos dos colonos estrangeiros e estrangeiros eles também.

Todas as grandes propriedades rurais deveriam ser obrigadas a manter uma escola, auxiliada ou não pelo governo dos Estados respectivos. As minhas filhas pedem-te por meu intermédio que indagues se há por aí alguns hinos agrícolas, em que se enalteça o valor da enxada e do arado e se glorifique a natureza do Brasil. Difundir o gosto pela poesia e pela música é, podes crê-lo, um serviço urgente no interior do nosso país, onde o povo é propenso à tristeza, quando não é indiferente. Por esta razão, pensam também as meninas em organizar bailados para as tardes de domingo, permitindo aos colonos, pais das crianças virem vê-las dançar no terreiro da Residência.

Joaninha, que tomou a si esse encargo, diverte-se infinitamente organizando as figuras dos seus bailados campestres. Como vês, tudo isto se estabeleceu de um dia para o outro, por estímulo das tuas cartas e do concurso do pombal, cujos desenhos aí vão com as competentes legendas. Afirmo-te que há grande curiosidade entre as concorrências pela decisão do júri...

.....

Interrompi esta carta para receber a visita de um rapaz agrônomo, filho de um fazendeiro vizinho, e que veio conferenciar comigo a respeito de uma estrada que deve ligar a propriedade dele, a minha e as de mais alguns lavradores à nova estrada municipal de Pedrinhas.

É um rapaz interessante, com quem espero nos entendermos maravilhosamente, porque é de espírito adiantado e pareceu-me bom observador. Li-lhe a tua carta sobre as estradas e autorizei-o a mostra-la as outras pessoas interessadas no assunto. Como ele tivesse chegado exatamente à hora de classe, levei-o depois ao bosque das jaboticabeiras, onde surpreendemos Cecília e Cordélia curvadas sobre as cabeças dos seus pequenos discípulos. Sem que ele notasse, observei que a impressão que lhe causou tal quadro foi de verdadeiro assombro! Gostei de vê-lo acariciar os pequeninos mais novos e mais lambuzões da colônia, e do interesse que manifestou pelo método de ensino desta escola ao ar livre, feito talvez com mais coração que inteligência. Depois de ter prometido às pequenas alguns livros de pedagogia e de higiene, pediu licença para matricular na nossa escola um sobrinho e mais três colonozinhos da sua fazenda, que completariam a lotação de um trole que virá todos os dias ao Remanso! Esta resolução nos pareceu exagerada; mas como cada um sabe como se governa, não temos nada com isso. Tive pena que ele não ouvisse as crianças cantarem, porque a disciplina da hora não permitiu tal distração. Ficará para outra vez, quando vier trazer à escola os seus novos discípulos. A verdade, que eu sinto e muito lealmente confesso, é que a nossa vida transforma-se para melhor. Já o Remanso não me parece tão longe da vida e tão fora da civilização. Vejo minhas filhas ocupadas, aplicando em bem dos outros a instrução que receberam, e que desapareceria aos poucos se permanecessem na apatia em que vivíamos nos primeiros tempos. Ensinando, elas aprendem coisas novas e vinculam bem no espírito as já aprendidas no colégio. Por mim não paro; sabes que o dia de uma fazendeira obriga a uma atividade constante e absorvente; em todo caso ai de mim! Tenho tempo para desfalecimentos e melancolias... e só a te direi que muitas noites, sentindo toda a casa adormecida, abro a minha janela e contemplo as estrelas com o mesmo anseio de confidência dos meus quinze anos! Sinto-me então como uma ave que se vive nos ares, em alto mar, sem um mastro ou um rochedo para o pouso. Esta solidão é grande demais pra mim, e maldigo a natureza impiedosa, que me envelhece o corpo sem me envelhecer simultaneamente a alma! Se souberes também de um remédio para esta agonia, manda-me depressa,

Tua Maria

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO H – Publicação de capítulo do livro *Correio da roça* da autora Júlia Lopes no jornal *O País* (17/10/1911).http://hemerotecadigital.bn.br/

CORREIO DA ROÇA

XLV

Maria,

Nunca o Remanso me pareceu tão conveniente a tua vida como agora.

As tuas cartas rescendem tranquilidade, honestidade, saúde, sobretudo saúde de espírito, que é a mais rara e a melhor. O teu são critério, unido a uns laivos de romantismo que espalham poesia sobre todos os atos que praticas; a tua energia e a tua piedade, realizaram o milagre humano de uma felicidade confessada, estável, forte, absolutamente tranquila.

Coube-me a mim a glória de ter ouvido a confidência tão extraordinária e tão simples dessa verdade que o mundo nega porque a não quer compreender ou não a quer procurar.

Dirás que a felicidade não se procura: acha-se. Engana-se. A tua, por exemplo, fizeste-a por tuas mãos.

Se ainda o não sabias fica-o sabendo agora, e por mim, que tenho acompanhado a tua vida com o interesse crescente de quem assiste a um prodígio. Lembras-te? Tiveste o teu momento de terror; houve um tempo em que olhaste para o futuro como quem olha para um recinto em trevas, sem saber que direção tomar. Pouco a pouco te foste enchendo de resolução; um passo hoje, outro passo amanhã e encontraste o teu verdadeiro caminho. Apreciei tudo de longe, às vezes com certo sobressalto, outras, animada e esperançosa. Em verdade, saber encontrar o seu caminho e saber não sair dele, eis a maior dificuldade da vida.

E a ciência rara que só os fortes de coração e de espírito podem atingir com perfeição. E para glória da tua alma, tu, não só a alcançaste completamente como ainda a soubeste transmitir a tuas filhas educando-as em um regime de trabalho ativo e criador, de bondade e de singeleza que as faz sentir o mesmo gozo consciente de viver uma vida fértil em benefício de toda ordem. Mas, não nos iludamos para esse resultado cooperaram enormemente a quietação do campo e as suas exigências de trabalhos novos e constantes. A fazenda é um verdadeiro sanatório moral para quem a veja com olhos inteligentes e piedosos; a cidade, ao contrário, é uma grande perturbação das almas adolescentes. Se tuas filhas tivessem permanecido neste meio inquieto, em companhia de amigas que aos 15 anos se pintam como cocotes; dançando em salões com rapazes que nas meninas só acham interessante o dote; ouvindo de todos os lados lisonjas e intrigas, teriam elas chegado à perfeição moral a que chegara? Não.

Quando eu te disse que nunca o Remanso me pareceu tão convenientemente ao sossego do teu espírito, foi exatamente por comparar o seu ambiente casto ao ambiente de pequenas intrigas e grandes maldades que presentemente nos sufoca na capital. Antes de outra explicação, deixa-me dizer-te que estou convencida de que a vida das grandes coletividades sofre de epidemias de febres infecciosas. Se há organismos, são que resistem, a maior parte sente-se contaminada.

Não se sabe de onde vem a culpa; mas quando a rajada sopra, o mais prudente é fechar a janela e prevenir-se a gente com certos desinfetantes poderosos rotulados com o dístico de paciência ou de pouco caso. Por mim não tomo nenhuma precaução.

Sabes o meu sistema: não tenho tempo para pensar na vida alheia, nem de querer mal a ninguém, persuadindo-lhe com isso de que também os outros não se quererão ocupar com a minha pessoa... É um engano, mas que não aflige porque se sinta bem escudada na consciência. Supõe, porém que estavas aqui mais as tuas quatro filhas, que são alegres, expansivas, moças e independentes? Teriam elas, nessa idade em que as impressões causam abalos tão violentos, a mesma tranquilidade de ânimo que eu tenho e têm geralmente as pessoas da minha idade e da minha experiência?

Quando lhes viessem dizer que tais e tais dos seus amigos diziam delas tais e tais barbaridades, os seus confiantes corações não sentiriam espremidos pelas mãos de ferro de uma angústia tremenda? É como tu sofrerias, minha boa Maria, com o espetáculo dessas primeiras desilusões! Não penses que exagero; passamos evidentemente por uma crise moral extremamente sintomática e extravagante.

Dizia-me há dias um velho jornalista que nunca recebeu tantas cartas anônimas em sua vida como nestes últimos seis meses. O *Chic* neste momento é não acreditar nas virtudes alheias; ter maior prazer em desdenhar do que em admirar; em reprovar do que em aplaudir. Uma mulher sorri, amavelmente? – É leviana. Um homem vacila em uma resolução? É de má fé.

Como podes imaginar, geralmente, as vítimas prediletas são as pessoas notáveis pela sua fortuna, pela sua beleza, pela sua atividade ou pelo seu nome. É triste ver-se o prazer mesquinho, feroz, com que se tenta desfazer reputações e malquistar ideais sinceros.

Quanto maior for o prestígio de um indivíduo qualquer, mas fundamenta e se cravará nele o dente negro e pontudo da maledicência; não parece estarmos em uma cidade de um milhão de habitantes, mas em uma terrinha de comadres mexeriqueiras e ociosas.

Andam as almas em um jogo de cabra-cega que infelizmente parece que as diverte mais do que as fatiga...

Para veres que não exagero e como documento do que afirmo, vou narrar-te aqui um caso típico:

Temos um amigo cirurgião distintíssimo conquanto ainda muito moço. O seu amor ao estudo, o seu entusiasmo pela profissão, a sua clínica crescente atraiu para ele a atenção pública. Há um par de meses foi chamado para fazer uma operação muito grave e fê-la com sucesso.

Falou-se muito no caso, concorrendo para isso ser pessoal altamente colocada a que se submeta à melindrosa operação.

Um colega desse cirurgião, a quem, não se deve imaginar porque tais triunfos irritavam. Lembrou-se então de inventar o boato de que o outro sofria de um mal herpético contagioso... supõe o resto. Toda a gente sabia que não era verdade, mas em todo o caso ia passando o boato para diante... Os clientes começaram a retrair-se com medo de uma aproximação perigosa. E o ilustre médico viu consideravelmente diminuída a sua clínica, de um dia para o outro!

Bonito. Não te parece?

Agora ouve esta, que é de hoje e me fez rir: combinamos ontem, meu marido, o Eduardo Jorge e eu, encontrarmo-nos ao meio-dia em um restaurante para almoçarmos juntos, indo cada um de um ponto diferente. Eu da Tijuca, onde tinha de ir ver uma ex-criada agora muito doente; e os dois homens dos seus escritórios respectivos. Ao meio-dia encontrei-me no restaurante com o Eduardo, a quem meu marido incumbira de me dizer que o não esperasse, porque se via forçado a ir a Niterói a um negocio imprevisto. Sentei-me tranquilamente à mesa em companhia do teu afilhado, que pela idade poderia ser meu filho, e almocei com o apetite que em geral, nós as donas da casa temos quando almoçamos em um restaurante. Pois, minha filha, daí a duas horas todos os conhecidos que topavam com meu marido lhe diziam com um ar de quem não quer falar por mal, espiando-lhe os olhos que me tinham visto ou que “tinham ouvido dizer”, que eu almoçara em um restaurante com um rapaz desconhecido! Meu marido é um urso; não gosta de confianças. Imagina com que expressão fisionômica ouviu isto muitas vezes, no mesmo dia, até de pessoas com quem mal troca um cumprimento! Quando ao voltar para casa, à noitinha, viu ainda acercar-se dele um sujeito com ar de

malignidade disfarçada em doçura repetir-lhe o estribilho: - Por sua senhora não pergunto, porque soube que ainda hoje almoçou em um restaurante com um mocinho de ar estrangeiro – ele perdeu a paciência e sacudiu o tal sujeito com fúria pela gola do casaco.

Apesar de não gostar de violências, ri-me muito quando meu marido, todo irritado e nervoso, me relatou esta!

O pior é que a par de coisas ligeiras vão outras graves e tristes, criadas pelo mesmo sopro da perversidade. Registro este pendor, que espero será passageiro, pelo hábito que tenho de te comunicar as minhas impressões.

Repito: a vida da roça, tal como a levas com tuas filhas, parece-me neste momento mais do que nunca deliciosa. Tu mesma o disseste: - um bom piano, uma grande biblioteca, uma janela aberta para uma linda paisagem e aí está a felicidade!

Mais do que isso, a felicidade está em saber criar uma atmosfera de alegria, de honestidade, de bondade e de trabalho, e em saber mover-se nela como tu fazes no ritmo da mais doce e da mais perfeita harmonia.

Eu estou muito infiltrada dos venenos da cidade para querer viver no campo, mas há horas, como esta, em que te tenho inveja. Oh, uma inveja sem maldade, descansa. As minhas invejas não prejudicara ninguém. – “Tua Fernanda”.

P. S. – Vão por este mesmo correio algumas músicas de Schummann para Joaninha e um romance inglês para Clara. Segue também uma caixa de ferramentas que me encomendaste para o Salustiano.

F.

Júlia Lopes de Almeida

ANEXO I – Primeira crônica sobre modas de Júlia Lopes de Almeida, sob o pseudônimo de Ecila Worms, na coluna no jornal *O País* (24/02/1892)http://hemerotecadigital.bn.br/

MODAS

É do estilo, ao encetar, a gente um trabalho da ordem deste, fazer um exordio em que manifeste os seus intuitos e desejos, com muito boas promessas (que a maior parte das vezes não se realizam) e algumas cortesias banais.

Eu detesto tudo quanto é do estilo, exatamente porque detesto a praxe.

Em todo caso, para que a leitora tenha alguma confiança em mim, quero dizer-lhe que não escrevo de modas superficialmente, por *baverdage* de moça ociosa. Tenho os melhores jornais, correspondência assídua com duas elegantes parisienses e uma certa facilidade ou tática para discriminar o que é rude do que é mimoso, o que é belo do que é grotesco.

Não se riam, de moda às vezes essas coisas se confundem. Aí vai um exemplo para melhor clareza. Vi há tempos um chapéu de sol que toda a gente achou horrível e eu achei lindo. O cabo, da grossura de um punho, era de marfim e por ele subiam, em espiral, vinte cabeças de um só palhaço, em diversas altitudes e com diversa expressão. Essa cabeça reproduzia vinte vezes, ora chorosa, ora rindo, ora séria, ora altiva, ora humilde, ora desdenhosa, ora sorridente, humilde, rancorosa ou meiga, era tão humana, tão verdadeira, que os meus olhos ficaram encantados como se se tivessem regalado com o melhor obra de arte.

Que chapéu bruto! Diziam a meu lado. Realmente, ele era um tanto grotesco... mas era bonito.

Bem; passado este incidente, e para pôr-me mais à vontade com as leitoras, apresento-me:

Sou moça, tenho um gosto esquis, uma longa educação de *atelier* de modista (Mme. Lucian Dorelle, em pleno *boulevard* parisiense) e, além de tudo, um pouco tagarela e com a pretensão de julgar que me faço bem entender. Não reparem as minhas amigas – peço licença para considerar assim as leitoras – é um hábito que adquiri em Paris, este de ser amável para a toda a gente, e que já agora não me deixa! Mas, como ia dizendo, não reparem se a minha linguagem for mesclada por frases francesas e galicismos...

Por Deus! Não sou literata; sou um ratinho de armazém de modas, cogitando de conhecer o sabor das coisas sem se lembrar das letras com que elas se escrevem... ll de mais e rr de menos são bagatelas que não me dão cuidado.

No que penso, porque é o que me delicia, é nesse adorável conjunto de coisas que nós as mulheres procuramos para doirar a nossa vida!

São as sedas, as rendas, o linho, os pequeninos e galantes cuidados de perfumaria, a *toilette* enfim.

A *toilette* é, indubitavelmente, a alma da mulher. Saber vestir bem, com propriedade e acerto, não é coisa tão fácil como se julga. Toda a senhora mal educada, que não souber descriminar as suas ideias, não saberá escolher os seus adornos de uma maneira *chic,* sua. Será vulgar, terá vestidos como tem o cérebro: complexos. Uma quantidade de fitas e rendas baralhadas corresponde

a outra quantidade de pensamentos fúteis, que na maior parte das vezes fervilham em muitas cabecinhas de avelã... Conclusão: o meu propósito é este, conversar com as educadas e educar as educandas.

Entremos no assunto: como é justo, desejo começar pela base, que é o princípio de todas as coisas. Portanto falemos do pé.

Deve merecer a toda a moça espetar cuidado essa parte do corpo, tão decantada pelos poetas, e em que as chinesas fazem consistir todo o orgulho de sua raça.

Quantos casamentos se têm feito por causa dos sapatos!

À primeira vista pode este assunto parecer insignificante; todo o calçado mais ou menos se parece.

Pois não é insignificante, é inesgotável; não só com relação à higiene, como ao gosto e à propriedade de hora e lugar em que deve ser usado este ou aquele sapato.

Infelizmente, é comum ver-se na rua senhoras bem trajadas, mas com sapatos baixos! Os sapatos não se inventaram para a poeira e a lama das ruas; minhas senhoras, para as pessoas na cidade, sobre as desgraçadíssimas calçadas do Rio de Janeiro, o próprio, o *chic* é usar botinas, botinas de pelica fina, flexível, que não magoe a pele dos vossos pezinhos nem exponha aos olhos dos garotos, nas subidas ou descidas dos bondes, os vossos tornozelos, cobertos unicamente pelo fio de Escócia.

Para os passeios em plena cidade, o que é de rigor, portanto, é a botina, lisa; conceda-se, quando muito, o sapato abotinado, mas com a restrita condição de ser usado com meias de seda preta. Para casa, sim, os sapatos são próprios sobre meias listradas ou lisas, mas de tom escuro.

(continuação p. 2)

Ecila Worms

ANEXO J– Crônica sobre modas de Júlia Lopes de Almeida, sob o pseudônimo de Ecila Worms, na coluna no jornal *O País*(31/05/1901)http://hemerotecadigital.bn.br/

A MODA

Faze- te leve, minha pena, e desliza por este papel como uma valsista por um *parquet* encerado.

Não querem de ti coisas graves e sérias, frívola pena de mulher! E antes, do contrário, acusam-te de intervires onde não és chamada, de picares assuntos, muito afastados de tua competência, e de atirares destas colunas, em vez da poeiragem de ouro das lantejoulas, sementes estéreis de ideias pretenciosas. Por mim, não me lembro de semelhante coisa, mas devo acreditar no que me dizem...

Ora, o que me dizem, querida pena, é isto: que, subordinando estes artigos ao título – A moda – neles devo escrever de modas meramente. Falar de um livro, em vez de falar de um vestido; apontar um costume em vez de

descrever um chapéu; citar uma frase ou comentar uma mudança de hábitos, em lugar de reproduzir um molde de saia ou de bolero, é roubar a atenção de pessoas muito preocupadas e que só se dignam de me ler pelo interesse do assunto.

Profundamente penalizada, e agradecida a essas pessoas, a quem tal dano causo, direi com doce reverência, que – A moda – tanto que dizer – maneira de vestir, como de fazer qualquer outra coisa. Tantas vezes dizemos – agora está na moda receber visitas em determinado dia da semana – ou – os monólogos franceses estão em moda; - a moda agora de educar os filhos é muito diferente da antiga; - a maledicência está em moda – eu fiz isto a minha moda; a frase da moda, etc., que francamente, eu não julgava ter saído de compasso quando aqui comentava a graça de um gesto, a sonoridade de uma música ou a mania que há por aí de se dizerem versos em francês, mostrando-se ignorar os em português. Mas faze-te leve, pena, e voa para diante, não firas ninguém, não magoe ninguém.

Logo hoje, que chego da rua contente como um pintassilgo, é que venho encontrar esta cartinha, em que uma senhora desconhecida me interroga sobre a coesão que há entre o título e o assunto destas crônicas.

Sentindo ainda no olfato o aroma dos jardins por onde andei, que dia azul! Eu medito um segundo se devo ou não responder a essa senhora. Penso que não; mas logo resolvo que sim; que não primeiro, porque não quero que a carta pareça um pretexto para o artigo; que sim depois, porque já não é a primeira pessoa que alude ao disparate do título como os assuntos de maior parte destas garatujas.

A razão mora com toda a gente, somente como passeia muito, nunca se pode afirmar que ela esteja em casa. Talvez que ela agora ande por bem longe da minha... em todo caso, fique a excelentíssima senhora sabendo que é minha moda – À moda – é como se dissesse: o que está em voga na ocasião, ao momento esse passa.

Agora, por exemplo, está em moda o misticismo.

Já não se oferece a alma, como um magoado lírio de agonias, na oração silenciosa dos templos ou de quarto. Rezam-se ladainhas nas procissões, por

entre a poeirada suja das ruas, a indiferença de algumas pessoas e a chacota de outras, desrespeitadoras do culto.

Levados assim, aos solavancos, na promiscuidade do povo, digo, sinceramente, que os santos, elementos, nos seus andores, inspiram mais piedade que fé!

Decididamente as procissões só têm poesia, e só o que tem poesia suaviza o coração, nas cidades pequenas que ainda cheiram a mato e a virtude. Há bem poucos dias... mas deixemos em paz o que eu vi há poucos dias em uma cidade pequena que ainda cheira a mato, e vamos para diante, querida pena, leve e risonha como quem valsa.

Estou contente; às muitas flores que nós temos vão juntar em breve flores de outras terras, aclimadas aqui.

Teremos o *Muguet*, de perfumes deliciosos e aspecto encantador.

Entrando um dia deste na Casa Flora, para encomendar umas flores, falei nos crisântemos. Por que haverá tão poucas dessas flores aqui, se a planta é tão frutífera e a variedade tamanha?

Disseram-me então que tratam de cultivá-las, desenvolver também o cultivo de outras flores. Daí a informação do Muguet. Abençoada resolução! Como no parador do *Ablé Moret*, eu queria ver no Rio de Janeiro *des feurs pastout des feurs!*

Ainda chegaram à perfeição de expor flores nas estações próprias, como fazem em Paris. O que é preciso é que as minhas amiguinhas se interessem um bocadinho por isso e vão estudando a jardinagem. Por que não toma a Casa Flora a iniciativa de alguma coisa nesse sentido?

A propósito, li há poucos dias em uma revista nova, *la revue du bien*, uma notícia interessante.

Em França, não me lembro se em Paris, se na província, uma comissão de senhoras distribui, em determinados dias, sementes de plantas próprias para vasos e a terra vegetal necessária para eles.

Essa distribuição gratuita é feita às operárias, costureiras, às moças pobres em suma, com explicação de cultivo, que facilitam a germinação e a floração da planta. Graças a essa propaganda delicada devem também Haya e Amsterdam a celebridade das suas tulipas e dos seus jacintos.

Em qualquer peitoril de janela onde haja ar e luz, onde caiba um caixotinho em um vaso, há lugar para um pé de margaridas ou de amores-perfeitos. As nossas moças pobres têm em geral mais do que isso, os quintais não são raros... e que lhe falta, pois, não é a terra, não é o sol, não é fecundidade no clima, é isto só – educação, gosto, incentivo.

Como se plantam flores aqui? Espetam-se as hastes na terra e espera-se que os dias passem para que brotos rebentem. Primitivo e fácil. Ah! Mas nem tudo se pode confiar à natureza, onde as plantas têm também inimigos, tais como as formiguinhas, os caracóis!

Ora que lindo seria que uma comissão de senhoras ricas imitasse entre nós as comissões europeias a que aludi, fazendo especialidade de uma ou duas flores mais propicias à cultura em vasos, distribuindo em tempo oportuno sementes delas, e a terra adubada e as explicações da exposição de rega, etc. Ao princípio havia de ser preciso um prêmio. Sem prêmio, por enquanto, não se faz nada aqui, a jardineira que apresentasse as flores mais desenvolvidas e mais limpas teria uma medalha ou que se se convencionasse.

Depois, nem isso. Habituadas a verem a sua casa humilde iluminada pela graça divina da flor, a moça pobre não prescindiria dela, e até com sacrifício procuraria obtê-la.

Eu tenho esperança de ainda ver realizado um sonho de Rodolfo Bernardelli; sonho que tem sido o meu também, e que consiste no que já ficou dito – fazermos todos os anos, pelo menos, uma exposição de flores. Meu Deus, parece tão fácil!

Sem deixar de falar de flores, vou mudar de assunto. Não é à toa que dizem – pobres mulheres instruídas!

Uma patrícia nossa, educada na Alemanha e na Itália, musicista distinta e pintora deliciosa, com a especialidade de flores e retratos de crianças, podendo ser professora de línguas ou desenho, ainda em busca de uma colocação qualquer, contentando-se até com as mais humildes...

Não será uma barbaridade que a órfã de um homem ilustre e amado da pátria, que uma mulher que tão bem interpreta Mozart como pinta um galho de orquídeas ou o olhar inocente das crianças, vá ser governante, dama de companhia ou ...ou cozinheira?

Entretanto, quem sabe? Talvez que a leitora destas linhas ande à procura de alguém que a ensine a pintar rosas e flores de laranjeira nos cetins do enxoval!

É que a sorte, às vezes, diverte-se em desencontrar as criaturas que se podem auxiliar mutuamente.

Ecila Worms

ANEXO K– Artigo de Abner Mourão, sob o pseudônimo de Isabela Nelson, na coluna no jornal *O País* (15/10/1912).http://hemerotecadigital.bn.br/

VITÓRIAS FEMININAS

Uma fraca mulher que, mais pela benevolência da redação de O *País*, do que pelo seu mérito, humildemente estreia escrevendo, não pode deixar de seguir uma das grandes correntes... É mais fácil, mais cômodo, muito mais prudente mesmo, deixar-se a gente ser envolvida e arrastada... Depois não me sinto com a envergadura precisa para vir fazer aqui às terças-feiras, uma coluna literária e brilhante. Fiquemos numa coluna modesta e simplesmente jornalística.

Esse desejo de fazer jornalismo, isto é, de tratar de coisas de intensa atualidade, de não lutar contra correntes, seguindo as que já encontro de ideias e de assuntos, e principalmente, o fato glorioso para o meu sexo de ter sido de

uma mulher a peça com que o Sr. Eduardo Victorino inaugurou a temporada nacional, impõe-me como tema imperioso o ressurgimento do nosso teatro.

Escrevi “ressurgimento” porque esse é o vocábulo em voga para designar a tentativa, de cujo êxito já não se pode hoje duvidar, e em tão feliz hora e tão patrioticamente empreendida porque (perdoem-me se prefiro uma heresia) eu nego o “ressurgimento” do nosso teatro. Ressurgir é fenômeno e verbo só aplicável ao que existiu, vicejou e um belo dia desapareceu. Mas, leitores, quando foi que o teatro nacional teve uma existência real e definitiva? Na minha opinião, teatro de verdade não existe sem estes três elementos de valor – atores, público e casas de espetáculo dignas – sem este elemento decisivo e principal- autores. Ora, nós nunca tivemos outra coisa, como teatro prático, além das comedias ingênuas e fáceis de Martins Penna e França Junior, autores, só agora, com Arthur Azevedo e depois dele, tem aparecido. Quando a gente entra no Lírico ou no Apolo pensa com arrepios de horror nas casas de espetáculos que tínhamos há cinquenta, vinte e dez anos atrás. A minha idade – e notem que isto é sincero e sem nenhuma ponta de vaidade feminina – não me permite ter uma noção *d´aprés* do que possuímos como “público”, quando foi da revolta de 6 de setembro, por exemplo. Mas que seria o público desses e de anteriores tempos quando, ainda hoje, para muita família carioca, sair à noite é um problema sério? Quanto a atores, respeitemos glórias velhíssimas e já eternizadas em bronze como as de João Caetano.

O teatro nacional não é, pois, passível de ressurgimento, de reorganização, de reconstituição. É uma coisa que jamais tivemos e que só podemos, real e honestamente, tentar começar. Para isso, o momento é oportuníssimo. Está provado e com exuberância que nós, boates, selvagens, hoje, bárbaros apenas, temos uma capacidade prodigiosa de evolução; que nesta grande terra americana somos de envergadura formidável para as conquistas rápidas da civilização, para a vertigem da vida moderna. Precisamos criar um teatro como precisamos extinguir a febre amarela. Em vez de lançar de quando em quando jeremiadas sobre a época em que floresceram o João Caetano ou o Furtado Coelho, trabalhem os nossos homens de letras. Em vez de fazer enquetes brilhantes, mas inutilíssimas como a do Sr. Lindolfo Collor, tratem os nossos jornalistas de, com a grande força de que dispõem,

amparar o que se for tentando, de contribuir para a solidez e para a beleza do edifício que se vai erguer. Aperfeiçoem-se, estudando e trabalhando os nossos atores, e, sobretudo, procurando ter uma dicção e uns processos menos portugueses e que apesar de muito interessante e de sermos um país irmão, são muito melhores para Portugal do que para aqui. E os críticos...

Como chegou a vez dos críticos, andemos mais devagar... Não só porque em matéria de teatro eles têm uma função importantíssima e uma força suprema, já apontando erros de autores e atores, já interpretando e explicando as peças ao grande público, como também porque temos críticos absolutamente respeitáveis pela extensão da sua competência, e até pela idade, se eu, além de outros fosse citar nomes de altíssimo valor como os de Oscar Guanabarino e Rodrigues Barbosa.

Em matéria de crítica teatral e musical, o Rio pode orgulhar-se de possuir o que não possui nenhuma outra capital da América do Sul. Como exemplo, basta o mais recente.

A Isabeau, de Mascagni, tão bem avaliada aqui em vários jornais, no dia imediato ao da primeira audição, foi muito elogiada pelos diários de Buenos Aires, mas nenhum deles emitiu opinião definitiva a respeito.

Ora, os nossos críticos devem continuar a ser sinceros, severos e justos, mas devem ter menos *parti-pris* com as mulheres que escrevem para teatro. A primeira tentativa séria que aqui se faz para fundar um teatro iniciou-se com um drama dessa admirável escritora que é D. Júlia Lopes de Almeida. Eu não assisti à primeira do *Quem não perdoa*, mas no dia seguinte todos os jornais deram-me a impressão de que a peça era completamente ruim, uma moxinifada qualquer, capaz de fazer a gente suportar e até amar os espetáculos por sessões que alastram, numa invasão, por toda a cidade.

A única crítica lisonjeira foi a de “S. S.”, que, segundo me informaram depois é o Sr. Sebastião Sampaio, secretário da imprensa. Nessa mesma, porém, havia certas entrelinhas ferozes...

Isso me pareceu revoltar-me. De certo, o drama de D. Júlia Lopes tem defeitos – talvez mais defeitos mesmo do que os que são inevitáveis. Para mim tem mesmo um que é gravíssimo – o de ter, num dado momento, se intitulado Cão de fila... Isso foi de um mau gosto atroz e é imperdoável. Aliás, como a

autora declarou em entrevista que li algures, esse primitivo título não é seu, foi-lhe sugerido.

O que é indubitável é que a crítica foi de uma aspereza excessiva. Foi tudo quanto há de mais injusto, porque estabeleceu quase uma condenação unânime. Como explicar isso, tratando-se de uma peça boa, apesar de alguns defeitos, e da lavra da mais gloriosa escritora brasileira?

Ah! Como se percebe bem que toda a toda vaidade masculina aí funcionou intensamente! Foi uma questão de *parti-pris*! Os Senhores críticos entraram no Municipal com a opinião preconcebida de que uma senhora não seria capaz de produzir obra que prestasse. Se nos nossos jornais a crítica fosse exercida por mulheres, as coisas se passariam de outro modo. Nem eu preciso lhes lembrar da fábula do pintor que fez um leão subjugado por um homem...

Pois bem; aqui estou eu que afirmo, não só aos Srs. Críticos, mas a toda gente que, na nossa literatura, a ação da mulher tem sido relativamente mais brilhante e mais fecunda que a do homem. Afirmo, e vamos logo aos fatos.

Qual é, vejamos, a forma de arte a um tempo mais poderosa, mais encantadora e de mais prestígio para o grande público? É o romance. Pois enquanto Portugal deu diversos romancistas bons, o Brasil só deu quatro e, nesses quatro, duas mulheres. É a eloquência breve e esmagadora dos números. Dois contra dois! Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompeia, Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores.

E, enquanto de Almeida e Pompeia há dois livros, *Memórias de um sargento de milícia* e *Atheneu*; de Carmem Dolores há *A luta*, e de Julia Lopes, *Família Medeiros, Viúva Simões* e alguns mais. No número de volumes, a diferença é decisivamente favorável às escritoras.

Já sei que os senhores do sexo forte vão rir primeiro e depois invocar solenemente José de Alencar, Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Coelho Neto e, agora, mais Afrânio Peixoto e João do Rio.

Perdem o tempo, se nos colocarmos no ponto de vista da arte pura. Não pode haver romance bom, digno desse nome, onde não haja estilo, verdade - o que só a observação pode dar – e ação, o que só consegue o escritor imaginoso.

- A imaginação, eis o grande defeito! Gritarão os inclinados às modernas doutrinas naturalistas.

Muito bom, como teoria; na prática... Zola, o pai do naturalismo, tinha mais imaginação que o ultrarromântico Victor Hugo. Mais imaginação e muita brutalidade. No fundo, a obra desse romântico *vieux-temps* e a desse moderno naturalista são singularmente parecidas. Em ambos, o mesmo excesso doentio da imaginação. Viam tudo através de vidros de aumento, o que deforma a realidade. Em ambos, a extasia do monstruoso. A diferença única é que Hugo ampliou monstruosidade de pessoas – Quasímodo, Giliott – e Zola, monstruosidade de coisas – A Mina, o Paradou, *Noa Travailleurs de la mer*, o homem anula as forças da natureza. Na *Faute de l´abbê Mouret*, é a natureza que mal deixa perceber a ação humana. No fundo, é o mesmo desequilíbrio.

Na nossa literatura, romances bons, em que conjuntamente haja estilo, verdade e, sobretudo, em que se conte uma história, em que a ação vibre só dos quatro autores acima citados. É certo que nos romances de Alencar há muita vida, muita ação. Isso, porém, é obtido à custa de *ficelles* de toda espécie, sem nenhum respeito pela verdade. Alencar é um Ponson du Terrail, ou Montepim indígena, reduzido de menos recursos. Agora, se os senhores preferem Ponson a Anatole France...

Macedo é completamente estapafúrdio; Bernardo Guimarães, muito piegas; Machado de Assis, extraordinário e inigualável do nosso meio, como humorista. Os seus grandes livros são séries de folhetins, deliciosos, mas não romances propriamente ditos. Coelho Neto, de que tanto se fala na imaginação poderosa e que, de fato, é um talento de escola, só imagina palavras... Nos seus romances, a ação é insignificante e frequentemente prejudicada pela exuberância preciosa da linguagem. De João do Rio e Afrânio Peixoto, que são um grande jornalista e um grande médico, esperemos ainda um pouco antes de sagrá-lo romancistas completos.

Já me alongo, porém, e os leitores preferem estreias menos fatigantes. Resumamos e terminemos. Os romancistas nacionais, equilibrados e bons são quatro, e nesses quatro, há duas senhoras que produziram mais que os homens. A mulher brasileira já venceu no romance. Quem sabe se, a despeito dos críticos, não vencerá no teatro?

O resultado a que já chegamos é tanto mais notável, quanto os defeitos graves da educação doméstica, os preconceitos irritantes, os óbices de toda a espécie, ainda impedem no Brasil a formação do espírito feminino.

Isabela Nelson

ANEXOL– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País*(03/08/1909).http://hemerotecadigital.bn.br/

OS OUTROS

Se não fosse o receio de parecer mal, eu não subscreveria aquelas ações da Grande Olaria Brasiliense — porque, por mais que me engodem, não tenho fé naquilo. Convém, em todo o caso, que o meu nome figure na lista dos subscritores, que são os melhores da praça... O efeito de se aparecer em certas companhias é sempre proveitoso, e de mais a mais muita gente censuraria o meu retraimento, se eu me furtasse á solicitação da empresa. Bem pensado, eu não tenho obrigação de servi-la; que diabo, afinal ponho ali cinco pares de contos que poderia empregar muito mais proveitosamente em outros títulos, ou deixa-los sossegadinhos no banco e com certeza o Telese todos os da sua confraria ainda acharão pouco e me morderão na pele com a doce gana costumada. Se ao menos todos eles fossem como o Alípio, que só tem um incisivo e não sei se mais um queixal perdido lá pras profundas solidões das gengivas, ainda seria bom, apesar do que já é sabido que os que não mordem, chupam, e lá se vai o sangue do mesmo modo! Eu então sou

uma vítima. Também é constar que um pobre diabo tem meia dúzia de vinténs e é caírem-lhe em cima como um bando de urubus em um animal putrefato, a ver quem lhe tira o maior bocado. Se um infeliz milionário consentisse em satisfazer a todos os pedidiosde dinheiro que lhe fazem, em muito curtos dias ficaria mais pobre do que Jó. Ninguém presume que defender uma fortuna dê mais trabalho do que defender uma esposa formosa, porque, por mais cobiçada que seja uma mulher, uma fortuna sempre o é mais; basta dizer que ninguém teria coragem de pedir uma mulher a seu marido — e dinheiro é a cada esquina: agora para um empréstimo, d'ali a nada para um beneficio, ou para as célebres festas de caridade, ou para as obras de uma igreja, ou para as ações de uma companhia, fundada para a exploração do cacau no sul ou do linho e do trigo no norte! E, sem convicção, sem vontade, só para não se fazer figura triste, para que se não diga de nós o que Mafoma não disse do toucinho, toca a desembolsar quantias mais ou menos importantes para a direita e para a esquerda! Irra, que é demais! Ainda quando quem pede é um pobre diabo como aquele de ontem, desobrecasaca no fio, chapeusebento e que se contenta com pouco, vi lá; mas quando quem pede merece uma certa consideração, é que é terrível... Eu não sei quando hei de acabar de ser tolo. Sempre me hei de lembrar que no dia em que constou que eu tinha tirado cem contos na loteria, tive pedidos suficientes para, somados todos eles, distribuir noventa e oito contos e trezentos e trinta e dois mil réis! Finalmente o boato tinha sido falso, porque o saldo não me daria então para satisfazer os meus compromissos na praça... Com os olhos nestes exemplos, ninguém que hoje em dia tire a sorte grande consente na divulgação desse fato... Os ricos têm medo dos pobres como as ovelhas dos lobos.

Eu, felizmente, não tenho medo de ninguém, nem rejo os meus atos pela batuta da opinião publica, maestra de ouvido agudo e direção caprichosa. Não senhor, eu não contemporizo com a tolice alheia como o Benevides, que afinal assinou como eu na lista da Grande Olaria só por causa dos outros. Ele está farto de saber que o diretor daquelapanelinha é um fabricador de ideias sesquipedais. Agora inventou aquela historia de tijolos, de telhas e não sei que mais, alegando a péssima qualidade dos materiais de construção no Rio de Janeiro.

Quando ele fala, com a sua verbosidade convincente de trapaceiro-mor, parece a quem o ouve ver-lhe sair da boca, já não digo tijolos e telhas, mas filas de edifícios perfeitos, lindos, de uma construção eterna. Parece incrível que haja sujeitos que tragam fantasia para o comércio e colham nas malhas da sua rede até os peixes mais desconfiados ou mais conhecedores das traições da água! São de força.

Não há nada mais milagreiro do que o talentoo sem escrúpulos. Só de mim colhera aquele patife dez contos. Do Azambuja mais tanto.

Nem parece que é agarrado, mas quando é regido pelas circunstâncias espirra grosso. Para se perceber que ele é sovina, basta ver as *toilette*sda mulher, uma verdadeira cozinheira em dia de passeio. Também, se não fosse pelo medo do escândalo já ele se teria separado dela, que não lhe deu filhos e não diz duas palavras sem cometer pelo menos quatro erros. Mas isso é o menos; porque não há nada em que tão pouco se repare nesta nossa terra como nos erros de linguagem... A mim, com franqueza, até seme afiguram um pouco pedantes as pessoas que se exprimem com muita correção. Assim mesmo, senão fosse ainda por medo do ridículo, eu, apesar da idade, como tenho agora tempo de meu e mais descanso, ainda talvez estudasse aí com qualquer professor de momento essa historia enfadonha e terrível da colocação dos pronomes... A dificuldade estaria em arranjar alguém comcapacidade para guardar um segredo, porque Deus me livre que constasse lá fora a minhapretensão. Com que sorrisinho de escárnio olhariam para mim as mulheres!

Apontar-me-iam com certeza umas as outras com dedinhos cruéis:

—Olha, aqueleé que é o menino da escola!

— O Nhonhô já saberá o A. B. C.?

—Sempre deve conhecer melhor as letras de banco que as da cartilha... Nada; a opinião dessa gentinha deve ser mantida dentro da maior dignidade e do maior prestígio. E isso não me falta; um pouco pelo meu garbo e talvez também pelo meu modo de vestir... Nada impressiona o espírito feminino como a estética. Eu ainda poderia fazer-me um pouco mais elegante, encomendar uns tornos claros... pôr uma rosa ao peito..., mas tenho um certo escrúpulo, que

diacho, na minha idade podem notar, apesar de que me enfada solenemente a roupa escura!

Transijo em andar enfronhado nestas casimiras sombrias por deferência aos hábitos da nossa sociedade, mas não por gosto! Se eu não fosse um homem de ideias independentes, como sou, nem este leve Panamá poria sobre a minha calva brilhante e digníssima. Mas é que tenho a fortuna de ser superior a esses preconceitos desarrazoados. Que me importa a mim a opinião dos outros! E…bem pensado, quem são os outros? Maravilhosa descoberta: os outros somos nós!

Júlia Lopes de Almeida.
(Do livro *Os outros.)*

ANEXO M– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* em*(*31/08/1909)http://hemerotecadigital.bn.br/

SEGREDOS INDECIFRÁVEIS

"Um conto de réis por mês, nem mais nem menos; um conto de réis por mês parece muita coisa e não me chega para o buraco de um dente. Ando há mais de seis meses para obturar um queixal e não vou ao dentista por falta de verba... Um conto de réis por mês e ainda não paguei ao armazém nem o alfaiate, nem à modista de minha mulher. Entretanto, um conto de réis é dinheiro.

Há muito desgraçado por aí que só com a metade, e às vezes menos, sustenta a família desde as sogras até aos netos. Como se arranjam? Não sei; mas eles por aí andam gordinhos e considerados pelas mesmas ruas por onde eu passo e abastecendo-se nos mesmos fornecedores.

São os tais prodígios. Aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais. Muito mais - são os extraordinários: e a maior despesa das famílias no

Rio de Janeiro é constituída pelos extraordinários: camarotes, *toilettes*, consultas dos médicos, confeitarias, dentistas, farmácia, recepções, o diabo! Ainda no verão muitos alugam chalés em Petrópolis e andam para cá e para lá como uns malucos, sempre de carteira aberta e sorrisinhos nos lábios. E a um homem então como eu, simples, acomodado às circunstâncias da vida, o dinheiro escorrega-lhe todo da algibeira pelo plano inclinado das obrigações, negando-se a ser utilizado nas coisas efêmeras e reguladoras. Vestir, comer, morar e não tenho licença para pensar em mais nada. Com a breca! Deve haver um mistério que me obriga a pagar talvez pelo triplo as mercadorias e os regalos que os outros adquirem por tuta e meia. Algum poder oculto preside ao meu destino com o intuito de aniquilar o meu esforço.

Se não fosse ridículo, eu iria consultar a respeito alguma cartomante... Mas um homem de cartola e fraque preto, cujo nome é citado frequentemente nos jornais, não se pode expor assim sem mais nem menos à malícia de uma mulher. E que diria quem me visse entrar ou sair da sua casa?

Não sei onde li essas palavras: - quem evita os comentários da opinião pública, se não merece louvores também não merece injúrias, e nesse caso ganha mais do que perde. Pode ser que eu não tivesse lido estas palavras em parte nenhuma e elas tenham sido muito bem ditas ou pensadas por mim mesmo, em qualquer ocasião remota, a propósito ou fora de propósito disto ou daquilo! Quem lê muito e pensa muito não sabe nunca o que é seu ou o que é dos outros.

E, foi talvez por este mesmo critério que o Jeremias publicou como de lavra própria, com o seu nome por baixo, uma poesia de Victor Hugo.

De mais a mais em francês, conquanto o Jeremias não saiba francês, talvez por isso acreditasse que a poesia pudesse passar por ser dele. Aí está um a quem não falta nada: fuma do melhor e de mais a mais charutos, veste-se bem, como não posso vestir-me e ainda olha para a gente assim como por favor. Tem o ar arrogante de quem sento o bolso pesado. Os de fisionomia preocupada somos nós, os que como eu, embora ganhando um conto por mês, ao fim de uma quinzena, pago os colégios dos filhos, o açougue, a leiteria, o pão, os criados, o gás, a lenha, o aluguel da casa, pomos a mão no bolso para comprar uma gravatinha de fantasia e já não achamos no fundo desse bolso se

não amargos resíduos do cobre extinto, uns frangalhinhos de botão azinhavrado. Dizer que os outros não têm filhos? Não posso dizer tal. Toda a gente tem filhos e os filhos de toda a gente usam calçados e vão a colégios e aprendem música. Os meus até não aprendem música, que é a ruina dos lares cariocas; aprendem só coisas úteis, incluindo grego, latim e bordados a ouro. E, no entanto, aí está: com as minhas economias e previdências não consigo guardar em cada fim de mês um simples tostão para o clássico pé de meia, vendo-me ainda na contingência de transferir certos pagamentos para o mês seguinte. Realmente, eu sempre gostaria de saber como é que os outros se arranjam... Se eu fizesse em voz alta estas ponderações não faltaria quem me consolasse com palmadinhas nas costas, asseverando-me ao mesmo tempo:

– "Meu caro, aos outros o dinheiro chega para tudo e muito mais, conforme a sua expressão, porque os outros não pagam como você a roupa que vestem, a carne que comem e o carro em que passeiam. Você não imagina a falta de escrúpulo que há por aí a esse respeito..."

Ora, eu tal não posso crer. Seria preciso para isso que o comercio fosse todo constituído de palermas, e não é assim. Ao contrário, hoje é tudo unha por unha, dente por dente. Pelos menos comigo, se eu deixasse de pagar ao meu padeiro, ao meu leiteiro, ao meu vendeiro ou ao meu senhorio durante uma certa quantidade de meses, tenho pleníssima certeza de que em dado momento eles viriam todos latir a minha porta como uma matilha esfomeada, exigente e terrível. Haveria escândalo. Todo o mundo saberia do caso horrendo e não sei com que cara eu ousaria depois sair à rua. E isso que me aconteceria a mim, por que não há de acontecer aos outros? Serão todos mais felizes do que eu? A razão ainda pode ser também uma questão de habilidade, na distribuição mensal dos ordenados e pagamentos: um mês, fica-se a dever a este, no outro aquele, paga-se de dois em dois meses um atrasado a um outro ou outro dos fornecedores e conta-se com o futuro para alguma coisa.

Esse jogo, porém poderá bastar para dar a certas casas o ar de prosperidade que elas têm?

E será crível que seja sobre esse tapete movediço de especulações, que se firme o luxo que muitos ostentam e que me arrelia, porque afinal de contas com os mesmos recursos não saímos na minha de um trivial, se não

mesquinho, pelo menos cansativo? Quando nesses lares fantásticos a mulher é bonita ainda se pode suspeitar de um motivo que justifique a sua prosperidade. Mas quando é feia? Mas quando é de provada e indiscutível honestidade? Não sei, e o tormento de não poder decifrar o segredo de que deriva a felicidade dos outros é desesperador. Entretanto, não são estúpidos, nem conheço mesmo ninguém que seja mais atilado do que eu. Ninguém. A questão não é de esperteza, é de caráter, é o que todos dizem, sou um homem honesto. De acordo, mas sempre quero ver se os outros que o não são em tão elevado sentimento, são menos considerados do que eu... Conheço certos patifes, diante dos quais as mais severas cartolas da cidade descrevem ao vê-las uma enorme parábola deste as cabeças dos respectivos donos até quase ao chão... São uns felizardos esses senhores, porque afinal, chegada a hora dos necrológios – que é aquela em que a honestidade não os pode atrapalhar em nada, essas e outras excelsas virtudes são atribuídas altas e bom som pelos noticiaristas, orientadores da opinião pública. Ser velhaco em vida, ser honrado depois de morto... que felicidade”

Júlia Lopes de Almeida.

(Do livro *Os outros.)*

ANEXO N– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* em *(*26/10/1909)http://hemerotecadigital.bn.br/

O NARIZ POSTIÇO DAS OPINIÕES

- Quê! Pensarás na realidade que é só pelo carnaval que a gente anda de nariz postiço? Pobre amigo, mas eu fazia outra ideia do teu espírito, quero dizer da tua perspicácia... Não, caríssimo, não! Desde o primeiro dia do ano em que, de casa em casa, arredondamos a espinha dorsal com mesuras, depondo aos pés de Sua Exa.os votos de felicidade eterna e os ramalhetes das nossas flores de retórica banal, até o dia de finados, em que, alegres como pintassilgos, nos vestimos de luto como as coroas, e atravessamos as ruas de olhos baixos—para não rirmos de certas pilhérias que nos fazem cócegas; desde a semana santa, em que jejuamos em família, para irmos comer no restaurante o belo do bife sangrento com batatas, até o Natal, em que, sem religião, sem nada, fazemos versos a Jesus e rapapés aos três reis magos, e enchemos nas confeitarias as algibeiras e as mãos com pacotinhos de “bombons”, para a distribuição carinhosa às crianças em nome dos anjinhos,

em que não cremos, ou no do barbado São Nicolau, que não nos é simpático; desde que o sol nasce, enfim, até que a lua brilhe no Zenith, para deslumbramento e gozo deste nosso planeta, trazemos no bolso, como um talismã indispensável, o nosso rico nariz de cera, já tão adestrado pela força do hábito, que nas repetidas horas em que se faz necessário, não espera que o busquemos com mão impaciente ou jeitosa, mas salta-nos por si só para a face, tão disfarçadamente, que ninguém o percebe, nem mesmo nós!

Vê, por exemplo, se sem o nariz postiço da modéstia, um sujeito qualquer que use cartola, fale alto, olhe de cima para quem lhe roce as abas da sobrecasaca numa passagem casual, pode dizer com sinceridade esta frase, que lhe sai dos grossos lábios entre baforadas de fumo:—Na minha humilde opinião...

A sua “humilde opinião”, se for contrariada, saltará para o adversário com um surto de pantera ou outro animal de idêntica inocência...

Muitas vezes o indivíduo tem bem positiva, bem nítida na consciência a força dos seus argumentos e da sua razão, ao emitir, envolvidas nessa fórmula modesta, as suas convicções firmes e não raro despóticas. “Na minha humilde opinião”, diz ele, o que se deve fazer é isto, e isto, e isto! É o que se deve fazer, e é o que se faz. Pronto.

Não admite réplicas nem recusas a humilde opinião de sua senhoria.

Em tais temperamentos, é de crer que o nariz tenha saltado por si do negro fundo do bolso para a luz clara da face, num desses maravilhosos passes deprestidigitação moral, de que afinal de contas já ninguém faz caso...

No que acho uma graça suprema, é na flagrante contradição em que este mesmo indivíduo cai, se alguém lhe contesta a sua humilde opinião! Então ele cresce de vulto, as pupilas dilatam-se lhe, a pele enrubece-se-lhe desde a linha do colarinho até a do chapéu, e numa arrogância de ser superior, pergunta com ar de atrevimento e de desdém:

— Você sabe com quem está falando?!

Se o outro afirma que sim, e faz face ao arreganho, vem o mundo abaixo ou as duas humildes opiniões se esbofeteiam no espaço com um denodo que faz tremer as nuvens e abalar nas torres os velhos sinos de bronze...

O nariz postiço das opiniões toma repentinamente diferentes feitios, conforme o sentimento que é chamado a interpretar. Neste ele é tão arrebitado quanto no outro foi descaído, como que a querer entrar pela boca, para se esconder lá dentro encolhidinho e cândido... Mas, quando ele funga admiravelmente, é quando afirma a franqueza que o caracteriza. Ainda ontem eu ouvi do mais chicanista de todos os advogados deste mundo e do outro, em uma questão em que evidentemente ele procurava enredar o interlocutor, e em que logrou o seu intento, a frase correntia, embora trepidante:—Com a franqueza que me caracterizo, eu te direi...

E o que ele disse, meu amigo, foi uma dessas insinceridades que bradam aos céus a ponto de ensurdecerem as onze mil virgens de uma só pancada, e você sabe, por experiência própria, como as virgens são crédulas!

Acontece ás vezes que esta mesma frase nasal puxa por outra da mesma espécie, como uma locomotiva por um vagão. Ainda agora mesmo ouvi a certa pessoa vaidosa e dissimulada como Tartufo dizer assim, e com pasmosa naturalidade:

— Com a franqueza que me caracteriza,sempre lhe direi que na minha humilde opinião...

A verdade é que estas fórmulas já estão cansadas e sem prestigio.

A que ainda me sugere um pouquinho não direi de credulidade, mas de curiosidade, é esta, também muito frequente e com que muita gente se arroga qualidades superiores:

—Poderei ter muitos defeitos, mas esta virtude ao menos eu tenho: sou generoso, ou honesto, ou leal, etc.

Destarte as imperfeições são sempre hipotéticas, mas as virtudes são certas. Nesse sentido há ainda uma frase mais típica e mais corrente; é a seguinte:

— O meu defeito é confiar demasiadamente nos outros; ou ter boa fé; ou ser tolerante; ou ser bom demais!

Deste modo, os defeitos que eles confessam são qualidades invejáveis e belíssimas!

Ser bom demais, então, é urna delícia, que a minha falta de perspicácia não me permite compreender bem. Se for defeito o ser-se bom demais, que

extraordinária virtude será a perversidade! O que te digo é que apesar de compreender quanto devem ser penosas tais confissões, sintoarrepiar-se- me o bigode a um arzinho de ironia, que vem do fundo da minha alma à comissura dos meus lábios sempre que as ouço por aí nas ruas, nas salas ou nos cafés. E aí está um dos motivos por que eu conservo a barba; a boca do homem é indiscreta mesmo quando fechada; franze-se para o beijo, se percebe diante de si a boca rubra de uma mulher formosa; dilata-se na expressão amarga da piedade; se passa rente a uma fraqueza humana; arqueia-se no desdém, entreabre-se, comprime-se, encolhe-se ou distende- se à vontade, mudando de expressão por detrás do bigode, como uma mulher muda de vestidos por detrás de um biombo.

E é por isso que a mim mesmo muitas vezes pergunto: se tão frequentemente usamos de nariz postiço, por que demos em tirar à sinceridade da boca a sua máscara natural? Não me dirás?

- Não...

- Por quê?!

- Porque o teu palavreado me fez sono... horrível...

- Deveras?! Pois olha, eu poderei ter todos os defeitos, mas ninguém fala melhor... Diabo! Ainda bem que já adormeceste...

Júlia Lopes de Almeida

(Do livro *Os Outros)*

ANEXO O– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* em(01/03/1910).http://hemerotecadigital.bn.br/

NICÁCIO *UP TO DATE*

... Antes eu não tivesse aceitado o convite da mãe do Nicácio para o jantar, porque, afinal de contas, aquilo de o ver comer feijão preto, com toucinho e carne seca, com tanta naturalidade e tamanho apetite, magoou-me a sensibilidade de não sei que nervinho vibrátil do meu organismo inocente... Nunca supus que um rapaz de monóculo, de rosto sempre repuxado pela mais irônica das expressões; um rapaz que se esmera na *toilette*a ponto de mandar vir de Londres as suas casimiras; do Japão o óleo de camélias com que empasta a sua luzidia cabeleira negra, ediretamente da Turquia, em tubos de cristal, a essência de rosas com que aromatiza as cambraias e as sedas da sua roupa branca, fosse capaz de se satisfazer, como qualquer desses pobres burgueses de que ele tanto se ri, à mesa da sua própria casa, com o prato nacional e pesadão da feijoada. Mas, sempre imaginei que o Nicácio se alimentasse de acepipes escolhidos e que para os *setis menus* viessem

perninhas de ratos grelhadas em grelhas de ouro, da China; asas de fragatinhas mimosas da Noruega e trutas brancas da Itália... Sendo diferente em tudo de toda a gente, ele deveria também comer coisas diferentes das que os outros comem. Sempre o vi, na esquina onde lhe fazemos roda, desdenhar, entre aqueles tão seus peculiares guinchinhos de sarcasmo, dos pobres transeuntes que passavam a caminho do restaurante vizinho:

- Lá se vão eles comer, dizia o Nicácio, e quando dizia -comer - escarrapachava a voz como se dissesse : — pastar! Uma pequena pausa e uma espertinha completavam o efeito que ele tinha em vista, até que prosseguia:

- Basta olhar para esta gente toda para se perceber que toda ela vai jantar por obrigação; porque chegou a hora. Entretanto, vai comer coisas pesadas. Olhem. pra aquele sujeito da bigodeira ruiva, esse vai ordenar logo para segundo prato churrasco do Rio Grande com farofa. Sigam-no e verão, Eu tolero o churrasco uma ou outra vez na vida como prato de almoço. Mas aquele indivíduo não distingue um almoço de um jantar, a não ser pela sopa... e há de ser a de ervilhas com pão torrado que este outro que vai aqui de sobrecasaca e delunetas há de pedir ao garçon. Adivinho isso pela cor da gravata. A psicologia da gravata é análoga a do paladar. Homem que usa gravata roxa gosta de doce de batatas, tanto quanto o que usa gravata de um róseo amarelado prefere a tudo o salmão. Aquele vai de gravata verde a caminho das ervilhas; do abominável purê de ervilhas do restaurante... enquanto que este doutor magrinho, de olhos tristes e cartola severa, tem em mente comer ostras á baiana com bastante pimenta. Bastante, neste sentido vai, embora erradamente, como sinônimo de muito. A fantasia não dá para mais.

O paladar do brasileiro tem qualquer analogia com a casca do sobreiro, que é, como vocês sabem, a árvore da cortiça...Só o alimento muito condimentado, muito forte, em que se tenham desfolhado sucessivas résteas de alhos e de cebolas, de parceria com as abomináveis folhas de louro e ramalhões de salsa, é capaz de lhe sensibilizar a membrana palatina. O alimento feito com arte, com delicadeza e com simplicidade não só nos dá a sensação perfeita do seu sabor natural, como nos faz espirituosos e saudáveis; e, entretanto, aqui acham-no insípido e intolerável... E dizer que quase todas

estas moças que aí vão faceiras, e galantes preferem comer galinhas gordas a comer franguinhos tenros e saboreiam com mais prazer um naco de carne de vaca assada com batatas do que uma fatiazinha de vitela *aux champignons.* Também *champignons* só aprecio os do Cairo, cultivados por um alemão maníaco que lá fez dessa cultura a sua especialidade... esses são magníficos, cheiram à violeta e a nardo; mandamo-los vir diretamente do Egito... Assim como cêpes. As que há no nosso mercado parecem feitas de couro na infusão de vinagre. As excelentes, as únicas verdadeiramente deliciosas, são as apanhadas nas caneleiras de Ceilão. Essas têm o sabor da especiaria e uma cor demeldourada que lhes dá um aspecto de pétalas de flor no outono... Se vocés perguntarem aquele gordo comendador que dirige os seus honrados e pesados passos para o prato do massud macarroni do hotel, o que são as c*épes* de Ceilão, ou o que são de bom as maravilhosas eiroses do Petchora, preparadas em uma pequena localidade da Rússia, com tomates persas cultivados nas estufas do palácio Zuhmaroff, esse pobre comendador arregalará os olhos e nemao menos saberá dizer que c*êpes* são *orelhas de pão* e as eiroses são enguias! Ah, meus amigos, como ainda estamos atrasados neste assunto tão essencial à vida...

É como o vinho. Não sabemos beber. O Bordeaux mais apurado das nossas nos envergonharia a mesa do francês mais mesquinho. E o Porto? Essa droga que vocês despejam aos cálices, como se fosse Paraty, só para aquecer, só para escaldar a garganta já irritada pela cumary? Visitei um dia uma adega á margem do Douro, saboreei um dedal de vinho de um dos seus mais velhos toneis e fazendo-o remontei-me aos tempos divinos dos deuses pagãos, compreendendo Baco deum modo absoluto e perfeito. E eu no Brasil detesto o vinho do Porto, como um dos mais impudentes da terra...

De monóculo entalado na órbita direita, a face enviesada, os lábios curvados em uma linha de acentuado desprezo pela vida rotineira e característica da nossa cidade, o Nicácio assombra-me pela sua elegância e a sua maldadezinha de rapaz superior que tem a propósito de cada assunto uma frase literária, dita quase sempre em francês; que fala da sua biblioteca como das suas camisas; e que prepara um livro em que busca provar a imprudência dos plágios do velho poeta Horácio. Não pode haver obra mais útil, nem

espírito mais radiante. A minha veneração pelo Nicácio não diminui nem quando ele, pela mesma teoria da correlação da preferencia dascorescom as preferências do paladar, diz de uma senhora gorda, que passa, de vestido marrom com pintas brancas, que ela se empanturra de pés-de-moleque á sobremesa! Resolvido a achar espírito em tudo que ele diz, louvo-lhe até as grosserias sem graça. Para imitá-lo começo a refrear os meus apetites. Já não aceito o pirãozinho de farinha de mandioca com o ensopado de camarão apimentado; afasto o tutu como se fora um inimigo. A roupa velha, seme aparece ao almoço, faz-me rugir de cólera. Toda a família estremece. Exijo c*épes* de Ceilão e*Champignons*do Cairo. Não conseguem arranjar tais gêneros nos nossos melhores armazéns! Sinto-me desgostoso de mim mesmo, envergonhado da minha inferioridade. Nicácio é o meu modelo, mas eu não posso segui-lo, por me faltarem os meios que lhe sobram. Daria alguma coisa para vestir-me de Londres e perfumar-me com essências do Japão e da Turquia, para poder provar os plágios literários de poetas latinos e alimentar-me com acepipes raros que inspiram ideias originais e encantadoras. E foi no auge dessa idolatria pelo espírito e pelo *chic* do meu amigo, que um simples acaso me sentou a sua mesa de família e que o vi comer o feijão preto que eu já repudiara da minha mesa como um produto africano, indigno da nossa civilização!

Talvez eu tivesse ficado um pouco triste pela desilusão do homem, mas que prazer senti pelo prestígio do feijão!

Júlia Lopes de Almeida

(Do livro *Os Outros)*

ANEXO P– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* em (12/03/1910).http://hemerotecadigital.bn.br/

REFLEXÕES DE UM FILANTROPO

E digam que nós não somos filantropos quando há entre nós almas, como a deste senhor que ofereceu agora vinte contos de réis à Maternidade do Rio de Janeiro, pedindo ainda por cima que lhe não divulgassem o nome! Bem pensado, dar vinte contos já é um arranco; mas dá-los na sombra, minorando a dor da miséria como o frescor do relento minora a secura da terra calcinada, oh, isso é obra que nestes tempos práticos, em que ninguém mete prego sem estopa, toca as raias do absurdo e do maravilhoso. A pena que eu tenho é de não poder fazer o mesmo, porque ninguém é tão caritativo como eu, e nesse caso não daria só vinte, mas cinquenta! Aqui o meu amigo conde também não vacila; é quaseassombroso como ele desentranha da carteira notas novas em folha cada vez que é abordado pelas nossas adoráveis damas de caridade, e

isto é tanto mais admirável aos meus olhos, quando eu lhes finjo, e só Deus sabe o que me custa fugir de mulheres.

É natural. O Romão também faz o mesmo.

Ainda agorinha no escritório, quando o vi entrar de repente com um ar muito enfiado, de quem deseja evitar um credor, cheguei disfarçadamente à sacada, lobrigando logo aqui à esquina, a inquirir com a vista para todos os lados, como para descobrir uma presa que lhe tivesse fugido, o grupo abnegado das nossas heroicas albergadoras de S. Bartolomeu, — percebi em um ápice de que se tratava e também eu me encolhi discretamente, por delicadeza. Fechei a janela. Estava muito vento. Romão aplaudiu: dizia eu muito bem, estava imminente uma dessas nossas tempestades de arrasar árvores e torres. Fora só por isso que ele se recolhera ao meu escritório, dando tempo a que a ventania passasse... E nunca céu mais azul se arqueara sobre os telhados da nossa Rua da Alfândega... Ora, na verdade, não custava nada ao maroto do Sr. Romão ter sido sincero e dizer logo a razão da sua visita intempestiva. Eu teria tomado outras precauções e não chegaria à janela. Foi a imprudência deste meu ato que originou, certamente, a invasão terrível, elas viram-me... sabem que sou amigo do Romão, adivinharam a marosca e assim, mal me voltei de fechar as vidraças, zás! Eis que ouço um ruge-ruge de vestidos de seda e uma música de passos delicados e ligeiros pela escada acima!

-Foi uma entalação!

Olhamos um para o outro, enfiamos as mãos nos bolsos, contando pelo tato o rico dinheiro deste fim de mês, que logo por infelicidade foi o mêsde maiores despesas que tive durante o ano, e esperamos com um sorrisinho amarelo e heroica a visita perfumada e deliciosa das albergadoras de S. Bartolomeu. Foi então que, na angústia suprema do momento inevitável, eu me lembrei deste meu bom amigo, o excelenteconde, ex-sócio da casa e que nesse momento escrevia cartas em uma sala contígua. Por uma dessas inspirações, que só illuminam os cérebros geniais como o meu, corri, abri a porta de comunicação e anunciei em um sussurro apressado ao meu prezado amigo a visita gentil das nossas gentilíssimas patrícias...

Ele, coitado, não pôde reprimir um - ó diabo! — agastado, mas logo compôs a fisionomia e se ergueu toda urbanidade, todo simpatia, caminhando para a outra sala, onde o deixei à vontade em companhia do Romão e das albergadoras. Estavamlindas, isso estavam; vi-as através de uma frincha da porta, todas roçagantes, iluminadas pelo fulgor das bichas de brilhantes, sacudindo as mãos em cumprimentos demorados que faziam tilintar pulseiras, rindo, com tremores de cabeça que lhes imprimiam ondulações às plumas dos chapéus grandes, a mosqueteiro. O conde, amabilíssimo como para prolongar a doçura daquele instante sacou muito devagarinho da algibeira farta uma nota nova de cem mil reis—oh, ele não se negava nunca – ofereceu-a sorrindo à mais elegante das albergadoras.

Fazer um benefício, mesmo insignificante a S. Bartolomeu, dizia ele, por intermédio de senhoras tão distintas e tão amáveis (infinitamente amáveis, interrompeu o Romão), era para ele um prazer inefável, quasedivino! E acrescentava sem dar tempo a pausas:que já nessa manha oferecera outro tanto a boa irmã Pulcheria para o seu asilo de órfãos. Favorecia à pobreza com a maior satisfação e beijava as mãos de quem lhe lembrava deveres de caridade ...

As senhoras confessavam embevecidas, em uma incontida explosão de sinceridade, que ele era um homem raro! Se todos fossem assim, mas qual! Só Deus no céu sabia os vexames por que elas passavam naquela árdua missão de angariar donativos para o seu albergue! E dizendo isto,voltaram-se para o maroto do Romão. Com o ar mais natural do mundo ele puxou por uma nota de vinte; mas como tem maus fígados, não quis sofrer sozinho e apontou com o queixo à dama do seu maior conhecimento,para o lugar do meu esconderijo. Precipitei-me para o fundo da sala, de modo que no momento em que as albergadoras entraram, estava eu todo absorvido a procurar, entre as folhas esparsas da correspondência do conde, uma nota de tintas e de vernizes mandada pelo Timóteo de Cantagalo! Fiz-me de surpreendido e,depois de ter explicado em voz alta ao conde minha preocupação, realmente a nota dos vernizes fazia-me uma falta horrível, ofereci, com um gesto a Cirano, porque sou generoso, uma nota de cinquenta mil réis á mais velha das albergadoras.
Contemplei o Romão. Estava desapontado.

Tive ao menos a alegriazinha pérfida de humilhar o Romão, causador de tudo. Imitando o conde, também eu afirmei às gentis albergadoras de S. Bartolomeu ter infinito prazer em poder ser útil a alguém ou a alguma coisa por seu intermédio. Nós os homens andamos sempre tão arredios do suave caminho das consolações!A obsessão dos negócios faz-nos parecer indiferentes a tudo e, entretanto, beijamos as mãos de quem nos faz lembrar certos deveres de humanidade... Eu estava a dizer estas coisas, e a ver o bigode do meu alfaiate, a quem pago por prestações semanais e a quem destinava aqueles cinquenta mil réis, eriçar-se raivoso nos fios ruivos do penacho de uma das damas! Quando elas saíram, cheias de cumprimentos, de agradecimentos, de sorrisos, atirei uma praga ao ar contra o calor e fui abrir a janela de par em par. O Romão apoiou a minha resolução.

Fazia eu muito bem! Estava uma atmosfera sufocante, abrasadora. Ele ia para a rua, tomar um *chopp* na Brahma ou um refresco no Castelões. Parecia-lhe agora poder andar à vontade por onde lhe parecesse. O perigo estava passado. Tive vontade de descompô-lo. Que tolice! Então um homem por causa de uns miserabilíssimos vinte mil réis, se sujeita a fazer uma figura tão triste e ainda por cima comprometer osamigos?! Se ele na rua não tivesse fugido àquelas pobres senhoras, tão amáveis, coitadas, elas não lhe teriam seguido no encalço e embarafustado imprudentemente atrás dele pelo meu escritório, nem eu teria dado o dinheiro do meu alfaiate, nem incomodado o conde, que afinal já tem muito com quem repartir o seu. Basta ouvi-lo falar durante duas horas, para ficarmos cientes dos grandes benefícios que ele prodigaliza, não só a estranhos como a parentes. Também é um homem esquisito, não dá um presente que não diga a outrem que o deu... Foi ele quem me contou que sustenta uma viúva com duas filhas, pelo simples motivo de ter sido casada com o seu melhor amigo, e ter ficado paupérrima; quando a verdade é que ele gosta dela... Foi ele quem me disse e a todo o mundo, que estabeleceu um cunhado com o capital de trinta contos, de que jamais verá nem dez réis... E que paga os estudos de seis rapazes, cujos nomes me indicou, e que nãocobra os alugueis ao Belmiro e ainda perdoou as dívidas ao Santarém. É de uma modéstia sublime o meuamigo conde... Só a mim não me

dá nada! Dizia meu avô, que era homem antigo, não haver gente tão perniciosa à sociedade como a que alardeia os benefícios que faz.

O preceito delicado de que a mão esquerda deve ignorar o que dá a direita, perde cada vez mais a sua aplicação, e é por isso que eu me espanto de que ainda haja alguém que ofereça nada mais nada menos de vinte contos de réis de uma assentada, exigindo que lhe ocultem o nome. Este é dos meus, que ainda assim, se eu fosse rico, não daria só vinte…Mas quarenta. Em todo o caso, já foi bonito e eu não posso exigir que os outros sejam como eu”...

Júlia Lopes de Almeida
(Do livro *Os Outros)*

ANEXO Q– Crônica de Júlia Lopes de Almeida no jornal *O País* em(13/06/1911).http://hemerotecadigital.bn.br/

MONÓLOGO DO ROCHA

“Isto é de fazer arrebentar os miolos com um tiro!”

Pois o ministro preteriu-me, a mim, para dar o lugar que solicitei, e que a bem dizer inventei, a um João ninguém, a um homem sem valor nem competência?! Por quê? Qual a razão por que em vez de ser eu o nomeado, ou mesmo o Zeca Lima, que enfim não se pode comparar comigo em talentos, mas sempre tem mais valor que o Antenor Barbosa, foi este o nomeado? Por quê?! *Santa Simplicitas!*– Porque o Antenor é rico e tanto eu como o Zeca somos pobres, e assim como na natureza estúpida os rios correm para o mar, que já não precisa de água, na nossa sociedade os bons empregos correm para os homens de menos necessidade. É o que se vê. Em um país bem

organizado, isto seria considerado como uma torpeza, mas aqui, como não ha espírito de equidade nem de justiça, pula-se de pés juntos por cima das conveniências e faz-se o que se entende, sem dar satisfações a quem tem direito a recebê-las. Como agora. De três pretendentes que éramos ao lugar deinspector escolar do distrito de Santa Generosa, foi exatamente escolhido aquele que por várias circunstâncias deveria estar fora do baralho. Primeiro porque já é um homem maduro, não pode ter a mesma agilidade, a mesma perspicácia, nem a mesma atenção ao trabalho que eu, ou mesmo que o Zeca.

A bem dizer, o Zeca também não daria bem conta do recado. Aquilo efetivamente estava talhado para mim... Mas, enfim, entre o Antenor e o Zeca, antes o Zeca, que é brasileiro legítimo, descendente dos Índios Bororós, por parte da mãee dos Coroados, por parte dopai. Ainda há outra circunstância: o Antenor tem filhas moças, cuja educação está feita e que por sua vez o ajudam a manter a casa.

Fazem doces para vender.

Só em bandejas de balas tiram mais de um conto por mês! Feias mãos devem ter tais meninas.

Minha mulher tem-nas de cetim, mas eu não sei quando lhe poderei dar os anéis que me pediu. O Antenor, esse é que com certeza, não dá anéis às filhas; todo o dinheiro que recebe acha-o ainda pouco para pôr no banco. Só no Alemão, tem ele para cima de cinquenta contos. Em propriedades, possui ainda mais. Bem somado, deve estar com os seus... de cento e oitenta a duzentos contos... fora o que lhe dá o secretariado da Sociedade Industrial de Linhas e Cordões. Nesse emprego tem ele, pelo menos, certos, dois contos de réis mensais...

Com os três contos das balas e o rendimento dos alugueis das casas, o patife mete no bolso os seus seis contos em cada fim de mês. Essa ninharia... Pois ainda lhe parece pouco! Quem toma o gosto ao dinheiro é assim mesmo: nenhum lhe basta. Quem tem cem contos quermil, quem tem mil quer um milhão. De resto, eu não estou inventando estas coisas; não há quem ignore a fartura em que vive o Antenor. Toda a cidade o conhece de Copacabana ao mais longínquo subúrbio. Ele aparece em toda a parte, anda nas fotografias

dos jornais illustrados, trata-se por tu com deputados e senadores e se não se veste nos melhores alfaiates, é por economia, ou, antes, por sovinice.

Essa economia é que eu não faço. Gosto de andar bem trajado. E é por essa razão que preciso aumentar o meu pecúlio. Não me sujeito, como o Antenor, á compra de roupas feitas, nem forros de algodão.

Tudo, menos isso. Quero o meu rico corpo bem tratado.

Roupa e mesa - do melhor.

É a minha divisa; mas, exatamente para realizar na vida prática essa teoria, preciso gastar muito cobre... e o que tenho, positivamente, não chega para tanto. Este emprego que o Antenor me roubou, arredondaria o meu orçamento dando até margem para uma viagenzinha à Europa no fim de uns tantos anos de aplicação. Mas, Deus dá as nozes a quem não tem dentes, o que demonstra bem claramente que os maus exemplos vêm de cima. Não me deve por esse motivo admirar que o ministro tivesse servido o Antenor em vez de me servir a mim, que, além de ter mais direitos ao lugar, tenho maior necessidade e mais capacidade de trabalho, mas, infelizmente, também maior número de queixais... E dizer-se que para agradar ao ministro eu lhe fiz um elogio em público, contra a minha consciência, e me atolei na política até aos joelhos! Se o tivesse descomposto, talvez que ele me estivesse a fazer agora festinhas no queixo. Esta gente só festeja a quem teme. Assim, como o ajudei na sua campanha, eis o pago que ele me deu. Já não precisa de mim, põe-me à margem. A ingratidão é a moeda com que a política paga aos seus servidores. Fico-lhe muito obrigado. Nisso ao menos o estúpido do Zeca teve juízo; não se incomodou, pediu o emprego e esperou em casa a resposta, muito calado, prevendo, talvez, que o bom bocado haveria de cair por força nas mãos manhosas do ladrão do Antenor. Ladrão, sim. Este agoratem-me pela frente. Vá roubar para o inferno! Um homem farto a tirar dos pobres o que há de ser dos pobres!

SOLILÓQUIO DO ZECA

Ora, ora, ora, quem tal diria, o Antenor! Nunca pensei ser vencido por ele, mas, por aquele velhaco do Rocha, da triste figura. Coitado, não lhe valeu

de nada queimar os miolos naquele discurso do clube, elogiando o ministro. Não sei como um homem que não precisa, porque tem ordenados bons, de várias procedências, se sujeita a fazer tantos rapapés como qualquer pobretão sevandija. A mulher anda coalhada de joias e é cada*toilette* que Deus nos acuda. É admirável como o Rocha, não tendo caráter nem inteligência, fosse preterido, tal qual como eu que tenho uma e outra coisa! Sortes. Por vários caminhos se vai ao mesmo destino... Sempre gostaria de ver com que cara ele ficou, quando leu no — *Diário Oficial* — a nomeação do Antenor. Para essa história é que eu não acho explicação. Talvez ande aí dedo de mulher. O Antenor por si só não conseguiria coisa nenhuma. Não tem fibra, não tem talento, nãotem nada. É um nulo e, além de nulo, mesquinho. Quem se teria empenhado por ele? Ah, a Bastinhos! Foi com certeza a Bastinhos. Já o vi uma vez conversando com ela no teatro e agora me lembro de que também já os vi junto no Derby... Pois não foi outra coisa. Aquela senhora é toda ministerial! Ele ainda é bonitão... Santo Deus, que mulheres! Que torpeza e que vergonha, a desta sociedade do Rio de Janeiro!

CONCLUSÕES DO ANTENOR

Foi preciso que eu tivesse chegado aos quarenta e cinco anos para conseguir um emprego de certa tranquilidade. Agora é procurar pagar as minhas dívidas e tirar as pequenas da beira do fogão. As tais balas que dizem ter dado tão bom dinheiro a tanta gente, cá por casa, mal têm rendido para o açúcar. Pobres das minhas filhas, poderão ter agora mais tempo para estudar o seu piano e tratar da sua *toilette.* Logo que elas estejam arranjadinhas, hei de leva-las à casa do meu velho camarada Villela. Se não fosse ele, este emprego teria sido dado ao Rocha ou ao Cazuza, o que seria um desastre, para o emprego... e para mim!

Júlia Lopes de Almeida

(Do livro *Os Outros)*